UNIVERSO GALAXIS

ANUAL 2019

CONHEÇA A MAIOR ***SPACE OPERA***
DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA



UNIVERSO GALAXIS e **DESIRE® STUDIOS**
formam parceria de desenvolvimento

PHOENIX TERRA

Uma aventura inédita de
SHIROMA, MATADORA CIBORGUE

MESTRE DAS MARÉS

Leia os capítulos iniciais de **MESTRE DAS MARÉS**, finalista
do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2019

TEXTOS

Roberto **Causo**, Nelson de **Oliveira**, Bruno G. **Gissoni**, Camila **Fernandes**, Fabiana **Zaparotti**, Carlos **Rocha**, Luann
Diego **Grigoletto**, Marcello **Branco**, Paulo **Soriano** e Ramiro **Giroldo**

ILUSTRAÇÕES

Vagner **Vargas**, Carlos **Rocha**, Diogo de **Souza**, Eduardo **Brasil**, Gomes **Brown**, Sylvio **Monteiro Deutsch** e **Taira** Yuji

GalAxis *Copyright* © 2020.
Todos os Direitos Reservados.

ANO **1** | **São Paulo** 2020

DESIRE® | ESTÚDIO **MOJUGANIDE**
SELO **JHODA |** UNIVERSO **GalAxis**

www.universogalaxis.com.br

DESIRE® STUDIOS
Rua Condessa do Pinhal, 188 | Parque Colonial | São Paulo | SP
04610-060 | Brasil | URIA
desire@desire.earth | desire.earth

Editor Chefe: Taira Yuji
Editor de Arte: Daniel Abrahão
Administrador: Alberto Dorazzio
Gerente de Projeto: Diego Padula
Diretor de Redação: Pedro Santos
Consultor: Vagner Vargas
Fotógrafa: Beatriz Takeshita
Fotógrafo: Rômulo Marin
Designer de Games: Luann Diego Grigoletto
Ilustrador: Gomes Brown
Ilustrador: Eduardo Brasil
Revisor: Jeremias Moranu
Publicidade: Fernanda Guimarães
Marketing: Jess Mary

NewDreams™
Rua Baraldi 926, Sala 12 | Centro | São Caetano do Sul | SP
09510-005 | Brasil | URIA
hello@newdreams.xyz | newdreams.xyz

Universo GalAxis Anual

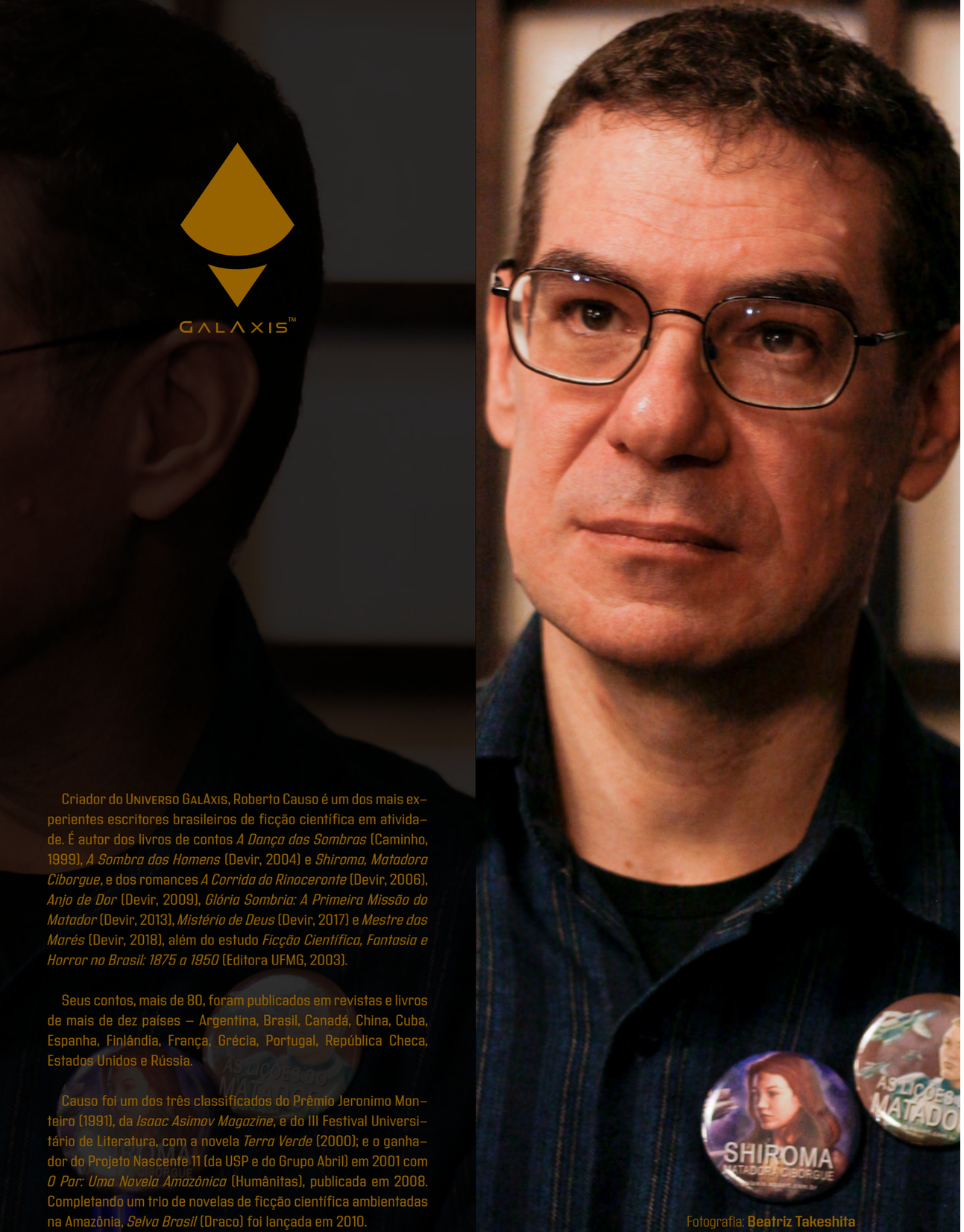
Publicação anual destinada à promoção e difusão do **"Universo GalAxis"**, conjunto de obras ficcionais criadas e escritas por **Roberto Causo**, e para a discussão da ficção científica na literatura e em outras formas de expressão artística. A revista será distribuída gratuitamente em pdf e em papel.

UNIVERSO GALAXIS ANUAL 2019

Há mais de **dez** anos, **Roberto Causo**, um dos mais **experientes** e **premiados** escritores brasileiros de ficção científica, desenvolve um universo original de *space opera*: o **Universo GalAxis**. Graças ao **Desire® Studios**, agora ele possui a sua própria revista promocional, distribuída gratuitamente aos leitores de ficção científica brasileiros no formato PDF e também em papel. O seu objetivo é difundir o GalAxis e a ideia de uma ficção científica brasileira de *space opera*. A ***Universo GalAxis Anual 2019***, com 146 páginas profusamente ilustradas pelo talento de Vagner Vargas, Pedro Brown e outros artistas, apresenta artigos de Nelson de Oliveira, Camila Fernandes, Carlos Rocha, Paulo Soriano, Ramiro Giroldo, e do próprio Roberto Causo, com textos de ficção e não ficção.

GALAXIS™

universogalaxis.com.br
facebook.com/UniversoGalAxis



Fotografia: **Beatriz Takeshita**

Criador do Universo GalAxis, Roberto Causo é um dos mais experientes escritores brasileiros de ficção científica em atividade. É autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (Caminho, 1999), *A Sombra dos Homens* (Devir, 2004) e *Shiroma, Matadora Ciborgue*, e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (Devir, 2006), *Anjo de Dor* (Devir, 2009), *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador* (Devir, 2013), *Mistério de Deus* (Devir, 2017) e *Mestre das Marés* (Devir, 2018), além do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (Editora UFMG, 2003).

Seus contos, mais de 80, foram publicados em revistas e livros de mais de dez países – Argentina, Brasil, Canadá, China, Cuba, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Portugal, República Checa, Estados Unidos e Rússia.

Causo foi um dos três classificados do Prêmio Jeronimo Monteiro (1991), da *Isaac Asimov Magazine*, e do III Festival Universitário de Literatura, com a novela *Terra Verde* (2000); e o ganhador do Projeto Nascente 11 (da USP e do Grupo Abril) em 2001 com *O Par: Uma Novela Amazônica* (Humânitas), publicada em 2008. Completando um trio de novelas de ficção científica ambientadas na Amazônia, *Selva Brasil* (Draco) foi lançada em 2010.

ROBERTO CAUSO

Basta olhar para um certo conjunto de filmes e séries de TV de grande popularidade para entender que o tipo de ficção científica que faz mais sucesso é a *space opera*: *Star Wars*, *Star Trek*, *Guardiões da Galáxia*, *The Expanse*, *Battlestar Galactica*, *Stargate*, *Dark Matter*, *Killjoys* – todos fazem parte desse rico subgênero da ficção científica, surgido no início do século XX como narrativas de aventura espacial.

Temos nele um alcance das questões humanas que vão além da Terra, atingindo o Sistema Solar ou mesmo a Vila Láctea. A tecnologia avançada confere acesso a outros mundos e a outros processos econômicos e políticos, mas mantendo, nesse tipo de ficção científica, muitas vezes um toque de sobrenatural ou de paranormalidade. Na literatura, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra, é a *space opera* militar que faz mais sucesso de vendas, e a variante *new space opera*, firmada a partir da década de 1990, conquistou também atenção crítica.

No Brasil, a *space opera* tem uma história esporádica e seus exemplos são escassos. Destaca-se o romance *Horizonte de Eventos* (1986), de Jorge Luiz Calife, parte do seu Universo da Tríade, e a série de antologias *Space Opera*, editada por Hugo Vera & Larissa Caruso, entre 2011 e 2015. Por essas circunstâncias, mas também pelo seu escopo e número de publicações, o Universo GalAxis, composto das séries As Lições do Matador e Shiroma, Matadora Ciborgue, é, no momento, a maior *space opera* brasileira, ainda em desenvolvimento e com muito futuro pela frente. Esse universo ficcional foi concebido não apenas para trazer ao leitor muita ação e aventura, mas para também oferecer complexidade de situações e comentários sobre temas bem brasileiros, como corrupção política e crime organizado. Como criador do Universo GalAxis, tive a sorte de contar com o apoio de Douglas Quinta Reis (1954-2017), um dos sócios fundadores da Devir Brasil, e de outros editores brasileiros e estrangeiros.

Agora, passados dez anos do início desta jornada, entramos em uma nova fase, com a formação de uma sociedade entre o renomado artista de ficção científica Vagner Vargas, o *designer* e arquiteto Taira Yuji, fundador do estúdio de literatura, cinema, música e jogos, Desire® Studios, e eu. Esta publicação, *Universo GalAxis Anual 2019*, é, portanto, resultado dessa união de esforços para expandir e difundir o Universo GalAxis, que contará sempre com muita dedicação, entusiasmo e criatividade da nossa parte. Para ela, pedimos a pessoas que demonstraram interesse pelo universo, ao longo dos anos, que cedessem ou criassem novas colaborações comentando o seu conteúdo, de modo a dar ao leitor uma panorâmica dele e um testemunho da sua importância. É com orgulho então, que lançamos a *Universo GalAxis Anual*.





Fotografia: **Victor Franch Vargas**

VAGNER VARGAS

Vagner Vargas é artista plástico e ilustrador desde 1989, quando concluiu o curso de artes no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Atua no mercado editorial desde 1990, com ilustrações e criações diversas para miolo e capa de livros, entre outros projetos, como *posters* e *cards*. Também produziu histórias em quadrinhos para os Estados Unidos, com arte interna e capas para romances gráficos. Trabalhou para diversas editoras, ilustrando ficção científica, fantasia, didáticos e literatura em geral.

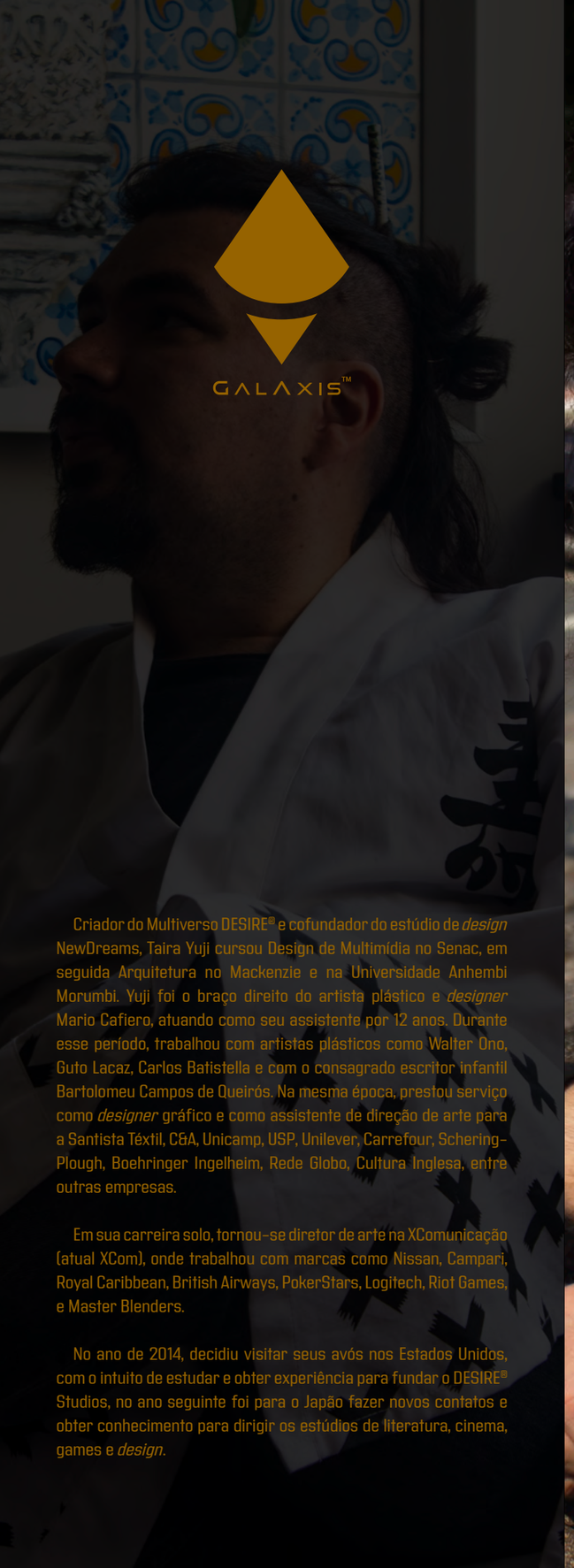
Vagner é um dos poucos ilustradores na história da FC no Brasil claramente identificados com o gênero. Foi o primeiro artista brasileiro a ilustrar livros da franquia Jornada nas Estrelas, para a Editora Aleph. Acumula colaborações junto às editoras Devir Brasil, Arte & Ciência, Estronho, Moderna e Pensamento.

Em 2015, teve arte de capa e perfil reproduzidos na revista francesa de ficção científica *Galaxies*. Sempre se atualizando e pesquisando novas tendências, tem combinado seu talento para o desenho com a arte digital. Além da ilustração editorial e das artes plásticas, já atuou com animação e criação visual. Como artista plástico, tem um trabalho na linha do fantástico, com temática relacionada à natureza do planeta e do ser humano.

Conheci Roberto Causo em 1992 ou 93, nas dependências da Editora Aleph. Na época, eu fazia ilustrações de capa para os livros das coleções Star Trek e Zenith, e ele era um editor assistente *free-lancer*. Em 1997, Causo me escolheu como Artista Convidado de Honra da V InteriorCon, convenção de FC organizada por ele em Sumaré, no Interior de São Paulo – num ano em que o Escritor Convidado de Honra foi André Carneiro e o Convidado Internacional, Bruce Sterling. A partir de 2004 e até 2014, Causo foi um assistente editorial *free-lancer* junto à Devir Brasil, trabalhando nas coleções Pulsar e Quymera. Ele e Douglas Quinta Reis me chamaram para fazer ilustrações de capa, inclusive de livros de Carneiro e Sterling, mas também de Orson Scott Card, Arthur C. Clarke e Jorge Luiz Calife. Além disso, pude ilustrar as capas dos seus livros do Universo GalAxis: *Glória Sombria*, *Mestre das Marés* e *Shiroma, Matadora Ciborgue*. Também defini as fisionomias dos heróis das séries As Lições do Matador e Shiroma, Matadora Ciborgue para os selos que acompanham as suas publicações. O *site GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*, voltado para esse universo como ferramenta de divulgação e expansão, foi construído por mim.

Em algum ponto, achei que meu relacionamento com o universo ia além de ilustrador das aventuras escritas, e comecei a pensar em projetos de jogos digitais – e em meados de 2014 nosso amigo Douglas sugeriu que criássemos um jogo de tabuleiro com esse teor. Como eu já tinha interesse em desenvolver jogos digitais, associamos as duas ideias. Coincidentemente, em fins de 2017, com a morte de Douglas, Causo achou por bem formar uma sociedade de pessoas criativas para fortalecer e renovar o GalAxis. Ele me convidou e a Taira Yuji para compor essa sociedade, e tenho certeza de que muitas realizações virão a partir dela, inclusive os meus projetos de jogos e muitas artes interessantes.







Fotografia: **RÔmulo Marin**

Criador do Multiverso DESIRE® e cofundador do estúdio de *design* NewDreams, Taira Yuji cursou Design de Multimídia no Senac, em seguida Arquitetura no Mackenzie e na Universidade Anhembi Morumbi. Yuji foi o braço direito do artista plástico e *designer* Mario Cafiero, atuando como seu assistente por 12 anos. Durante esse período, trabalhou com artistas plásticos como Walter Ono, Guto Lacaz, Carlos Batistella e com o consagrado escritor infantil Bartolomeu Campos de Queirós. Na mesma época, prestou serviço como *designer* gráfico e como assistente de direção de arte para a Santista Têxtil, C&A, Unicamp, USP, Unilever, Carrefour, Schering-Plough, Boehringer Ingelheim, Rede Globo, Cultura Inglesa, entre outras empresas.

Em sua carreira solo, tornou-se diretor de arte na XComunicação (atual XCom), onde trabalhou com marcas como Nissan, Campari, Royal Caribbean, British Airways, PokerStars, Logitech, Riot Games, e Master Blenders.

No ano de 2014, decidiu visitar seus avós nos Estados Unidos, com o intuito de estudar e obter experiência para fundar o DESIRE® Studios, no ano seguinte foi para o Japão fazer novos contatos e obter conhecimento para dirigir os estúdios de literatura, cinema, games e *design*.

TAIRA YUJI

Em 2011, tive o prazer de trabalhar com o ás Roberto Causo na produção da Exposição "Ficção Científica Britânica" no Festival da Cultura Inglesa. Em 2014, retomei o contato com ele para convidá-lo a participar dos projetos do multiverso Desire®, especialmente na escrita do romance *Archin* e nos estudos sobre o multiverso, batizado e dividido posteriormente como Devaneios de Mojuganide, Orichigaria, Ogazia e outros mundos que estão em desenvolvimento e refinamento. Em 2016, iniciamos uma parceria em que o escritor trabalharia com preparações e revisões dos textos do estúdio. Hoje, ele trabalha ao lado de Pedro Santos e Laís Mendonça na criação e concepção das obras internas e externas do Desire®.

Por conta deste envolvimento e também pela admiração que sentimos por suas obras e pela pessoa que Roberto Causo é, foi que aceitamos sua oferta de uma sociedade entre Desire® e o escritor no desenvolvimento do Universo GalAxis, criação de Causo que nos encantou por sua originalidade e força. Por conta desse projeto, Causo nos apresentou a Vagner Vargas, um artista icônico da arte de ficção científica e sócio no Universo GalAxis.

Com isso, agora trabalhamos juntos visando tecer esta trama ficcional e propriedade intelectual, cientes de que a experiência do Desire® Studios e o seu foco na criatividade e na energia imaginativa da sua equipe têm tudo para ampliar o alcance e a profundidade do GalAxis no Brasil e no exterior, na área da literatura, além de outras mídias.

TAIRA YUJI



Shiroma em modelagem 3D, por **Vagner Vargas**, para o *game* ***Shiroma: Lethal Countdown***. Página 126.

ÍNDICE

4 Editorial

12 Apresentação – Série As Lições do Matador

16 Apresentação – Série Shiroma, Matadora Ciborgue

20 Timeline – Origem e Evolução do Universo GalAxis

24 Análise – Universo GalAxis e o Projeto Literário de Roberto Causo, *Ramiro Giroldo*

26 Artigo – Mundo Visual de GalAxis, *Roberto Causo*

30 Poesia – Going to Space, *Roberto Causo e Sylvio Monteiro Deutsch*

36 Arte – Os Mundos do Universo GalAxis

Seção As Lições do Matador

40 Ficção – Leia os Capítulos Iniciais de Mestre das Marés, *Roberto Causo*

68 Resenha – Mestre das Marés, *Carlos Rocha*

70 Ensaio – Combatendo Robôs, *Roberto Causo*

84 Entrevista – Professora Marissel Hernández Romero

88 Perfil – Vagner Vargas, *Roberto Causo*

Seção Shiroma, Matadora Ciborgue

96 Artigo – Introdução a Shiroma, Matadora Ciborgue, *Nelson de Oliveira*

97 Artigo – Roberto Causo e a Galiza, *Paulo Soriano*

100 Ficção – Phoenix Terra, *Roberto Causo*

122 Repercussão – Resenhas Selecionadas e Repercussão, *Camila Fernandes e Marcello Simão Branco*

126 Arte: Shiroma – Lethal Countdown, *Luann Diego Grigoletto*

Seção Limite Exterior

130 Opinião – O Uso da Imagem Pessoal após a Morte

132 Opinião – Uso de tecnologias digitais por crianças e adolescentes

134 Dedicatória – Em memória de Douglas Quinta Reis

GALAXIS™

GALAXIS™

SÉRIE AS LIÇÕES DO MATADOR



Arte: **"Jonas Peregrino", de Vagner Vargas**

JONAS PEREGRINO

era só mais um oficial júnior da Patrulha Colonial no distante século XXV. Transferido para a Esfera, a maior zona de conflito conhecida pela humanidade, depois que o seu talento para operações especiais chamou a atenção do comandante máximo da Esquadra Latino-americana na Esfera. Nessa região, a dez mil anos-luz da Terra, humanos e diversas civilizações alienígenas são fustigados por naves-robôs enviadas pelos seres conhecidos apenas como "tadais". O trabalho de Peregrino passa a ser a criação de uma nova unidade de elite, os Jaguares. Com esse grupo forjado sob a sua liderança e apoiado pelo comandante da ELAE, ele realizará operações especiais por toda a Esfera e além dela, sempre em busca do mistério por trás das ações dos tadais.

A primeira operação conduzida por Peregrino na Esfera é narrada em *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador*, uma aventura intensa em que os Jaguares têm de garantir a evacuação de um planeta duplo ameaçado de ser destruído pelos tadais – alienígenas implacáveis que nunca mostram a sua face, ocultando-se atrás das ações de armadas de naves-robôs. Durante a batalha, os Jaguares são testados até o limite de suas forças e senso de dever.

Em *Mestre dos Marés*, Peregrino e os Jaguares são desviados de sua nova missão para atender ao pedido de socorro de cientistas cuja base espacial de pesquisas foi destruída por um ataque de naves-robôs tadais. A aventura os leva à superfície dantesca de um planeta devastado pelo impacto do jato relativístico emitido por um buraco negro. Nos subterrâneos desse mundo atingido pela força mais destrutiva do universo, existe uma instalação tadai oculta, cujos segredos precisam cair nas mãos certas. Não importando os custos.

As Lições do Matador é uma série dividida em ciclos: no primeiro, Serviço Colonial, o jovem Tenente Jonas Peregrino se surpreendeu quando foi enviado para servir a bordo do destroier *Noronha*, sob o comando da Capitã Margarida Bonadeo, famosa na Esquadra Latinoamericana Colonial. O que ele não sabe é que, nos próximos anos, Bonadeo vai oferecer a ele missões perigosas, um desafio após o outro, preparando-o secretamente para ser a peça que o Almirante Túlio Ferreira precisa para mudar o jogo na Esfera. No ciclo Pré-Retração Tadai, Peregrino é enviado à Esfera para se envolver em tudo o que diz respeito aos tadais, até que as naves-robôs dos misteriosos alienígenas deixem essa área da galáxia. No ciclo Pós-Retração Tadai, o herói se torna um problema político e tem de lidar com intrigas e complôs contra as alianças estabelecidas por Túlio Ferreira com os povos alienígenas da Esfera – e contra a sua própria vida.

*"*Glória Sombria *é o ótimo início de uma saga épica protagonizada por Jonas Peregrino, herói de perfil clássico ... O conflito com os tadais é intenso, mas não é o único. Outros, de natureza moral, cercam o matador-peregrino, pondo à prova sua inteligência e integridade."*
–Nelson de Oliveira, autor premiado de Poeira: Demônios e Maldições.

"Causo, um dos grandes nomes da ficção científica hard *brasileira, nos conduz por uma trama envolvente nas profundezas da Via Láctea ... Um digno sucessor de* Tropas Estelares *de Heinlein e de* Guerra sem Fim *de Haldeman."*
–Jorge Luiz Calife, autor de Padrões de Contato.

"Amálgama delicado de poesia clássica e ficção científica contemporânea, Mestre das Marés *mostra-nos um Causo maduro, com amplo domínio dos aspectos científicos do enredo."*
–Henrique Flory, autor de Evolução *e* O Elo.

"Com sua competência habitual, [em Mestre das Marés*] Roberto Causo conduz o leitor através de uma envolvente aventura interestelar. Contando com o benefício das descobertas mais recentes da Astrofísica e dos telescópios espaciais, o autor nos brinda com mais um exemplo notável da* new space opera*."*
– Jorge Luiz Calife.

"Jonas Peregrino já é um dos mais notáveis personagens da ficção científica brasileira, e as histórias da série destacam-se pela pesquisa, a vibrante narrativa e a construção de um universo ficcional rico de possibilidades."
–Marcello Simão Branco, Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica.

Arte: **"Glória Sombria"**, de **Vagner Vargas**

GALAXIS™

SÉRIE

SHIROMA, MATADORA CIBORGUE



Arte: **Estudo de Shiroma**, por **Gomes Brown**

SHIROMA nasceu como fruto de experiências científicas ilegais. Raptada ainda menina por um casal de operativos secretos, é criada e treinada por eles para ser a arma humana mais perigosa da galáxia. Uma ciborgue com sistemas biocibernéticos únicos, Shiroma é forçada por seus captores a atuar como assassina e sabotadora por todas as Zonas de Expansão Humana na Via Láctea. O arco completo do primeiro ciclo de aventuras de Shiroma está no livro *Shiroma, Matadora Ciborgue*, com onze narrativas interligadas. Cumprindo a sua primeira missão na Terra – no Bairro da Liberdade, em São Paulo –, Shiroma mais tarde elimina vilões em um dos planetas mais vigiados da galáxia, durante um exercício militar da mais temida tropa de elite humana; no covil de um grupo de revolucionárias armadas de artefatos nucleares; e em uma cidade-parque temático. Provada até o limite em situações de vida e morte, Shiroma tem como seu maior teste não ceder à loucura.

"Uma das personagens femininas mais interessantes da contística atual, em tempos de igualdade de gênero e empoderamento da mulher. Ela protagoniza 11 contos de ação e reflexão, em que se entrelaçam perenes conflitos sociais e morais, tangidos por uma tecnologia 'indistinguível da magia', como diria Arthur C. Clarke."

–Folha de S. Paulo.

"Recomendo este livro aos amantes da boa ficção científica e que, sem abrir mão da ação e do entretenimento, também apreciem refletir sobre as questões universais de que sempre se ocupou a literatura."

–Ana Lúcia Merege, autora de O Castelo das Águias *e* A Ilha dos Ossos.

"A história de Shiroma é a de alguém cuja vontade e identidade outros tentaram anular, para substituir com obrigações e objetivos que servem a conveniências alheias. Ou seja, a história de muitas mulheres da vida real. Só que Shiroma é uma pós-humana, alguém com capacidades físicas e intelectuais aumentadas – e muito, muito perigosa."

–Camila Fernandes, autora de Reino das Névoas *e ganhadora do Prêmio Hydra.*

Criado por Roberto de Sousa Causo em junho de 2008, o Universo GalAxis possui histórias de Jonas Peregrino e Shiroma publicadas em antologias e revistas do Brasil e do exterior. As séries acompanham os heróis em paralelo, até que venha o momento de integrar as suas linhas individuais em uma única grande narrativa.

GALAXIS™

Arte: **“Mestre das Marés”**, de **Vagner Vargas**

TIMELINE

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO UNIVERSO GALAXIS

Séries
AS LIÇÕES DO MATADOR e
SHIROMA, MATADORA CIBORGUE.

Julho de 2008. Nasce o Universo GalAxis com a publicação do conto "Rosas Brancas", narrativa de estreia da série Shiroma, Matadora Ciborgue, na revista *Portal Solaris*, a primeira edição do Projeto Portal, de Nelson de Oliveira.



Agosto de 2009. É publicada a primeira história da série As Lições do Matador, a noveleta "Descida no Maelström", na antologia *Futuro Presente: Dezoito Ficções Sobre o Futuro* (Record), editada por Nelson de Oliveira. Ciclo Pós-Retração Tadai.



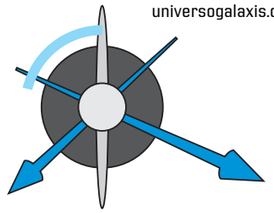
Dezembro de 2010. É publicado o conto "Tempestade Solar" (Shiroma, Matadora Ciborgue) na revista *Portal Fahrenheit*, encerrando a publicação de seis histórias originais de Shiroma no Projeto Portal.

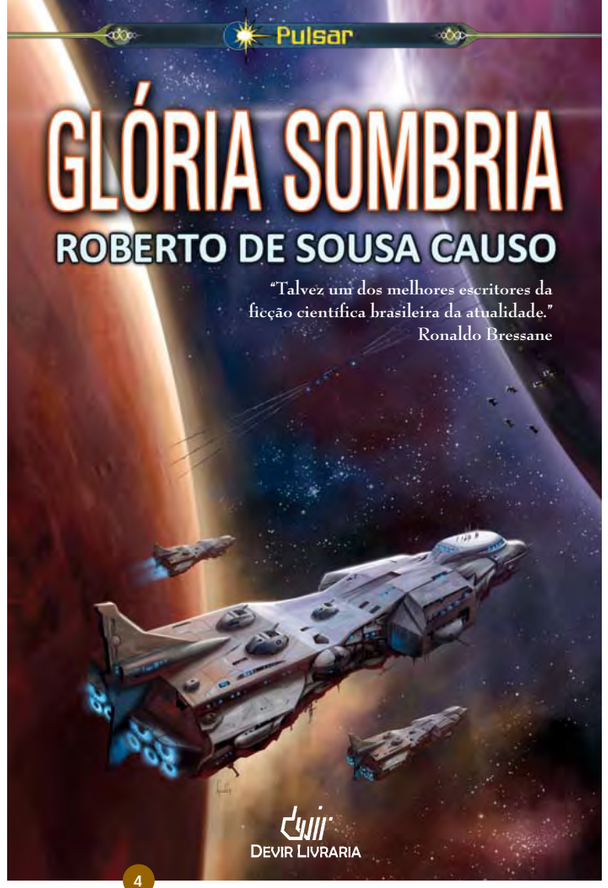
Dezembro de 2011. A segunda noveleta do Ciclo Pós-Retração Tadai das Lições Do Matador, "Trunfo de Campanha", é publicada na pioneira antologia internacional *Assembleia Estelar: Histórias de Ficção Científica Política* (Devir Brasil), editada por Marcello Simão Branco.

Primavera de 2012. O conto "Tempestade Solar" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é incluído na antologia *Todos os Portais: Realidades Expandidas* (Terracota Editora), editada por Nelson de Oliveira. A antologia resgata histórias selecionadas do Projeto Portal.

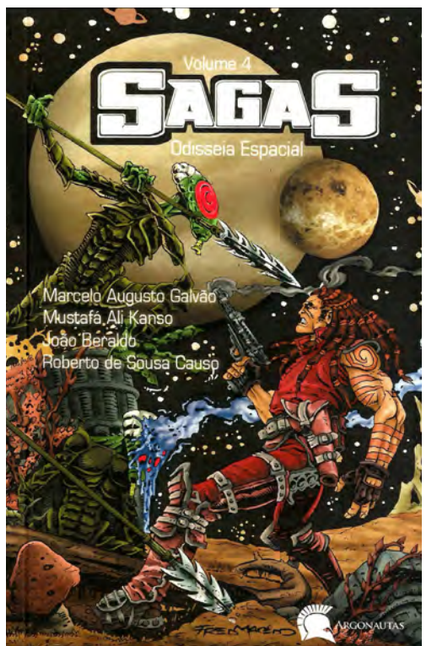
Fevereiro de 2013. Entra *online* pela primeira vez o *site GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*, dedicado ao Universo GalAxis e suas séries As Lições do Matador e Shiroma, Matadora Ciborgue. Uma criação de Vagner Vargas.

universogalaxis.com.br





Abril de 2013. É publicado o primeiro livro da série As Lições do Matador, *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador* (Devir Brasil). Ciclo Pré-Retração Tadai. Ao mesmo tempo, a quarta noveleta do ciclo Pós-Retração Tadai, "Tengu e os Assassinos", é publicada na antologia *Sagas Volume 4: Odisseia Espacial* (Argonautas Editora).



Maio de 2013. A noveleta das Lições do Matador, *Space Opera: A Alma de um Mundo* (Draco), é o primeiro *e-book* do Universo GalAxis. Antes publicada na antologia *Space Opera: Jornadas Inimagináveis em uma Galáxia Não Muito Distante* (Editora Draco, 2012). Ciclo Pós-Retração Tadai.

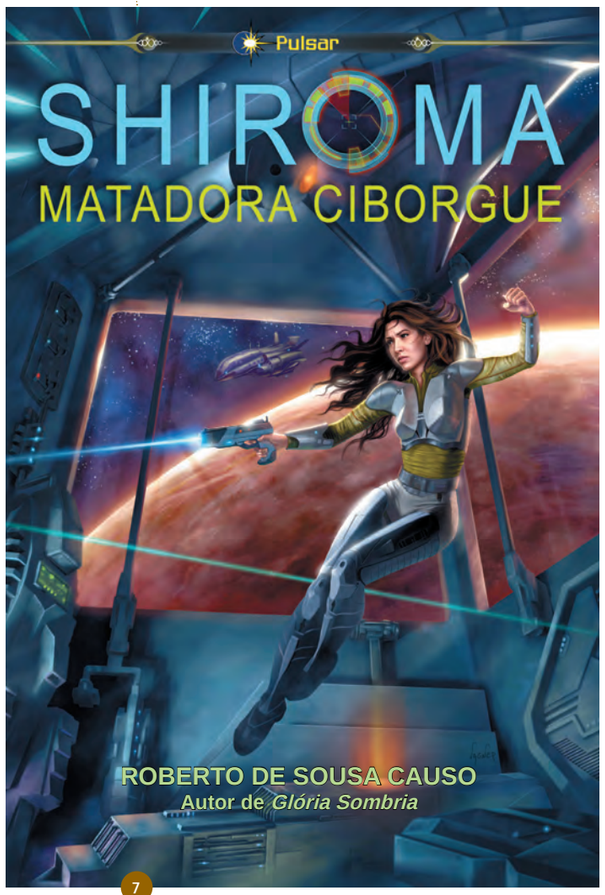


Julho de 2014. O conto "Rosas Brancas" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é publicado na revista eletrônica de ficção científica e fantasia *Trasgo* Nº 3, editada por Rodrigo van Kampen.



Setembro de 2014. *Glória Sombria* é um dos finalistas do Prêmio Argos de Literatura Fantástica, do Clube de Leitores de Ficção Científica.

Dezembro de 2015. É publicado o livro *Shiroma, Matadora Ciborgue* (Devir Brasil), fechando, com onze narrativas, o primeiro ciclo de aventuras de Shiroma. Inclui as histórias inéditas "Elocução Final", "Os Fantasmas de Lemnos", "Homem de Lata", "A Extração" e "Renegada".



7

Fevereiro de 2016. O conto "Elocução Final" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é a primeira história do Universo GalAxis publicada no exterior, na antologia A *Voz dos Mundos* (Editora Através, da Galiza), de Paulo Soriano & Valentim Fagim. E "O Novo Protótipo" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é a primeira narrativa do Universo GalAxis a aparecer na publicação *Perry Rhodan* da Editora SSPG, de Belo Horizonte, em sua edição de fevereiro (episódio 540, volume 44). A série alemã *Perry Rhodan* é uma das influências do Universo GalAxis.

Novembro de 2016. É relançado o *site GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*, repaginado e com novo conteúdo, funcionando também como *blog* do autor Roberto Causo. Com domínio próprio.

Novembro de 2017. O conto "Rosas Brancas" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é incluído na primeira antologia da revista *Trasgo – Trasgo Ano 1*, editada por Rodrigo van Kampen.

Dezembro de 2017. Forma-se uma sociedade entre Roberto Causo, Vagner Vargas e o Desire® Studios de Taira Yuji para o desenvolvimento do Universo GalAxis. A sociedade leva, no seu primeiro momento, à participação do GalAxis na mesa dupla do estúdio na Comic Con Experience 2017.



Janeiro de 2018. É entregue para publicação, junto à Devir Brasil, o segundo romance das Lições do Matador, *Mestre das Marés*. Terminado o primeiro rascunho do terceiro romance das Lições do Matador, "Anjos do Abismo".

Fevereiro de 2018. O conto "Cheiro de Predador" (Shiroma, Matadora Ciborgue) é publicado em *Perry Rhodan* episódio 565 (volume 66).

Março de 2018. Roberto Causo, Vagner Vargas e Taira Yuji, do Desire® Studios se encontram pela primeira vez para uma reunião de trabalho da Sociedade GalAxis, no endereço do estúdio no Bairro da Liberdade, em São Paulo.

8

8

9

9

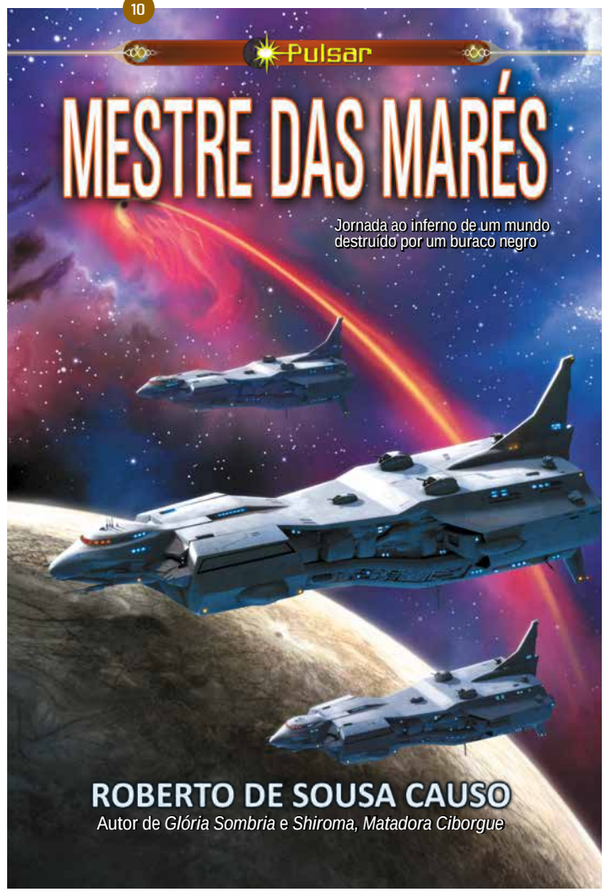


Julho de 2018. *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador* (As Lições do Matador) é publicado como *e-book* pela Devir Brasil. O criador do Universo GalAxis, Roberto Causo, encontra-se em São Paulo com a coordenadora da tradução de *Glória Sombria* para o espanhol, a Profª Marissel Hernandez Romero.

Outubro de 2018. A Devir Brasil publica o segundo romance das Lições do Matador, *Mestre das Marés*. Ciclo Pré-Retração Tadai.

10

10



Novembro de 2018. A história de Shiroma, Matadora Ciborgue, "Tempestade Solar", tem a distinção de ser incluída na antologia organizada por Nelson de Oliveira, *Fractais Tropicais: Os Melhores da Ficção Científica Brasileira* (SESI-SP Editora), ganhadora de vários prêmios em 2019.

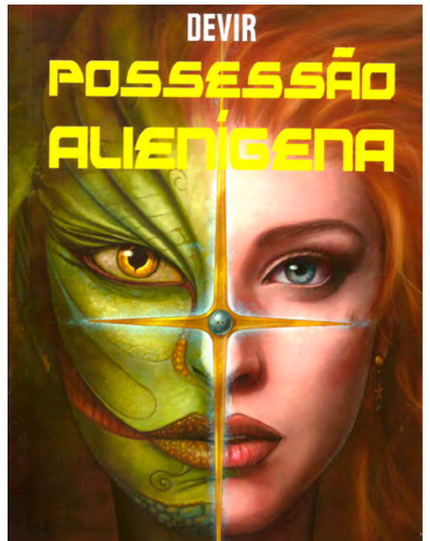
Dezembro de 2018. "Os Fantasmas de Lemnos", uma história de Shiroma, Matadora Ciborgue, aparece na antologia *Possessão Alienígena* (Devir Brasil), editada por Ademir Pascale e com capa e ilustrações internas de Vagner Vargas.

Julho de 2019. "Elocução Final", um conto da série Shiroma, Matadora Ciborgue, aparece na publicação *Perry Rhodan* da Editora SSPG, de Belo Horizonte, no episódio 600 da série.

Agosto de 2019. O romance *Mestre das Marés* (As Lições do Matador) é um dos três finalistas do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2019, na categoria Narrativa Longa Ficção Científica.

Setembro de 2019. O conto "Garimpeiros" (As Lições do Matador) é aceito para a antologia *Universo Pulp 2: Ópera Espacial*, da AVEC Editora, conforme anúncio do editor Duda Falcão. "Garimpeiros" é a primeira história do Ciclo Serviço Colonial.

Março de 2020. É publicada a revista *Universo GalAxis Anual 2019* com a noveleta Shiroma, Matadora Ciborgue "Phoenix Terra", e colaborações de personalidades da ficção científica.



11

11

O Universo GalAxis e o projeto literário de Roberto Causo

O Professor Ramiro Giroldo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, escreve sobre o Universo GalAxis dentro da produção de ficção científica e fantasia do seu criador.

RAMIRO GIROLDO



Foto: **Pedro Rosa**

A produção de Roberto de Sousa Causo é consistente: além de manter uma periodicidade constante, um feito no tão problemático mercado editorial brasileiro, delineia um projeto temático e estilístico de contornos identificáveis. Transita com desenvoltura pela ficção científica, pela fantasia e pelo horror (os três pés da ficção especulativa, segundo categorização adotada pelo próprio autor, lembremos) sem abandonar a consistência desse projeto.

Quando se menciona um projeto como esse, não há o interesse de assinalar de maneira taxativa a intencionalidade do autor. Ou seja, notar a presença de um projeto não equivale a propor que o autor elaborou intencionalmente uma espécie de "plano de ação" que precisa ser cumprido por cada nova obra, e nem que cada nova obra é aprioristicamente planejada como parte do projeto. Quando se fala em "projeto estético ou artístico", chama-se atenção justamente para a consistência das opções criativas do autor.

Dois universos ficcionais de grande expressão criados por Causo, casos únicos na literatura brasileira, servem de exemplo: o Brasil mítico das histórias de "borduna e feitiçaria" da Saga de Tajarê;* e o Universo GalAxis. Em ambos, uma tradição literária estabelecida – respectivamente, a espada e magia e a *space opera* – se vê lida a partir de um ponto de vista diferente – é um ponto de vista que pode, como muitos outros, ser chamado de "brasileiro". Isso também vale para suas obras de horror, *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de Dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017), bem como para o restante de seu bastante volumoso corpo de trabalho.

Como o Universo GalAxis agora completa dez anos de existência com muito fôlego ainda guardado, é o momento de observar como as narrativas de Shiroma e Jonas Peregrino (os grandes protagonistas desse universo ficcional) podem ser lidas à luz da produção de Causo como um todo, podem ser enriquecidas pela percepção de que são obras "de Roberto de Sousa Causo". Como essa é uma proposta e tanto, que só pode ser plenamente realizada a longo prazo, aqui vão ser apenas sugeridas algumas linhas-mestra recorrentes – de maneira descompromissada e provisória.

Salta aos olhos, já em uma primeira leitura, o teor aventuresco: em histórias dotadas de bastante movimento, os personagens invariavelmente lidam com ameaças à vida deles e de outros. Se ronda essa espécie de narrativa o perigo de enfraquecer a caracterização diante do ritmo dos eventos que se sucedem às vezes vertiginosamente, aqui esse risco é evitado: o leitor é guiado com naturalidade por situações que se complicam em direção ao clímax, e cada virada do enredo é acompanhada por reações verossímeis.

Como toda narrativa de eventos bem-sucedida, no Universo GalAxis encontramos protagonistas que não apenas reagem aos estímulos externos, mas agem. O herói de ação, afinal, só se apresenta de fato como uma força atuante no mundo que o cerca quando é capaz de tomar a iniciativa de maneira que só ele seria capaz. Nas histórias de Shiroma, é claro que o primitivo desejo pela autopreservação serve como impulso inicial, mas os caminhos por ela escolhidos são originais e inconformistas; e Jonas Peregrino sempre se mantém justo e firme em seus propósitos mesmo quando os arredores parecem exigir o contrário. Ainda que matizados de cinza, calejados e até com manchas no passado, não podem ser chamados de anti-heróis – são plenos heróis. Esta, aliás, é uma marca muito recorrente nos protagonistas de Causo; com certeza é também o caso de Tajarê, por exemplo.

É a forma adotada para promover no leitor a empatia para com os personagens, viabilizando o final efeito catártico: palpáveis e portanto passíveis de identificação e reconhecimento, Shiroma e Jonas Peregrino têm uma trajetória instigante – justamente porque a trajetória é por eles pavimentada, é em grande medida resultado de suas ações.

Também recorrente na produção do autor, e particularmente constitutivo do Universo GalAxis como um todo, é o caráter nacional dos textos, que se faz aparente já na sua superfície. Sondava a cor local romântica o perigo de guinar para o pitoresco, na representação estereotipada de traços regionais, mas a ficção científica de Causo coloca o tópico em outra perspectiva. No Universo GalAxis, a cor local se vê projetada e/ou extrapolada no futuro, convocando a um exercício de pensar sobre o Brasil e seus tão múltiplos traços distintivos quando deslocados em situações e tempos outros. Um dos mais significativos exemplos, até agora, aparece no romance *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador* (2013), nas espaçonaves de guerra pintadas como animais brasileiros.

Os brasileiros protagonizam as histórias do futuro, mas Causo ainda encaixa no Universo GalAxis uma significativa nota acerca da própria ficção científica brasileira. Várias das narrativas que fazem parte do primeiro volume de histórias de Shiroma possuem dedicatórias a autores de ficção científica – um aceno à tradição pregressa com a qual está sendo construído um produtivo diálogo. Bastante curioso é ver, lado a lado com nomes como Philip K. Dick, vários brasileiros ligados ao gênero, como Fausto Cunha, Rubens Teixeira Scavone e Vagner Vargas. Aceitemos a sugestão de Causo: que sejamos protagonistas de nossa própria ficção científica, dentro dos termos que nós mesmos desejarmos.



* Composta, até o momento, das histórias presentes nos livros ***A Sombra dos Homens*** (**Devir Brasil**; 2004); ***Duplo Fantasia Heroica*** (**Devir Brasil**; 2010) e ***Duplo Fantasia Heroica 2*** (2011), ambos com **Christopher Kastensmidt**.

O MUNDO VISUAL DE GALAXIS

Roberto Causo discorre sobre o lado visual do UNIVERSO GALAXIS e os seus artistas.

ROBERTO CAUSO

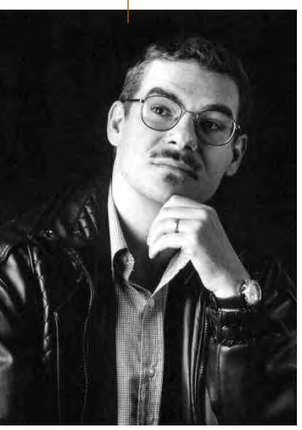


Foto: **Eugênio Frediani**

O desenvolvimento do UNIVERSO GALAXIS tem a preocupação de produzir imagens e conceitos visuais que enriqueçam a experiência do leitor e contribuam para a iconografia da ficção científica no Brasil.

No início, coube à arte de VAGNER VARGAS, às vezes apoiado por alguns dos meus *sketches* e estudos, criar os selos que diferenciam as séries AS LIÇÕES DO MATADOR e SHIROMA, MATADORA CIBORGUE (ao lado), e também o *design* das naves que aparecem nos seus primeiros momentos. Sem dúvida, o mundo visual de GALAXIS cresceu especialmente com as maravilhosas artes que Vagner fez para as capas dos livros *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador*, *Shiroma, Matadora Ciborgue* e *Mestre das Marés*.

As pinturas digitais criadas por ele para os livros têm a qualidade "épica" da arte de ficção científica, e são dinâmicas mas equilibrando certa serenidade muito própria desse artista. O emprego de cor, brilho e iluminação remetem discretamente à arte de *videogames* – uma identificação que vai ser útil se nossos planos de entrar nessa área com o UNIVERSO GALAXIS frutificarem. Vagner também é responsável pelo *design* do *site GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*, que funciona como principal janela para o "universo expandido" de GALAXIS – inclusive abrigando outras contribuições visuais.

Nessa mesma época, indo aproximadamente de 2012 a 2017, pedi ao *designer* TAIRA YUJI, criador do Desire® Studios e agora parte da SOCIEDADE GALAXIS, que fizesse insígnias e logotipos que pudessem aparecer nesse universo expandido, e até serem incluídos nos livros. Com a posterior formação da sociedade, Yuji também remodelou o logo do universo, criado originalmente por Vagner. O diagramador desta revista, ele tem um gênio para a criação de logotipos, que queremos ver colocado em uso prolífico no âmbito do GALAXIS, nos próximos anos. O que esse tipo de imagem traz é a sugestão de um universo mais amplo de relações institucionais e culturais, tornando GALAXIS um universo mais rico e denso. Algumas delas estão na página 29.





Um aspecto interessante da composição visual do GALAXIS, foi a dupla ocorrência de artistas apresentando-se espontaneamente para criar as próprias visualizações do universo.

O primeiro deles foi SYLVIO MONTEIRO DEUTSCH, um experiente tradutor de ficção científica e membro da mais distinta "dinastia" da FC no Brasil, iniciada com o pioneiro escritor Jeronymo Monteiro (1908-1970) – autor de obras maiúsculas como *3 Meses no Século 81* (1947) e *Fuga para Parte Alguma* (1961) –, e continuada com sua filha, a tradutora, autora e editora Therezinha Monteiro Deutsch, mãe de Sylvio. Também artista digital, Sylvio Deutsch nos enviou em março de 2015 a arte "Going to Space" (página 30), inspirada nas situações de *Glória Sombria* e que captura, com uma composição forte, o espírito da aventura humana penetrando as dimensões avassaladoras do espaço.

Quando surgiu a ideia de produzir esta revista institucional, procuramos o escritor e crítico CARLOS ROCHA, que havia demonstrado interesse pelo UNIVERSO GALAXIS ao resenhar *Shiroma, Matadora Ciborgue* para o *site Selo Multiversos Editorial*. Rocha nos surpreendeu, oferecendo-se para realizar ilustrações. Não conhecíamos o seu lado artista digital. A primeira arte feita por ele teve um resultado tão bom, que pedimos que ele ilustrasse a história inédita de Shiroma presente nesta revista, "Phoenix Terra" (página 100). O resultado desse segundo trabalho ficou ainda melhor, e Rocha produziu uma terceira arte, que ele fez questão de executar com uma complexidade maior de elementos (páginas 32 e 33). Como artista, Carlos Rocha é detalhista e suas pinturas digitais expressam um fascínio pela textura que lembra a arte do mestre inglês Jim Burns. A textura complexa das cenas de Carlos valoriza a composição, cria atmosferas com iluminação muito sugestiva e com isso coloca o espectador dentro do espaço das cenas.

Às vezes, para compor o nosso universo expandido adquirimos imagens já prontas, produzidas para outros projetos. Como grande admirador de Vagner Vargas, em nossa parceria no desenvolvimento do UNIVERSO GALAXIS sou constantemente influenciado pela sua arte. O exemplo mais evidente é a história de Shiroma "Os Fantasmas de Lemnos", surgida da arte que ele criou para a capa da antologia de Ademir Pascale, *Possessão Alienígena* (página 23). É uma das capas de Vagner que tenho como favoritas, e agora a ilustração também está em *GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*, na seção sobre alienígenas. Outro exemplo distinto é a arte digital de BRUNO WERNECK que foi incorporada à contracapa de *Mestre das Marés*, para representar a Estação de Pesquisa Roger Penrose, que figura no romance. Werneck é talvez o artista digital brasileiro mais requisitado internacionalmente para projetos de pré-produção nas áreas de cinema, *videogame* e animação, tendo feito essa arte para um projeto de *game* que não foi produzido. Sua experiência profissional inclui desenhos de produção de filmes arrasa-quarteirão (inclusive do universo Marvel) e arte oficial de Star Wars. Com sorte, ainda vamos ter recursos para, no futuro, encomendar uma arte original de Bruno Werneck.

O editor Douglas Quinta Reis (1954-2017) me facultava na Devir Brasil uma certa liberdade quanto às ilustrações de capa. Uma das coisas que defini de saída quanto às dos livros do UNIVERSO GALAXIS, foi que nas capas da série AS LIÇÕES DO MATADOR, seu protagonista, Jonas Peregrino, *nunca* seria representado (exceto no selo da série, na quarta capa). Nas capas devem aparecer apenas o *hardware* (espaçonaves e instalações) e paisagens espaciais – como na tradição britânica imposta pelas ilustrações de capa de Chris Foss. É claro, essa determinação pode mudar no futuro. Já nas capas dos livros da série SHIROMA, MATADORA CIBORGUE, Shiroma *sempre* seria representada, como costuma ser a norma nas capas de livros norte-americanos de FC.

O UNIVERSO GALAXIS é um universo ficcional que se orienta por alguma verossimilhança dos seus conceitos científico-tecnológicos, dentro das extrapolações frequentemente extravagantes da ficção científica. Mas apresenta "escapadas" para momentos metafísicos envolvendo paranormalidade, precognição, espiritualidade e misticismo – sempre, porém, de maneira discreta. Tais escapadas não significam que os aspectos científicos deixem de ser tratados de forma coerente.

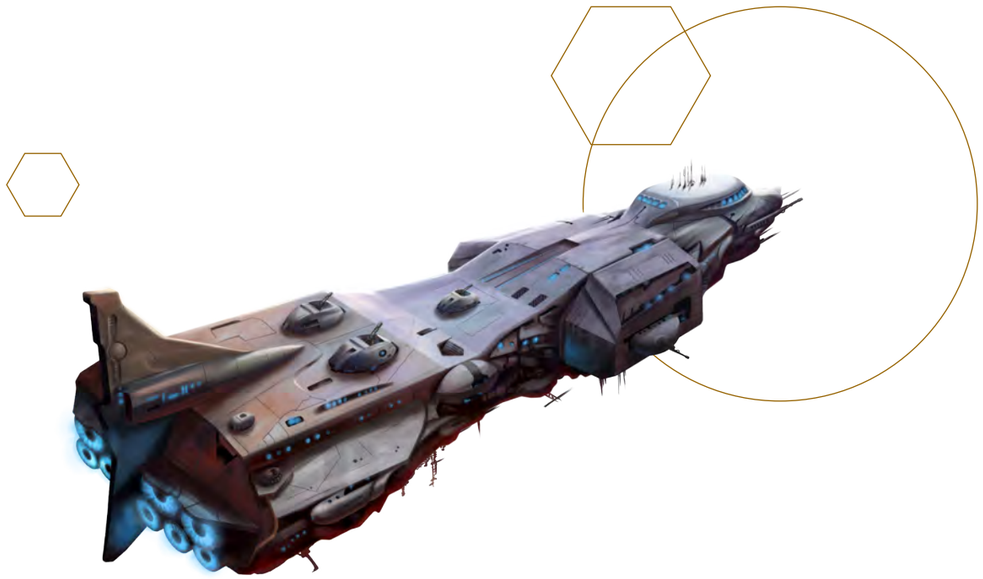
Com a verossimilhança em mente, os espaços habitacionais devem parecer de fato habitados, sejam eles no espaço (bases e estações espaciais) ou em terra (planetas ou asteroides), buscando mais funcionalidade do que estilizações. As naves espaciais devem portanto parecer funcionais, operáveis por uma tripulação humana. As naves militares muitas vezes possuem linhas retas e agressivas, antenas e armamento evidentes, e estruturas obrigatórias na popa, em forma de aletas ou "lemes" (pseudolemes, na verdade), existentes para a projeção de campos defensivos de padrão militar. Naves civis não precisam apresentar essas estruturas, embora algumas as tenham de maneira disfarçada. As naves civis também estão livres para buscar formas mais fluidas e estilizadas, ainda que mantendo a ten-

dência alongada inspirada nas formas de aviões e navios. No século XXV que imaginei, a tecnologia antigravitacional é efetiva e dispensa o uso de retrofoguetes para pouso e decolagem, ou estruturas basculantes nas naves – como no iate espacial que aparece no filme *Prometheus*.

Outra tendência é de as superfícies externas das naves não parecerem de metal sólido como locomotivas ou blocos de metal – coisas que costumamos ver em *games* e séries de TV. No "meu" século XXV, tanto naves civis quanto militares possuem escudos de energia muito eficazes, não necessitando de couraças ostensivas de metal. Para o voo atmosférico, dispensam grandes superfícies de sustentação, devido aos geradores antigravitacionais. Igualmente, não precisam de aerodinâmica por causa dos geradores de campo de hipercavitação – que fazem as camadas de ar "correrem" em torno da nave, sustentando-a como um fluido. A cor que predomina nas naves militares humanas é o "cinza naval".

Vasos militares como *destroyers*, cruzadores e naves de operação de caças ou Naus de Transporte e Desembarque de Veículos (NTDVs) podem ser muito grandes – parecendo até bases ou *habitats* espaciais, mas não existe uma tendência humana para o gigantismo de uma Estrela da Morte, por exemplo. Outras civilizações alienígenas, como os tuiutineses, divergem dessa tendência e suas naves são gigantescos *habitats* esféricos, jamais visitados por humanos, e capazes de lançar sombra sobre a superfície de um planeta.

As naves militares "de linha" (que formam as flotilhas e esquadras operacionais) costumam ter uma quantidade de vasos auxiliares a bordo: de pequenos esquifes telecomandados de transporte individual ou de carga de nave a nave, a escaleres ou lanchas para o transporte de uma quantidade maior de tripulantes. Espaçonaves maiores, como cruzadores ou vasos de transporte, podem ter o seu próprio esquadrão de caças espaciais instalado a bordo. As Astronaves Operadoras de Caças Estelares (ANOCEs), é claro, têm como propósito o transporte e a operação de vários grupos de caça e de outros aparelhos espaciais ou de superfície.



À esquerda, nave da classe Jaguar, segundo **Vagner Vargas**. Na outra página:
Insignias e logotipos comerciais criados por **Taira Yuji** para o **Universo GalAxis**.



Arte: **Sylvio Monteiro Deutsch**. Poema: **Roberto Causo**

GOING TO SPACE

Three in tandem, vessels in formation
Taking on together the
Deep vastness of space.

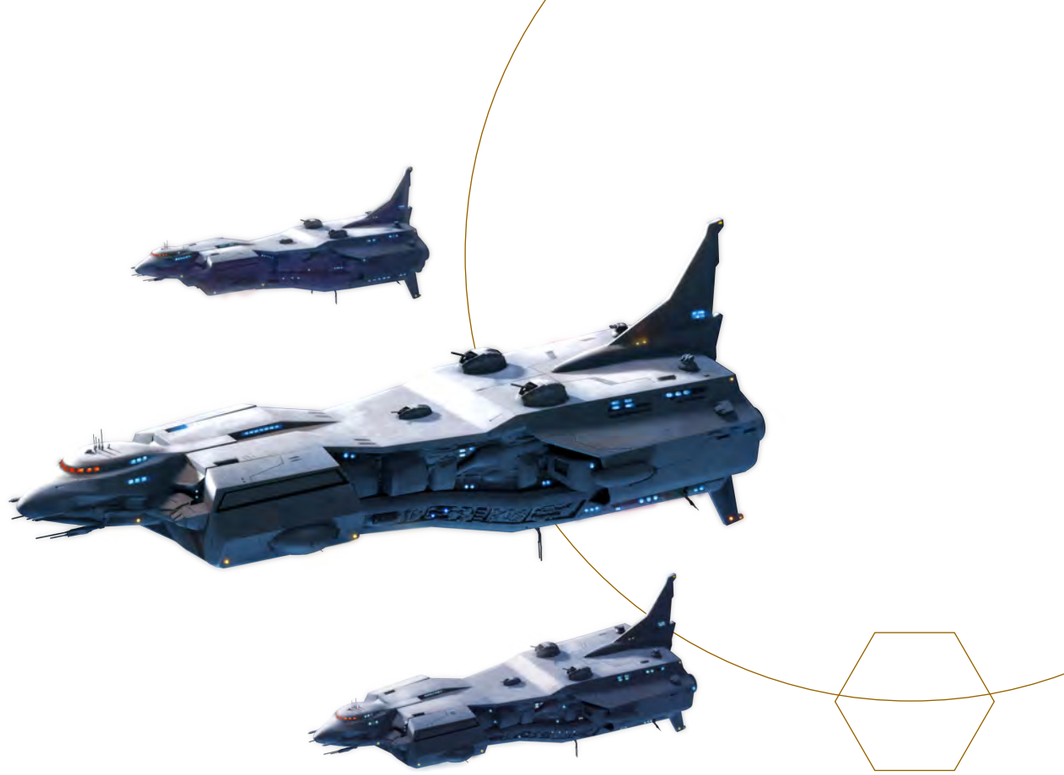
Facing off dangers and destruction,
Probing mysteries and setting up
Precedents for what humans will do next.

Leaving footprints in the cosmic nothingness
Among planets and stars.
Going to space.

Três em tandem, vasos em formação
Penetrando juntos
A vastidão funda do espaço.

Encarando os perigos e a destruição,
Sondando mistérios e firmando
Precedentes do que os humanos farão.

Deixando pegadas no nada
Cósmico entre planetas e estrelas.
Going to Space.



Caças espaciais tendem a ser relativamente grandes, em razão dos armamentos e projetores de campo defensivo (muitos caças têm dois pares de projetores) e motores de indução do salto mais rápido que a luz, necessários para a sua eficiência em combate. Suas linhas são agressivas e seus armamentos costumam ser evidentes, especialmente os canhões de proa – de potência incomum e equivalente, muitas vezes, a canhões de alta energia de espaçonaves muito maiores (do contrário, não teriam eficácia no combate contra adversários bem armados e de escudos defensivos poderosos). No outro extremo, as naves consulares são aparelhos sofisticados e elegantes, muito parecidos com iates espaciais.

Falando em iates espaciais, o Guardsman L19 Dasher é um modelo muito popular, sendo por isso mesmo utilizado por Shiroma em suas operações. Com lugar para até sete tripulantes e passageiros, a nave de Shiroma tem vários registros diferentes nas Zonas de Expansão Humana 1, 2 e 3, e contém sistemas operacionais e sensores customizados em padrão militar. Vagner Vargas definiu o *look* inicial do Dasher no fundo do selo da série Shiroma, Matadora Ciborgue.

Quando eu prestava serviços editorias para a Devir Brasil, vi lá, nas mãos da editora Maria do Carmo Zanini, mapas de mundos de fantasia criados digitalmente pelo escritor Diogo de Souza. Gostei muito da qualidade e detalhamento, e pedi a ele que fizesse o mapa de Cantares (páginas 34 e 35), o mundo que abriga o quartel general da Esquadra Latinoamericana da Esfera. Diogo fez um ótimo trabalho, e Vagner, quando o viu, decidiu transformá-lo num globo com atmosfera e tudo – também incluído no *GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25*.

Outros planetas foram "adquiridos" para o nosso catálogo planetário: Yukon, um mundo gelado mas turbulento, que é palco da aventura de Shiroma vivida na noveleta "A Extração"; Firedrake Gamma-M, cenário da jornada infernal de Peregrino em *Mestre das Marés* (na página 37). Os planetas foram adquiridos em bitmap do artista Duael e trabalhados por Vagner Vargas para se ajustarem ao seu senso estético superior, que dá a tônica do mundo visual de GalAxis.

Muito mais está por ser feito: personagens, seres alienígenas, trajes, armas manuais e artefatos, veículos e construções de superfície. Paisagens espaciais também seriam muito interes-

santes de se explorar, já que o Universo GalAxis busca empregar as revelações da astronomia mais recente, por si só dinâmica, vasta e inquietante. Até aqui, já apareceram nas histórias um planeta binário, outro de órbita muito excêntrica, um sistema planetário em formação, mundos jovianos extrassolares, galáxias-anãs, um planeta interestelar, matéria escura e um buraco negro que lança jatos relativísticos de intensidade inimaginável – um rico material para *design* e concepções artísticas.

O que dá para dizer, nesta altura do desenvolvimento do universo, é que os próximos anos reservam muitas novidades nessa área, incluindo o talento de novos artistas. O Desire® Studios está formando uma equipe de artista de primeiro nível, capitaneado pelo internacional Diego Cunha, pintor digital de rara sensibilidade. Em julho de 2019, Taira Yuji contratou o artista Pedro Gomes para interpretar Shiroma dando os primeiros passos visuais no projeto de um *videogame* proposto por Vagner Vargas. Chamada justamente de "Shiroma: First Steps", a ilustração de Pedro (que assina "Gomes Brown") tem muita atmosfera e mostra a heroína em traje tático entrando nas instalações de uma fábrica de armamentos proibidos. Nesse local sombrio, ela deverá enfrentar um teste potencialmente letal imposto por um grupo de mercenários interestelares (nas páginas 126 e 127).

Ilustrador autodidata como Deutsch e Rocha, Gomes Brown trabalha com ilustração editorial desde 2011. Emprega temas e estilos diversos, de fantasia medieval a FC espacial, de cartoons a caricaturas. "Hoje tenho o prazer de trabalhar com os queridos profissionais do Desire® Studios", diz, "ilustrando a personagem Shiroma, e durante o processo aprendi muita coisa sobre ela, e tenho certeza de que o Universo GalAxis também vai te conquistar!"

É o que esperamos, com a ajuda dele e dos outros artistas que têm contribuído para o mundo visual do Universo GalAxis.

Arte: **"Shiroma na Cidade das Matas Azuis"**, de **Carlos Rocha**

Mapa de CANTARES



Arte: **Mapa de Cantares** por **Diogo de Souza**.

OS MUNDOS DO UNIVERSO GALAXIS

Localizado nas profundezas da Esfera e envolto em segredos por Terradécadas, **Cantares** abriga o Quartel General da Esquadra Latinoamericana da Esfera, no 7º Distrito das Forças Espaciais. O planeta, pouco menor do que a Terra e com uma gravidade superficial de 0.91G, orbita o gigante gasoso Dionísio, que, por sua vez, gira em torno do sol G3 Maestro. Com pouco mais de 20 mil habitantes, Chorinho é o centro administrativo de **Cantares**. Outras cidades erguidas pela Latinoamérica incluem Guaranha, Tango e Samba. O planeta apresenta fortificações compostas de poderosas baterias de superfície localizadas nos polos e no equador, além de estações orbitais de canhões de alta energia e mísseis, tripuladas ou automatizadas, algumas mantendo esquadrilhas de caças de interceptação.

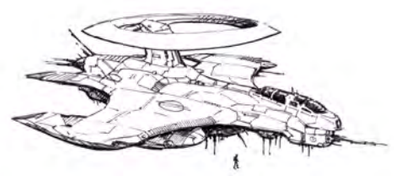
Cantares figura nos romances *Glória Sombria: A Primeira Missão do Matador* e *Mestre das Marés*, e nas histórias "Trunfo de Campanha" e "A Alma de um Mundo" – todos parte da série As Lições do Matador.

Em algum ponto do vasto braço da Via Láctea chamado Scutum-Centaurus – portanto a milhares de anos-luz da Esfera – e um pouco abaixo do plano galáctico central, um mundo joviano foi atingido seguidamente pelo jato relativístico do buraco negro Firedrake. O planeta teve sua atmosfera de hidrogênio e hélio, metano e amônia soprada pelos jatos, expondo um núcleo rochoso de diâmetro pouco menor que o da Terra. Livre da pressão atmosférica, vastos depósitos de hidrogênio metálico líquido passaram a ser lançados para o vácuo, atingindo alturas orbitais. Tal cadáver planetário foi chamado de **Firedrake Gamma-M**. Para além do caos em sua superfície, o sistema estelar trinário em que ele se encontra foi perturbado violentamente quando um dos seus sóis se transformou em supernova, ao começar a ser arrastado pelo buraco negro.

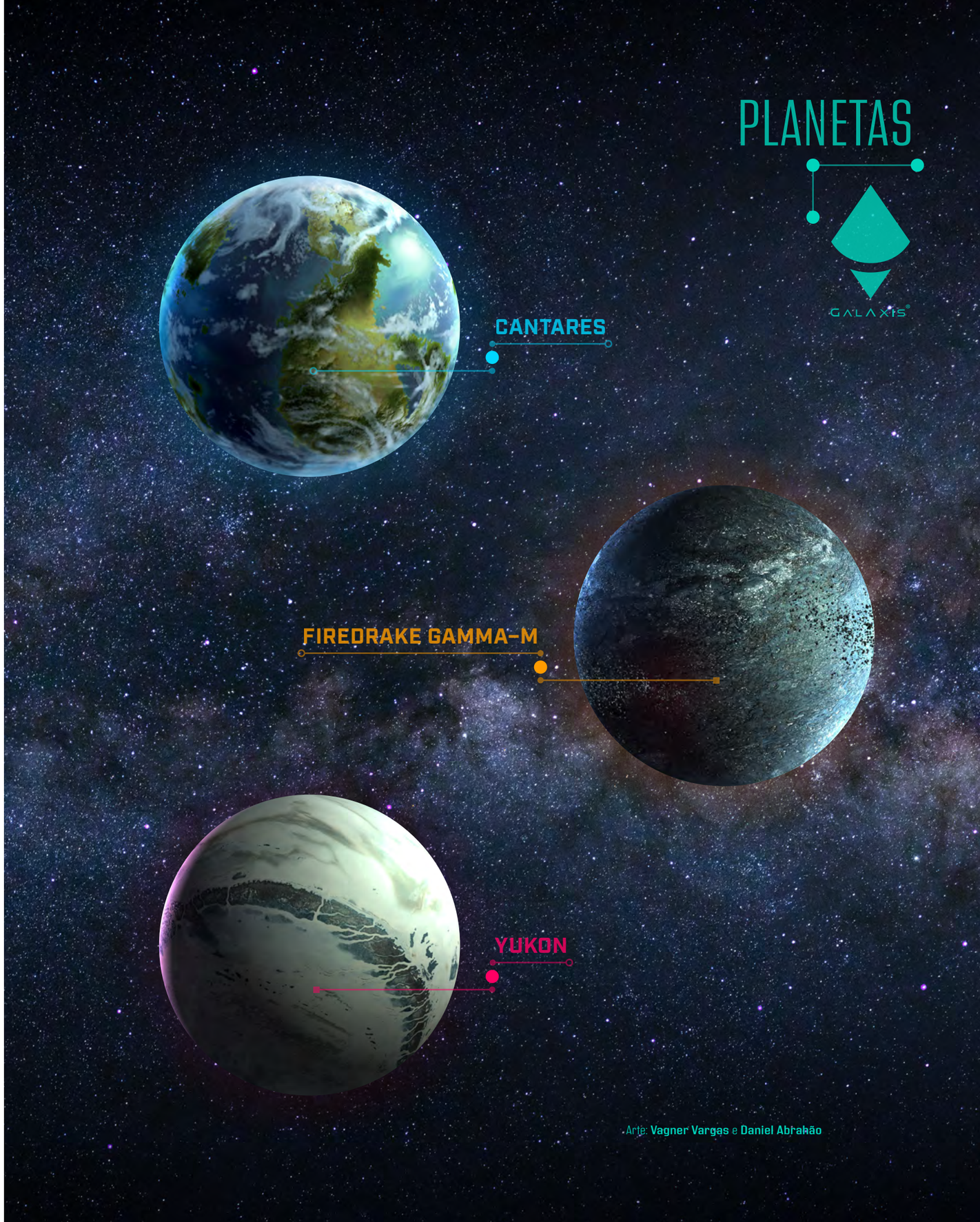
Firedrake Gamma-M figura proeminentemente no romance *Mestre das Marés*, da série As Lições do Matador.

Yukon é um planeta controlado pela Aliança Transatlântico-Pacífico e usado como campo de exercício militar pelos Minutemen de Appalachia. Um mundo gelado, situa-se na fronteira entre a Zona 3 de Expansão Humana e a "Esfera", e no seu eixo principal, a meio caminho entre o Sistema Solar e o Braço de Scutum-Crux, 9 ou 10 mil anos-luz distante da Terra. A órbita excêntrica de **Yukon** o leva a um extremo de 30 unidades astronômicas do seu sol, tornando-o impossível para a vida. Seiscentos Terraanos mais tarde, ele se reaproxima, chegando a 1,7 unidades astronômicas – para enfrentar hecatombes de degelo que vão erodir, ciclicamente e como o machado de um gigante furioso, a sua superfície. Em certo trecho de sua órbita, o planeta adquire uma atmosfera rarefeita, pobre em oxigênio.

Yukon aparece na aventura de Shiroma, "A Extração" (no livro Shiroma, Matadora Ciborgue, também publicada na revista *Somnium* Nº 112, a publicação eletrônica do Clube de Leitores de Ficção Científica).



Arte: *Sketch* de **R. S. Causo**



Arte: **Vagner Vargas** e **Daniel Abrahão**

SÉRIE AS LIÇÕES DO MATADOR



As Lições do Matador é uma série dividida em três ciclos que são desenvolvidos simultaneamente: o Ciclo Serviço Colonial narra as primeiras aventuras do jovem Tenente Jonas Peregrino; o Ciclo Pré-Retração Tadai conta o início do serviço do Capitão Peregrino na Esquadra Latinoameriana da Esfera, uma área da galáxia localizada a 10 mil anos-luz da Terra; e o Ciclo Pós-Retração Tadai narra os percalços de Peregrino depois do misterioso abandono do teatro de operações pelos alienígenas conhecidos como tadais. No primeiro ciclo, Peregrino é secretamente preparado para se tornar o ás na manga do Almirante Túlio Ferreira na Esfera. No segundo, Peregrino aos poucos se molda em um líder militar de fortes habilidades, capaz de realizar missões delicadas e de grande importância. Ele se torna o primeiro humano a matar tadais em combate, já que essa espécie alienígena normalmente age por trás de esquadras e exércitos de robôs. Depois desse incidente, os tadais retiram-se da Esfera, que se torna uma área aberta da galáxia e palco de uma corrida pela colonização dos seus muitos planetas habitáveis. Responsável indireto por essa abertura, Peregrino se torna alvo de grupos políticos que desejam cooptá-lo ou tirá-lo do caminho de maneira definitiva – que é o contexto do terceiro ciclo. O Ciclo Pré-Retração Tadai é desenvolvido sob a forma de romances, o Ciclo Pós-Retração Tadai inicialmente como histórias avulsas vistas em diversas antologias e *e-books*. O Ciclo Serviço Colonial, o terceiro a ser iniciado, também será desenvolvido como narrativas curtas.

CICLO SERVIÇO COLONIAL

“Areias Eternas”

“Garimpeiros”

CICLO PRÉ-RETRAÇÃO TADAI

Glória Sombria

Mestre das Marés

Anjos do Abismo

CICLO PÓS-RETRAÇÃO TADAI

“Descida no Maelström”

“Trunfo de Campanha”

“A Alma de um Mundo”

“Tengu e os Assassinos”

Arte: **“Glória Sombria”**, de **Vagner Vargas**

MESTRE DAS MARÉS

O SEGUNDO ROMANCE DAS LIÇÕES DO MATADOR.

LEIA OS CAPÍTULOS INICIAIS DE *MESTRE DAS MARÉS*, DE ROBERTO CAUSO – o segundo livro da série As Lições do Matador, e um finalista do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2019.

Em *Mestre dos Marés*, o Capitão Jonas Peregrino e seus Jaguares combatem robôs exterminadores nas vizinhanças do buraco negro Firedrake e se aventuram nas entranhas de um planeta devastado, em busca dos segredos de um artefato alienígena causador de efeitos nunca testemunhados antes.

O romance alterna a narrativa em terceira pessoa com uma em primeira pessoa, pelo ponto de vista de Camila Lopes, uma jornalista que segue os Jaguares em sua perigosa missão.

O MESTRE DAS MARÉS

Posicionado um pouco abaixo do plano galáctico central e a dezenas de milhares de anos-luz da Esfera – no vasto braço da Via Láctea chamado Scutum-Centaurus – havia um buraco negro.

Para os cientistas humanos, essa estrela desmoronada sobre si mesma e com altíssima densidade não tinha nome, apenas uma extensa nomenclatura composta de letras e números, inscrita no Catálogo Geral. Mas os alienígenas conhecidos na Esfera como o Povo de Riv tinham um nome para ele: Agu-Du'svarah. "O Mestre das Marés."

Os exploradores do Povo de Riv foram os primeiros a localizá-lo. Agu-Du'svarah era um buraco negro supermassivo, com mais de 500 mil massas solares. Sobre sua existência ali, dizia o Povo de Riv que há dezenas de milhões de anos uma galáxia-anã havia posicionado Agu-Du'svarah em sua trajetória relativa ao plano da Via Láctea, quando o aglomerado atravessou a espessura do braço Scutum-Centaurus, seguindo um filamento de matéria escura que cruzava o disco galáctico e formava um discreto braço de maré como uma longa trança de pérolas desalinhadas, e que havia escapado, até pouco tempo, da detecção humana. Era a mesma galáxia-anã que – vinda do halo galáctico e trazendo com ela muita matéria escura – se dizia ter contribuído para formações peculiares dentro da Esfera, a milhares de anos-luz dali, em algum ponto do Braço de Crux...

Nos séculos de observação humana do universo para além da abóbada celeste da Terra, Agu-Du'svarah havia passado despercebido – até começar a engolir um sistema estelar trinário que teve a má sorte de se ver no seu caminho ou de ser atraído por ele. Assim que o buraco negro fez em pedaços os primeiros corpos subplanetários no cinturão de Kuiper do sistema, dissolvendo-os em um disco de acreção e começando a engolir a sua matéria retalhada, as descargas de raios X resultantes foram detectadas e uma expedição científica foi montada às pressas. No ínterim, um dos três sóis foi capturado pelo buraco negro. Tornado instável pelo canibalismo cósmico, o astro explodiu em uma nova. Sete Terraanos mais tarde, o esforço científico conjunto de vários blocos políticos humanos resultou no posicionamento de uma sofisticada estação de pesquisas a uma distância segura de Agu-Du'svarah. O Capitão-de-Ar-e-Espaço Jonas Peregrino imaginava que, considerando que as distâncias médias entre um sistema e outro fizessem um buraco negro jejuar até centenas de milhares de anos entre uma refeição e outra, a proximidade de três fontes de alimentação tão próximas tornava Agu-Du'svarah um sítio privilegiado de

Arte: **"Mestre das Marés", de Vagner Vargas**.

pesquisas. Foi justamente a estação científica o alvo do ataque tadai.

Peregrino não conseguira terminar o tereré que vinha tomando durante a entrevista com Camila Lopes. Depois que Helena Borguese trouxe as notícias, ele tinha posto todo mundo para fora e ordenado que vestissem os trajes espaciais. Ele mesmo saltara para dentro do traje que ficava guardado no armário do seu camarote, e correra até o passadiço da *Balam*. O alerta de combate foi dado com ele já sentado no assento de comando, enquanto lia as novas ordens do Almirante Túlio Ferreira. Não importava o que havia dito a Lopes sobre o papel do 28º GARP na estrutura da ELAE, a verdade era que sua unidade fora concebida para, além das eventuais tarefas de reconhecimento profundo, realizar operações especiais de alto risco e complexidade – embora não estivesse integrada ao Comando de Operações Especiais, mas recebesse ordens exclusiva e diretamente do CeCZARE. E foi como unidade de OpEs que tinham funcionado em Tukmaibakro, testando o novo emprego de um antigo armamento que lhes permitira servir a concentração tadai de belonaves de bandeja ao corpo principal da Esquadra, sob o comando do Almirante Túlio. De fato, a missão a Iemanjá seria a sua primeira na função de reconhecimento – e possivelmente, de operações de superfície.

Reconhecer uma área da galáxia não significava simplesmente aparecer e dar uma espiada. Havia preparações envolvidas. Não tanto quanto em uma operação especial, é verdade, mas ainda assim eles tinham reunido o máximo de inteligência e de equipamento necessário, visando a expedição até Iemanjá. As novas ordens de Túlio, porém, apanhavam-nos completamente de calças curtas. Além do histórico e das coordenadas, contavam apenas com dados rudimentares sobre a estação – chamada Roger Penrose, em homenagem a um antigo matemático inglês – e os nomes das autoridades que a dirigiam. Tinham também algumas fotos em 3D parcial, mostrando uma elegante estrutura em forma de disco com uma larga saliência no topo, misto de torre de serviços e superestrutura de antenas para sensores e instrumentos, com outra saliência na parte inferior – claramente um projetor de campo defensivo para filtrar as emanações bolométricas radioativas do disco de fótons e de acreção do buraco negro. A Roger Penrose não era um conjunto de peças pré-fabricadas – era um caro e específico projeto astroarquitetônico que incluía uma área vazada na seção superior, em leque duplo protegido por ultraplexi-G transparente revelando, como uma gigantesca claraboia, o que pareciam ser espaços de lazer e convivência. Nada havia, porém, sobre suas capacidades e competências tecnocientíficas.

Sabiam menos ainda a respeito do buraco negro e das suas vizinhanças. Apenas chegar ali já representava um risco. Se tunelassem perto demais de Agu-Du'svarah, poderiam ser apanhados em seu monstruoso abraço gravitacional de tamanduá, ou entrar no caminho dos seus jatos de raios X – a energia presente neles era tão poderosa, que os escudos energéticos das naves estourariam como bolhas de sabão. Além disso, com a explosão de um dos seus três sóis, o sistema estelar estava em frangalhos, e o giro e a monstruosa emissão de energia do buraco negro, repercutindo no gás resultante da explosão solar, pregaria peças nos instrumentos. Peregrino partilhou o que sabia com a tripulação da *Balam*, da maneira mais rápida e sintética que conseguiu, poucos minutos antes do tunelamento.

Quando estava já instalado no assento de comando da *Balam*, que funcionava como seção de comando da unidade, chegou uma mensagem expressa do CeCZARE – "Um presente dos nossos amigos seguidores de Riv", dizia. Eram dados sobre Agu-Du'svarah, incluindo sua massa relativa, seu alcance de maré e o melhor ponto de chegada do tunelamento, visando usar a massa e o arrastro de referência do buraco negro para enganar os sensores gravíticos tadais e afogar parte das emissões neutrino-taquiônicas de entrada na radiação do disco de fótons. Peregrino respirou aliviado, depois teve um momento de dúvida, antes de repetir os dados a todas as subunidades. O ponto de chegada não vinha como sugestão ou hipótese, e estava a apenas uma unidade astronômica de um buraco negro com pouco menos de meia UA de alcance de maré e, pouco além, o fatal Raio de Schwartzschild do qual só podia escapar aquilo que viajasse à velocidade da luz... Túlio às vezes parecia confiar cegamente nos seus aliados junto ao Povo de Riv. Assim como Peregrino era obrigado a confiar cegamento no Almirante. Não. Até onde sabia, Túlio não era *obrigado* a confiar nos alienígenas. Simplesmente aprendera a fazê-lo por alguma razão que ainda não havia partilhado com ele.

"Estou saindo com o capacete debaixo do braço", o Almirante dizia. Ele informava que estava colocando algumas flotilhas da ELAE em alerta e enviando pelo menos uma para a ZSR. Talvez ele viesse com ela, talvez num grupo maior, mais tarde. O 28º GARP era composto de nove vasos da nova classe "Jaguar", de efetivos completos: a *Balam*, a *Jaguarundi*, a *Maracajá*, a *Onça Pintada*, a *Lince Vermelho*, a *Gato dos Pampas*, a *Suçuarana*, a *Jaguatirica* e a *Gato Preto*. Havia ainda um Grupo de Observação-e-Comunicações, o 101º GOeC, reforçando a unidade. Era composto de dois caças RAE-428R Olho de Carcará, e uma nave operadora de comunicações modelo E-71C Albatroz – o cérebro e o coração do grupo. Uma dúzia de naves talvez não representasse muita coisa, dependendo da quantidade de vasos tadais que encontrassem. O reforço representado pelo grupo de reação que Túlio montava seria mais do que bem-vindo. Já sob as novas ordens e com novas coordenadas de tunelamento em seus computadores, a flotilha completou a entrada na "Zona de Simetria Rompida", a faixa dentro das velocidades relativísticas, próxima ao limite luminal, na qual as leis da física se retorciam e sua semântica contaminava-se com a de outra linguagem cosmológica. Conforme a matéria complexa era solicitada ao máximo pela aceleração, aproximando-a da energia, suas estruturas mais íntimas enrijeciam-se cada vez mais em seus relacionamentos quânticos. A tensão entre esgarçamento e enrijecimento forçava a matéria das espaçonaves e seus tripulantes e tudo o mais em seu interior a um estado simultâneo de altíssima energia – e de hipercomplexidade quântica de informação. Desse estado surgiam as fantasmagóricas condições necessárias ao tunelamento, em que toda a matéria complexa assumia o comportamento errático de micropartículas subatômicas e se desvanecia em pleno voo – para ressurgir a dezenas, centenas ou milhares de anos-luz de distância e para todos os efeitos no mesmo instante, porém mantendo, dada a hipercomplexidade informacional, a sua integridade – uma flutuação quântica estável e permanente. Contudo, mais de três minutos na zona de simetria rompida eram necessários para a obtenção das condições para o salto. Dependendo da massa dos objetos e se estavam ou não em voo de formação, esperando tunelarem-se no mesmo instante, eram necessários de quinze minutos a uma hora nessa dimensão espectral de existência. Saindo do limbo quântico, as naves surgiam no ponto de chegada conservando a velocidade relativística adquirida durante a aceleração até a ZSR – ou uma fração significativa dela.

A essa velocidade, todos os processos luminosos e eletromagnéticos estavam sujeitos às distorções relativísticas, e o tempo de reação de tripulantes e sistemas a qualquer surpresa que surgisse era reduzido – a partir do ponto de vista de quem já estivesse no sistema – pela dilatação temporal. Por isso, Peregrino havia ordenado que uma frenagem de emergência fosse realizada assim que surgissem nas imediações de Agu-Du'svarah, para que pudessem fazer a avaliação tática mais completa possível. A frenagem ainda estava em andamento, os compensadores inerciais funcionando a toda força para impedir que os tripulantes fossem esmagados em seus trajes de combate, quando Peregrino pediu comunicação de ansível com o Primeiro-Tenente Paulo Soriano, o comandante do 101.º GOeC.

– Precisamos dos seus olhos, Albatroz – disse. – Seus instrumentos vão funcionar direito neste ambiente, com as informações do Povo de Riv?

– Sim, senhor. Mas é de se esperar que existam variações em alguns dos dados – Soriano respondeu. – Precisamos atualizar e comparar, e então reajustar os instrumentos. Estimativa: de vinte minutos a meia hora para o ajuste. Mas há sondagens preliminares sendo feitas, já a partir do que podemos realizar com alguma segurança. Um momento, senhor...

Soriano fez uma pausa, Peregrino aguardou.

– Albatroz aqui – o tenente disse. – As primeiras sondagens já apresentam resultados, Águia-Cinzenta. – Outra pausa. – Hã, desculpe, Águia-Cinzenta. Temos a direção provável de um sinal de socorro em rádio. E a localização de um grupo de vasos tadais. São preliminares, mas teríamos poucas chances de localizá-los, não fossem as informações enviadas pelo Povo de Riv. O sinal de socorro está todo quebrado, mas é uma repetição daquele enviado antes por ansível aberto, e cujo texto o senhor já conhece. Estamos transmitindo as coordenadas dos vasos tadais a todas as subunidades, e monitorando o comportamento das naves. Há uma considerável margem de erro, três milhões de quilômetros. Por enquanto, eles não parecem estar reagindo à nossa presença. Também temos dados da cosmografia local e do giro e campo magnético do buraco negro. – Ele pigarreou. – Mas me dê alguns minutos pra conferi-los, Águia. O cenário é mais complicado do que o esperado...

Peregrino agradeceu o envio dos dados disponíveis, e desfez o contato. Imediatamente, pediu à navegação que traçasse um curso para as coordenadas prováveis do sinal de socorro, mas não deu a ordem de partida. Ainda viajavam a grande velocidade, e, além disso, preferia dar a ordem quando tivesse uma localização precisa do ponto de origem. Era um *mayday* genérico, altamente comprimido e sem informações ou qualquer relato do suposto ataque tadai, e ele queria saber mais, antes de se comprometer. Relanceou o olhar para o tanque tático ainda vazio, aguardando o influxo de imagens luminosas em sua depressão circular diante do assento de comando, e em seguida mirou de olhos cerrados as vigias frontais. Então o presente do Povo de Riv lhes dera uma vantagem inicial. Mas ele sabia que a encrenca havia apenas começado. Em poucos minutos, como que atendendo às suas ansiedades, a *Balam* deixou a faixa relativística.

O efeito *searchlight* associado à velocidade da luz desapareceu, e Peregrino pôde apreciar a primeira vista de Agu-Du'svarah.

*

Com a ajuda de Marcos Vilela, eu tinha vestido um traje espacial. Os alto-falantes da *Balam*, no silêncio seguido ao primeiro alerta, exigiram que todos os tripulantes menos os pilotos (ou "timoneiros"), comparecessem ao convés de observação – também chamado de "praça d'armas", na antiquada linguagem militar. É claro, eu não fazia parte da tripulação, mas me encaminhei para lá assim mesmo. Vilela seguia junto de mim com um ar ao mesmo tempo preocupado e curioso, tropeçando em meus pés nos corredores estreitos, escuros, quase sem painéis e com dutos e nichos expostos.

Diante dos seus comandados aglomerados no pequeno espaço, Peregrino rapidamente rascunhou a nova situação. A unidade estava abandonando a operação em Iemanjá, para atender a uma emergência envolvendo naves tadais num local da galáxia longe da Esfera, uma área dominada por um buraco negro. Seguiu-se uma série de recomendações em linguagem altamente técnica, de

como o 28º GARP devia operar sob o "regime energético e gravitacional" nas vizinhanças do buraco negro, incluindo formação das naves em voo, parâmetros dos escudos de energia e dos sistemas de vigilância, monitoração médica, orientação e comunicações.

– Como não temos dados precisos sobre o regime energético do buraco negro – Peregrino disse –, estes dados são bastante especulativos. Chegando ao sistema, faremos um levantamento das condições reais e nos adaptaremos a elas. Ao mesmo tempo, devemos manter sempre um olho aberto para os tadais. A prioridade, porém, é determinar o que houve com a Estação Internacional de Pesquisa Roger Penrose.

Fitando um *palmer*, ele então apresentou um novo cronograma, que incluía a retirada dos jornalistas da nave:

– Sargento Barrios, a senhora Camila Lopes e o senhor Marcos Vilela devem ser evacuados imediatamente, num casulo de escape inflável – ele disse. – Um dos vasos de segurança que acompanham a gente na ZSR vai apanhá-los.

Imediatamente, tentei interceptar Peregrino, antes que ele deixasse o recinto. Para minha surpresa, Vilela lançou-se adiante de mim e alcançou o oficial primeiro.

– Mande Lopes embora sozinha, Peregrino! – ele pediu, a mão direita aferrada ao braço esquerdo de Peregrino. – Eu quero cobrir a missão nova! Especialmente se vai haver combates com os tadais. Ninguém nunca cobriu combates nas proximidades de um buraco negro antes.

Essa foi a minha deixa.

– Ninguém vai me colocar para fora desta nave – eu disse. – Eu vou aonde você for, Peregrino, até terminar o meu perfil. O Almirante Túlio Ferreira me deu garantias de que eu teria acesso livre a você, durante uma operação do seu grupo. Não faz diferença qual.

Peregrino suspirou, deu uma olhadela no seu multifuncional de pulso, e disse:

– Está bem. Eu podia tentar convencer vocês de que nesta operação voamos às cegas, sob parâmetros desconhecidos e perigosos, mas Iemanjá também não tinha parâmetros claros. – Ele apontou um dedo enluvado para mim. – Só que, já que a missão agora é outra, Marcos vai elaborar um novo termo de isenção de responsabilidade pr'a senhorita assinar. Vocês têm oito minutos pra mostrar isso a mim na entrada do passadiço, e não tirem os trajes espaciais. Qualquer atraso e os dois estão fora desta nave. Vá com os dois, Barrios. Se eles se atrasarem, você vai ter só uns cinco minutos pra colocá-los no bote salva-vidas e apertar o botão.

Ele nos deu as costas e saiu.

Fizemos conforme Peregrino ordenou, e logo subíamos os degraus até o passadiço da *Balam*, acompanhados do Sargento Barrios. E com folga, embora sem fôlego (menos o militar). O capitão examinou o texto no *palmer* de Vilela, e disse a ele:

– Vamos dar o fora daqui em três minutos. – Dirigindo-se a nós dois, disse: – Vocês sabem onde ficar. – E finalmente, virando-se para o sargento: – Obrigado, Barrios. Pode voltar pr'o seu posto.

O sargento da infantaria embarcada anuiu com a cabeça e um meio-sorriso, e deu meia-volta. Vilela apontou um assento para mim e sentou-se ao meu lado. Ele e eu trocamos um olhar. Foi medo o que vi, nos olhos escuros do colega?

*

Era como se um corpo tentasse se materializar a partir de densas nuvens de ectoplasma que se estendiam por toda a volta, convergindo vertiginosamente para um ponto de luz dominante que, Peregrino custou a entender, devia partir do disco de acreção e do fulgurante anel de fótons de Agu-Du'svarah. Ele sabia que a emissão de energia provocada pela matéria desfeita em suas partículas elementares pela brutal atração gravitacional e o efeito de maré do buraco negro podia – devido à energia térmica gerada no anel, quando as partículas atingiam velocidades próximas da luz – chegar a ser até cinquenta vezes mais intensa do que o da fusão nuclear normal de hidrogênio em hélio ocorrida nos núcleos solares. Seus olhos foram para o gráfico em uma de suas telas, mostrando o desempenho seguro dos escudos defensivos da *Balam*, modulados para deter não apenas projéteis e descargas brutais de energia, mas também formas de radiação que seriam fatais para os tripulantes a bordo.

Ele então voltou mais uma vez os olhos para as vigias, para o que havia lá fora. Estavam, claro, mais perto do centro galáctico e sua maciça concentração de estrelas, mas a explosão de um dos sóis criara um casulo de gás em torno do sistema, obstruindo uma boa parte do brilho. Era no conjunto uma linda imagem, comovente até, como a maioria das paisagens espaciais que Peregrino havia encontrado em sua vida de espaçonauta. Não obstante, ele sentiu uma sensação estranha, um traço de náusea e a impressão de estar sendo observado, medido, avaliado por uma presença invisível e ameaçadora que pesava em sua nuca e em seus ombros. Como se fossem eles mesmos atraídos pela gravidade de Agu-Du'svarah, seus olhos procuraram o disco de acreção que marcava os limites do buraco negro. Havia muita luz, mas também ela tão bloqueada por gases e detritos lançados pela explosão estelar, que não compunha exatamente um brilho solar, mas uma chama enrubescida e sombria, como um manto ou cortina a ocultar aquela presença ameaçadora... Ele sacudiu a cabeça para espantar as imagens pouco realistas que assombravam sua mente.

Os analistas táticos no passadiço começaram a ampliar imagens e medições apareceram nas telas. Agu-Du'svarah tinha mais de 500 mil massas solares, diâmetro de três milhões de quilômetros – umas duas vezes o diâmetro do Sol da Terra. E eles o viam de metade da distância em que o Sol era visto do planeta-mãe da humanidade... Ou melhor, viam o disco ardente de matéria

acelerada ao seu redor. Do ângulo em que se encontravam, o círculo negro, de onde a luz não escapava, não estava claramente visível, nem a reflexão tipo "capacete de conquistador" lançada pelo efeito de lente gravitacional. Milhões de vezes menor que o Sagittarius A* existente no cento da Via Láctea, Agu-Du'svarah era, apesar disso, uma monstruosidade.

Desta vez, Peregrino sentiu um aperto no peito e um desejo claro de dar o fora dali, dar as costas ao monstro, afastar Agu-Du'svarah de suas vistas. Mas obrigou-se a encará-lo. Era como se o objeto astronômico o desafiasse. Peregrino não o queria ali, não o queria na *sua galáxia*. O buraco negro deixaria o plano galáctico, milhares ou milhões de anos no futuro, ou a massa superior da Via Láctea o manteria ali? A Via Láctea tinha dezenas de buracos negros, alguns mais antigos do que a própria galáxia, mas eram raros os que alcançavam tais proporções. Bem, até onde ele sabia, podia haver ainda mais objetos semelhantes, dormentes em outros pontos do vasto continente estelar...

Desgrudou o olhar de Agu-Du'svarah e o dirigiu ao passadiço da *Balam*. Peregrino comandava o 28º GARP, mas Mirian Vera era a comandante da *Balam*. Ela se sentava entre quatro analistas táticos e artilheiros, tendo à sua frente apenas os dois timoneiros. Do lado esquerdo de Peregrino, sentavam-se Marcos Vilela e Camila Lopes; do lado direito, Helena Borguese, que nessa missão funcionava como oficial tática e operacional da unidade toda. Peregrino sentiu afeição por todos – até por Borguese, com quem não tinha começado com o pé direito. Eram seus companheiros de armas, tinham lutados juntos em Tukmaibakro, a batalha os tinha forjado em uma equipe, uma unidade afinada, um protegendo o outro. Antes da batalha eles eram apenas um apanhado de gente vinda de diversas unidades e seções da Esquadra – depois da batalha, eles eram os Jaguares. Mas Peregrino sentia-se agora sozinho e indefeso. Alguém mais ali estaria sentindo algo semelhante ao que ele sentia? Pareciam incomumente quietos, a maioria com os olhos grudados em suas telas... evitando a visão do buraco negro? Ou era impressão dele e eles apenas aguardavam os dados que viriam do Albatroz? Alguns deles sentiam a presença, a sensação de ameaça... a?...

Subitamente, ouviu a voz de Vera:

– O que foi que disse, senhor?

Peregrino compreendeu que havia dito algo, deixado escapar uma sílaba, talvez o ar dos pulmões... ou um gemido. Limpou a garganta.

– Condição de combate alfa. Conveses secundários, condição de segurança echo.

– Sim, senhor.

Os Jaguares tinham ingressado no sistema em alerta antecipado de combate. Agora os sistemas defensivos e de armas estavam sendo acionados, postos de combate ocupados por toda a nave, e capacetes sendo fechados. Ao lado dele, Vilela ajudava Lopes a baixar a viseira do capacete e checar seu comunicador e então o arreio de segurança do assento. Do lado oposto, Helena não tirava os olhos de Peregrino. Respirando fundo e sem fechar a viseira do próprio capacete, ele piscou para ela.

Pensou em pedir novo contato com Soriano no Albatroz, mas decidiu esperar. Ainda não confiava na firmeza da própria voz. Seus olhos retornaram para a imagem nebulosa de Agu-Du'svarah, por trás da brilhante cortina de gás e dos pontos escuros coagulados de detrito. O brilho do anel de fótons havia se alterado de algum modo, ou era só mais uma impressão da sua subjetividade excitada? Balançando a cabeça, decidiu pelo contato.

– Albatroz para Águia-Cinzenta – ouviu, dali a alguns segundos. – Nada ainda sobre os vasos tadais, mas detectamos uma alteração nas emissões de energia do buraco negro e na conformação do seu campo magnético.

– Obrigado, Albatroz. Continue a observação e relate novas alterações. – Fez uma pausa, e então disse, acionando o comunicador de canal duplo, por ansível para as outras naves, e para dentro dos corredores da *Balam*.

– Atenção todas as subunidades e todos os tripulantes, Águia-Cinzenta aqui. Preparar pra interferência eletromagnética grau um, urgência urgentíssima.

Nesse momento, sentiu-se melhor. Agia como o comandante, sua voz saíra firme e ele sabia que a medida era correta. Um minuto depois veio a confirmação do fenômeno pelo Primeiro-Tenente Paulo Soriano no Albatroz. Três minutos depois – já que estavam a meia unidade astronômica de Agu-Du'svarah – eles viram o *flare* nascer por trás da cortina nebulosa, e então o jato relativístico de elétrons e prótons acelerados brotar. Quando se certificou de sua orientação no espaço, Peregrino recorreu ao console do assento de comando e mudou o ângulo de posicionamento da *Balam* em relação ao jato, de modo que ele iria percorrer as vigias do passadiço. O *taquio-link* da Seção de Comando para as outras naves estava acionado, mantendo-as em formação, de modo que todos os vasos Jaguar assumiram a mesma posição no espaço. E no centro de comando da *Balam*, todos pareciam observar intensamente o jato crescer e avançar segundo a segundo vencendo os segundos-luz, e então os minutos e os milhões de quilômetros e as unidades astronômicas, refletido no gás e nas nuvens de poeira e transformando tudo em plasma aquecido. O rasgão ofuscante lentamente viajou das vigias de estibordo para as de bombordo – e nas telas era possível ver por entre o anel de acreção o jato gêmeo disparado do outro polo magnético de Agu-Du'svarah, embora deformado pelo marcante efeito de lente gravitacional.

Alguém disse:

– Aquilo é um cometa? – A voz da Tenente Elvira Barroso, de um dos consoles de Armas.

– Tela? – Mirian Vera exigiu.

Barroso esclareceu e Peregrino também buscou a am-

pliação. Era uma imagem colhida por instrumentos puramente ópticos.

– Medição – Peregrino pediu.

Alguns segundos se passaram, e um dos analistas táticos, Adriano França, limpou a garganta, antes de dizer:

– Diâmetro, apenas sete por cento menor que o diâmetro da Terra. Onze mil, duzentos e cinquenta e seis quilômetros.

Era um planeta.

Sua cauda então, iluminada pela radiância mortal do jato de elétrons, prótons e raios X viajando quase à velocidade da luz, era *o quê*? Peregrino engoliu em seco e pediu mais uma ampliação – que veio com dados espectrográficos da absurda cauda de gases que se lançava para longe, num leque ou cone de expansão que se abria em distâncias astronômicas, centenas de milhares ou milhões de quilômetros do corpo rochoso. Hidrogênio, hélio, metano, carbono, vapor d'água e amônia em quantidades absurdas – milhões de trilhões de toneladas.

Os dados lhe deram a resposta. O planeta não poderia ter sido atingido pelo jato relativístico uma única vez. O que restava dele tinha na face visível duas marcas circulares e sangrentas de lava, como se tivesse matado no peito duas pequenas luas arrancadas de suas órbitas e atiradas contra ele. Densas nuvens ainda se projetavam de crateras e fendas geológicas em sua superfície, entre as quais lampejos dolorosos espocavam como relâmpagos mastodônticos, parecendo marcar as linhas de força de campos magnéticos que se projetavam para longe no vácuo do espaço.

Peregrino sentiu a náusea se expandir em seu plexo – o jato relativístico seria poderoso o bastante não só para soprar para longe trilhões de toneladas da atmosfera de um gigante gasoso, produzindo a cauda projetada, mas também para empurrar contra ele corpos asteroidais até então firmes em suas órbitas?

*

Finalmente eu estava no passadiço da principal nave dos Jaguares, observando como Peregrino comandava. Seu pessoal tinha aquele tenso ar profissional de quem pressupõe que cada menor gesto tinha uma importância de vida ou morte, mesmo quando não estavam guerreando. Depois de todos assumirem seus lugares e acontecer o estranho salto do tunelamento com seus segundos de vertigem e desorientação, o cenário mudou nas janelas da estreita cabine de paredes abauladas. Os assentos que Marcos Vilela e eu ocupávamos não tinham nada dos complexos consoles de telas e botões dos outros, mas o rapaz havia me conseguido uma tela repetidora com as imagens que apareciam nos consoles deles, com a possibilidade de se escolher uma ou um par delas por toque, e também de se fazer anotações numa janela lateral da tela, usando um teclado básico preso à parte de baixo do *tablet*. Eu me ocupei de observar essas imagens durante os momentos mais tediosos da entrada no sistema com o buraco negro, enquanto Peregrino, passivamente, aguardava dados e medições.

Meu pensamento fugia para os minutos anteriores, antes do tunelamento, antes mesmo de eu me ver firmemente instalada no meu assento. Marcos Vilela tinha me levado ao seu camarote – surpreendentemente mais espaçoso que o do Capitão Jonas Peregrino, as paredes atulhadas de anotações visuais e gráficos impressos. Lá ele havia se sentado e começado a digitar emendas no meu termo de isenção de responsabilidade. Eu deveria deixá-lo em paz, mas a presença do Sargento Barrios atrás de mim, enorme em seu traje espacial e olhando por cima do meu ombro, me deixava nervosa e eu não segurei a língua.

– Então, como você veio parar na Esfera, Marcos? – perguntei, observando algumas fotos dele fixadas nas paredes. Aparecia acompanhado de alguns jornalistas e políticos importantes da Zona 3.

Não tínhamos ainda, em nosso contato pessoal, chegado a levantar essa questão, embora ele tivesse me questionado quanto à minha vinda e os meus conhecimentos de assuntos militares. Diante da pergunta, ele tinha encolhido os ombros, mas respondido, sem diminuir a estonteante velocidade com que digitava e sem tirar os olhos do seu editor de texto, um moderno ScriptaLion V:

– Na verdade – ele começou –, há uns três Terra-anos eu tinha um bom emprego na *Expansão Três*, a terceira revista semanal em distribuição ansívica pra toda a Diáspora na Zona Três, cobrindo assuntos políticos e econômicos. A redação fica em Plancius, na constelação de Musca. Aí, pra variar, me propuseram um perfil do Almirante Túlio, e eu fui a Cantares entrevistá-lo. Há muito interesse pela Esfera em Plancius e na região, por causa da proximidade, o receio dos tadais e tudo mais... O sistema fica só a trezentos anos-luz da Esfera, já quase na zona de exclusão. Túlio foi mais franco e aberto do que eu esperava de um comandante de operações especiais, que era o que ele fazia na época. Contou como era a Esfera e que importância ela teria para a humanidade. E isso me cativou.

Concluí que Vilela era um dos convertidos de Túlio Ferreira, um verdadeiro crente no projeto do Almirante para a Latinoamérica na Esfera. "Uma atitude mais agressiva, proativa, no cumprimento dos nossos compromissos e no emprego dos nossos recursos militares", ouvi na minha cabeça, nas palavras do Almirante. Será que essa adesão havia contribuído para inflar a reportagem de Vilela, sobre a Batalha da Ciranda Sombria? Vilela é um cara bonitão, de pele só um pouco mais clara que a minha, mas traços mais africanos; enquanto conversávamos, ele tinha suas tranças presas por uma tiara de plástico, para caberem no capacete. Eu passei a mão enluvada por elas, e disse:

– O seu cabelo está fora do padrão militar.

Ele riu, sem tirar os olhos do teclado e da tela.

– É porque eu *não* sou militar – disse.

– Mas você não tem o posto de tenente?

Ele olhou para o alto, como se tivesse se esquecido desse detalhe, e deu de ombros.

– Segundo-tenente – disse. – Do corpo auxiliar de oficiais. Túlio me convenceu. Pra me garantir seguro e cobertura de saúde total, e pensão a familiares em caso de morte... Também pra eu não ser esnobado pelos praças e ter um acesso maior junto aos oficiais, acho. Tive até de fazer quatro semanas de instrução e treinamento básico. Disparar um detonador foi bem bacana. Mas ele me deu uma licença especial pra eu usar o cabelo como bem entender.

– Parece muito trabalho, só para mudar de emprego.

Vilela sorriu e apontou para a janela do seu camarote, dando para o espaço lá fora.

– Valeu cada minuto – disse.

– Ainda assim...

– Túlio gosta de integrar visões diversificadas – ele me interrompeu, consultando o seu multifuncional de pulso. – Falou com o editor da *Voz da Esfera* e eles me convidaram pra trabalhar lá justamente pelo fato de eu ter experiência com assuntos políticos.

"Terminei aqui. É só você conferir e concordar, e a gente imprime pra você assinar."

Exatamente o que eu fiz.

*

Uma vez no passadiço, e após o tunelamento, depois de vários minutos sem nada acontecer, houve um curto diálogo e o Capitão Peregrino deu uma ordem num estranho tom de voz.

– Condição de combate alfa. Conveses secundários, condição de segurança echo.

Mirian Vera, a capitã da nave *Balam*, respondeu com um seco "sim, senhor", e então todos se puseram a fechar as viseiras dos capacetes, e a conferir em silêncio os sistemas dos trajes espaciais e pregar cabos e plugues retráteis dos seus assentos nos trajes. Ao mesmo tempo, o murmúrio onipresente na nave mudou para um ronco abafado, e a iluminação mudou de intensidade e tom, e o passadiço mergulhou num tipo de penumbra crepuscular. Um efeito imediato disso, notei, foi que as imagens nas telas nos consoles se tornaram imediatamente mais claras e vivas.

– Deixe eu ajudar você, Camila – Vilela ofereceu, e rapidamente me explicou o que ia onde e por quê. – Este aqui – ele disse, mostrando um cabo em particular, azul, diante dos meus olhos – me liga a você e vice-versa. A gente não tem permissão para participar das comunicações gerais do passadiço durante um combate, só para ouvir. Mas enquanto estivermos ligados por este cabo, vamos poder conversar entre nós.

– Vamos entrar em combate? – perguntei a ele diretamente, antes de fechar o capacete.

Vilela enfiou uma extremidade do cabo azul em algum ponto do meu traje e baixou a minha viseira, apertando um botão no capacete.

– Ainda não – ouvi sua voz nos fones internos. – Mas estamos em prontidão máxima.

– Onde estão as tais naves-robôs? – perguntei. – Eu não vi em nenhuma das telas...

– Não foram detectadas ainda – ele disse. – Ou melhor, não temos aqui na *Balam* os dados da posição delas nem o seu número. Dependemos de outra nave pra isso. Ela tem instrumentos especializados e computadores melhores pra análise de dados, e sabe operar de modo mais discreto, de maneira que uma sondagem nossa não venha alertar os tadais.

– Então para que o alarme? – insisti.

O microfone no capacete de Vilela captou o seu suspiro.

– Essa medida serve pra a gente entrar em condição de combate, é um alerta e uma ordem pra realizar todos os procedimentos em...

Ele foi interrompido por um estalo nos meus ouvidos, e então:

– Albatroz para Águia-Cinzenta – disse uma voz que eu não conhecia. – Nada ainda sobre os vasos tadais, mas detectamos uma alteração na emissão de energia do buraco negro e outra bastante abrupta na conformação do seu campo magnético. Envio os dados para o seu console.

E em seguida, a voz de Peregrino:

– Obrigado, Albatroz. Continue a observação e relate novas alterações. – Houve uma pausa, mais estalidos, e novamente a voz de Peregrino, assustadora em sua calma: – Atenção todas as subunidades e todos os tripulantes, Águia-Cinzenta aqui. Prepararem-se para interferência eletromagnética grau dez, urgência urgentíssima.

– O que é isso? – perguntei a Vilela, notando o imediato alvoroço entre os outros militares.

– Uma descarga de energia do buraco negro vai chegar até nós – ele disse, depois de um instante. – Normalmente ela vem com uma grande atividade do campo magnético projetado pelo buraco negro. Isso pode afetar todos os sistemas de bordo, as comunicações que não forem por ansível, os sensores, tudo. – E ele acrescentou: – O grau dez está perto do máximo que nossas medidas de segurança suportam. "Urgência urgentíssima" quer dizer que a ordem tem prioridade e é pra ser executada imediatamente.

Pensei em perguntar se ele achava que a descarga de energia eletromagnética ou sei lá, seria maior que o grau dez, mas fiquei quieta – em parte porque, sabendo que eu podia ouvir as comunicações, entendi que todos estavam estranhamente quietos no passadiço. Mas Vilela, como se antecipasse minha ansiedade, e ainda assim sem abrir a boca, tocou a sua própria tela repetidora, mostrando-a diante dos meus olhos encobertos pela viseira do capacete. Ele selecionava uma tela em particular. Entendendo o que ele queria, eu fiz o mesmo. Mas, olhando pelas janelas frontais da nave, vi uma nebulosidade brilhante que crescia. Senti que a nave se movia, mudando o ângulo de observação que as janelas ofereciam da nebulosa lá

fora. E então foi como se uma ponta de lança feita de luz brotasse dela. Na minha tela repetidora o enquadramento recuou e continuou recuando — a distância devia ser grande, supus — e entendi que aos poucos a lança de luz se projetava para fora em uma haste cada vez mais longa. Demorei a entender que não era luz propriamente, mas gases e matéria iluminada em uma espécie de linha reta. E então alguém quebrou o silêncio:

— Aquilo é um cometa?

— Tela? — Mirian Vera disse.

— Sete B, um de nossos telescópios ópticos de proa — disse a primeira voz, também de uma mulher.

— Medição — a voz de Peregrino.

Uma outra voz masculina informou:

— Diâmetro, apenas onze por cento menor que o diâmetro da Terra. Em torno de dez mil e duzentos quilômetros.

E então, silêncio novamente. Ao meu lado, Vilela indicava uma outra tela.

— É esta aqui — ele me disse.

Eu a acionei e contemplei o que havia sido indicado no seco diálogo dos militares. Parecia realmente ser um cometa, como os muitos que eu tinha visto em voos turísticos pelo Sistema Solar. Mas nesse estouravam relâmpagos e havia uma paleta de cores estranhas na cauda e em torno da cabeça... E a cauda parecia não acabar nunca e se expandir de um jeito diferente da cauda dos cometas...

— O que é isso? — perguntei a Vilela, olhando para ele.

Ele não me devolveu o olhar e não disse nada. Olhava para as janelas, então para a tela portátil no seu colo, a testa franzida atrás da viseira larga do capacete. Repeti a pergunta.

— O que a gente viu antes foi um jato de energia emitido pelo buraco negro — ele respondeu. E então: — Isto que estamos vendo agora é o que restou de um planeta, Camila. Um planeta que foi destruído, *varrido*, por um jato semelhante, emitido antes.

Foi minha vez de olhar para a tela repetidora e para as janelas. Uma, duas, três vezes.

— Isso não pode ser... — murmurei.

*

Jonas Peregrino não saberia dizer quantos minutos se passaram, enquanto ele contemplava, pelas telas e vigias, o jato de partículas aceleradas atingir o agora desnudado planeta joviano. A ampliação visual, tratada pelo computador, exibia as cores reais da incandescência de sua superfície. Era possível ver os gases acumulados em fissuras transformados em plasma brilhante pelo bombardeio de partículas, e então soprados para longe, escorrendo pela esfera do núcleo rochoso do planeta quase que literalmente por suas bordas, para se unir entre monstruosos relâmpagos à tempestuosa cauda projetada para longe.

E então o jato desligou-se, pelo esgotamento de algum processo do disco de acreção de Agu-Du'svarah, como que ao apertar de um botão. O planeta incinerado passou a liberar os gases ainda retidos, sob a forma de gêiseres leitosos, de tamanha pressão que agora pareciam lançados diretamente ao espaço, como que sugados para o vácuo, já que não havia mais uma atmosfera para afetar a sua força nem mantê-los presos ao núcleo calcinado. A cauda continuava iluminada pelos relâmpagos e pelo plasma que ainda demoraria muito para dissipar seu calor. De fato, a face posterior do globo parecia mais iluminada do que a face bombardeada pelo jato relativístico...

Peregrino olhou para Agu-Du'svarah como um soldado caído olha impotente para o inimigo que vem dar-lhe o golpe de misericórdia. Nesse momento, para ele, o buraco negro era o grande devorador, o faminto boitatá de olhos de fogo, e sua presença marcava com uma aura de degradação e morte todo o sistema estelar. E com uma pressão latejante, as paredes do crânio de Peregrino. Ele piscou seguidamente, sentindo o suor escorrer pelos lados do seu rosto, apesar das silenciosas ventoinhas já estarem funcionando no capacete e da rede de refrigeração superficial estar circulando pela sua bermuda de interface. "Um motor eterno da destruição..." ele quase balbuciou, ainda de olhos de pálpebras semicerradas voltados para Agu-Du'svarah.

O jovem Sargento Élcio Machado, no console de Comunicações, anunciou uma transmissão do 101º GOeC.

— Albatroz para Águia-Cinzenta — disse o Primeiro-Tenente Paulo Soriano, numa voz distante e apagada. — Completamos a análise da primeira aquisição de dados. Enviando agora, e recomendando atenção plena.

Finalmente, o holotanque acendeu-se diante de Peregrino. Examinando ícones e vetores tridimensionais, ele pôde reconhecer com calma as posições do 28º e a dos vasos tadais que Paulo Soriano e o GOeC tinham conseguido localizar, nos limites do sistema, como ele havia antecipado, além de um ponto assinalado pelo inconfundível ícone piscante padrão de um sinal de *mayday*. "Muito bem", ele pensou. "O quadro está completo. Já posso pôr a unidade em movimento."

Mas foi só então que Peregrino se deu conta dos rostos voltados para ele, por trás das viseiras.

E só então percebeu aquilo que os outros tripulantes no passadiço já haviam concluído.

O sinal de *mayday* fora enviado do planeta varrido pelo jato relativístico.

Emitido diretamente dos portões flamejantes do inferno.

QUEDA ORBITAL

A iluminação de combate no estreito interior do passadiço parecia opressiva a Jonas Peregrino. Era como estar em uma espelunca de má fama num dos espaçoportos mercantis da Zona 3, aguardando um encontro com o Diabo, e ele sentia como se o ar lhe faltasse e houvesse uma sombra sobre os seus olhos. Concentrou-se na imagem luminosa flutuando no holotanque. No que tinha à mão, no que precisava ser feito.

Ordenou que Helena Borguese preparasse uma mensagem de ansível, compacta e como um feixe direcionado, em resposta ao pedido de socorro dos cientistas da Roger Penrose. Imune a qualquer influência da matéria, o feixe chegaria ao aparelho receptor mesmo que os sobreviventes estivessem do outro lado do planeta. A mensagem deveria identificar os Jaguares e inquirir os cientistas quanto às condições em que estavam e como o resgate poderia ser realizado.

— Leme — Peregrino pediu em seguida, no canal do passadiço —, quero uma atualização de curso até o planeta de onde provém o sinal, deslocamento de combate com aceleração e frenagem correspondentes. Tudo pronto em dez minutos e partilhado com todas as subunidades.

Ele então acionou o canal que levava as suas ordens a todos os passadiços de todas as naves do 28º GARP e do 101º GOeC. Limpando a garganta, disse:

— Águia-Cinzenta, aqui. Quero cada vaso... incluindo o Albatroz e seus colegas, em regime de localização passiva das naves tadais no sistema. Se os sobreviventes estão no planeta atingido, talvez os tadais tenham enviado um grupo de robôs de infantaria pra captura ou extermínio. Em casos semelhantes, a maioria das suas naves teria partido para a orla do sistema, como costuma ser o seu procedimento-padrão, e como já vimos pela localização feita pelo Albatroz. Quero números exatos e dados sobre seus movimentos... se estão indo ou vindo, se estão concentrando forças. — Tornou a limpar a garganta. — Relatórios de situações semelhantes também dizem que duas ou três naves tadais talvez tenham ficado nas cercanias do planeta para apoio direto. Eu não vejo essas naves no meu holotanque... Vamos trabalhar com a hipótese de que esses dois ou três vasos tadais tenham escapado do jato relativístico que nós testemunhamos e que também tenham escapado da nossa varredura. Seria bênção demais esperar que tivessem sido vaporizados... Confirmem as ordens com a Planejadora de Operações. — Fez uma pausa, na qual teria coçado o queixo e esfregado os olhos, se pudesse. Então voltou a falar: — Albatroz, precisamos saber quando a dinâmica do disco de acreção vai produzir outro jato relativístico. Você tem os dados fornecidos pelo Povo de Riv, mais aquilo que já registrou depois que chegamos. Faça uns cálculos ou, se achar mais seguro, envie todos os dados que tiver num ansível direto para o compquântico do *Gloriosa*, com urgência urgentíssima. Quanto maior a precisão, melhor.

Túlio Ferreira havia facultado o uso prioritário do computador quântico da nau capitânia da ELAE para ele e o 28º GARP. Nas condições ideais, Peregrino tinha certeza de que uma nave de pesquisa científica do tipo Condor CE daria conta de fazer esses cálculos, mas na falta de uma, os instrumentos do Albatroz e o compquântico teriam de lhe fornecer alguma estimativa, uma possível janela para coordenar as ações.

— Afirmativo, Águia-Cinzenta — Soriano respondeu no Albatroz. — Deixe-me só fazer mais algumas observações do momento angular do disco. Trinta minutos?...

— Trinta minutos, confirmado. Não vejo a gente fazendo algum movimento antes disso. Águia-Cinzenta: fim. — Voltou-se para Borguese. — Helena, o comando da unidade é inteiramente seu.

Peregrino levantou-se do assento e foi até o minúsculo anexo do passadiço em que ficavam o café e os lanches, ao lado do compartimento em que era possível remover e higienizar o capacete e o traje de combate. Ele retirou seu capacete com um esgar e um suspiro. Já tinha desligado o comunicador do traje. Suas mãos tremiam enquanto ele borrifava detergente e depois pendurava o capacete e passava uma toalha úmida no rosto e no pescoço — e mais tarde enquanto enchia uma caneca com chá e muito açúcar.

Precisava recuperar o autocontrole antes que alguém notasse... Mas ao mesmo tempo... a imagem do planeta desnudado, ardendo como uma brasa... como conseguiria ir até lá sabendo que um outro disparo de Agu-Du'svarah podia estar sendo cozinhado em seu disco de acreção nesse mesmo instante?... As telas mostravam uma nuvem de gases já assumindo aquela conformação de tromba, presa no punho de ferro de Agu-Du'svarah e começando a alimentar o seu disco... Mas o pessoal da Roger Penrose havia sobrevivido ao jato relativístico — talvez a mais de um disparo, já que Peregrino não acreditava que a atmosfera do planeta tivesse sido soprada para longe por um único jato — e tinha dado uma boa olhada no vetor orbital no holotanque antes de se levantar: o planeta ainda não estava livre de ser alvejado novamente, dependendo do tempo que demoraria para o próximo jato ser formado pelo momento angular no disco... Ele orbitava a uma grande distância do centro do sistema e sua velocidade orbital era pequena, ficaria na mira de um dos polos do buraco negro por algum tempo... Se Peregrino não precisasse ir até lá... talvez, talvez pudesse apenas descer um grupo de terra e supervisioná-lo da órbita do planeta...

Suspirou de novo, esvaziou a caneca e se serviu de uma segunda. "Talvez eu possa cair num canto, cobrir a cabeça com os braços e chorar", pensou, sentindo raiva de si mesmo. Tentou lembrar-se de outro momento em sua carreira — em sua *vida* — em que sentira tanto medo. Não conseguiu... Nem nas suas numerosas operações de resgate e policiamento na Esquadra Colonial, nem durante a complexa Batalha da Ciranda Sombria... Era como se a qualquer instante uma fera invisível fosse abrir suas costas, afastar-lhe as costelas e expor seus pulmões ao frio, momentos antes de ele emitir o último suspiro.

Percebeu um movimento na entrada do acesso. Voltou-se e viu Camila Lopes parada na entrada, vestindo seu traje de combate emprestado, uma das mãos na antepara da escotilha corta-fogo. Reprimiu o susto que quase o balançou. A mulher fez um gesto vago com a mão livre.

– Pois não? – Peregrino disse.

Lopes começou a mexer no lacre do capacete. Peregrino rapidamente gesticulou para que parasse. Ele estendeu a mão e apertou a tecla que fazia subir o visor blindado.

– Fale – disse.

– Eu...

Nesse instante, Borguese entrou no anexo, passando por Lopes com um esbarrão. Ela mesma tinha a viseira do seu capacete recolhida.

– Já temos a resposta dos sobreviventes, Capitão.

– Rápida...

– Eles pelo jeito já tinham tudo preparado, para quando o socorro chegasse – Borguese explicou. – É uma mensagem bem longa e veio com uma compressão adequada, num feixe direcionado e de boa pontaria. – Ela deu uma olhadinha para Camila Lopes. – Está no seu console.

Peregrino esboçou um gesto cansado, dirigido a ela.

– Pode resumir, Helena, para o benefício da Sra. Lopes?

Disse isso e respirou fundo, para clarear a mente e memorizar o máximo do que Borguese iria dizer. Enquanto ela falava, ele terminou sua segunda dose de chá e colocou a caneca no limpador molecular. Em seguida, ainda ouvindo o resumo, foi reaver seu capacete.

Quando Helena Borguese terminou, ele soube que, pronto ou não, teria de ir até a superfície do planeta.

*

O recesso na sala de comando era minúsculo, com uma espécie de *closet* à esquerda, e uma copa com café, chá e sanduíches fornecidos por máquinas com muitos botões e alavancas, do outro lado. Eu tinha seguido Peregrino até lá assim que o vi levantar-se e tão logo me livrei da parafernália de cabos e plugues que prendiam meu traje ao assento. Vilela tentou me deter, mas não dei atenção aos seus apelos.

Quando finalmente alcancei Peregrino, no recinto estreito e de iluminação também baça, ele havia terminado de beber alguma coisa fumegante em uma caneca de plástico azul-escura salpicada de pintas negras como as de uma onça, e a insígnia do GARP gravada no centro. Agora a oficial chamada Helena Borguese falava, sem tirar os olhos dele:

– São vinte e nove sobreviventes, contando com sete elementos de segurança, todos em um abrigo inflável e pressurizado instalado na galeria natural de um depósito antes ocupado por... – ela fechou os olhos castanhos, como se fizesse força para lembrar das palavras certas – hidrogênio metálico líquido. "Não se assustem com a sublimação do hidrogênio metálico líquido", diz a mensagem, porque parece que grandes quantidades desse elemento ainda estão escapando para o vácuo, agora que o planeta não tem mais pressão atmosférica suficiente para mantê-lo no subsolo... Nesse abrigo, localizado do outro lado do planeta, os sobreviventes estão a salvo da radiação do jato relativístico, e nós temos as coordenadas. Só que o texto diz que eles vão manter um blipe direcional de ansível para nos guiar.

– Isso é uma boa ideia? – Peregrino perguntou, de cenho franzido. Ele havia colocado a caneca num compartimento que borrifava o desfazedor molecular, a forma preferida de limpeza entre os militares em todo lugar que eu tinha ido. E depois apanhado seu capacete, enquanto a mulher falava. – O que isso vai fazer, obrigar a gente a deixar um repetidor neste ponto do sistema? Amarrar o grupo num curso sem flexibilidade tática?

Borguese estava muito quieta, observando Peregrino sem tirar os olhos dele, que recolocava o capacete e abria a viseira. A mulher tinha orelhas muito grandes e alongadas; quase sempre, como agora, usava uma faixa de tecido cobrindo as pontas, para facilitar o encaixe do capacete. E olhos castanhos suaves e de longos cílios – ainda fixos em Peregrino com um ar preocupado –, e sobrancelhas densas. Seu rosto largo e de maçãs bem delineadas dava a ela um quê de menina. Mas eu já vira aqueles olhos vivazes adquirirem um brilho duro e as sobrancelhas assumirem uma expressão irada e quase violenta, em uma fração de segundo.

– Eles são cientistas – ela disse. – Foram muito espertos até aqui, fizeram um ótimo trabalho encontrando abrigo e recursos eficientes de comunicação. Mas é claro que não conhecem todas as implicações táticas. Querem, antes de qualquer coisa, garantir que entendemos tudo e que vamos agir para chegar até eles com presteza.

– Você tem razão, Helena – Peregrino admitiu. – O pior é que nós também não conhecemos todas as implicações.

Ele assentiu com a cabeça, como se estivesse pronto para reassumir o comando, mas a mulher não saiu do lugar.

– Mais alguma coisa? – Peregrino perguntou.

Borguese me olhou de soslaio, e depois se voltou de novo para ele.

– Pode falar – Peregrino disse.

– Segundo a mensagem, há robôs tadais na superfície, como o senhor previu...

– Sim, é o caso de organizar uma equipe de contenção e outra de resgate.

– Receio que será preciso mais do que isso, Capitão. – Borguese fez uma pausa dramática. – Eles dizem que *não* querem sair. Ou não imediatamente... Há uma coisa no planeta, uma coisa da qual eles querem se assenhorar, antes do resgate propriamente dito. E precisam de nossa ajuda.

Peregrino baixou a cabeça e a balançou, claramente contrariado. Cruzou os braços no peito e disse:

– Uma coisa que os tadais também desejam, eu imagino.

– Ao que parece...

– Deixa eu adivinhar – ele disse, numa voz cansada. – Os cientistas sobreviventes da estação de pesquisa tropeçaram, enquanto fugiam pra um planeta aniquilado pela maior força natural do universo, em um artefato tadai.

De onde eu estava, pude ouvir Borguese emitir um som de surpresa, alto o bastante para superar os barulhos sussurrantes do sistema de circulação de ar da nave.

– Sim, senhor.

Os dois ficaram se encarando em silêncio, por tanto tempo que eu não me contive.

– O que isso quer dizer?

Peregrino se virou para mim.

– Quer dizer que a presença de qualquer objeto tadai lá muda tudo. A prioridade desses cientistas passa também a ser nossa. O objetivo principal agora é garantir a posse do artefato.

*

Eu não consegui entender como podia passar pela cabeça desses dois nos levar até o planeta destruído. Marcos Vilela havia me explicado, em duas dúzias de palavras, o que eu tinha visto. Um mundo inteiro varrido por um jato de energia...

A imagem do globo ardendo sob o bombardeio cósmico retornou à minha mente, enquanto eu seguia os passos de Borguese e Peregrino, e retornava ao meu assento ao lado de Vilela. Sentei-me pesadamente. O colega já tinha cabos e plugues nas mãos, e no mesmo instante e como um passe de mágica, me reconectou e me fixou ao assento.

– O que vocês conversaram? – ele quis saber.

Tentei dar de ombros, dentro do pesado traje espacial. Então limpei a garganta e, aos poucos, recuperei as palavras. Expliquei o que pude, recorrendo ao implante mnemônico para reproduzir o diálogo entre os dois militares. Enquanto ouvia, Vilela pareceu inchar dentro do seu traje.

– Incrível! – ele gritou no meu capacete. – Você sabe o que isso significa, Camila? Isto tudo só faz ficar cada vez *melhor*. Provavelmente entraremos em combate na órbita de um buraco negro, já tivemos a chance de testemunhar um fenômeno de proporções cósmicas, raramente estudado... um planeta sendo atingido por um jato relativístico, tendo a atmosfera arrancada. E agora existe a possibilidade de descobrirmos uma peça de tecnologia da espécie alienígena mais misteriosa e perigosa que encontramos até o momento na galáxia...

– Você acha que eles *sabem* o que estão fazendo? – eu o interrompi, com raiva e medo.

– Eles?...

– Peregrino e os outros. Eles *sabem* o que estão fazendo? Têm recursos contra esse tipo de coisa? – Apontei com as mãos enluvadas para as janelas do passadiço, querendo indicar o buraco negro lá fora, e a força incrivelmente destrutiva que eu havia testemunhado. – É seguro a gente estar aqui, no caminho daquela coisa?

Alguns segundos de silêncio, e então ele respondeu, com a voz irritantemente calma:

– Isto é jornalismo de combate, Camila. "Segurança" é um termo muito relativo. – Ele caiu em silêncio, parecendo refletir, e então disse: – Contra o jato relativístico, imagino que baste sair do caminho dele, quer dizer, evitar ficarmos de frente pr'a região polar do buraco negro...

– Mas estamos indo para *aquele* planeta! – gritei.

– Certo – ele disse, com a mesma tranquilidade na voz. – E o planeta está voltado para a região polar do buraco negro... Mas deve haver um meio de calcular quando o próximo jato vai ser disparado. Os cientistas na superfície sabem disso, e provavelmente os nossos analistas e técnicos também. Mas entenda, podemos escapar do jato e sermos destruídos pelos tadais. – Ele apontou para a holografia no centro do passadiço. A imagem agora estava dividida em dois campos. Um deles mostrava um esquema do sistema solar ou de parte dele, já que esse era originalmente um sistema triplo, a outra mostrava as vizinhanças do planeta destruído. – Nossas naves de observação já detectaram os vasos tadais no sistema – Vilela disse. – A concentração na orla, e duas naves nas vizinhanças do planeta. Veja que essas duas estão se encaminhando pr'a órbita dele. Isso significa que os tadais sabem que um novo jato não virá tão cedo.

– As naves inimigas... – balbuciei.

– As que estiverem em órbita do planeta vão tentar bloquear nossa aproximação – disse ele, sem alterar seu tom de voz –, e talvez reforçar os robôs na superfície. As da orla do sistema vão se precipitar pra dentro, pra nos interceptar durante a aproximação ou pinçar a gente quando estivermos entre elas e as outras duas.

"Mas Peregrino vai dividir nossas forças pra enfrentar a ameaça dupla. Uma parte dos Jaguares vai engajar a concentração tadai, a outra vai tentar furar o bloqueio e fazer um grupo descer até o planeta. Esse grupo vai ter de contar com o pessoal da infantaria embarcada, se o objetivo é tomar o artefato dos robôs tadais na superfície.

"Peregrino é muito consciencioso e costuma planejar e ensaiar uma operação com muito cuidado. Mas quando é preciso, ele improvisa com muita criatividade e eficiência. Observe tudo com muita atenção. Pode ser que a gente testemunhe mais coisas que nunca imaginou que seriam possíveis, táticas nunca vistas num ambiente..."

– Você fala como se ele fosse dar um espetáculo de entretenimento.

– Eu estou falando de *nós* dando notícias inéditas e dramáticas – ele disse, desta vez com mais ênfase na voz. – Notícias de importância militar e científica talvez sem precedentes. *Eles* – apontou para os militares – vão cuidar daquilo que diz respeito ao combate e à nossa sobrevivência. Nós temos que fazer a *nossa* parte e cuidar do material jornalístico que foi colocado na nossa frente. Não é pra isso que estamos aqui?

Eu sinceramente já não sabia mais.

*

O primeiro encontro face a face de Peregrino com os alienígenas conhecidos como "o Povo de Riv" aconteceu pouco depois da Batalha da Ciranda Sombria. Ele já havia feito o *de-briefing* da operação em Tukmaibakro com o Almirante, e revia os procedimentos táticos com os oficiais do GARP na base da unidade, instalada no continente antártico de Cantares, quando Túlio exigiu sua presença

no QG. O encontro com as emissárias do Povo de Riv se dera nos arredores de Chorinho, a maior cidade do planeta, em um clube de campo erguido pelo antecessor de Túlio Ferreira, o Almirante Pandolfo Alamino, às margens do Rio Paraná Grande. Túlio considerava a propriedade uma extravagância, mas não tinha problemas em usá-la sempre que achasse útil. A nave das emissárias estava lá, pairando sobre um descampado ao lado da casa principal. As alienígenas eram fisicamente grandes, e seu elegante veículo de desembarque atmosférico, proporcional. As fêmeas do Povo de Riv, em pé na campina, já se abrigavam à sua sombra.

Dionísio, o gigante gasoso em torno do qual Cantares orbitava, ficava na borda anterior da Linha de Gelo do sistema iluminado pelo sol G3 Maestro. Contudo, o clima de Cantares era predominantemente temperado e frio. A brisa vinda do rio já se fazia sentir, e, à sombra da nave, devia gelar os membros nus das duas emissárias. Peregrino achou que elas viriam para o sol, ao encontro deles, mas não saíram do lugar. Túlio, por sua vez, não diminuiu o passo, arrastando-o para junto delas. Peregrino olhou para cima, para a superfície polida do casco da nave pairando sobre eles, uma quebra de segurança que ele não conseguia entender. Por que Túlio se expunha tanto? Sua equipe de segurança pessoal, a propósito, ficara na Torre 2 do QG, assim como as armas de serviço — e ele não tinha ninguém do corpo diplomático para acompanhá-los em sua conversa com as emissárias...

O Almirante também se negara a explicitar a Peregrino a razão do encontro.

As alienígenas tinham mais de dois metros de altura, a pele muito escura onde seus reduzidos trajes a deixavam descoberta, e apresentavam uma densa e crespa cabeleira crescendo não apenas na cabeça, mas nos ombros e na parte interna dos braços, como franjas. O Povo de Riv era composto de xenomamíferos quadrúpedes com um par de membros superiores terminando em mãos muito destras de quatro dedos. A parte inferior lembrava o ângulo que a espinha de uma girafa fazia, mas o par de pernas menores se movia por dentro do par de pernas maiores, resultando em um avanço lento como o de um chimpanzé ou gorila apoiado nos braços. Mas não havia sugestão de comicidade ou deselegância em seu andar — talvez por conta do tronco empertigado e do pescoço longo sempre reto. As quatro pernas terminavam em botas sem salto. As emissárias traziam poucas vestimentas e adornos — embora colares coloridos dançassem em seus colos, marcados pelos dois pares de mamas expostas, um acima do outro, muito firmes mas apequenados no tórax amplo. Peregrinou achou-as seres muito bonitos, à sua maneira alienígena. Os olhos grandes e afastados das emissárias o examinaram com o que parecia ser um interesse aberto e, quem sabe, um tanto divertido.

— Senhoras — o Almirante disse, apontando Peregrino —, eis aqui o jovem de que lhes falei. Rapaz, estas são as Emissárias do Povo de Riv — ele apontou uma, depois a outra —, Ahgssim-Dahla e Mehra-Ibsso.

As duas se aproximaram de Peregrino, que recuou um passo, mas foi seguro firmemente pela mão direita de Túlio em seu cotovelo. Elas se alternaram flexionando com muito cuidado os seus muitos joelhos diante dele, para que os colares não chovessem sobre o seu rosto. Tocavam os seus ombros e, ao mesmo tempo, o lado da cabeça, e com as duas mãos muito firmes mas sem agressividade fechadas sobre os seus deltoides. Devia ser o cumprimento formal da sua cultura. Peregrino notou um cheiro indefinido, silvestre e agradável partindo delas — e também que entre os colares havia um aparelho tradutor.

— Saudações. Jovem Jonas. Peregrino — disse uma delas... a segunda, Mehra-Ibsso. A voz do tradutor era masculina, mas soava como a voz sintetizada de uma criança. — Honradas estamos. Em conhecer você.

Elas então se puseram ao lado dele.

— Caminhar. Por favor — disse a primeira, Ahgssim-Dahla. — Bela campina.

Os quatro começaram a caminhar pela campina que margeava o rio, algo mais fácil para as duas e a sua vasta altura, do que para os dois homens forçados a enfrentar o capim alto. Felizmente, as duas não faziam valer a vantagem das quatro pernas, e davam passos curtos e vagarosos.

— De um relatório. Da batalha — disse Mehra-Ibsso, pelo titubeante tradutor. — Não há necessidade. Túlio nos enviou. Vários. Muito completos. Conhecer emoções. Mais importante. Saber que medos sentiu. Jovem Jonas Peregrino. Durante a luta. Viajamos de muito. Longe. Para ouvi-lo.

Ele ficou tão surpreso, que não soube o que dizer.

— Por favor, responda, rapaz — o Almirante pediu, em voz baixa.

Túlio não dizia "por favor" com frequência.

Peregrino limpou a garganta. Agora ele evitava olhar para as alienígenas. Ao longe, mesmo à luz do sol, a curva de Dionísio assomava o horizonte como uma pálida imagem vaporosa, espremida pela sombra do casco da nave e escoltada pelos pontos brilhantes de outros corpos celestes da sua coleção de satélites naturais.

— Medo do fracasso — contou-lhes. — E do julgamento moral dos meus pares.

Discutir temores sentidos durante a batalha era algo que ele não havia feito com ninguém, nem mesmo com o Almirante. Algo muito pessoal; porém, por que não confessar-se com seres alienígenas? Melhor do que com os seus pares... exceto pela expressão curiosa no rosto de Túlio, bem a seu lado.

— Não medo. Da Morte? Da Perda? — Mehra perguntou.

— Suponho que sim. Mas soldados aprendem a abafar esses temores antes da batalha. Durante a luta, não há tempo pra essas coisas. E *depois*, quem sobreviver terá

muito tempo pra... lamentar a morte dos companheiros.

— Mas. Não fez a batalha? No transcorrer? Apresentar outros medos? A você?

— Eu não entendo...

— O Povo de Riv acredita que certos eventos muito complexos — Túlio interveio —, como uma batalha espacial, podem, digamos, estar acessíveis às nossas consciências como uma intuição que funcionaria como mensagem, mas... simplificada.

Ele fez um muxoxo, insatisfeito com a sua explicação.

— Mensagem de quem, senhor?

— Dos próprios processos complexos envolvidos em todos os evento em questão — Túlio disse, com impaciência, e calou-se.

O tradutor de Mehra se fez ouvir, com sua voz de garoto:

— Mensagens de várias. Formas. Medos em particular. Não fez a batalha? No transcorrer? Apresentar outros medos? A você? — ela repetiu.

Peregrino meditou a respeito. Os quatro haviam deixado a sombra da nave. O sol brilhando no céu de Cantares era brando e a menor gravidade superficial também facilitava as coisas, mas Peregrino suava. Ele não havia antecipado nada disso, quando o Almirante lhe contara que iriam ter com as emissárias. Procurou possíveis respostas. Mas não sabia exatamente o que iria dizer ao abrir a boca.

— Tive medo, em algum momento dos combates, de testemunhar uma destruição tão grande, que ela não caberia em minha mente. Mas nunca soube exatamente o quê.

As emissárias trocaram um olhar, e fizeram um movimento irmanado de colunas e omoplatas, alguma linguagem corporal do Povo de Riv que ele, é claro, desconhecia. Confuso, Peregrino olhou para Túlio Ferreira — o Almirante, que havia detido o seu passo, tinha a boca entreaberta e os olhos fixos nas alienígenas.

— O que foi, senhor?...

— Um momento — Túlio o deteve com a mão espalmada. — Vamos ouvi-las.

Dessa vez, Ahgssim-Dahla foi quem falou. Seu tradutor tinha uma voz sintetizada um pouco mais grave, mais "adolescente".

— A Filosofia de Riv — ela começou. — Baseada na importância do. Não Saber. Apenas. O Não Saber conduz. Até a verdadeira. Sabedoria. Emana ela da humildade. De quem toma as situações. A vida. Sem certezas. Totais. Mas o Povo de Riv busca sempre. Conhecimento. Resolução de mistérios. Mas entendendo sempre. Que conduzem eles. A mistérios. Mais profundos.

Ela fez uma pausa, e as duas retomaram a caminhada, seguidas por Peregrino e o Almirante. Pequenos insetos saltavam ou voavam para sair do seu caminho, e agora, à direita deles, um bando numeroso de aves sobrevoou as águas do Rio Paraná com uma curva ascendente, para evitar a forma flutuante da nave de desembarque atmosférico.

— Não há — Ahgssim-Dahla voltou a falar. — Em nossa língua. Palavra para "explorador". Como na sua. Palavra mais próxima. Única. É "professor". Professor. Quem descobre e entrega. Ao Povo. A si mesmo. Novos conhecimentos. Novos mistérios. Lições.

"Túlio nos diz. Que jovem. Jonas Peregrino na Esfera. Pode ser um professor. Para todos nós. Do Povo. E para os seus."

*

Peregrino deteve-se. As duas alienígenas continuaram caminhando no mesmo passo, sem olhar para baixo ou para trás. Peregrino imaginou que, se elas gostavam tanto de caminhar, aí estava a razão de seu escaler de desembarque ser tão grande. Ele sentiu a mão larga de Túlio Ferreira em seu braço, puxando-o, mas não se mexeu.

— O que significa tudo isso, senhor?

Túlio largou seu braço, passou os dedos pelo bigode grisalho, e cruzou as mãos atrás das costas.

— Elas têm um modo enigmático de se comunicar — o Almirante disse —, mas não se trata realmente de um grande mistério. No fim das contas, está tudo dentro da nova doutrina que estabeleci pra você e os Jaguares.

"O Povo de Riv está na Esfera há milhares de anos. Uma variante da civilização deles testemunhou a chegada dos tadais à região. Houve choques, é claro, mas o que importa é que o Povo de Riv na Esfera sobreviveu e formulou, ao longo do tempo, uma teoria das movimentações dos tadais por aqui. Essa teoria... ou talvez fosse melhor dizer, *hipótese*, gira em torno de artefatos tadais dispostos intencionalmente em vários pontos da Esfera. Há muitas lendas a respeito, e até mesmo um punhado dessas coisas resgatadas pelo Povo de Riv, mas infelizmente, nada além de uma sucata da qual pouco se conseguiu extrair.

"Não se trata dos escombros de naves que nós encontramos à deriva de tempos em tempos, e que dão testemunho de antigas batalhas. Trata-se de instrumentos misteriosos de funções e capacidades desconhecidas instalados em planetas ou outros corpos espaciais. E talvez *ainda* em funcionamento.

"Os tadais são a variante mais crítica de todo a dinâmica na Esfera. Não sabemos nada das suas intenções, nem das suas verdadeiras capacidades, e ninguém jamais estabeleceu qualquer tipo de comunicação com eles. Obter dados sobre eles e suas capacidades bélicas, mas também tecnológicas e científicas, pode ser determinante pra o futuro da região.

"É difícil convencer nossos superiores no Almirantado Estelar e nossos supervisores civis no Parlamento sobre a importância desse tipo de coisa. Eles não pensam tão longe, não enxergam o interesse de se solucionar mistérios mais antigos do que a chegada da humanidade ao espaço, nem são sensíveis às necessidades dos nossos aliados locais, como o Povo de Riv."

— Isso significa que elas... quero dizer, as autoridades do Povo de Riv colocam uma importância especial na recuperação desses artefatos? — Peregrino perguntou.

– "Importância especial" seria um eufemismo – Túlio disse. – Até pouco tempo atrás, eles não tinham partilhado muito a respeito dessa questão. Alguns memorandos encaminhados a Pandolfo e ignorados por ele já tratavam do assunto, mas sem grande ênfase, e nunca houve nem sequer um encontro informal como este, em que o assunto tenha sido discutido.

"A Batalha da Ciranda Sombria mudou o modo como o Povo de Riv entende a nossa presença aqui, e aparentemente os hoplitas... os militares deles, ficaram de olho em você durante o combate, e enviaram relatórios muito elogiosos a seus superiores. E preciso admitir que também fiz seu cartaz junto às enviadas. Você vai concordar, os Jaguares possuem a flexibilidade necessária pra alterar parâmetros de missão e priorizar a recuperação de qualquer artefato tadai que apareça no caminho, e eu confio em você pra fazer isso. O Vinte e Oito ficaria de sobreaviso pra rumar a qualquer ponto em que algo for encontrado, ou exista a suspeita de haver alguma coisa lá."

Peregrino refletiu sobre o que ouvia. A brisa vinda do rio aumentara de intensidade e tocava seu rosto como um beijo frio, mas agora ele se sentia bem parado ali no meio da grama, observando as duas alienígenas e, acima delas, o passeio das nuvens.

Limpou a garganta e perguntou:

– Devo então dar prioridade absoluta a isso, em detrimento de outros objetivos nas operações em que estiver envolvido, Almirante?

– "Absoluta" é um termo absoluto demais, filho – Túlio disse. – As senhoras – apontou as alienígenas, caminhando devagar a uns trinta metros, conversando animadamente com os tradutores desligados, e começando a voltar na direção deles – sabem disso, faz até parte da filosofia de Riv. Caberá a você determinar o quanto pode sacrificar das suas missões, ou até que ponto vai arriscar o seu pessoal por esse tipo de coisa. Eu confio que vai tomar as decisões certas, e ninguém vai *cobrar* você se decidir por abrir mão da oportunidade de recuperar uma dessas coisas, se e quando essa oportunidade aparecer.

Peregrino o olhou de soslaio.

– Com todo o respeito, Almirante, é difícil acreditar que o *senhor* não vai me cobrar, se acontecer alguma coisa assim.

Túlio deu de ombros, e acenou para Ahgssim-Dahla e Mehra-Ibsso.

– Também faz parte da filosofia delas, rapaz. E esse é um jogo do Povo de Riv, afinal. O jogo é deles, as regras também. Não vai haver cobrança nem pressão.

"E no fim das contas, a Esfera é uma área bem grande. Pode ser que você, mesmo que envelheça aqui, nunca tenha a chance de topar com um desses mistérios."

*

Por via das dúvidas, o Almirante havia passado a ele – e no mesmo dia – tudo o que as autoridades do Povo de Riv se deram ao trabalho de entregar a Túlio, acerca dos misteriosos artefatos. Peregrino dedicara quase um dia inteiro a examinar, num canto dos escritórios do Almirantado da ELAE, a documentação. Não havia muita coisa, mas o pouco que havia – e mesmo considerando que parte significativa era composta de hipóteses e conjecturas – despertou seu interesse.

Todos os artefatos – alguns deles bastante grandes – recuperados haviam sido desencavados do subsolo de planetas, do núcleo de planetesimais ou de sistemas planetários em formação. Peregrino tinha balançado a cabeça. Não se via como um xenoarqueólogo... As hipóteses de funcionamento dos artefatos lhes pareceram mais interessantes: sensores quânticos de função desconhecida, e instrumentos de medição gravítica ou de simulação ou projeção de campos gravitacionais. Muito bem, sabia-se que os tadais eram fortes em tecnologia gravitacional. Mas outras hipóteses falavam de manipulação inercial e de massa, e aí chocavam-se contra as observações – as naves tadais, operadas exclusivamente por robôs, não usavam compensadores inerciais. Por outro lado... como podia haver uma manipulação da gravidade sem que se agregasse massa às considerações?...

Jonas Peregrino havia arquivado tudo em sua mente, acostumada desde cedo ao exercício do estudo e da memorização, e disciplinada a não rejeitar nada que fosse alienígena. Não havia muito, e isso facilitava as coisas, mas agora, na missão a Agu-Du'svarah, tudo precisava ser pesado e avaliado. Havia um artefato na superfície de um planeta – "não", ele retificou, "há *provavelmente* um artefato tadai em algum ponto dos subterrâneos do núcleo rochoso de um ex-mundo joviano, um artefato esperando para ser recuperado por seus legítimos donos, ou por nós". Seu trabalho agora era garantir que fossem eles – os Jaguares – a pôr as mãos no dispositivo.

*

Peregrino deixou escapar um bocejo mudo, jogou os braços para trás e arqueou as costas contra o encosto do sólido assento de comando. Suas vértebras estalaram abafadas dentro do traje espacial. Ainda evitava olhar pelas vigias. Era como se o olho ciclópico de Agu-Du'svarah espreitasse lá fora, não importando que as naves tivessem mudado o curso e voltado suas proas para longe do monstro espacial. A luz forte e cintilante projetada pelo disco de acreção ainda entrava pelas vigias em ângulos fechados, quebrando a iluminação de combate. Peregrino respirou fundo várias vezes para clarear a mente, então voltou-se para Borguese.

– Helena, peça ao Capitão Duran que prepare o pessoal dele e um escaler pr'a descida. Equipamento completo contra uma oposição de robôs de infantaria tadai colocada no terreno, e... *quatro* baterias autônomas de alta energia M-cinquenta e três. Ah, diga a ele que vou descer junto, assim como a nossa especialista em recuperação de dados tadais, hã... – ele custou a lembrar-se do nome.

– A Tenente Angélica Waira, certo?

– Sim, senhor – Helena disse, levantando-se.

Desde os eventos em Tukmaikbakro, Borguese se tornara mais solícita e conscienciosa. Iria pessoalmente até os alojamentos do pessoal da infantaria embarcada avisar Duran e trazer um relatório de progresso dos seus preparativos. Mas ela hesitou junto ao seu assento, o rosto fixo em Peregrino por trás do visor do capacete.

– O que foi? – perguntou, já sabendo do que se tratava.

– Você disse que vai descer com eles...

Peregrino tinha conseguido pesar as diversas demandas da situação. Helena Borguese seria uma opção melhor para a tarefa de bloqueio orbital. O que ele sabia desse tipo de coisa eram os rudimentos. "Bloqueio é uma operação beligerante", a definição lhe veio com clareza, "para evitar que vasos de qualquer nação, inimigas ou neutras, entrem ou saiam de espaçoportos ou áreas orbitais específicas, pertencentes a, ocupadas por ou sob o controle de uma nação inimiga". Envolvia camadas de formações de naves no poço gravitacional, e o posicionamento de satélites e *drones* como engodos e/ou retransmissores de sensoriamento, para multiplicar ou esticar a tela de bloqueio. Mas na Esquadra Colonial, especialmente no período em que serviu no destroier *Noronha* sob o comando de Margarida Bonadeo, nunca testemunhara um bloqueio a partir do passadiço de onde as decisões eram tomadas e as táticas elaboradas. Na Esfera, apenas repassara as teorias e lera uns poucos relatórios de bloqueios executados pela ELAE. É claro, em Tukmaibakro eles haviam bloqueado o acesso tadai ao planeta binário Kro – mas fora para evitar um ataque suicida em velocidade relativística, algo bem diferente do que os tadais tentariam fazer agora. Em todo caso, Peregrino sabia pela ficha de Borguese que ela excedia no planejamento e articulação de operações desse tipo. Disse isso a ela.

– Enquanto estivermos lá embaixo, você fica no comando do Vigésimo Oitavo, Helena. Sua principal missão é estabelecer o bloqueio e garantir que possamos ser inseridos e mais tarde extraídos do planeta. Quando chegar o reforço, vai coordenar com eles. Mas não vai permitir que os Jaguares banquem isca pr'os tadais. Assuma uma postura dinâmica, e se for preciso abandonar a órbita, não hesite contanto que isso não faculte aos tadais nos bombardear ou baixar mais robôs de combate. Você também vai assumir a comunicação com o Almirante. Se os tadais irrigarem o sistema com reforços, Túlio precisa estar informado pra poder tirar a gente daqui.

– Como você espera descer até lá em segurança – ela perguntou –, se os tadais nos interceptarem? Não é possível fazer a inserção de um simples escaler de desembarque no meio de uma batalha orbital.

– É claro que é – ele disse, e então se voltou para Mirian Vera: – Mirian, peça aos seus analistas uma avaliação da capacidade combinada do campo secundário do casco energético de um vaso Jaguar somado ao nosso Grupo de Observação-e-Comunicações.

– O grupo todo, senhor? – Mirian exclamou, surpresa.

– O Albatroz e os seus caças. Vamos precisar da agilidade deles e dos seus cascos energéticos de potência extra.

Quando dois ou mais campos defensivos emitidos em uma mesma frequência e no mesmo quociente energético se tocavam, eles projetavam um campo sobreposto, no dobro da distância porém com uma fração da potência combinada. Bastaria, de qualquer modo, para deter um ataque de mísseis ou de armas de alta energia dos tadais, protegendo o frágil escaler de desembarque em seu voo até a superfície. Especialmente com os escudos dos caças RAE-428R Olho de Carcará, concebidos para suportar uma carga dobrada de disparos, em relação à tonelagem dos aparelhos. Quando os números vieram, eles pareceram surpreender a todos menos a Peregrino.

– Quem diria que esses passarinhos teriam uma defesa quase tão forte quanto duas naves da classe Jaguar? – Mirian balbuciou.

– Vamos perder o Albatroz na função de observação e orientação – alertou Borguese, que ainda não havia deixado o passadiço.

– Com sorte, o reforço já terá chegado e o GOeC deles vai assumir – Mirian disse.

– A ideia é essa – Peregrino disse, e apontou para Borguese. – Temos um plano. Agora cabe a você colocá-lo em prática.

Helena assentiu. Ela não tinha muito com que trabalhar. Contava apenas com um tenente e dois analistas instalados fora do passadiço, em uma sala secundária de comando cercados de monitores e computadores de alta capacidade. Uma inovação sugerida por ele a Túlio, que o atendeu prontamente designando pessoal e equipamento. Teria de bastar.

*

A Tenente Angélica Waira era uma jovem de baixa estatura, ossatura e tez andinas, olhos escuros e penetrantes. Fazia parte dos quadros complementares das Forças Armadas Integradas, o que significava que havia sido recrutada especificamente para a função que exercia: técnica de recuperação de dados da tecnologia tadai. E isso, por sua vez, podia significar que ela não tivera todo o treinamento possível a alguém que desceria até a superfície de um planeta desconhecido para ficar na mira de robôs assassinos. Peregrino explicou isso a Camila Lopes, que insistira em acompanhá-lo, deixando Vilela sozinho para registrar a preleção de Helena Borguese dirigida a todo o 28º GARP e à recém-chegada flotilha de reforço comandada pela Capitã-de-Ar-e-Espaço Leocádia Cambochi, a partir da fragata *Artigas*. Era uma atitude estranha, a da jornalista, que supostamente deveria estar mais interessada nas manobras dos Jaguares como um todo. Mas Peregrino não tinha tempo para matutar sobre o que ela tinha ou não tinha em mente, ao ir com ele ver se Waira precisava de ajuda.

– Não é imprudente o comandante da unidade abandoná-la à própria sorte – Lopes perguntou, enquanto os dois trilhavam os corredores da *Balam* – e descer à superfície radioativa de um planeta desconhecido, em busca do Santo Graal ou o que quer que seja?

Peregrino riu.

– Metáfora interessante – disse. – Mas você me ouviu justificando minha decisão à Capitã Borguese. Ela e a Capitã Cambochi vão fazer um trabalho melhor do que eu faria. E não quer dizer que eu vá descer ao planeta por diversão. Pode haver mais gente atrás do "Santo Graal" lá embaixo, se você me entende. E não falo só dos robôs tadais.

Cientistas não eram militares nem diplomatas, mas talvez, se pusessem as mãos em um dispositivo alienígena operante, não o deixariam partir alegremente com o galante oficial latinoamericano que os vinha resgatar. Ele era a maior autoridade da ELAE no sistema, teria mais chances de lidar com uma eventual oposição, do que um oficial júnior que fosse destacado para descer à superfície. Ou era essa a ideia. Peregrino só não conseguia ainda imaginar que tipo de artefato tadai poderia interessar os cientistas a ponto de se oporem a ele.

Encontraram Angélica Waira no alojamento coletivo do pessoal do corpo auxiliar. Estava sozinha, já que no estado de alerta todos os outros já haviam se encaminhado para os seus postos de prontidão. Ela estava ajoelhada no piso do alojamento, tentando retirar uma armadura Kirkincho do seu estojo plástico, com um misto de tristeza e frustração no seu rosto largo e de olhos puxados.

– Alguém da infantaria embarcada deixou isto comigo e foi embora – disse. – Não sei o que fazer com ela.

– Por isso estou aqui.

– O comandante da *unidade*, pra ajudar a me vestir?... – ela exclamou, com um sorrisinho tímido.

– Você e eu vamos descer juntos até a superfície do planeta. Tivemos pouco tempo de convivência, então esta é a oportunidade de nos conhecermos melhor, já que provavelmente não vamos sair do lado um do outro, depois que chegarmos lá.

– O que quer dizer, Capitão? – ela perguntou, apagando o sorriso.

– Que os eventos desta missão determinaram que agora você é a pessoa mais importante de todo o Vigésimo Oitavo GARP – ele disse, mudando de tom. – Não vai sair do meu lado e vai cumprir todas as minhas ordens à risca.

– Sim, senhor – ela balbuciou.

– Agora vamos colocar você dentro dessa coisa.

Ele havia trazido a sua própria armadura no estojo que mantinha em seu camarote, amparando uma pilha de livros. A armadura Kirkincho K-3 era basicamente um traje espacial com revestimento blindado de refletores e absorsores de calor, pintado em cinza naval escuro com detalhes em verde, vermelho e preto. As placas protetoras em ombros, braços, antebraços e coxas eram discretas, mais semelhantes às dos antigos trajes táticos policiais e de controle de distúrbios civis, do que de armaduras medievais. Além dessa proteção, possuía instalados no peito e nas costas os projetores miniaturizados do escudo defensivo que envolvia a pessoa em uma invisível bolha de energia. A tropa mantinha distâncias de segurança para que elas se tocassem apenas quando fosse aconselhável levantar um escudo coletivo – o processo era idêntico ao do "efeito de campo secundário" formado pela combinação de dois ou mais campos defensivos emitidos pelas naves espaciais. Ao se tocarem, projetavam um único campo sobreposto. Peregrino despiu-se do seu traje espacial e vestiu, lenta e deliberadamente, a sua armadura Kirkincho num passo a passo acompanhado por Angélica Waira, e pelo olhar impaciente de Lopes. Depois que faltava a ela apenas colocar o capacete, ele explicou como acionar a armadura e como se relacionar com o computador de bordo. Eles faziam um esforço consciente para ignorar a voz de Helena Borguese nos alto-falantes da *Balam*.

O escudo defensivo individual podia suportar só um pequeno número de disparos de alta energia, mas em situações dinâmicas de combate, na maior parte das vezes isso bastava. O escudo também interagia discretamente com a matéria sólida e fixa que encontrassem durante os deslocamentos e as manobras – os soldados sofriam leves empurrões, como os sentidos quando alguém é atingido por rajadas de vento forte. Não tinha uma durabilidade muito grande, mas era possível fazer a troca dos geradores durante o combate. A Kirkincho K-3 também era um traje autopropulsado – os movimentos do soldado eram captados por sensores internos que acionavam servomecanismos de controle computadorizado, multiplicando a força do combatente. Peregrino também a ensinou como acionar essa faculdade do traje.

– Só use quando for ordenado – admoestou. – Do contrário, não estando acostumada, pode causar danos aos equipamentos em torno ou ferir alguém.

– Madre de Dios...

– A armadura funciona em dois modos, eletrônico com o processador integrado a ela, e puramente mecânico, sem nenhuma interface, pr'o caso de estar num ambiente de interdição eletrônica. Quando você colocar o capacete, o computador da armadura vai te guiar num *tutorial* de todos os recursos que o traje dispõe. Faça isso com tempo e tranquilidade.

– Obrigada, Capitão.

Ele em seguida mostrou como o ar era regenerado e como ela poderia reabastecer-se dele plugando uma mangueira retrátil a reservatórios instalados na lateral do assento do escaler de desembarque Aguirre M-33.

– Ao contrário do que acontece com os trajes espaciais costumeiros – explicou –, depois de meia hora de uso contínuo as sondas líquidas uretral e retal são acionadas automaticamente, estendidas a partir do traje e pela bermuda de interface. Não vá se assustar. Especialmente depois que elas se solidificarem e se expandirem.

Angélica Waira não disse nada, mas tinha os olhos arregalados no seu rosto largo de inca. "Não há como dourar esse tipo de pílula", Peregrino pensou, reprimindo um sorriso. Ele indicou Camila, ainda no seu traje espacial, e disse:

– Já li sua ficha, Angélica, mas pr'o benefício da jornalista Camila Lopes, você poderia falar rapidamente sobre a sua formação e quais são as questões centrais na recuperação de dados dos computadores tadais?

A técnica assentiu com a cabeça, voltando-se a Lopes.

– Eu me formei em Sistemas Xenocibernéticos na Universidade Cruzeiro do Sul das Brasilianas – ela começou –, com bolsa de estudos da Chancelaria, em Epsilon Crucis na Zona Três. O QG do Sexto Distrito Espacial fica nas Brasilianas, e enquanto cursava a faculdade já fiz o CPOR de lá. Fazia parte das exigências da bolsa.

"Os tadais usam uma espécie de linguagem ternária balanceada nos seus computadores. É diferente da nossa por não usar elementos ópticos, e por isso se aproxima mais da 'proposta de Josephson'. Usa elementos de memória de multiestados e redundância tipo tecido celular complexo, mas, segundo as experiências prévias de resgate de dados, não emprega quantumcriptação e por isso seus bloqueios são vulneráveis aos nossos computadores quânticos."

No que pareceu a Peregrino ser um raro momento de bom-humor, Lopes tocou o alto do seu capacete e disse:

– Não estou entendendo nada, mas gravo tudo no meu *chip* de memória.

– Normalmente, os processadores dos tadais – Waira continuou, como se ninguém tivesse dito nada –, do tipo circuito múltiplo de lógica, não têm o silício por base e são muito bem blindados contra o ambiente... Imagino que num ambiente tão poluído em termos eletromagnéticos quanto este, se conseguirmos recuperar alguma coisa, vai ser por conta de uma blindagem eficiente. Experiências anteriores indicam que a coleta de dados não os torna perecíveis, quer dizer, eles não são destruídos durante a captura, e podem ser enviados normalmente por qualquer forma de transmissão a distância, do campo para as naves ou computadores que farão a decodificação. O segredo é remover os dados dos circuitos tadais para a nossa armazenagem blindada. – Ela fez uma pausa, e exibiu um pequeno dispositivo, em sua mão enluvada. – É por isso que este nanoplugue universal custa tanto quanto o reator de uma corveta. Seu ajuste molecular é instantâneo e fornece a interface perfeita, independente de qual porta de entrada os tadais estiverem usando no tal artefato que vamos buscar.

– Você faz soar fácil – Lopes disse. – Como se só precisasse descer até lá, assinar um formulário e trazer a coisa para cima.

Angélica Waira não respondeu por um instante, então se voltou para Peregrino.

– Capitão?

– Provavelmente vamos derreter o cano das nossas armas só pra tirar os robôs tadais do caminho do artefato. E como não sabemos que tamanho e massa ele tem, existe grande possibilidade de você ter de fazer a recuperação dos dados *in loco*, Tenente. Sob fogo e enquanto aguardamos um novo bafo do buraco negro.

As duas mulheres olharam para ele com rostos eloquentemente neutros. Peregrino não segurou um sorriso. Era estranho, mas ele se sentia bem. O combate com certeza seria melhor do que aquilo que ele suportava no momento – ou acreditava que, uma vez na superfície do planeta e enfrentando os robôs de infantaria tadai, não teria como continuar pensando na presença opressiva de Agu-Du'svarah lá em cima. De fato, desde que formulara um plano de ação, e que deixara o passadiço com Lopes, sentia certo alívio. Estava claro que ainda era funcional como um comandante de combate, e se movimentava no sentido de se colocar na situação em que seria mais necessário.

– Você já fez recuperações de dados tadais, em situações como essa? – Lopes perguntou a Waira, para quebrar o silêncio.

– Nunca – a mulher respondeu, prontamente. – Na verdade, nunca fiz uma recuperação de campo, só revisei procedimentos feitos anteriormente, alguns antes de eu ter nascido, e até por gente de outras potências humanas na Esfera. – Ela tentou dar de ombros, dentro da Kirkincho K-3. – A oferta de computadores tadais disponíveis pra isso não é exatamente aquela que gostaríamos. Mas temos um certo trunfo, que eu nunca imaginei que teríamos. O Capitão Peregrino me forneceu descrições detalhadas, algumas em três-D, de uma série de artefatos tadais recuperados por alienígenas ativos na esfera. Supostamente, são objetos semelhantes àquele que se encontra no planeta ao qual nos dirigimos. Eu já os estudei e tenho certeza de que serão extremamente úteis, na hora de determinar que conformação o meu nanoplugue universal vai precisar assumir.

– *Se* vocês conseguirem pôr as mãos nessa coisa lá – Lopes disse.

Neste instante, os alarmes soaram pelos alto-falantes da *Balam*.

– O que é? – Lopes perguntou.

– O combate vai começar – Peregrino disse, antes de voltar-se para Angélica Waira. – Você e eu vamos pr'o convés de voo inferior, com o resto do pessoal. Já tem tudo do que precisa, Tenente?

– Sim, senhor – ela disse, apanhando com agilidade um estojo de campo.

– Eu carrego isso pra você.

*

Assim como tudo o mais nas naves Jaguar, o hangar do convés de voo inferior também era acanhado. Mal havia espaço para os dois escaleres pousados sobre a porta de descarga, e para o grupo de combate reforçado que

representava metade do Pelotão de Operações Especiais anexado ao 28º GARP – doze homens e mulheres comandados por uma segundo-tenente chamada Danila Oleandras, e pelo Capitão-Tenente Inácio Duran, que descia com eles para garantir que o figurino de infantaria sairia conforme o esperado.

Peregrino notou que o pessoal do PELOPES havia pintado a versão estêncil da insígnia dos Jaguares – a cara da onça vazada de lado a lado na altura dos olhos – na frente das suas Kirkinchos, de modo que a testa do bicho cobria a placa do peito, e a mandíbula as placas do abdômen. As cores variavam de acordo com o código da hierarquia, com vermelho para Duran, laranja para Oleandras, verde para os suboficiais, e azul desbotado para o resto da tropa. Peregrino imediatamente quis ter o mesmo padrão na frente da sua armadura, mas que cor lhe restaria?...

De pronto, ele também notou que os robôs de dotação do hangar, todos não antropomórficos, acabavam de embarcar as baterias autônomas M-53. Enquanto isso, o Sargento Barrios começava a fazer o pessoal subir a rampa lateral do escaler. Barrios, parte da sargenteação do PELOPES, ficaria na *Balam*. Junto à rampa, Duran conferia alguma coisa em seu *palmer*, mas levantou os olhos para Peregrino, Angélica Waira e Camila Lopes – que insistira em ir até o convés de voo – quando eles entraram.

Peregrino e as mulheres haviam passado antes na armaria do PELOPES, onde ele apanhara uma carabina de alta energia M-23 para ele e outra para a Tenente Waira, e mais alguns equipamentos de combate. O olhar de Duran, pousado sobre as armas, traía o seu descontentamento.

O primeiro contato entre os dois, há vários Terrameses, havia sido frustrante. Duran era um oficial veterano na Esfera, e Peregrino, um misterioso recém-chegado. Uma consulta para o estabelecimento de um curso-relâmpago de ações de infantaria, visando a formação do espírito de corpo dos Jaguares, revelara certa má vontade da parte de Duran. Mas após a Batalha da Ciranda Sombria, ele fora definitivamente incorporado ao 28º GARP, e parecia ter colocado sua arrogância inicial de lado. "Só que agora eu apareço na sua área de atuação, vestindo armadura de combate e armado até os dentes, e isso provavelmente vai despertar algum sentimento de territorialidade", Peregrino pensou.

Resolveu tomar a iniciativa.

– Você fica atrás com o seu pessoal, Duran. A especialista Waira e eu vamos com o piloto. – Os aparelhos de comunicação com as naves Jaguar ficavam na cabine de pilotagem. – Vou precisar de acesso direto com a *Balam* durante a descida.

– Sim, senhor.

Peregrino voltou-se para Lopes.

– Hora da despedida – disse, estendendo-lhe a mão enluvada. – Tenho certeza de que a Capitã Borguese vai cuidar bem da senhora, e de que Vilela vai guiá-la com total competência, com respeito às manobras de combate. Com sorte, tudo vai dar certo.

Lopes fez menção de dizer alguma coisa, mas respondeu apenas com um fraco aperto de mão.

Peregrino deu-lhe as costas e foi com Angélica Waira até a escotilha lateral do escaler Aguirre M-33. Na fuselagem do aparelho, o estêncil do 28º GARP aparecia num azul profundo, as metades superior e inferior da silhueta da onça sugerindo o escaler se desprendendo do vaso principal. Na cabine, Peregrino cumprimentou o piloto, o Segundo-Tenente Perúvio deMarco, chamando-o pelo nome, e perguntou se eles já tinham a contagem regressiva.

– Ainda não, senhor – deMarco disse. – Ainda não alcançamos a órbita. Tem acompanhado as atualizações de combate? A Capitã Borguese enviou o grupo de Montoro para usar a arma especial contra a concentração tadai que vem nos interceptar. A maior preocupação são os dois vasos inimigos que ficaram junto ao planeta...

Em resposta, Peregrino brandiu o seu *palmer*, que apresentava os gráficos do holotanque e o que os analistas de combate previam para a primeira fase da batalha – Hassid Montoro levava três naves na direção do grupamento tadai. Sua missão era vetorar os mísseis MPDL-108 até a concentração tadai. O armamento produzia uma nuvem de plasma de dispersão lenta no caminho das naves. O plasma afetaria o *taquiolink* que mantinha a coesão entre as naves-robôs, instaurando o caos em suas fileiras, enquanto os Jaguares de Montoro iriam engajá-las frontalmente, e parte da flotilha de Leocádia Cambochi fechava a manobra em pinça pela retaguarda.

– Eles vão abrir a nossa janela, deMarco. Se você já conferiu seus sistemas, pergunte ao controle de despacho se eles têm um ETA.

Nesse instante, Helena Borguese chamou no rádio do seu capacete.

– Chegou um cálculo do computador quântico do *Gloriosa*, para o próximo disparo de jato relativístico – ela disse. – Aproximadamente quarenta e três horas. O cronômetro com as balizas relativísticas já está rodando. Vou lançá-lo nos computadores de bordo do seu Kirkincho e de toda a equipe de desembarque, e mantê-lo atualizado.

– Excelente, Helena. Não se esqueça de nos dar a distância em minutos-luz do planeta em relação ao buraco negro, e de lançar tudo também no computador do escaler... Mas restrinja o cronômetro aos trajes dos oficiais e suboficiais.

Silêncio do outro lado, e então Borguese perguntou:

– Entendido. Mas o que acha desse prazo, Peregrino?

– Pode ser pouco pra nós na superfície do planeta, e demais pra vocês envolvidos com o bloqueio. Imagino que o elemento crítico seja o quanto de reforços os tadais vão enviar. E se Túlio vai conseguir equilibrá-los.

– Você quer dizer que vai depender das perdas que sofrermos – Borguese disse. E em seguida: – Chega uma hora em que os objetivos deixam de valer a pena...

– É verdade. Aí empacotamos os cientistas, metemos todos na *Balam* ou noutra nave Jaguar e damos o fora daqui. Com ou sem artefato tadai. – Ele fez uma pausa, no silêncio de Borguese do outro lado, e completou: – O Almirante vai dizer.

Ouviu-a limpando a garganta.

– Túlio já se comunicou, Peregrino – ela disse –, *minutos* depois do meu relatório ser enviado. Afirmou expressamente que você é quem tem a última palavra sobre qualquer desengajamento.

– Hum!

– Ele me mandou dizer que isso também faz parte da *filosofia*.

Peregrino riu brevemente, dentro do capacete.

– O que isso significa? – Borguese perguntou.

– É um recado de duas emissárias do Povo de Riv.

– Como é que elas souberam que você está aqui?

– Longa história.

Borguese fez nova pausa demorada. Então disse, em outro tom de voz:

– Promete que vai me contar, quando estiver de volta?

Peregrino hesitou. Foi preocupação que sentiu na voz dela? Decidiu que não, ou que era melhor não aceitar essa hipótese.

– Não posso prometer – disse. – Teria de pedir a autorização do Almirante antes.

– Muito bem. – Ela reassumiu o seu tom objetivo de sempre. – Relatório: a flotilha da Capitã Cambochi foi integrada com sucesso, e o GOeC dela, o Octagésimo Nono, está em operação. Um segmento da flotilha composto de uma fragata e uma corveta acompanha Montoro agora no engajamento da concentração tadai principal. A *Artigas*, de Cambochi, e duas outras fragatas estão incorporadas ao bloqueio, sob meu comando. Uma delas, a *Porto Velho*, vai acompanhar a escolta do seu escaler até a órbita baixa. Soriano completou o estudo da sua ideia, e concorda que de fato as condições da nuvem ionizada, na seção mais rarefeita, serão mais favoráveis a nós do que aos vasos tadais. É para esse ponto que estamos rumando, visando colocar vocês em posição para a queda orbital. Estou comunicando o início da contagem regressiva ao deMarco.

– Obrigado, Helena.

– Boa sorte – ela disse, antes de cortar a comunicação.

*

Enquanto Peregrino, Waira, o Capitão Duran, a Tenente Oleandras e os outros se preparavam para a sua ida ao planeta, eu buscava o meu ângulo: o herói patrocinado pelo Almirante Túlio Ferreira abandonava seus comandados à própria sorte no que seria um acirrado combate espacial, para perseguir uma miragem na relativa segurança de instalações subterrâneas no planeta. Abandonava a *mim* à própria sorte... Esse último pensamento reacendeu na minha mente um começo de pânico – o pânico que eu havia sentido ao saber o que o buraco negro tinha feito àquele mundo, o planeta no qual Peregrino insistia em meter os pés. E que poderia receber outra gigantesca descarga de raios ou sei lá... Então talvez ele não fosse realmente um covarde.

Poderia haver algo então, na busca pelo tal artefato alienígena? Que importância isso poderia ter, eu me perguntava... Não apenas que Peregrino e os Jaguares se arriscassem por ele, mas que os cientistas de diversas procedências refugiados no planeta também se arriscassem, postergando seu resgate para garantir a posse da coisa... o Santo Graal... Nada disso batia com o modo como os associados do Almirante Estelar Gervásio Henriques da Fonseca e os diplomatas da Chancelaria haviam descrito o papel dos tadais na Esfera ou no resto da galáxia.

Enquanto eu refletia, podia ouvir ao meu lado – no interior do meu capacete, na verdade –, o relato sucinto de Marcos Vilela, traduzindo o que acontecia em torno de nós... o combate que começava a se desenrolar, sob a forma de anotações verbais que eu tinha o azar ou a sorte de partilhar. E de inscrever de modo indelével, no meu *chip* mnemônico.

– O grupo de ataque dos Jaguares – Vilela recitava –, liderado pelo Capitão Hassid Montoro, saiu agora da faixa relativística pra disparar os mísseis de dispersão de plasma, juntamente com os engodos infláveis que imitam o sinal de resposta dos vasos da classe Jaguar nos sensores tadais. Enquanto isso, o grupo de segurança, comandado pela Capitã Helena Borguese, encaminha-se em velocidade relativística pra uma posição entre o planeta calcinado pelo jato relativístico e a faixa mais rarefeita, mais *recente*, da sua atmosfera ionizada, lançada ao espaço. Nessa posição, as nossas naves ficarão *atrás* da face em que o planeta foi atingido da última vez, e já *acima* do ponto na superfície em que Peregrino e a equipe de terra sob o comando do Capitão Inácio Duran deverão desembarcar.

"Segundo Borguese, a ideia de ficar entre o planeta e a nuvem foi de Peregrino. Ele achou que a atividade eletromagnética da nuvem gigante, aquecida e ionizada pelo jato relativístico e pelas emissões constantes de raios X do buraco negro, poderia camuflar momentaneamente o grupo de segurança, dos mecanismos-guia dos armamentos tadais, ao menos durante parte da aproximação para o desembarque. Os analistas com o Grupo-de-Observação-e-Controle de Soriano determinaram que, de fato, também os sensores tadais de aquisição de alvos – no interior das naves que conseguirem escapar da interferência da cortina de plasma lançada por Montoro, é claro – provavelmente serão afetados moderadamente, enquanto as nossas comunicações *laser* subluz, em formação cerrada, seriam pouco prejudicadas. Borguese e a Capitã Mirian Vera conceberam uma série de três mano-

bras pra mudar a formação das nossas naves, pra confundir ainda mais os sensores do inimigo.

"Agora chega a notícia, da parte do novo GOeC, o Octagésimo Nono, de que três vasos tadais destacaram-se do grupo principal e rumam velozmente para o planeta. E agora... alerta da parte de Montoro, de que num primeiro momento serão essas naves com as quais vamos ter que lidar na operação de bloqueio."

Olhei para a figura de Helena Borguese, agora sentada no assento antes ocupado por Peregrino. Tinha as mãos enluvadas, cerradas e pousadas sobre os joelhos, e olhava atentamente para o tanque holográfico.

— Etapa de frenagem, Leme? — eu a ouvi perguntar.

— Em menos doze, menos onze, menos dez, menos nove, menos... — foi recitando um dos pilotos... ou *timoneiros*.

As telas reproduzidas no meu repetidor exibiam a cauda enrubescida de gases lançados pelo planeta. Ao fim da contagem regressiva, alguma coisa mudou na imagem emoldurada pelas janelas. Reconheci a mancha escura, com um dos lados iluminado, e adiante dela a cauda comprida — uma coluna de gases que parecia se perder no espaço, e ao longo da qual pálidos relâmpagos explodiam em intensidade maior quanto mais próximo do planeta, e menor conforme se afastavam. A imagem crescia velozmente, como se milhões de quilômetros fossem percorridos em segundos. O planeta ficou à esquerda, a coluna monstruosa de gases passou a agigantar-se ainda mais à direita. A frenagem reduziu o movimento visto pelas janelas e nas telas. Parecia que estávamos dentro de uma área pouco densa...

— Nossas naves estão em velocidade de combate agora — Vilela disse, retomando suas anotações verbais. — Borguese ordena que os consoles de Armas de todos os vasos comecem a adquirir os seus alvos. Agora as confirmações... a começar pela fragata *Artigas*, que se encontra mais a estibordo, na formação. Mas antes, a *Jaguarundi* vai se destacar da formação pra disparar uma salva de mísseis MPDL-cento e oito F, vetorados pelo Octagésimo Nono. Os mísseis devem ser lançados de uma zona um pouco mais densa da coluna de gases, eu imagino.

Eu sabia que tudo acontecia a distâncias literalmente astronômicas, mísseis lançados contra alvos que apenas instrumentos de longo alcance conseguiam detectar. Mas assim que ouvi as ordens de Borguese para os operadores de armamentos — e com o relato de Vilela formando um quadro em minha mente —, não consegui evitar um calafrio de apreensão e medo. Admito que o relato de Vilela só fazia aumentar minha angústia — talvez fosse preferível ouvir apenas a linguagem cifrada militar e me esconder atrás da ignorância. Eu me dei conta de que podia *morrer* ali, tão longe de casa e por motivo nenhum, e pela primeira vez, amaldiçoei Bolívar Conejo por ter me mandado para a Esfera.

*

Sentado ao lado de Angélica Waira e atrás de Perúvio deMarco na cabine de pilotagem, Peregrino registrou quando o escaler recebeu autorização para se separar da *Balam*. O convés de voo já havia sido despressurizado e rapidamente a comporta dupla se abriu embaixo do escaler. Uma contagem regressiva apitava seus números dentro da cabine e Peregrino sentiu o esgar sombrio e familiar fechar-se sobre o seu rosto — o estranho misto de tristeza e surda exaltação que o dominava logo antes de entrar em combate, como se o tempo diminuísse de velocidade e ele estivesse prestes a ser disparado a um milhão de quilômetros por segundo.

Com uma detonação metálica sentida por toda a estrutura do escaler, os pilones de suporte do veículo foram retraídos. O Aguirre despencou pela comporta aberta. O interior do convés de voo desapareceu das vistas de Peregrino, substituído meio segundo depois pela linha do casco inferior da *Balam* — o abaulamento do convés de voo, os canhões ventrais, os casulos à meia-nau contendo os mísseis MPDL-108F e as antenas totalmente estendidas e contra as normas de combate talvez num excesso de zelo de Borguese e Vera quanto ao acompanhamento do escaler no ambiente ionizado — tudo subindo em um segundo e ao longe para além da posição da *Balam* ele pôde ver a silhueta alongada de um caça Olho de Carcará e mais longe ainda o contorno gêmeo da *Maracajá* que desceria com eles reforçando o campo secundário mas com uma vertigem apenas visual — os compensadores inerciais do escaler limitavam os solavancos da endolinfa dentro do labirinto membranáceo no ouvido interno — e então tudo explodiu em luz cegante filtrada na maior parte pelas vigias do escaler e pelo visor do capacete de Peregrino — que entendeu que um míssil nuclear tadai havia passado pela tela defensiva para ser detonado no campo secundário projetado pela *Balam* e os outros vasos principais brilhando como um sol enquanto eles saíam do ventre da nave e criando uma geografia celestial no cone de gases da atmosfera soprada para o vácuo do espaço — a nova e explosiva ionização repercutiu nos gases com uma sequência de relâmpagos e muito ao longe milhares e milhões de quilômetros na forma de uma espiral raiada como uma aurora boreal.

Peregrino reconheceu então traços brilhantes cortando a névoa — as armas de alta energia disparadas dentro da coluna de gases e os raios ionizando tudo pelo caminho à velocidade da luz tornando-se visíveis ao contrário do que acontecia no vácuo total — e olhando para o outro lado, para bombordo para o planeta lá embaixo Peregrino viu o Albatroz de Paulo Soriano e seus dois outros caças e a fragata *Porto Velho* — sua pintura cinza-naval quase branca e ofuscante ainda refletindo o brilho solar da explosão e então o campo estelar atrás dela começou um rodopio conforme a atitude do grupo todo em rede *transponder* comandada por um único caça pilotado por um espaçonauta experiente nesse tipo de manobra e agora

todos os aparelhos do grupo de descida o escaler inclusive pareciam encurtar suas distâncias e Peregrino teve a sensação momentânea de pertencer a um organismo múltiplo girando lentamente em um único pensamento até que a curva do planeta surgisse nas vigias — um segundo antes de nova explosão agora claramente ofuscante no campo secundário do grupo de descida absorvida e dissipada mas dando por um segundo e a todos os veículos uma trêmula aura de arco voltaico quando o casco externo de cada uma absorveu o excedente energético.

Orientado pelas telas táticas e inclinando-se e buscando as vigias frontais, Peregrino reconheceu duas formas como traços em movimento refletindo a tempestade de raios a estibordo precipitando-se em tangente como bólidos em hipervelocidade mas já em frenagem para as lentas mudanças de cursos das naves tadais e uma delas acendeu-se como um pavio pelas armas principais da *Balam* e das outras naves e consumiu-se antes que o giro combinado do grupo de descida as tirasse da moldura das vigias.

Agora era a esfera calva do planeta que se apresentava a seus olhos semelhante a uma bola de metal martelada durante bilhões de Terraanos pela gravidade e pela pressão atmosférica de dezenas de milhões de bars para assumir um contorno quase perfeito, lustroso e metálico de formas plúmbeas castigadas à luz agora espectral da coluna de gases ionizados. No ângulo em que estavam, ainda era possível ver o encolhido disco vibrante do anel de fótons de Agu-Du'svarah — um olho monstruoso grudado neles enquanto não era eclipsado pela curvatura do planeta.

Peregrino então recordou-se do recado de Túlio Ferreira passado a ele por Helena Borguese, a alusão a Ahgssim-Dahla e Mehra-Ibsso. Mas por que se lembrava delas agora, enquanto seu coração batia com tanta força que parecia repicar não só contra sua caixa torácica mas contra a parede interna da armadura?...

Ah sim, é claro — a primeira pergunta das emissárias do Povo de Riv voltou à sua mente, e pareceu-lhe que a conversa toda naquela manhã fria nas campinas de Cantares não tinha sido sobre outra coisa além dos medos que ele sentira.

Dos novos medos que viria a sentir.

Archin

平氏勇二

ARTE: KLAUS SCHULZE

MOJUGANIDE.DESIRE.EARTH



EM EDUCAÇÃO, A TEORIA
É APENAS UMA SEMENTE,
A PRÁTICA *é o fruto.*

Celso Antunes
Conselheiro Emérito da Brasil Canadá - Educação Bilíngue

BRASILCANADÁ
EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Avenida Presidente Kennedy, 1.715, Bairro Santa Paula, São Caetano do Sul, SP

(11) 4318 5818 | (11) 4229 4041 | (11) 9 9555 4400
scs.contato@colegiobrasilcanada.com.br

GABRIELGAMES



Rua Visconde de Inhaúma 1174, loja 17, Nova Gerty
São Caetano do Sul, SP | Telefone: +55 **11 9 6036 7943**

PERRY RHODAN

Disponível em edições impressas e digitais!

Mais de 400 novos episódios já lançados!

A maior série de ficção científica do mundo...



...está de volta ao Brasil!

* A SSPG Editora publica episódios inéditos de *Perry Rhodan* no Brasil desde o ano de 2001, a partir do nº 650, que inicia um novo ciclo.
* Em 2014, foi lançada a edição digital (*e-books*) a partir do nº 848, bem como uma reedição digital a partir do nº 650.
* Em 2015, foi iniciada a edição digital a partir do nº 537, dando sequência à edição interrompida na década de 1990.
* No início de 2019, foi iniciada a terceira frente da edição digital a partir do nº 1800, trazendo aos leitores um ciclo mais avançado da série.
* Em 2019, foi lançada a série *Atlan*, com as aventuras exclusivas do arcônida imortal!
* Também em 2019, foi lançado o volume especial nº 1000, estreando uma nova época nas histórias da série!
* Visite o nosso *site* e confira todas essas novidades da série! Aproveite e baixe volumes de amostra grátis da edição digital.

SSPG Editora
Caixa Postal 2466
CEP 30130-976
Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 3047-7540

SSPG

www.perry-rhodan.com.br
www.perry-rhodan.net.br
www.sspg.com.br
atendimento@sspg.com.br

MESTRE DAS MARÉS

Mestre das Marés*, de Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir Brasil, 2018, 288 páginas. Arte de capa de Vagner Vargas. Arte da contracapa de Bruno Werneck.*

CARLOS ROCHA



Foto: **Letícia Albuquerque**

Mestre das Marés é uma *space opera* militar com uma inclinação para a ficção científica *hard*. Continuação do romance *Glória Sombria* e parte da série As Lições do Matador, se passa no século XXV, um período de expansão da presença humana em sistemas estelares a partir do Sistema Solar.

Nela, voltamos a acompanhar o Capitão Jonas Peregrino, um militar de ascendência brasileira que comanda uma unidade militar especial, os Jaguares. Sob o comando do Almirante Túlio Ferreira, ela atua no combate aos tadais, misteriosos robôs guerreiros que assolam vários sistemas estrelares.

Ainda se sabe pouco sobre os tadais e é uma das prioridades de Túlio e do grupo político e militar que representa (a Latinoamérica) descobrir informações relevantes sobre a natureza desse inimigo.

Nesse contexto, a base internacional de exploração científica Roger Penrose, que se localiza nas proximidades de um massivo buraco negro, está ameaçada pela iminente destruição de um planeta próximo e pede auxílio. A unidade de Peregrino é designada para uma missão de resgate, uma vez que uma das fontes de ameaça aos sobreviventes da estação são os tadais. Além do interesse científico pelo estudo do buraco negro, a obtenção de informações sobre uma antiga base e artefato tadai no subterrâneo do planeta e que produz efeitos nunca antes observados, torna-se um atraente objetivo de inteligência.

Os cientistas da estação apelidaram o buraco negro de Firedrake, o dragão que respira fogo, mas os alienígenas conhecidos como o Povo de Riv o chamam de Agu-Du'svarah, "o Mestre das Marés".

A unidade de Peregrino tem que se dividir, uma parte seguindo para a superfície do planeta joviano em colapso, enquanto as demais naves dão combate a um número crescente de vasos tadais que adentram o sistema estelar.

Engana-se quem pensar que é uma obra focalizada em batalhas apenas. A narrativa é dividida em dois núcleos, um narrado em terceira pessoa em torno do ponto de vista de Peregrino, e outro, narrado por Camila Lopes, uma jornalista inserida na unidade de Peregrino com a missão de escrever sobre as operações dos Jaguares. Camila é uma jornalista jovem e determinada que demonstra o desejo de encontrar algo que possa comprovar sua tese de que Peregrino é um militar de atuação duvidosa. Ela pensa que ele deveria ser incriminado no inquérito que investiga a morte de militares na Batalha da Ciranda Sombria (ocorrida no primeiro livro da série, *Glória Sombria*).

A introdução de Camila Lopes e seu colega jornalista, Marcos Vilela, um correspondente de combate e entusiasta da atuação dos militares do bloco latino-americano, traz uma interessante dinâmica à obra. Os conflitos contra os robôs chegam a ficar em segundo plano, em relação aos conflitos políticos e psicológicos que surgem ao longo da trama.

Acossado por Camila e abalado pelo potencial de força destruidora representado pelo buraco negro, o principal adversário de Peregrino nessa missão passa a ser ele mesmo, que precisa dominar um crescente pânico que surge dentro dele e transparecer calma diante de seus comandados. Suas decisões e ações podem ser a diferença entre a vida e a morte de seus homens e também dos cientistas sobreviventes.

Essa dinâmica narrativa que alterna a investigação jornalística de Camila com a ação propriamente dita liderada por Peregrino funciona muito bem. É criada uma tensão e contraste de pontos de vista que ajudam a construir a camada psicológica da trama.

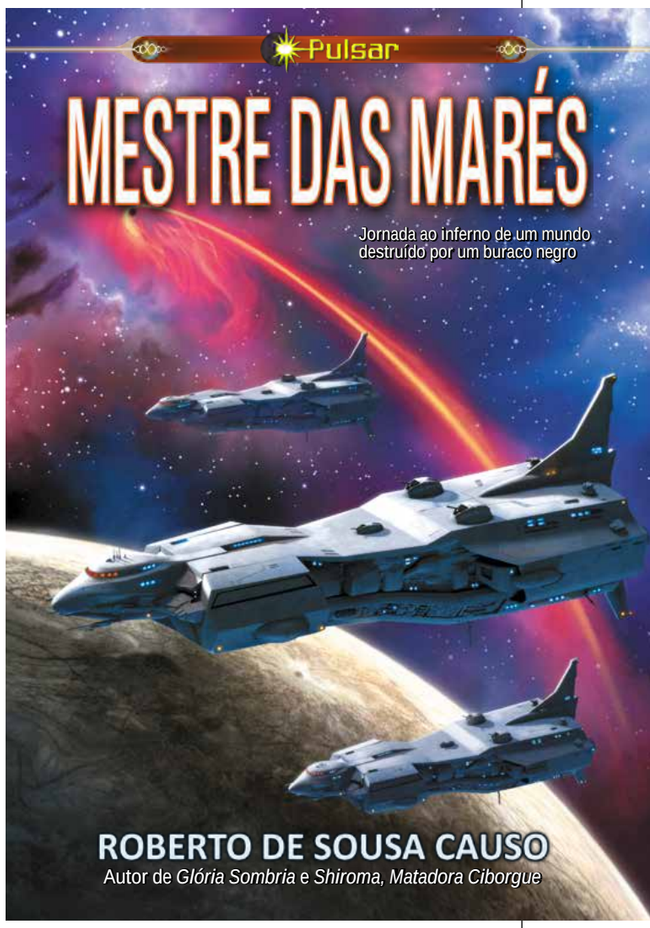
Não bastasse a ameaça mortal e iminente dos robôs, e uma inesperada complicação política junto aos sobreviventes da estação de pesquisas, toda a missão precisa ser concluída antes que venha o próximo jato relativístico de partículas aceleradas pelo buraco negro, a maior força energética conhecida no universo.

E por fim, o autor ainda abre espaço para explorar uma nova dimensão de Jonas, quando um interesse romântico surge próximo ao ponto crítico da trama. Nesse ponto, vemos um protagonista que cresce, tem sentimentos, e não se resume a um daquele heróis de filme de ação perfeitos, mas rasos ao cumprir seu papel dentro da trama de derrotar o inimigo e salvar os indefesos. Isso também fica evidente no interesse partilhado entre Peregrino e Túlio pela literatura clássica. O autor faz um perfeito paralelo das situações enfrentadas por Peregrino, com reflexões que o personagem faz em relação à obra Inferno (*Divina Comédia*) de Dante Alighieri, contribuindo para conferir maior profundidade ao personagem.

O livro tem um ritmo de leitura lento no início, quando o leitor é confrontado com muitas informações e termos técnicos, mas a tensão e complexidade da trama aumentam, sobrepondo essa dificuldade inicial.

Um dos aspectos mais interessantes da obra, além do pano de fundo político, é justamente o componente militar. A vida militar, seus equipamentos, jargão e forma de agir são muito bem representados pelo autor, mas o melhor de tudo é a dinâmica das batalhas. É notável a habilidade de Roberto para imaginar e compor complexos cenários de batalha militar, seja espacial, seja combate a pé, considerando tecnologias e equipamentos que não existem, especulados a partir da imaginação de um possível desenvolvimento científico e suas consequências. Neste aspecto, a obra vai ganhando um corpo coerente e que faz o leitor entrar na suspensão de descrença, aquele fenômeno em que nós, mesmo sabendo que tudo é ficção e nada daquilo existe de verdade, nos vemos acreditando e sendo plenamente iludidos por um contexto ficcional coerente e bem elaborado. Vem aquela sensação de que aquilo tudo realmente poderia acontecer um dia. O que demonstra que Roberto Causo é mesmo um dos autores de ficção científica mais habilidosos da atualidade.

Se somarmos *Glória Sombria*, *Mestre das Marés*, *Shiroma, Matadora Ciborgue* a mais uma dúzia de contos publicados em antologias diversas, notamos que o Universo GalAxis certamente é um dos cenários de ficção científica mais vibrantes (e ainda em expansão) no âmbito da FC nacional. Um conjunto de obras que você não pode deixar de conhecer.



COMBATENDO ROBÔS

Um artigo inédito do criador do Universo GalAxis.*

ROBERTO CAUSO

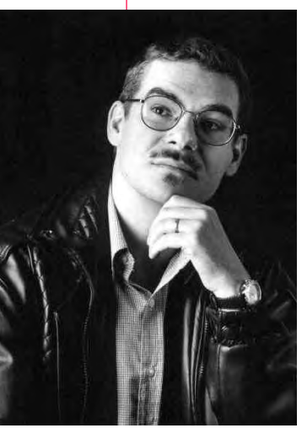


Foto: **Eugênio Frediani**

ROBÔS E *DRONES*

No Universo GalAxis, a maior ameaça são os enxames de naves-robôs dos alienígenas conhecidos como "tadais". Essa característica tem uma ênfase maior na série As Lições do Matador, já que os tadais concentram suas ações na região da galáxia conhecida como "A Esfera" – justamente a área de atuação de Jonas Peregrino, o protagonista da série.

A ideia certamente foi sugerida a mim pelas situações da série alemã de ficção científica *Perry Rhodan*, uma influência assumida sobre o Universo GalAxis, tanto que *Perry Rhodan* aparece como um produto cultural dentro desse universo: uma espécie de *reboot* chamado "Perry Rhodan Ucronia: A Esfera". A inspiração viria pela leitura dos primeiros ciclos da série criada em 1961 por K. H. Scheer & Walter Ernsting (escrevendo como "Clark Darlton"): "A Terceira Potência" e "Atlan e Árcon"; talvez também c.

No primeiro, o Major Perry Rhodan, da Força Espacial dos Estados Unidos, encontra no lado escuro da Lua uma nave vinda do planeta Árcon, o coração de um grande império galáctico. Liderados por Thora e Crest, seus tripulantes fazem uma parada na Terra durante sua busca pelo planeta Peregrino, um mundo volante que não orbita em torno de um sol, mas vaga pela Via Láctea. Segundo as lendas arcônidas, esse mundo guarda o segredo da vida eterna. Rhodan convence os dois aristocratas de Árcon a buscar na Terra a cura da leucemia de que sofre Crest. É o primeiro passo para que a humanidade passe a figurar no cenário da galáxia.

Mais tarde, descobre-se que os arcônidas utilizam armadas e exércitos de robôs, controlados por um supercérebro positrônico, para manter vivo o seu império ameaçado por disputas e rebeliões. Há um argumento racial de fundo, a noção de que os arcônidas seriam uma "raça degenerada", resultado de gerações de homens e mulheres indolentes, mimados pela hipertecnologia e pelo poder absoluto do seu império. Daí a necessidade dos robôs – mas também do recurso secreto do planeta Peregrino, que traria de volta o vigor da raça. Enquanto isso, fica claro que, na sua maioria, os arcônidas perderam o impulso da aventura e da conquista. Justamente aquilo que os terranos liderados por Rhodan têm de sobra.

Mesmo que a descrição dos arcônidas como muito brancos, louros, altos e elegantes permita se ver aí um discurso subversivo do racialismo cultural e científico que embalou o delírio homicida do Terceiro Reich, o fato é que o componente racial é desinteressante para a sensibilidade dos leitores atuais – com certeza, desinteressante para a minha própria exploração do tema da luta contra robôs na FC.

Contudo, *Perry Rhodan*, assim como muito da FC que inspirou a série, pode ter sido presciente. Isso acontece porque a humanidade parece estar hoje nos primeiros anos do uso em larga escala, ou em escala estratégica, de robôs na guerra – robôs ou máquinas semiautomatizadas, no estágio atual. São os *drones* de ataque, empregados principalmente pelos Estados Unidos em conflitos caracterizados por grande desproporcionalidade entre as forças do país detentor dos *drones* e os "combatentes inimigos", militantes, terroristas ou o que a retórica política momentânea escolher chamar. São veículos aéreos não tripulados, pilotados a distância, atacando alvos em terra que, na quase totalidade das vezes, poucas condições têm de se defender ou de contra-atacar.

O uso de *drones* de ataque em países como Afeganistão, Iraque, Paquistão, Iêmen e Síria tem se tornado uma questão política e legal para os Estados Unidos e outros países, que a acompanham com apreensão. Em muitos casos, é difícil diferenciar "combatentes inimigos" de civis inocentes, e fala-se até em ataques por indícios ou ataques de assinatura (*signature strikes*), em que ajuntamentos de pessoas são bombardeados pelos *drones* apenas por apresentarem gente de um certo perfil etário e étnico.[1] Uma política de Estado nada diferente dos ataques indiscriminados realizados por esquadrões da morte, compostos muitas vezes por policiais ou milicianos em São Paulo, Rio de Janeiro e outras metrópoles brasileiras, alvejando jovens com ou sem "passagem" pela polícia, em favelas e bairros de periferia.

Drones têm aparecido, antecipando ou refletindo essa celeuma mas caracterizados de diversas maneiras, em filmes de ficção científica como *O Exterminador do Futuro* (*The Terminator*, 1982), *Controle Absoluto* (*Eagle Eye*, 2008), *O Legado Bourne* (The *Bourne Legacy*, 2012), *Oblivion* (2013), *Homem de Aço* (*Man of Steel*, 2013), *Ender's Game: O Jogo do Exterminador* (*Ender's Game*, 2013), *Interestelar* (*Interestellar*, 2014); *RoboCop* (2014); e *Capitão América 2: O Soldado Invernal* (*Captain America: The Winter Soldier*, 2014).[2]

No ótimo filme da Marvel dirigido pelos irmãos Anthony & Joe Russo, por exemplo, não apenas os porta-aviões aéreos (que representam os *drones*) da organização de espionagem SHIELD têm a capacidade de atingir individualmente pessoas definidas como alvos (alegadamente por serem terroristas) por sua assinatura de ADN captada por satélites em órbita. Assim que é apresentado ao programa, Steve Rogers, o Capitão América, torce o nariz. "Isso é medo e não liberdade", afirma. Mas ele não sabe que os ataques obedeceriam a um algoritmo secreto enfiado no sistema pela organização inimiga, a Hydra, que prevê *quais* pessoas, por seus padrões de consumo e opinião em um mundo em rede, terão uma atividade questionadora ou transformadora no futuro. É a doutrina do ataque preventivo (do governo George W. Bush) e a lógica da antecipação da ameaça pela análise de metadados (do governo Barack Obama e da Agência de Segurança Nacional denunciados por Edward Snowden)[3] levadas às últimas consequências.[4] Ao mesmo tempo, tem-se a denúncia de uma liderança ilegítima (também presente em *Oblivion*, o filme de Joseph Kosinski) por mentir quanto à missão e violar princípios democráticos, constituindo-se, na verdade, em uma *força fascista* infiltrada no quadro mais elevado do poder internacional.

A ficção científica literária tem explorado conceitos semelhantes, e há um bom tempo. Na série de histórias e romances de Fred Saberhagen, "Berserker" (iniciada em 1963), uma linhagem de máquinas inteligentes sobrevive à guerra para a qual foram criadas. Na série, que teve alguns romances publicados em Portugal na famosa Coleção Argonauta, tais máquinas passam a atacar todas as formas de vida da Via Láctea. Vira e mexe, são descobertas em um ponto ou outro da galáxia, levando o terror às diversas civilizações espaciais. O conceito está presente, de maneira difusa, no universo ficcional do *videogame* de *space opera* militar *Halo*, e aparece ainda no episódio escrito por Norman Spinrad, "A Máquina do Juízo Final" (1967), da série *Jornada nas Estrelas*. Também o vemos em romances premiados como *The Forge of God* (1987) e *Anvil of Stars* (1993), de Greg Bear, nos quais máquinas destruidoras de planetas chegam a "mundos em desenvolvimento" como a Terra, destruindo-os antes que possam se tornar ameaças à civilização antiga, "desenvolvida", que lançou tais máquinas contra nós.

Anterior, o conto "A Sentinela" (1951), de Arthur C. Clarke, sugere premissa em comum com os romances de Bear. Uma sentinela robótica é descoberta na Lua. Seu descobridor, um astronauta humano, especula que ela poderia enviar alerta de que a humanidade alcançou tecnologia espacial, para uma civilização alienígena que viria nos cumprimentar pelo feito e nos unir à federação galáctica – ou nos *exterminar* por termos nos tornado uma ameaça em potencial à sua hegemonia. É uma das histórias de Clarke que balizaram o filme clássico de Stanley Kubrick, *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968).

Nesses filmes e livros, paira a ideia perturbadora de que as máquinas poderão adquirir autonomia de decisão e consciência própria, voltando-se contra os seus criadores. A premissa, integrada cedo à FC com *Frankenstein; ou o Moderno Prometeu* (1818),

* Baseado em conferência dada por **Roberto de Sousa Causo** no **IV Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional** na **Universidade Estadual do Rio de Janeiro**, em 13 de novembro de 2018. Causo agradece ao **Prof. Flavio García** e seus colegas da UERJ, pelo convite para falar no evento.

Notas na página 82.

de Mary Shelley, já foi empregada centenas ou milhares de vezes pelo gênero. Nem por isso o futuro uso de *drones* capazes de voar, escolher seus alvos e decidir sozinhos se matam ou não, antecipado pelos planejadores militares, deixa de preocupar a comunidade internacional. Um texto dos editores da revista *Scientific American* pede abertamente: "Banir robôs assassinos, como se faz com armas químicas e biológicas, é extremamente necessário." O editorial, que recorda as situações do filme de James Cameron *O Exterminador do Futuro*, aponta que setores já se articula para esse fim. Cita a Campanha para Parar Robôs Assassinos, "uma coalizão de 89 ONGs de 50 países", e uma proposta apresentada na Conferência Conjunta Internacional sobre Inteligência Artificial (em Estocolmo, 2018) que visa firmar o compromisso de "não participar ou apoiar o desenvolvimento, fabricação, comércio ou uso de armas autônomas letais", assinado por 244 organizações.[5]

No Universo GalAxis, tal banimento já ocorreu entre as espécies alienígenas com presença espacial mais antiga que a humanidade. Apenas os incógnitos vilões tadais não participam desse consenso.

SPACE OPERA E DARWINISMO SOCIAL

Existe nesse conceito tão repetido pela FC uma radicalização do darwinismo social – a noção da sobrevivência do mais forte levada ao plano político e social – pela presença de armas de destruição em massa em escala cósmica. Não é coincidência que todos os exemplos literários mencionados acima tenham sido escritos durante a vigência da "guerra fria" e sua ameaça constante de ataque nuclear. Mesmo na posterior *new space opera* dos britânicos Ken MacLeod e Alastair Reynolds, a perspectiva é levada a extremos – com vilões que se apoderam de depósitos de ADMs e heróis que exigem o extermínio preventivo de outras civilizações.

MacLeod propôs uma aproximação do aspecto teleológico do materialismo histórico marxista com o darwinismo social, presumindo o socialismo como fim do processo histórico/evolucionário: "Não acho que já tenha havido alguém que tenha sugerido esta base moral, ou amoral, para uma sociedade socialista", ele declarou em entrevista para a revista inglesa *SFX*, a respeito da ambientação política que vinha explorando desde o romance *The Sky Road* (1999). "O princípio do cada um por si. É darwinismo social (...). A coisa engraçada aparece quando você na verdade resolve qual tipo de sistema social seria estável entre pessoas egoístas com um poder tremendo, que todos naquele mundo possuem, em razão da natureza perigosa da tecnologia; teria de ser um mundo que fosse satisfatório para todos, um mundo no qual ninguém se tornaria fanaticamente enraivecido."[6] Um tipo de argumento embutido em obras antigas de cunho libertariano (filosofia político-social que MacLeod satiriza em *The Cassini Division*), como *As Casas de Armas de Ishtar* (1951), de A. E. van Vogt, em que o fim de um regime opressivo vem quando as pessoas, não importando suas intenções ou posicionamentos políticos, são misteriosamente providas com armas *high-tech*.

A *space opera* é devota de especulações de fundo darwinista social. Ela pressupõe tamanhos avanços tecnológicos, que outros mundos podem ser alcançados rapidamente e formam-se civilizações capazes de ocupar sistemas solares e grandes regiões da galáxia. As energias necessárias para esse tipo de viagem (muitas vezes descrita como mais rápida que a luz) podem ser dirigidas à guerra e à destruição de planetas inteiros, justificando a mesma lógica do tudo ou nada: genocídios preventivos e aborto forçado da ascensão de novas potências espaciais.

Certamente, uma prática terrível como essa seria uma resposta ao Paradoxo de Fermi – o fato de ainda não termos detectado sinais de civilizações alienígenas no universo. No romance *In the Ocean of Night* (1977), Gregory Benford brinca com a hipótese de o paradoxo ser explicado por comunicações entre espécies alienígenas empregando um tipo de partícula desconhecida da ciência humana, mas conclui que civilizações computadorizadas estão lá fora destruindo biosferas inteiras, explodindo sóis em "ataques preventivos" (expressão que usa literalmente) contra potenciais civilizações biológicas.

A tendência persiste século XXI adentro. Agora em 2019, o crítico americano Russell Letson definiu a série Polity, do autor inglês Neal Asher, como "um universo dominado por forças evolucionárias e pós-evolucionárias que favorecem a predação e o conflito como seus mecanismos principais".[7]

Uma alternativa muito inteligente e instigante a esse estado especulativo de coisas está na série Elevação,[8] e David Brin, em que civilizações avançadas adotam seres não sencientes e os "elevam" como espécie, tratando-os como seus servos ou associados, e não como competidores ou inimigos. Está clara a analogia com povos "clientes" ou *proxies*, parte da problemática imperial e colonialista de europeus e norte-americanos, e a subordinação político-cultural de outros povos. Mas neste caso e dentro da lógica de evitar a acesso de civilizações a uma perigosa hipertecnologia, tem-se a sugestão de uma *subordinação preventiva*, no lugar do *extermínio preventivo*. O espaço, no qual se projetam as espécies elevadas, funciona, neste caso, como a modernidade que, no nosso mundo contemporâneo, está expressa no contexto global de contínua demanda por integração, com o qual as culturas tradicionais ou divergentes têm sido forçadas a se defrontar.

COOPERAÇÃO, COMPETIÇÃO E GUERRA

Não tenho muita simpatia pelo darwinismo social. Em meu livro *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (Editora UFMG, 2003), não o abordo como algo positivo, ao analisar a presença dessa tendência de pensamento na FC americana do período: "[O] reconhecimento [de uma] conjuntura [particular brasileira] fundamenta a rejeição de conceitos importados, como o darwinismo social, que ainda sobrevive como discurso ideológico nos países desenvolvidos, mas um discurso que não tem providência quanto ao subdesenvolvimento. Para o darwinismo social, os países subdesenvolvidos não são mais que os perdedores da história em uma disputa determinista. Não há razão na convivência entre um discurso darwinista social, e uma conjuntura de neocolonialismo – como vimos a respeito da FC brasileira do final do século XIX e início do século XX – salvo dentro de uma postura elitista interna ao país."[9]

O sociólogo afro-americano Rutledge M. Dennis faz, no artigo "Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race" (1995), um histórico desse conceito: "Embora Darwin se focasse primariamente na evolução biológica de espécies animais e quase nunca tratasse das consequências culturais ou sociais dessa evolução para os humanos, outros, como Herbert Spencer, que primeiro cunhou a frase 'sobrevivência do mais apto', argumentou que os princípios darwinistas pretendiam apoiar o caso de que a evolução biológica poderia ser aplicada igualmente às sociedades humanas." Além disso, Spencer argumentou que "as sociedades humanas, como as espécies biológicas, operam de acordo com princípios de seleção natural, sendo governadas por competição e aptidão, e evoluem a partir de um estado indiferenciados (homogêneos) e primitivos, para um de diferenciação (heterogêneo) e progresso."

Essas reflexões possuem uma face cruel e determinista. Ainda na interpretação de Rutledge Dennis, sobre os conceitos de Spencer: "Aqueles fracos ou mal-equipados demais para competir, ou aqueles que não têm a disposição ou a capacidade para fazê-lo, (...) não deveriam receber um impulso artificial para mantê-los no campo de batalha da Natureza. As ideias de Spencer sobre a evolução e o funcionamento das sociedades humanas eram sustentadas em conjunção com suas fortes crenças no governo de *laissez-faire* e no individualismo."

Por sua vez, John C. Greene (1963), historiador da ciência citado por Dennis e autor de *Darwin and the Modern World View* (1963), "associa Spencer mais diretamente a ideias equiparadas ao pensamento racista, ao notar que a crença de Spencer, de que o conflito racial era a chave para o progresso social porque acarreta 'um contínuo domínio dos menos poderosos ou menos adaptados pelos mais poderosos ou mais adaptados, uma condução das variedades inferiores para os *habitats* indesejados, e ocasionalmente, um extermínio das variedades inferiores'."[10] Essa é, a propósito, a visão dramatizada em *O Mundo Perdido* (*The Lost World*, 1912), de Sir Arthur Conan Doyle, em que hominídeos descobertos em um platô amazônicos são exterminados pela equipe de heróis brancos, auxiliando os indígenas locais (mais "modernos" que os hominídeos) em sua disputa. E igualmente por Monteiro Lobato no romance de FC *O Presidente Negro ou O Choque das Raças*, de 1926, com seu visor temporal que permite o testemunho das eleições presidenciais americanas no ano 2228, marcadas pelo conflito racial.

"O alarme de Spencer quanto à ameaça potencial dessas variedades inferiores para a civilização ocidental foi uma consequência lógica do seu desejo de promover uma sociedade de cidadãos intelectualmente superiores", prossegue Rutledge Dennis. "De fato, o grande temor dele era o de que governos

interviessem para manter os menos poderosos com a cabeça fora d'água, com recursos artificiais como políticas de bem-estar social, desse modo perturbando o processo de seleção natural [...]".[11]

Obviamente, não aprovo tais justificativas de fundo científico. O próprio mundo científico tem acautelado quanto à transferência superficial de observações do campo da biologia para o da psicologia ou da antropologia. No artigo "Equívocos da Psicologia Evolutiva Popular" (2009), o Prof. David J. Buller afirma que o conceito central da sociobiologia surgida na década de 1970 é o de que "o comportamento evoluiu sobre a seleção natural e sexual (em resposta à competição pela sobrevivência e reprodução, respectivamente) da mesma forma que o organismo físico. A partir daí a sociobiologia estendeu o estudo da adaptação para incluir o comportamento." A seguir, ele nota que "a onda da vez é a psicologia evolutiva, segundo a qual a adaptação integra os mecanismos psicológicos que controlam o comportamento, e não os próprios comportamentos. [...] E embora alguns estudos da psicologia evolutiva sustentem alegações despretensiosas com uma cuidadosa pesquisa empírica, uma variante dominante, a psicologia evolutiva pop [...], oferece ao consumo popular alegações completas e abrangentes sobre a natureza."[12]

Muita FC certamente replica conceitos dessa psicologia evolutiva pop, e ao advertir o leitor quanto aos excessos da "PE Pop", Buller lembra que a ideia de que as questões de adaptação humana no Período Pleistoceno dariam pistas sobre a estrutura da nossa mente não passa de especulação.[13]

Para além dessa problemática, outros desenvolvimentos na área da biologia têm lembrado que a perspectiva darwinista de competição não é hegemônica, ao apontarem a importância da simbiose na própria evolução das espécies – como faz Frank Ryan em *Darwin's Blind Spot: Evolution Beyond Natural Selection* (2002). "A simbiose complica o ponto de vista unitário ensinado nos cursos de biologia, mas ela traz uma maravilhosa perspectiva nova sobre a vida em geral e a sociedade humana em particular", Ryan escreveu na introdução do livro. "Desde o início, a teoria evolucionária tem sido aplicada a muitos campos dos assuntos humanos, como a sociologia, a psicologia e mesmo a política. Tais interpretações, vistas apenas de uma perspectiva darwiniana, levam a uma ênfase excessiva na competição e no conflito. Mais danoso de todos, o darwinismo social da primeira metade do século XX levou diretamente aos horrores da eugenia. O surgimento, mais uma vez, do darwinismo social é portanto uma fonte de preocupação para muitos cientistas e sociólogos." Ele então propõe que um "entendimento mais amplo da evolução, levando em conta não apenas interações entre espécies, mas também a cooperação dentro da nossa espécie humana apresentaria algum senso de equilíbrio à nossa compreensão desses aspectos altamente controversos, do comportamento social e psicossexual humanos."[14]

Ao mapear a inserção das ideias darwinistas de seleção natural pela competição e conflito no plano político e sociológico, Ryan observa que o darwinismo social se instaura em um contexto britânico de imperialismo e divisão de classes que dificilmente poderia aceitar algo diferente desse teor. De fato, uma ideia nova não desloca por completo as ideias vigentes no momento da sua inserção. Pelo contrário, tem a tendência de se compor com ideias e procedimentos já instalados, de maneira análoga ao processo linguístico da composição de adstrato e substrato na formação de uma nova língua.

Algo semelhante pode ser observado quanto à sociedade americana, sempre competitiva e individualista, e na qual o darwinismo social se instala em um contexto de luta por hegemonia territorial e racial sobre indígenas e mexicanos. Ryan cita o biólogo canadense Jan Sapp, que, em 1990, observou: "a coisa interessante é que a simbiose certamente desafia o individualismo, e à luz disso parece relevante que nunca tenha havido um encontro [de acadêmicos e cientistas] sobre simbiose, nos Estados Unidos."[15] Comentário que, no mínimo, atesta a projeção de um pensamento científico sobre o plano social.

Felizmente, o argumento a favor da cooperação inspirada na simbiose já alcançou a ficção científica. Em *The Martian Race* (1999), de Gregory Benford, duas equipes da iniciativa privada disputam um prêmio de 30 bilhões de dólares para aquela que conseguir pousar e retornar em segurança do planeta Marte, após realizar pesquisas científicas de peso em sua superfície. A competição e o sigilo em torno das pesquisas leva à morte de dois astronautas – e à necessidade de cooperação entre os sobreviventes. O pivô das mortes é uma estranha forma de vida marciana, simbiótica, formada de micro-organismos coletivizados e capazes de um comportamento coerente e complexo. A certa altura, a heroína, a bióloga Julia, declara aos colegas – uma mulher que não pode partir sozinha depois de perder os colegas, e quatro tripulantes que não podem decolar em sua nave avariada – que não estão enfrentando um impasse marciano, e sim "uma solução marciana".[16] Julia elabora: "De certo modo, é uma solução da velha Terra. Antes que as forma multicelulares que usam oxigênio elevassem as apostas competitivas, as anaeróbicas usavam um sistema diferente. Bem, na verdade ainda usam. Bactérias confrontadas com um veneno no seu meio ambiente não têm que esperar por uma mutação aleatória que as ajude. Elas apenas pegam um gene útil de uma outra bactéria. E não só de outras cepas da mesma espécie, mas até de espécies não relacionadas estreitamente. [...] Só estou dizendo que as anaeróbicas trabalham juntas em vez de em propósitos contrários. Ao invés de competirem com organismos diferentes em uma corrida para chegar na frente, elas todas avançam juntas. Acho que é isso que [a forma de vida marciana] tem feito. É isso o que também estamos fazendo."[17]

Na série As Lições do Matador, em duas instâncias eu questiono o darwinismo social quase que abertamente: em "Descida no Maelström" (2009), e em "A Alma de um Mundo" (2012). Na primeira dessas duas noveletas, Jonas Peregrino discute com o Almirante Otterholm, da Aliança Transatlântico-Pacífico, a atitude de genocídio por atacado dos tadais. Ele é forçado a ouvir isto de Otterholm: "Mas veja que uma estratégia como essa faz sentido, Peregrino, e pertence à experiência humana. É a lógica da competição levada à escala galáctica..."[18]

Na segunda, Peregrino discute com a Capitã Leyla Márquez a ênfase dada à cooperação pelos alienígenas conhecidos como o Povo de Riv. O planeta dos alienígenas não possuía luas que estabilizassem o seu eixo de rotação: "Uma das principais estratégias de sobrevivência das espécies no planeta seria, quando o ecossistema se alterava com a oscilação do eixo, a associação com outras espécies. Cooperação e até simbiose. Cada vez que ocorria uma mudança no eixo de rotação, as espécies se reagrupavam, refazendo ou criando novas associações pra enfrentar a catástrofe." Márquez não se convence e argumenta que as associações formadas teriam de continuar competindo entre si. Diante disso, ele responde: "Acho que tudo depende de como competição ou cooperação, desconfiança ou confiança, entram na ideologia. Até os substantivos na língua deles costumam ser compostos... Enquanto nós tivermos que lidar com darwinismo social, disputa ideológica, competição entre as nações, divisão em castas e luta de classes, o Povo de Riv escolheu outra base para o seu pensamento."[19] A declaração evoca o relativismo cultural no pensamento pós-modernista, para o qual não existem absolutos culturais nem imperativos deterministas. Mas ao mesmo tempo, o argumento sobre o Povo de Riv preserva uma lógica evolucionária.

Até mesmo a guerra, ápice do conflito e, como "continuidade da política por outros meios" (nas palavras de Carl von Clausewitz), da competição entre as nações, tem sido analisada por uma perspectiva que nega os imperativos do darwinismo social. Ryan levanta o caso da cidade antiga de Caral, descoberta em 1994 no território do Peru e datada como possuindo algo como cinco mil anos – "de longe, a cidade mais antiga encontrada em qualquer lugar das Américas". A ausência de evidências de qualquer conflito armado em grande escala em Caral deixou perplexo o arqueólogo Jonathan Haas, "o maior proponente do conflito como a força central por trás das origens das cidades, [que] encontrou mecanismos baseados na agressão onde quer que olhasse, das cidades da América Central ao Egito, Mesopotâmia, Índia e China." Isso o fez "avançar a teoria de que o medo do conflito forçara pequenos grupos a se juntar, buscando proteção mútua".[20] Sem achar evidências de conflito ou de violência em Caral, mas apenas de comércio, Haas admite: "Você precisa mudar todo o seu pensamento sobre o papel da guerra naquelas sociedades. Parece que a troca emerge agora como a teoria mais efetiva que temos hoje para explicar como esse sistema se desenvolveu."[21]

Além do exemplo espantoso de Caral, uma reportagem recente na *Scientific American Brasil* – "Por que nós Lutamos", de R. Brian Fergusson – resume a polarização existente em torno da questão do surgimento da guerra: "Em uma [posição], a guerra é uma inclinação resultante da evolução para eliminar qualquer concorrente em potencial. Segundo esse cená-



rio, desde os tempos dos nossos ancestrais comuns com chimpanzés, os humanos sempre guerrearam. A outra posição defende que o conflito armado só surgiu nos milênios mais recentes, quando mudanças nas condições sociais forneceram a motivação e a organização para matar coletivamente."

O argumento darwinista tradicional está embutido, é claro, na primeira postura. Alguns dos seus proponentes atribuem à guerra perdas humanas superiores a 25%, nas sociedades antigas: "Com perdas dessa magnitude, argumentam psicólogos evolucionistas, a guerra serviu como mecanismo de seleção natural em que os mais aptos triunfam para conquistar companheiros e recursos."[22] Um desses psicólogos, Bradley Thayer, explica a tendência para a xenofobia e o etnocentrismo nas relações internacionais a partir desse mesmo raciocínio. Não obstante, as evidências arqueológicas tomadas globalmente sugerem que as culturas guerreiras "se tornaram comuns apenas nos últimos 10 mil anos – e, na maior parte dos lugares, muito mais recentemente do que isso".[23] Se a guerra tem data de surgimento e depende de condições sociais de concentração de recursos e de hierarquização social nas comunidades (como os resultados sugerem), ela *não* é um fato natural da condição humana, resultado da evolução da espécie.

É preciso reforçar que o pensamento darwinista social enraizou-se de modo particularmente forte nos Estados Unidos. Rutledge Dennis lembra que durante o período anterior à Guerra da Secessão, William Graham Sumner "foi o principal darwinista social da nação; ele também foi o primeiro sociólogo da nação. Sumner adotou as ideias de governo de *laissez-faire*, seleção natural e sobrevivência do mais apto de Spencer e as aplicou à sociedade americana. Essencialmente, ele sustentava que o que é acaba representando o selo de aprovação da Natureza sobre o que *deve* ser."

Essa posição de fundo basicamente conservador foi usada por Sumner para justificar a escravatura: "Sumner argumentava que, pela escravidão permitir aos grupos superiores a liberdade para construir e desenvolver mais culturas refinadas, ela na realidade avançava a causa da humanidade [...]." Interessantemente, para a nossa visada sobre personagens que vão de Rhett Butler a Han Solo,[24] ele enxergava a sociedade dos Estados Unidos, "particularmente a classe comerciante americana, como representativa da ordem natural das coisas e exemplo vivo da tese da aptidão de Spencer." Ainda a respeito de Sumner e da tendência que ele veio a representar, Dennis sentencia: "Quando as rígidas crenças políticas de Sumner são combinadas com sua visão da escravatura, o que emerge não é só uma postura anti-humanista, mas também uma que promove indiferença e crueldade social."[25]

O escritor americano de FC Poul Anderson (1926-2001) divide o protagonismo da sua "história do futuro" entre o militar e agente secreto Dominic Flandry e o comerciante e aventureiro espacial Nicholas van Rijn. No livro *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*; 1964), narrando aventuras de van Rijn, Anderson inclui excerto de um texto fictício, *Margem de Lucro*, que descreve em termos econômicos liberais o papel dos mercadores na sua Technic Civilization Saga: "Um truísmo, a estrutura da sociedade é basicamente determinada por sua tecnologia. Não em sentido absoluto – pois é possível que existam diferentes culturas que utilizem ferramentas idênticas –, embora as ferramentas determinem as possibilidades: impossível o comércio interestelar sem espaçonaves. Uma raça limitada a um planeta, que possua um grande conhecimento de mecânica, cujas máquinas básicas, de comércio e guerra, exijam, entretanto, um grande investimento de capital, tenderá, é inevitável, para o coletivismo, não importa o nome que ostente. A livre iniciativa necessita de espaço para manobrar."[26]

A última afirmativa explica o interesse dos escritores de linha liberal econômica e libertariana pela FC espacial e pela ideia da expansão a outros planetas. O libertarianismo e o anarquismo podem ser teorias políticas interessantes em sua defesa da liberdade como princípio maior, mas o estado mínimo ou ausente, num contexto de superpopulação e escassez de recursos, dá margem a agressão ao vizinho ou ao meio ambiente em escalas que logo roubariam dessas opções qualquer aura de racionalidade ou romantismo. No colonização de outros planetas, retorna-se a uma demografia rarefeita e, pelo viés da FC americana, ao romantismo do Oeste Selvagem.

Anderson desenha as condições (ficcionais) para isso: "A automação transformou a manufatura em

algo barato, e o custo da energia mergulhou de cabeça quando da invenção do conversor de prótons. O controle da gravidade e a hiperpropulsão abriram uma galáxia à exploração; e forneceram a válvula de segurança: todo cidadão, que se julgasse oprimido pelo governo, poderia emigrar para onde desejasse. O fato veio fortalecer os planetas libertários [libertarianos], cuja influência, por sua vez, relaxaram [*sic*] as fronteiras dos antigos mundos." Logo adiante, ele evoca as vantagens do "equilíbrio do terror" imposto na época pelos arsenais nucleares de Estados Unidos e União Soviética: "São tão grandes as distâncias interestelares, e tão próprias as idéias [*sic*] de cultura das raças inteligentes, que não houve união universal. Nem houve, tampouco, muita guerra: muito destrutiva, com pouquíssima chance, para qualquer dos lados, de escapar à ruína e muito pouco por que lutar. Uma espécie não consegue ser inteligente sem conter, em si mesma, uma quota exorbitante de crueldade. Portanto, nem tudo foi doçura e fraternidade... entretanto, o equilíbrio de poder permaneceu razoavelmente estável. E houve uma demanda ativa para o escambo de mercadorias. [...] Em tais condições, o capitalismo exuberante estava prestes a fincar raízes. Prestes, também, a descobrir interesses mútuos, a constituir alianças, a determinar esferas de influência. Poderosas companhias juntaram-se para espremer a concorrência, para majorar os preços e, de um modo geral, para fazer, de uma coisa boa, o melhor. Os governos foram restritos, cada um, no máximo, a uns poucos sistemas planetários; pouco puderam fazer para controlar seus mercadores cosmopolitas. Um a um, por suborno, coerção, ou por mero desespero, desistiram da tentativa."

Anderson faz uma paráfrase do economista Adam Smith (1723-1790), o "Pai do Capitalismo", ao afirmar: "O egoísmo é uma força poderosa. Os governos dedicados, em termos oficiais, ao altruísmo, permaneceram divididos." Depois de definir a liga dos mercadores como uma "sociedade horizontal, que atravessava todas as fronteiras políticas e culturais", ele arremata com a sugestão dogmática de que a livre iniciativa conduz ao equilíbrio das forças econômicas: "enquanto ordenhava a Via-Láctea, muito fez, mais que todos os diplomatas da galáxia, no sentido de disseminar uma civilização verdadeiramente universal e reforçar uma Pax duradoura."[27]

Na noveleta "Território" ("Territory"; 1963), o herói comerciante van Rijn resgata uma jovem idealista de um mundo altruísta que tenta salvar um planeta alienígena de uma era glacial, buscando a cooperação com os nativos. Para isso, ele usa táticas comerciais que canalizarão as disputas internas dos E.T.s para a indústria e o comércio. "Mas não viemos aqui para explorá-los!", exclama a mulher. A resposta de van Rijn: "[Eu], com certeza, vim." É como se Anderson afirmasse, com a sua história, que impor aos povos "primitivos" o comércio e a livre iniciativa era solução mais racional que esforços altruístas do tipo Peace Corps: "Uma outra vantagem é que transformar isso tudo numa operação lucrativa para todos é garantir, com maior segurança, que o trabalho continuará por tempo suficiente para salvar o planeta", seu personagem argumenta. "E você, que pensava que seu governo seria capaz de salvá-lo? Bah! Os governos são uma chateação! Qualquer mudança de ideologia, ou até mesmo de humor, e... pronto! Lá se vai todo o projeto! A ação privada, porém, onde todos os envolvidos são necessários aos ganhos de todos os demais, é estável. A política, vai e vem, mas a ganância é imortal."[28] Anderson deixa de mencionar alterações, substituições e esgotamentos de mercados que tornariam desinteressante a empreitada no planeta em questão, e em outros, largando-os à própria sorte.

Na história "A Chave Mestra" ("The Master Key"; 1964), o escritor exprime o seu darwinismo social, separando a humanidade entre homens livres/animais selvagens e escravos/animais domesticados. A última palavra de van Rijn afirma essa divisão a partir de uma rajada de perguntas: "E quantas pessoas, hoje em dia não são, no mínimo, animais domésticos? Que desejam que outra pessoa diga-lhes o que fazer, que tome conta de suas necessidades, e que as proteja, não apenas contra os companheiros? Por que toda a sociedade humana livre teve duração tão curta? Não seria porque os homens 'animais selvagens' nascem [de maneira tão terrivelmente rara]?"[29]

NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Na atualidade, o efeito mais perverso do darwinismo social é a promoção da indiferença diante da pobreza, da desigualdade social e de renda, da opressão e dos seus mecanismos violentos. Segundo o filósofo francês Grégoire Chamayou, em *Teoria do Drone* (2013), o uso dos veículos aéreos não tripulados em ataques aéreos e assassinatos tem o efeito semelhante de naturalizar a violência sobre pessoas a quem se nega qualquer condição além de "simples alvo". O mandato de proteger "vidas americanas" se estende a "combatentes" que se abstêm de comparecer ao campo de batalha, desse modo roubando do inimigo a chance de provar-se mais forte ou capaz. Esse inimigo é prontamente visto como menos que humano, derrotado no processo natural de afirmação pela competição e pelo conflito, de superioridade de uns sobre os outros: "O que poderia ainda se apresentar como um combate converte-se em simples campanha de abate",[30] escreve Chamayou, sobre aquilo que alguém chamou de "caça ao homem preventiva".[31]

A teoria de Chamayou aborda a questão dos *drones* a partir da guerra aérea surgida nos século XX, que institui uma verticalização do poder militar e uma projeção de intenções de agressão estratégica pouco mediada pela presença de soldados no terreno. O bombardeio aéreo não apenas ataca o inimigo em terra, como destrói infraestrutura e capacidade industrial. Quando dirigido a populações civis, busca abalar o moral da sociedade que sustenta o esforço de guerra. A verticalização que faz com que a tripulação do bombardeiro não veja de perto o resultado dos seus atos se espelha em uma distância horizontal em que não é preciso mobilizar uma enormidade de tropas e recursos para invadir e ocupar um território inimigo, e causar os efeitos estratégicos desejados. Com o *drone*, o piloto pode se encontrar no seu próprio território nacional, enquanto o aparelho ataca o território de outro país. O piloto combate *sem ser mobilizado*, deixa seu turno de trabalho em tempo para pôr os filhos na cama ou ir à igreja ou às compras com a família. A violência está costurada em seu cotidiano.

De modo semelhante, os políticos e militares que fazem uso dos serviços do piloto de *drone* esquivam-se das questões políticas que marcaram a democracia moderna americana desde a guerra do Vietnã: a rejeição popular do alistamento compulsório, a vulnerabilidade política trazida pela cobertura da imprensa, o retorno do soldado física ou mentalmente lesado ao seio da sociedade para se transformar, direta ou indiretamente, num propagandista antiguerra.

Existe aí uma distância entre os combatentes de que Chamayou não trata, mas que está implícita na oposição "soldados cidadãos" – aqueles que deixam a sociedade para combater e retornam a ela sem necessariamente terem alterado seus valores ou pontos de vista – e tropas de forças especiais que operam num *ethos* de excepcionalismo e de segredo que abafa tais riscos políticos. O soldado cidadão pode dizer "não", recusar-se a matar fora das regras de engajamento ou da Convenção de Genebra, e retornar à sociedade para lamentar ou denunciar atrocidades. Os membros das forças especiais podem fazer o mesmo, mas a ocorrência é bem mais rara. Tanto que o jornalista Jeremy Scahill os coloca no centro da sua investigação das guerras sujas dos Estados Unidos neste século, como parte de um aparato secreto de assassinato.

"As características da guerra à distância poderiam servir para calar as críticas antiguerra que tentam deter seu desenvolvimento", afirmou em 1973 um artigo anônimo na revista *Science for the People*, citado em *Teoria do Drone*. "Os brinquedos não têm mães, nem esposas para protestarem contra suas perdas. A guerra à distância é muito barata. [...] A única coisa que resta a protestar é o assassinato e a subjugação dessas pessoas que o exército norte-americano chama de 'comunistas', *gooks* [termo racista para os asiáticos] ou simplesmente 'o inimigo'. Mas sem dúvida, para o exército norte-americano, em princípio o mundo inteiro é inimigo potencial."[32]

O artigo se refere a aviões bombardeiros e a baterias de mísseis, mas antecipa a lógica por trás da adoção dos *drones* de ataque, cujo uso é racionalizado em termos de uma projeção de poder sem projeção de vulnerabilidade.[33] Mas a *projeção* não constitui uma estratégia antiterrorista ou contra-insurgente em si mesma, de modo que os resultados são frequentemente opostos aos desejados. Citando David Kilcullen & Andrew McDonald Exum em coluna no *New York Times*, Chamayou aventa que os ataques de *drones* "não fazem mais do que jogar a população civil nos braços de grupos extremistas que lhes parecem, em suma, 'menos odiosos que um inimigo sem rosto que trava guerra a distância e em geral

mata mais civis do que militantes'".[34] Além disso, "ao recorrer maciçamente a um gadget tecnológico e não a uma verdadeira estratégia, o aparelho de Estado corre o risco de uma alienação política acelerada".[35] Ele abandona o objetivo de conquistar a simpatia da população mirada pelos insurgentes como base de apoio, colocando, ao invés, as fichas numa política de resultado sobre o terrorista presumido e de desmoralização da sua suposta base de apoio. "São armas de um terrorismo de Estado", sentencia Chamayou.[36]

Para além de alienar a população civil do território atacado, o uso dos *drones* busca alienar o Estado do seu próprio povo, criando um distanciamento cognitivo sobre a ação *bélica* que contorna as bases jurídicas da guerra, o escrutínio da imprensa e os olhos da sociedade civil. A circunstância máxima dessa operação seria o *drone* autônomo, capaz não apenas de decolar, voar e pousar sozinho, mas também de localizar seus alvos e decidir se ataca ou não. Um desenvolvimento que pertence ao horizonte do possível. Chamayou cita o roboticista Ronald Atkins, e o divulgador do conceito da inteligência artificial, Marvin Minsky, que declarou: "A longo prazo, qualquer passo rumo à telepresença" – como no veículo aéreo pilotado à distância – "é um passo rumo aos robôs".[37]

O que está em jogo nesse processo iniciado com os *drones* é a atribuição de responsabilidade e a naturalização da violência armada: "Um robô comete um crime de guerra. Quem é o responsável?", Chamayou indaga. "O general que o enviou? O Estado que é seu proprietário? O industrial que o produziu? Os analistas de sistemas que o programaram? [...] Além de não haver mais atribuição simples de responsabilidade, esta, ao se difratar nessa rede acéfala de agentes múltiplos, tende também a se diluir em sua qualificação, passando do intencional ao não intencional, do crime de guerra ao acidente militar-industrial."[38]

A vítima ou "inimigo", implicitamente reduzido a uma entidade menos que humana por ter os seus direitos negados, torna-se simplesmente alguém presente no momento e no lugar errados, vítima de uma ação que é pouco mais que um acidente, inalcançável para quem questionar a sua justiça.

LIBERTARIANISMO E FICÇÃO CIENTÍFICA

Definido na terceira edição (*online*) de *The Encyclopedia of Science Fiction* como um movimento político "originado e largamente confinado aos EUA, o libertarianismo é uma forma de anarquismo [...] que enfatiza a competição (não-violenta) ao invés da cooperação voluntária proposta pelo ramo mais antigo do pensamento anarquista [...]." Responsável pelo verbete, Neil Tringham também observa que, de "forma única entre os movimentos políticos, muitos dos textos mais influentes do libertarianismo foram escritos por escritores de fc".

Ele cita como exemplos influentes *A Revolta de Atlas* (*Atlas Shrugged*, 1957), de Ayn Rand, e "a maioria das primeiras obras de Robert A. Heinlein (até e culminando em *The Moon Is a Harsh Mistress* [...]) e, em grau menor, *The Syndic* de C. M. Kornbluth [...]. Tais trabalhos poderiam ser chamados de 'proto-libertarianos' em natureza – uma descrição que se aplica particularmente a Rand, fundadora da filosofia aliada do Objetivismo. Ficções explicitamente libertarianas, com suas sociedades e sistemas econômicos alternativos detalhados caracteristicamente não começaram a aparecer até os anos 1970, com a publicação de *Alongside Night* (1979) de J. Neil Schulman e da trilogia Illuminatus! (1975) de Robert Shea & Robert Anton Wilson."

Um outro trecho assinala a aproximação do libertarianismo com o pensamento darwinista social: "Enquanto os não simpatizantes possam ser repelidos pela frequente concentração da fc libertariana em aventura antes da caracterização, sua atitude às vezes casual quanto à violência, e sua associação solta com os princípios do Darwinismo Social, os escritores libertarianos podem argumentar que têm um compromisso genuíno e honesto com sua visão da liberdade humana." E Tringham opina que parece "provável que a influência do movimento dentro da fc irá crescer".[39] A existência de um prêmio, o Prometheus, organizado pela Libertarian Futurist Society[40] e voltado para o reconhecimento da produção de FC com esse teor, sublinha o relacionamento entre o gênero e essa corrente de pensamento.

De fato, um segmento substancial da ficção científica *hard* e da *space opera* – com o recurso frequente do ataque preventivo e do robô exterminador genocida – foi "colonizado" pelo libertarianismo; como vimos, inclusive, pelas citações precedentes de Poul Anderson. Nas Lições do Matador, a presença da casta de ciborgues militares dos Minutemen reconhece e meio que satiriza esse fato. Ela apareceu pela primeira vez em "A Alma de um Mundo" como força mercenária enviada para capturar um povo de refugiados alienígenas e entregá-los ao bloco político da Aliança Transatlântico-Pacífico, junto no qual, muito provavelmente, serão submetidos a tortura e a experimentos científicos. Recorrendo aos escritos de um dissidente, Peregrino entende que "a utopia libertária era rural, familiar e isolacionista". Quando sua interlocutora pergunta por que colocar "todas as suas fichas numa casta militar", ele responde: "Pela ilusão do excepcionalismo [...]. Pela ideia de que a ausência do estado ou de um governo estrito, e de que um mercado livre auto-organizado leva a uma sociedade e a um indivíduo superior aos outros. [...] Os Minutemen, super-homens por direito próprio, são o ápice desta visão."[41]

Já na série Shiroma, Matadora Ciborgue, a heroína realiza o assassinato, durante um exercício militar, de um oficial Minutemen acusado de cometer atrocidades contra civis, mas fora do alcance da justiça. Em *Mestre das Marés* (2018), o segundo romance da série, a personagem Beatrice Stahr é uma ex-Minutewoman que conta a Jonas Peregrino algumas das circunstâncias sociais da casta, que incluem casamentos arranjados entre casas familiares.

Contudo, em vários momentos Peregrino expressa alguma simpatia por uma parte da visão de mundo libertariana – aquela que valoriza o posicionamento do indivíduo perante o poder, rejeitando a coerção e valorizando intenção, diálogo e disposição de cumprir os contratos sociais. Segundo David Boaz em *Libertarianism: A Primer* (1997), na "visão libertariana, todos os relacionamentos humanos deveriam ser voluntários".[42] De modo semelhante, o influente pensador americano do século XIX Ralph Waldo Emerson, muitas vezes reivindicado pelo libertarianismo como um ilustre representante dessa corrente,[43] definiu um individualismo quase zen que resiste a consensos coletivos quando eles representam ignorância, opressão e injustiça: "É fácil no mundo viver pela opinião do mundo; é fácil na solidão viver por si mesmo; mas o grande homem é aquele que, no meio da multidão, mantém com perfeita doçura a independência da solidão." Ênfase em doçura...

Enfim, o libertarianismo como pensamento político e econômico não é monolítico nem intrinsecamente negativo. Já foi definido, inclusive, como liberal em termos econômicos mas progressista em termos de direitos individuais.[44] A sua ênfase no direito à propriedade, que pode justificar abusos contra o meio ambiente, a memória histórica ou os direitos dos trabalhadores, é equilibrada pelo "libertarianismo de esquerda", que entende que esse direito deve ser relativizado em prol da coletividade.

É um risco raramente registrado, escrever dentro de um espaço ficcional colonizado por uma determinada ideologia ou tendência política. Ainda mais uma tão característica de outro país – e um país que domina a produção mundial de ficção científica. Daí, inclusive, a *new space opera* britânica oferecer abordagens diferentes, em geral buscando perspectivas socialistas. Do lado da FC brasileira, vale lembrar o fio de anarquismo clássico que encontramos em obras tão distintas como *Zanzalá* (1936), de Afonso Schmidt; *Piscina Livre* (1980) e *Amorquia* (1991), de André Carneiro; *A Casca da Serpente* (1989), de José J. Veiga; *Não Somos Humanos* (2005), de Domingos Pellegrini; e *Labirinto Digital* (2005), de Mario Kuperman. Uma primeira necessidade, de qualquer modo, é reconhecer a existência desse espaço colonizado, e em seguida problematizá-lo de algum modo, na própria literatura.

Além disso, o Brasil e o mundo estão mudando rapidamente na direção do liberalismo econômico e do seu fundo darwinista social – sem mencionar do fascismo velado ou descarado da "nova direita". Basta recordar as ocorrências, nas recentes manifestações que ganharam as ruas brasileiras durante o governo de Dilma Rousseff, do *slogan* "Quem É John Galt?" – expressão idiomática que remete ao herói ubíquo de *A Revolta de Atlas*, um homem que se insurge contra a sociedade coletivista futura em que vive e, como filósofo, celebra em seu pensamento e atitude o egoísmo racional do indivíduo.

Recentemente,[45] o Prof. José Eduardo Farias, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, declarou que o atual governo, "hostil à constituição", encaminha as coisas no Brasil para o darwinismo social, com uma atitude menos liberal e mais libertariana, como ocorre nos Estados Unidos.

Abordar, com uma visão clara, tais sistemas de pensamento pode nos ajudar a compreender melhor essas mudanças, e a nos posicionarmos diante delas.

NOTAS

1 Jeremy Scahill. *Guerras Sujas: O Mundo É um Campo de Batalha* (*Dirty Wars: The World Is a Battlefield*). São Paulo: Companhia das Letras, 2014, páginas 332–33. Tradução de Donaldson Garschagen. Em 2013, no livro *Teoria do Drone* (São Paulo: Cosac Naify, 2015), Grégoire Chamayou afirma que os "ataques desse tipo, contra suspeitos desconhecidos, constituiriam hoje a maioria dos casos" (página 57).

2 Algumas produções que não são ficção científica também têm tratado dos *drones* ou os mostrado em ação: *Syriana: A Indústria do Petróleo* (*Syriana*, 2005) e *Decisão de Risco* (*Eye in the Sky*, 2015).

3 Nas palavras do famoso jornalista americano Glenn Greenwald, "[c]onverter a internet em um sistema de vigilância (...) a transforma em uma ferramenta de repressão, e ameaça desencadear a mais extrema e opressiva arma de intrusão estatal já vista na história humana". In *Sem Lugar para se Esconder* (*No Place to Hide*), de Glenn Greenwald. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2014, página 16. Tradução de Fernanda Abreu. Este é o livro-reportagem sobre Snowden que deu a Greenwald o Prêmio Pulitzer.

4 A combinação vigilância, reconhecimento de padrões e uso de *drones* contra americanos foi antecipada no filme de FC de D. J. Caruso, *Controle Absoluto* (*Eagle Eye*), de 2008, em que uma inteligência artificial, "traumatizada" pelo conflito moral sofrido depois do uso de um *drone* de ataque contra um funeral no Afeganistão, manipula duas pessoas para levar a cabo o seu plano de decapitar a liderança política americana e assumir o controle do país.

5 "Não Deixem os Robôs Puxarem o Gatilho". *Scientific American Brasil* Ano 17, Nº 194 (abril 2019): 8.

6 Guy Haley. "Interview: Ken MacLeod". *SFX* Nº 87, fevereiro 2002, página 34.

7 Russell Letson. "Locus Looks at Books: Russell Letson". *Locus—The Magazine of the Science Fiction and Fantasy Field* edição 701, Vol. 82, Nº 6 (junho 2019): 15.

8 Constituída dos romances Sundiver (1980), *Maré Alta Estelar* (*Startide Rising*; 1983), *A Guerra da Elevação* (*The Uplift War*; 1987), *Brightness Reef* (1995), *Infinity's Shore* (1997) e *Heaven's Reach* (1998). Os títulos em português se referem às edições da Europa-América, de Portugal.

9 Roberto de Sousa Causo. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, página 296.

10 Rutledge M. Dennis. "Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race". *The Journal of Negro Education*, Volume 64, Nº 3 (verão de 1995): 244.

11 Rutledge M. Dennis. "Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race". Página 244.

12 David J. Buller. "Equívocos da Psicologia Evolutiva Popular". *Scientific American Brasil* Nº 81 (fevereiro de 2009), página 62.

13 David J. Buller. "Equívocos da Psicologia Evolutiva Popular". Página 64.

14 Frank Ryan. *Darwin's Blind Spot: Evolution Beyond Natural Selection*. Boston/Nova York: Houghton Mifflin Copan, 2002, página 7.

15 Frank Ryan. *Darwin's Blind Spot*. Página 193.

16 Gregory Benford. *The Martian Race*. Nova York: Aspect, 2001, página 426.

17 Gregory Benford. *The Martian Race*. Página 430.

18 Roberto de Sousa Causo. "Descida no Maelström". In *Futuro Presente: Dezoito Ficções sobre o Futuro*, de Nelson de Oliveira, ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009, página 205.

19 Roberto de Sousa Causo. "A Alma de um Mundo". In *Space Opera II: Jornadas Inimagináveis em uma Galáxia não Muito Distante*, de Hugo Vera & Larissa Caruso, eds. São Paulo: Editora Draco, 2012, página 35.

20 Frank Ryan. *Darwin's Blind Spot: Evolution Beyond Natural Selection*. Página 259.

21 Frank Ryan. *Darwin's Blind Spot: Evolution Beyond Natural Selection*. Página 260.

22 Richard Brian Fergusson. "Por que Nós Lutamos". *Scientific American Brasil* Nº 188, ano 17 (outubro 2018): 62.

23 Richard Brian Fergusson. "Por que Nós Lutamos". Páginas 64-65.

24 Respectivamente, do romance *E o Vento Levou* (*Gone with the Wind*; 1936), de Margaret Mitchell, e da franquia de ficção científica Star Wars, criada por George Lucas em 1977. São dois comerciantes e contrabandistas, revestidos com a aura do aventureiro.

25 Rutledge M. Dennis. "Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race". Páginas 244-45.

26 Poul Anderson. *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964], página 49. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

27 Poul Anderson. *O Viajante das Estrelas*. Página 49. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

28 Poul Anderson. "Território" ("Territory"). In *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964], páginas 110–11. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

29 Poul Anderson. "A Chave Mestra" ("The Master Key"). In *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964], página 155. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. O tradutor cometeu um erro no final do parágrafo, traduzindo "*born so heartbreaking seldom*" como "nascem às vezes tão sentimentais", corrigido aqui entre os colchetes da citação.

30 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone* (*Théorie du drone*). São Paulo: Cosac Naify, 2015, página 21. Tradução de Célia Euvaldo.

31 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 42.

32 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 246.

33 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 20.

34 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 78.

35 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Páginas 79–80.

36 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 75.

37 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Página 235.

38 Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone*. Páginas 232–33.

39 Neil Tringham. "Libertarian SF". *The Encyclopedia of Science Fiction*, Third Edition. Tringham assinala que os autores "atualmente trabalhando de uma perspectiva libertariana incluem Melinda Snodgrass (a trilogia Circuit), James P. Hogan (notavelmente em *Voyage from Yesteryear* (1982)), Victor Koman, Brad Linaweaver, Victor Milán, Jerry Pournelle e Vernor Vinge." Disponível em sf-encyclopedia.com/entry/libertarian_sf Verbete consultado em novembro de 2018.

40 Veja mais em lfs.org/awards.shtml.

41 Roberto de Sousa Causo. "A Alma de um Mundo". Páginas 45–46.

42 David Boaz. *Libertarianism: A Primer*. Nova York: The Free Press, 1997, página 2.

43 Allen Mendenhall. "Transcendental Liberty". *Foundation for Economic Education*, 7 de novembro de 2013, fee.org/articles/transcendental-liberty/ Artigo consultado em novembro de 2018. A chamada do artigo afirma: "A ética emersoniana do apoiar-se em si mesmo é evidência de que ele foi um libertariano."

44 Ou "conservadora" e "liberal", na terminologia política americana: "Nos Estados Unidos, os libertarianos são tipicamente conservadores em termos fiscais e liberais em termos sociais, usando os sentidos comuns americanos de liberal e conservador." "Libertarianism", www.conservapedia.com/Libertarianism.

45 Dia 28 de setembro de 2019, no programa *Globo News Painel*. Disponível em globosatplay.globo.com/globonews/v/7960334.

BIBLIOGRAFIA

Poul Anderson. *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964]. Tradução de José Eduardo Moretzsohn.

Poul Anderson. "Território" ("Territory"). In *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964], páginas 51 a 112. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

Poul Anderson. "A Chave Mestra" ("The Master Key"). In *O Viajante das Estrelas* (*Trader to the Stars*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Coleção Mundos da Ficção Científica, 1981 [1964], páginas 113–155. Tradução de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

David Boaz. *Libertarianism: A Primer*. Nova York: The Free Press, 1997.

David J. Buller. "Equívocos da Psicologia Evolutiva Popular". *Scientific American Brasil* Nº 81 (fevereiro de 2009).

Os editores da revista de divulgação científica, *Scientific American*. "Não Deixem os Robôs Puxarem o Gatilho". *Scientific American Brasil* Ano 17, Nº 194 (abril 2019): 8.

Roberto de Sousa Causo. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Coleção Origens, 2003.

Roberto de Sousa Causo. "Descida no Maelström". In *Futuro Presente: Dezoito Ficções sobre o Futuro*, de Nelson de Oliveira, ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

Roberto de Sousa Causo. "A Alma de um Mundo". In *Space Opera II: Jornadas Inimagináveis em uma Galáxia não Muito Distante*, de Hugo Vera & Larissa Caruso, eds. São Paulo: Editora Draco, 2012.

Roberto Causo. "A Extração". In *Shiroma, Matadora Ciborgue*. São Paulo: Devir Brasil, 2015.

Grégoire Chamayou. *Teoria do Drone* (*Théorie du drone*). São Paulo: Cosac Naify, 2015. Tradução de Célia Euvaldo.

Rutledge M. Dennis. "Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race". *The Journal of Negro Education*, Vol. 64, Nº 3 (verão de 1995): 243–52.

R. Brian Fergusson. "Por que nós Lutamos". *Scientific American Brasil* Nº 188, ano 17 (outubro 2018): 62.

Glenn Greenwald. *Sem Lugar para se Esconder* (*No Place to Hide*). Primeira Pessoa, 2014, página 16. Tradução de Fernanda Abreu.

Guy Haley. "Interview: Ken MacLeod". *SFX* Nº 87, fevereiro 2002.

Russell Letson. "Locus Looks at Books: Russell Letson". *Locus—The Magazine of the Science Fiction and Fantasy* Field edição 701, Vol. 82, Nº 6 (junho 2019): 15.

Allen Mendenhall. "Transcendental Liberty". *Foundation for Economic Education*, 7 de novembro de 2013, https://www.fee.org/articles/transcendental-liberty.

Frank Ryan. *Darwin's Blind Spot: Evolution Beyond Natural Selection*. Boston/Nova York: Houghton Mifflin Copan, 2002.

Jeremy Scahill. *Guerras Sujas: O Mundo É um Campo de Batalha* (*Dirty Wars: The World Is a Battlefield*). São Paulo: Companhia das Letras, 2014, páginas 332-33. Tradução de Donaldson Garschagen.

Neil Tringham. "Libertarian SF". *The Encyclopedia of Science Fiction*, Third Edition. Disponível no site http://www.sf-encyclopedia.com/entry/libertarian_sf.

PROFESSORA MARISSEL HERNÁNDEZ ROMERO

Entrevistamos a coordenadora da tradução de Glória Sombria *para o espanhol.*

MARISSEL ROMERO

Em julho de 2018, a Profª Drª Marissel Hernández Romero esteve no Brasil para um congresso no Rio de Janeiro, mas deu um pulo em São Paulo para conhecer pessoalmente os escritores de ficção científica Fabio Kabral e Roberto Causo. Ela foi a coordenadora da equipe universitária que traduziu o romance *Glória Sombria* para o espanhol. Causo conversou com Marissel em 28 de julho na loja Geek.etc.br, no térreo do famoso Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, sobre a tradução e o interesse dela pela ficção científica brasileira.



Foto: **Roberto Causo**

Marissel formou-se em Português com bolsa de estudos na França, mas queria trabalhar como palhaça de circo e veio ao Brasil em 2003 estudar esse ofício na Intrépida Trupe, do Rio de Janeiro, quando também fez capoeira. "E assim começou a minha paixão pela cultura brasileira", ela afirmou. Atualmente, é professora assistente visitante de Espanhol e Português no Middlebury College, em Middlebury, Vermont, nos Estados Unidos, com passagens pela University of Puerto Rico em Rio Piedras e pela Université La Sorbonne Paris III. Obteve seu doutorado em Língua e Literatura Hispânica e Luso-Brasileira no Graduate Center da City University of New York. O doutorado foi em cima do movimento Literatura Marginal e centrado no escritor Ferréz, um conhecido de Roberto Causo, que em 2010 o visitou em Capão Redondo na Capital de São Paulo, acompanhado do autor americano de FC *cyberpunk* Bruce Sterling e sua esposa Jasmina Tesanovic. O próximo curso dela, a ser ministrado em 2019, será sobre afro-futurismo no mundo lusófono.

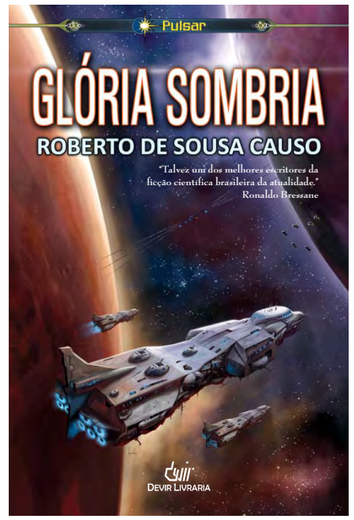
A oportunidade de traduzir *Glória Sombria* para o espanhol surgiu depois que Roberto Causo teve seu conto "Brasa 2000" publicado em *Qubit: Antología de la nueva ciencia ficción latinoamericana*, organizada por Raúl Aguiar para o Fondo Editorial Casa de Las Americas, de Havana, Cuba, e lançada em 2011. Depois de um contato da parte de Causo, Aguiar interessou-se pela possibilidade de publicar o primeiro livro da série As Lições do Matador. Por uma feliz coincidência, Marissel foi convidada para traduzi-lo.

Na University of Puerto Rico, Marissel deu cursos de Português intermediário e avançado, e trabalhou a figura do marginal na cultura brasileira, incluindo aí literatura, música e audiovisual. O curso seguinte foi sobre ficção científica brasileira. "Isso foi interessante", ela diz, "porque o curso estava lotado, 35 estudantes, e eu pensava que eles gostavam de ficção científica. Eles não sabiam nada! Foram para aprender. Então acabou sendo introdutório à ficção científica, pra depois falar do Brasil. A minha ideia sobre o curso mudou, mas foi bem legal."

Causo perguntou a ela o que foi usado no curso. "*A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas", Marissel disse, lembrando ainda, com um sorriso, que Causo chegou a opinar sobre um *tweet* de uma das suas alunas, que observou que esse romance pioneiro de 1899 não seria ficção científica. "Usei também *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato, e aí conversamos sobre a antecipação dele [a eleição de um presidente negro nos Estados Unidos] e os seus preconceitos também. E usamos o seu livro, *Glória Sombria*, e sua introdução à antologia *Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica*. E assistimos à série *3%*. A tarefa deles foi escrever um manifesto, um novo manifesto da ficção científica brasileira, como trabalho final."

Como ela tomou contato com a FC brasileira? "Há uma professora em Porto Rico, Maria Tereza Ortiz, que foi convidada para falar em Cuba no evento organizado por Raúl Aguiar, sobre o início da ficção científica em Porto Rico. E ela me convidou para ir falar sobre ficção científica brasileira ou fantasia. Eu: 'Claro, por que não?' Fiz um pouco de pesquisa, mas na verdade eu não tinha nada. Mas entrei nesse mundo e fiquei apaixonada. Está sendo a minha vida. Foi um relâmpago: 'É isso o que quero fazer.' Foi desde 2015 que estou trabalhando com ficção científica. Naturalmente, procurei o que me apaixona mais, e encontrei no afro-futurismo a minha nova linha de pesquisa."

Glória Sombria foi justamente o seu primeiro contato com a ficção científica brasileira. Em uma conversa depois do congresso de FC em Cuba, Raúl Aguiar a abordou com o romance e jogou a ideia de uma tradução: "'Eu gostaria muito de fazer mas não tem quem traduza', ele disse", Marissel conta. "'Ah, eu faço!' E foi assim. A tradução demorou um pouco porque eu era nova na Universidade de Porto Rico e estava terminando minha dissertação. Tinha que entregar isso primeiro, para só então começar, e aí propus um curso sobre tradução. Propor fazer o curso foi bem fácil. 'Eu quero dar esse curso', e eles gostaram. A justificativa era que já tinha a proposta de um curso de ficção científica brasileira, então era tipo uma continuação do que estavam aprendendo aqui, e eles podiam também pôr em prática. A universidade gostou da ideia, por abrir possibilidades, e os alunos também gostaram. Eu não esperava tanto, mas seis alunas entraram no curso. Só moças. Havia só um rapaz, mas acho que ficou intimidado quando viu a lista com as meninas..."



Marissel também observa que o curso foi interessante porque muitas das inscritas há muito tempo que não faziam um curso de Português. "Então o português delas estava um tanto fraco. Nenhuma delas sabia nada de ficção científica, e muito menos do assunto militar" – que é uma das tônicas de *Glória Sombria*, romance que pode ser definido como *space opera* militar.

Perguntada sobre qual foi sua reação ao ler o romance, Marissel disse, sorrindo: "Eu estava pronta já para a união da América Latina e o Caribe, e dá vontade de sair a lutar. O conceito da América Latina unida chamou bem a atenção." No Universo GalAxis, a América Latina – ou Latinoamérica – forma um bloco político com suas próprias leis e autonomia na colonização de outros mundos, tendo suas próprias forças armadas – um ponto que, por outro lado, trouxe dificuldades a Marissel.

"Foi difícil, porque todos esses termos militares... Eu não gosto das forças armadas, então entrar nesse mundo, pesquisar, foi uma pesquisa de um outro mundo, não só o da ficção científica, mas também o militar. Para mim foi difícil. Para elas, eu acho que gostaram direto de fazer a pesquisa, algumas tinham familiares que estavam nas forças armadas, aí ficou mais fácil para elas. Eu tive mais dificuldades para entrar na tradução."

A maior dificuldade encontrada pela equipe de tradução, porém, foi a escolha do espanhol. "'Qual espanhol a gente vai usar?' O espanhol de Porto Rico é muito diferente, por causa do inglês. Nós somos colônia dos Estados Unidos, temos muita influência do inglês, temos muitas palavras que são anglicismos. E aí ficamos entre decidir em usar um espanhol que chamamos 'espanhol Univisión', falado em um canal de televisão, ou um espanhol caribenho ou latino-americano. Aí decidimos pelo caribenho – até por causa de Cuba."

A presença de palavras em inglês no romance também exigiu outras decisões. "Não sabíamos se era melhor deixar o inglês, ou mudar na tradução, mas decidimos deixar em inglês. E a última foi uma palavra que ninguém sabia o que era: 'tunelamento.'"

Marissel sabia se tratar de um termo científico, do inglês tunneling, mas "essa foi a última palavra, que deixamos para o final".

Causo observou que as maiores dificuldades parecem ter sido mais estruturais do que específicas do romance. Marissel contou que algumas das moças nem tinham visto *Star Wars*! A primeira tarefa que Marissel impôs a elas foi ver o filme no fim de semana, para discutirem no curso. "Elas começaram a se envolver mais com esse mundo, para conhecer melhor. Foi legal." As alunas-tradutoras também entenderam que *Glória Sombria* é o primeiro de uma série, e querem ler o segundo livro.

Causo perguntou se houve alguma rejeição de qualquer um dos conceitos do romance, especialmente os referentes aos militares e o predomínio deles no contexto da Esfera, a zona de atuação para a qual o herói Jonas Peregrino é transferido. Ou ainda quanto às intrigas políticas. Mas a única questão levantada foi uma crítica de fundo feminista! Além disso, elas reclamaram muito das orações longas, da narrativa. "Mas assim que a gente logrou entrar no texto", ela lembra, "foi fácil". "Acho que como era algo novo para elas, tornava o curso interessante."

O curso incluía o trabalho de três horas por semana em cima da tradução, com muitas discussões e a divisão das seis alunas em duas "empresas", de forma a dar uma orientação profissionalizante para a atividade, como parte integral dos seus objetivos pedagógicos. Questões técnicas, como o que diferencia uma tradução literária ou uma tradução médica, por exemplo, também foram exploradas. "Que liberdade a gente tem numa tradução literária? Algumas coisas mudaram bastante, porque a gente também é escritor, não? A parte criativa sendo o que o autor quer dizer e o que posso dizer, na minha língua?"

Marissel avalia que o resultado do curso foi positivo, notando uma evolução entre o primeiro rascunho e o rascunho final da tradução. "Além disso, elas também melhoraram o vocabulário em português e melhoraram a escrita em espanhol! Acho que o propósito do curso, além de ter um produto final, elas queriam um aperfeiçoamento da língua delas mesmas. E uma e outra conseguiu um serviço de tradução de um outro livro, então acho que foi legal para elas, foi positivo."

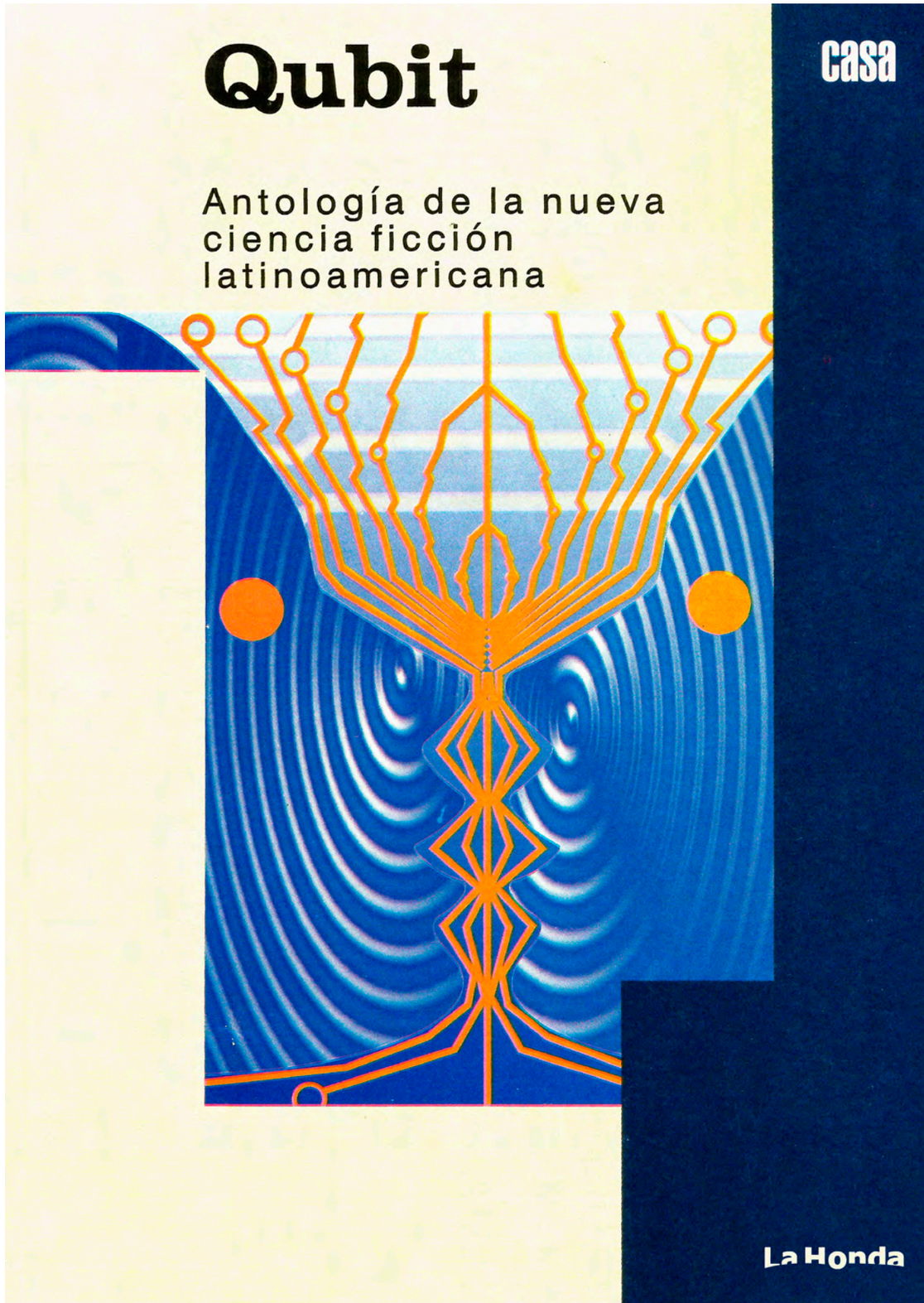
TRADUZIR O BRASIL INTERGALÁCTICO

Anissa M. Ortega Díaz
Michelle Guzmán Rivero
Elaine M. Delgado Cruz
Tradutoras de *Glória Sombria*
Universidade de Porto Rico

Nas aulas de tradução da universidade, a gente já tinha traduzido trechos de contos e ensaios, entretanto não lembramos de termos tido chance de traduzir um romance. Sem dúvida alguma, a tradução de um texto literário é um desafio. No caso de *Glória Sombria*, do escritor brasileiro Roberto de Sousa Causo, mais do que um desafio de tradução, foi um desafio de incorporação de vozes. O desafio maior desta tradução, de um grupo de porto-riquenhas traduzir do português ao espanhol, foi integrar oito vozes, oito opiniões, e tentar chegar a um acordo para conceber uma interpretação coesa. A tradução em grupo de *Glória Sombria* foi um desafio, dado que nem sempre concordávamos. Mas essa dinâmica foi crucial para fazer a tradução mais próxima, pois o intercâmbio de ideias delimitou a nossa visão geral do texto. Acreditamos que fomos bem-sucedidas em manter o sentido que o autor quis transmitir no texto original. Nós, as tradutoras, mergulhamos nesta viagem intergaláctica com muita emoção e algumas questões.

Nós já tínhamos lido romances em português, mas nunca de ficção científica; nem sequer na nossa língua, o espanhol, tínhamos lido um livro desse gênero literário. Para nós, levar a cabo esta tradução foi uma provocação. Entretanto, a experiência foi muito gratificante. Tivemos que pesquisar terminologias relacionadas às forças armadas, ao mundo espacial, e à ficção científica. Mesmo assim, por causa da situação política colonial em Porto Rico, nós temos uma relação estreita com as forças armadas dos Estados Unidos e foi possível entender as condições e posições hierárquicas apresentadas no texto. Muita gente pode achar muito esquisito o fato de que mulheres foram as pessoas que traduziram um livro desse gênero. No entanto, para nós tradutoras mulheres, esse preconceito não nos impediu de fazer nosso trabalho. Como tradutoras, seguimos um método no momento de traduzir, e o método não muda só porque o tema seja tipicamente relacionado ao âmbito dos homens. Existem muitos exemplos na sociedade e na história de mulheres que já foram e são parte do mundo militar e espacial. Além disso, todas nós tínhamos algum tipo de conhecimento de *Star Wars* e *Star Trek*, e esse conhecimento serviu como referente e nos ajudou a entender melhor esse romance.

Deste trabalho maravilhoso levamos a satisfação de ter podido traduzir um Brasil para o resto da América Latina e o Caribe. O projeto de tradução de *Glória Sombria* permitiu o enriquecimento intelectual ao reduzir a distância linguística. Muitas vezes, nós excluímos este país bonito, o Brasil, só porque não compartilhamos a mesma língua, mas que culturalmente compartilhamos muito mais. O projeto de tradução de *Glória Sombria* rompe uma fronteira imaginária e torna possível a colaboração entres os países do Caribe, Cuba e Porto Rico, e o Brasil. Como tradutoras, foi importante compreender as diferenças linguísticas e culturais para poder traduzi-las em outras línguas. Igualmente, foi muito importante manter algumas palavras no português, porque queríamos alguma conexão com a língua original do texto, para o benefício dos leitores.



VAGNER VARGAS

ROBERTO CAUSO

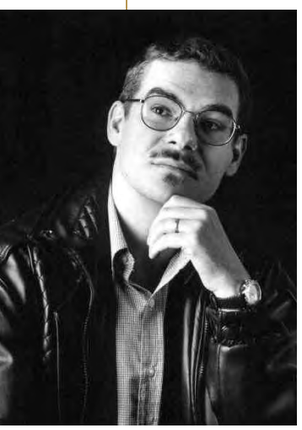


Foto: **Eugênio Frediani**

Desde 1992, Vagner Vargas tem sido um dos destaques do campo da arte de ficção científica, e portanto, um dos ilustradores há mais tempo em atividade dentro dessa área editorial no Brasil. Foi o primeiro artista brasileiro a fazer capas para livros da franquia Star Trek, no início da década de 1990, sendo chamado pela Editora Aleph para substituir as capas originais americanas, quando a editora não as considerava à altura. Para a Aleph, fez também as capas da antologia *Dinossauros!* e para o livro de não ficção *Dicionário da Língua Klingon*. Seu talento e sua constância no campo fizeram com que fosse homenageado como Artista Convidado de Honra da V InteriorCon, a Convenção de Ficção Científica do Interior do Estado de São Paulo, realizada em Sumaré-SP, em 1997.

Nascido em São Paulo em fevereiro de 1966, Vagner nos diz: "Tenho me dedicado aos campos da ilustração e das belas-artes há muito tempo. Inicialmente, participei de exposições coletivas, mas o meu trabalho tem sido mais expressivo e frutífero na área editorial, com capas de livros, ilustrações internas, romances gráficos, *posters*, *cards* e outros projetos."

Ainda criança, gostava não apenas de desenhar, mas também de montar coisas. Livros ilustrados e histórias em quadrinhos tiveram papel em despertar seu interesse, inclusive ilustrações de livros de Jules Verne e também livros de arte, descobrindo neles um interesse pelo surrealismo. Em casa, seu pai, Emílio Vargas, e sua avó Dolores, que fazia pintura artesanal, forneceram alguma orientação e estímulo – além do material de pintura. Aos 14 anos,



Vagner teve acesso a uma coleção de fascículos que ensinavam a desenhar rostos e figura humana, escritos por Renato Silva e presenteados por seu primo José, passando a estudar com mais afinco.

É curioso, mas Vagner morou no Mato Grosso, vivendo no Pantanal com a família, levada pelo irmão de seu pai, Marino. Não é incrível que o artista tenha vivido na terra de Jonas Peregrino, o herói das Lições do Matador? O pai de Vagner foi sócio de Marino por dois anos, o tempo que moraram no Mato Grosso, às margens do Rio Paraguai. Vagner mais tarde fez desenhos e pinturas da paisagem selvagem do Pantanal, e enquanto esteve lá fez modelagem em argila no colégio salesiano em que estudava. Um barco viking feito por ele aos 13 anos foi roubado da exposição de que participou. "Não tive notas boas dos jurados da exposição, mas sim dos ladrões!", ele brinca.

Vagner ressalta ainda: "A maior parte do meu aprendizado foi autodidata, com muita pesquisa e exploração, sempre com muita paixão. Embora eu respeite as várias tendências e escolas dentro das belas-artes, sou a favor de uma busca de novas formas de expressão. Por isso, sempre tento novas técnicas e maneiras de produzir a minha arte visual, mas sem desistir daquelas abordagens tradicionais e já testadas, que sustentam as minhas visões."

Sua trajetória artística toma um rumo ainda mais sólido quando ele ingressa, em 1989, aos 21 anos – já casado com Regina Franch Vargas e trabalhando em uma empresa metalúrgica de São Paulo –, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Avançou rápido, comendo alguns módulos de seis meses do curso de três anos. Estudou com os professores Philip Hallawell e Cirton Genaro, que se tornaram seus amigos. Ambos gostavam do que produzia, afirmando, a certa altura, que ele não precisava mais se focar na técnica, e sim encontrar o seu estilo e temática. Já na época, Vagner se voltava para o fantástico, despertando respostas positivas dos professores, embora os dois se preocupassem que ele fosse mais atraído para a ilustração, desejando que buscasse uma identidade como artista de galeria.

Seu primeiro trabalho remunerado foi o cartaz para uma campanha da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, por indicação de uma amiga, Marlene Santana. Em 1990, Vagner abandonou o emprego para apresentar seu trabalho em agências de publicidade e editoras. Não se sentiu muito atraído pelo trabalho para agências – nem pelas condições empregatícias, que não atendiam, em muitos casos, à sua necessidade de manter a família. Ao voltar-se para o campo editorial, encontrou um potencial maior. Logo, emplacou um relacionamento com a Editora Global, recebendo uma encomenda no mesmo dia em que visitou a editora para mostrar seu *portfolio*.

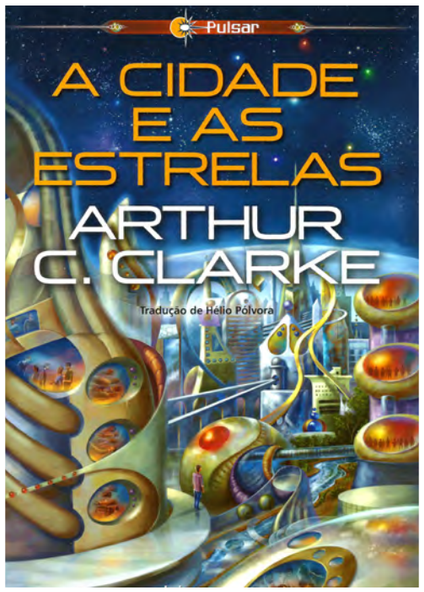
A área dos livros didáticos foi inicialmente um pouco mais complicada. Mesmo assim, ele tornou-se colaborador de empresas importantes, como Scipione – que lhe ofereceu o primeiro trabalho nesse campo, e para a qual ilustrou uma coleção de livros-jogos de RPG escritos por Rosana Rios. Também produziu para Moderna, Ática, Ediouro e Atual, com foco em ciências, particularmente geologia, biologia e física.

Ainda sobre a ilustração editorial, ele observa: "Nessa área, meu campo favorito de exploração é o universo do fantástico e do surreal, onde tento introduzir temas e assuntos que pertencem à minha arte pessoal. É por isso que meu trabalho favorece a ficção científica. No começo dos anos 1990, tive a chance de fazer capas de livros de Star Trek para a Editora Aleph." Seu primeiro contato na Aleph foi com o editor Pierluigi Piazzi (1943-2015), que lhe propôs fazer arte de capa para a Coleção Star Trek, em uma franquia da qual é fã, inclusive. "A maioria das capas foi feita em cima de *briefings* passados pelo Pier, que também deu várias referências em revistas e livros", recorda.

Na mesma época, Vagner se aventurou pelas histórias em quadrinhos. "Fiz o romance gráfico pinta-do *Piers Anthony's Incarnations of Immortality: On a Pale Horse*, para o mercado americano." O processo foi o mesmo: ele, a partir do contato com um livro de quadrinhos, visitou o estúdio Art&Comics. Foi atendido por Helcio de Carvalho, que viu seu *portfolio* e propôs que Vagner fizesse HQs pintadas. Depois de um teste, Vagner recebeu a incumbência de pintar *On a Pale Horse*, romance gráfico baseado em um livro do popular escritor americano de fantasia, Piers Anthony. A Art&Comics fazia traduções e retoque de HQs para o mercado local, mas também agenciava artistas brasileiros para o mercado norte-americano, incluindo Marc Campos, Mozart Couto, Ivan Reis e o agora famoso Mike Deodato. O trabalho de Vagner foi oferecido então para a americana Inovation, a editora da adaptação do romance de Piers Anthony publicado originalmente em 1983.

"Em parte, foi bom porque pratiquei muito desenho e pintura", ele lembra. "Mas a maioria dos desenhos não era eu que fazia. Eu fazia mais a pintura mesmo, em algumas capas fiz o trabalho completo. Foi muito legal no sentido de aprendizado, e você ganhava em dólar – mesmo! – mas era estressante por causa da pressão pela qualidade e volume de trabalho impostos pelo agente." Vagner precisava produzir dez páginas em duas semanas, numa arte semirrealista, com aerografia e lápis de cor... Como seu objetivo era fazer arte em geral, e não apenas quadrinhos propriamente, ele se dividia apresentando trabalhos em salões de arte e atuando como capista, de modo que sua experiência com as HQs ficou basicamente resumida a *On a Pale Horse* – de qualquer, modo um trabalho muito distinto. Tanto que Vagner chegou a ser pago por um colecionador para autografar um exemplar enviado dos Estados Unidos.

Muitas vezes, o prestígio de um ilustrador editorial se mede pelas oportunidades que ele tem de trabalhar com grandes obras e autores. A sua contratação para realizar a capa de um título importante revela a confiança e a apreciação que a editora deposita nele. Sobre isso, Vagner observa: "Mais tarde, já no século XXI, pude produzir capas de livros para romances clássicos ou importantes de Arthur C. Clarke, Orson Scott Card, Bruce Sterling e de Jorge Luiz Calife, todos em edições lançadas pela Devir Brasil."

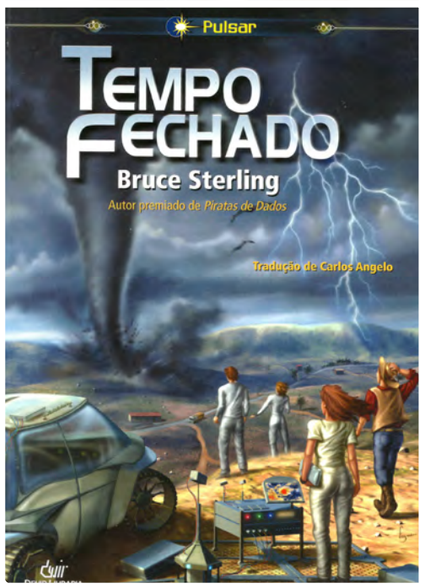

Pulsar
A CIDADE E AS ESTRELAS
ARTHUR C. CLARKE
Tradução de Hélio Pólvora

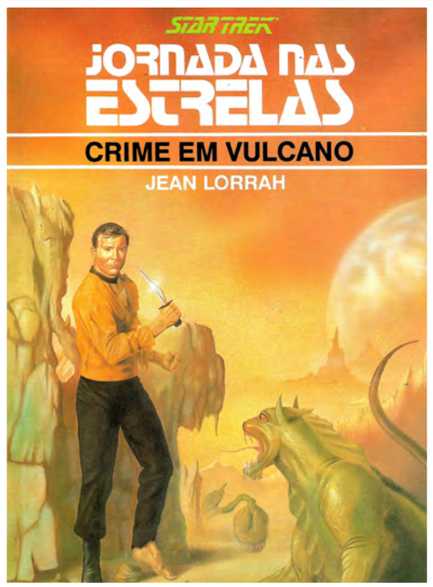

GALAXIES
Nouvelle série - N°34
GALAXIES
SCIENCE - FICTION
Dossiers :
Hommage à Michel Jeury
La science-fiction brésilienne


Do autor de Anjo de Dor e A Corrida do Rinoceronte
MISTÉRIO DE DEUS
ROBERTO DE SOUSA CAUSO
DEVIR

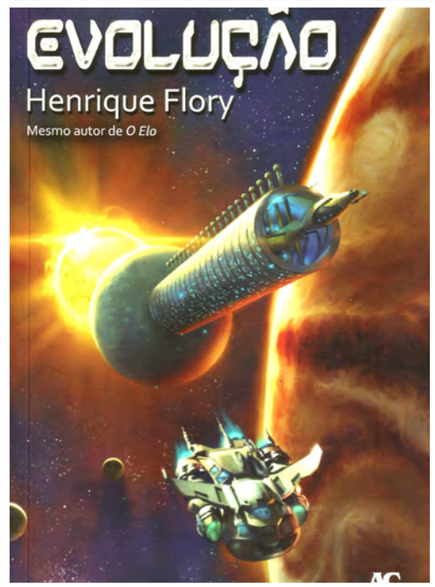

Pulsar
SHIROMA
MATADORA CIBORGUE
ROBERTO DE SOUSA CAUSO
Autor de Glória Sombria


Pulsar
TRILHAS DO TEMPO
Jorge Luiz Calife
Autor de Angels Entre Dois Mundos
e da Trilogia Pulsares de Contato

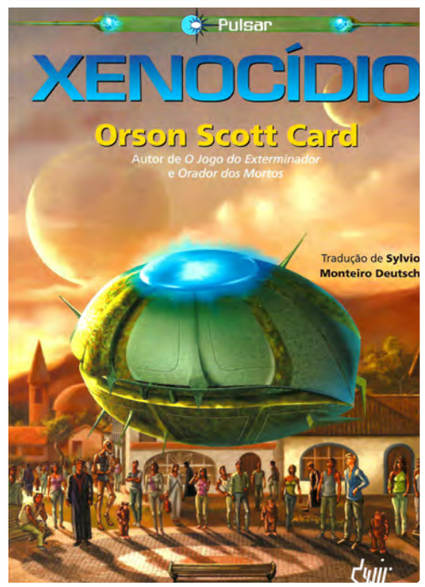

Pulsar
TEMPO FECHADO
Bruce Sterling
Autor premiado de Piratas de Dados
Tradução de Carlos Angelo


STAR TREK
JORNADA NAS ESTRELAS
CRIME EM VULCANO
JEAN LORRAH


STAR TREK
JORNADA NAS ESTRELAS
A NOVA GERAÇÃO
OS GUARDIÃES DA PAZ
GENE DEWEESE


EVOLUÇÃO
Henrique Flory
Mesmo autor de O Elo


O ELO
Henrique Flory
Mesmo autor de Evolução


Pulsar
XENOCÍDIO
Orson Scott Card
Autor de O Jogo do Exterminador
e Orador dos Mortos
Tradução de Sylvio
Monteiro Deutsch

Na sua arte pessoal, Vargas às vezes busca o surrealismo, tendência que também pôde expressar na capa do clássico de Arthur C. Clarke, *A Cidade e os Estrelas*, e de maneira mais próxima na narrativa visual "Eu, Possessão", sua recente criação para a antologia original de Ademir Pascale, *Possessão Alienígena*, livro que ele também ilustrou com excelência. A colaboração com Pascale começou com esse escritor e editor procurando-o para participar de um projeto de *e-book*. Vagner aceitou e produziu uma arte visando estimular os autores a escreverem para o que se tornaria a antologia *Possessão Alienígena*. Esse desenho em grafite foi a base da incrível arte digital que brilha na capa do livro, que tem *book design* de Marcelo Bighetti. Para além da capa, o projeto já previa que o livro teria ilustrações internas criadas por Vagner.

Logo no começo, o artista planejou ilustrar as histórias da antologia, mas também participar ele mesmo com uma narrativa visual, que chamou de "Eu, Possessão". Sua proposta tanto para a ilustração do livro quanto para a sua narrativa era de ter imagens mais numerosas e, no caso de "Eu, Possessão", com colorido. Mais tarde, limitações editoriais reduziram esse escopo. A certa altura, Vagner, que já era colaborador da Devir Brasil, achou interessante apresentar a antologia a Douglas Quinta Reis (1954-2017), um dos sócios fundadores da empresa. Ademir Pascale foi bastante aberto quanto a essa guinada no projeto.

"Como muitas coisas na ficção científica, você tem mensagens por baixo da fantasia, com certas colocações relacionadas à psicologia humana e à filosofia", Vagner observa, "e acho que *Possessão Alienígena* teve muito disso nos contos, e tentei colocar algo assim nas ilustrações". "Eu, Possessão" representa a sua tendência de empregar os recursos da pintura para transmitir as mensagens que deseja passar, muitas vezes comentando certas características humanas e os seus próprios sentimentos. "Nessa série de imagens, a ideia foi mostrar que muitas vezes a pessoa está em guerra com alguma coisa que existe nela, às vezes o próprio comportamento ou algo que ela cria e acaba entrando em conflito consigo mesma." Inquietante e violenta, a narrativa visual de "Eu, Possessão" tem muita ironia e algo da estética surrealista.

Curiosamente, a arte de *pin-ups* também tem influência no seu trabalho, com figuras femininas muito bem realizadas, em uma série de quadros em que mulheres se misturam a elementos essenciais da natureza, reconhecendo a força e a beleza femininas. A influência da arte de *pin-ups* é sublimada nas poses e na centralidade da figura, mas sem o aspecto insinuante e sexualizado das *pin-ups* clássicas. De qualquer modo, nesses e em outros projetos, Vagner escapa do aspecto exclusivamente decorativo da arte.

Ele sempre gostou da ficção científica pela força da sua visualidade, considerando-a um gênero que abre muitas possibilidades. É muito positivo trabalhar com algo que ele aprecia. "Para mim, a ficção científica trouxe, principalmente, inspiração", afirma. "Acho que tem sido uma troca interessante, pois também devolvi essa inspiração como arte de ficção científica. Quero fazer algo a mais agora, com um interesse que vai além da ilustração: os jogos."

Um artista completo e versátil, Vagner é tão bom com a figura humana quanto com naves e paisagens espaciais ou ambientes *high-tech*. Funde habilmente os elementos 3D que constrói, dentro da qualidade artística das suas ilustrações. O seu interesse pela beleza feminina aparece na sua arte pessoal, naquela série em que as mulheres se identificam com a aura mais sublime da natureza. Mas também nas capas dos livros de FC que ilustrou, como os de Jorge Luiz Calife, considerado o "Pai da Ficção Científica *Hard* Brasileira" e criador da heroína espacial Angela Duncan. Em 2015, Vagner assinou a ilustração de capa na revista francesa de ficção científica *Galaxies*, que também trouxe um perfil dele — fato raríssimo para um artista brasileiro de FC.

De onde vem a sua versatilidade? "Primeiro, não se trata tanto da facilidade de fazer as coisas", responde. "Nunca achei que tivesse muita facilidade para pintar ou desenhar. É mais a *vontade*. Em alguns casos, talvez eu não fosse a pessoa mais indicada para fazer um trabalho, mas buscava as soluções para fazer. A questão é se esforçar para alcançar o resultado desejado." A versatilidade vem de gostar de muitas coisas, e de aceitar os desafios.

A experiência com projetos publicados pela Editora Pensamento com a autora Celina Fioravanti, e fazendo capas para a Ground e outras editoras de livros esotéricos frequentemente se traduz em uma qualidade etérea e contemplativa que traz uma profundidade sutil às composições espaciais ou futuristas da sua arte de ficção científica. "São coisas diferentes, mas visualmente as duas áreas têm muito em comum", ele acredita. "O esotérico fala muito de coisas subjetivas, simbolizadas por imagens, mas não necessariamente numa representação, sendo bem próximo, esteticamente, da arte fantástica e de FC."

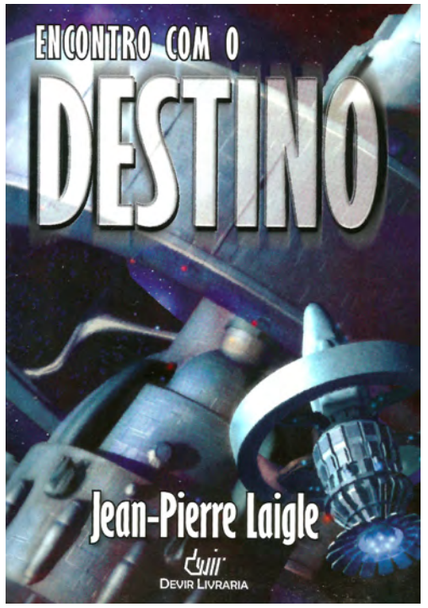
A experiência na área esotérica se concentrou muito na Editora Ground, na época dona de uma linha forte de esotéricos, místicos e de alimentação natural. "Foi interessante principalmente por ter temas que eu gostava, como os relacionados com a natureza, relacionados com a figura humana. Por exemplo, cheguei a fazer uma série sobre alimentação natural em que pintei frutas, flores, crianças e mulheres. É um exercício bem interessante para quem gosta desses temas." A atuação na área resultou em casos divertidos, como uma leitora que o procurou porque havia sonhado com uma de suas imagens. "Não foi só esse caso, pois outras pessoas me procuraram afirmando ter tido algum tipo de influência espiritual, a partir das minhas pinturas. É um retorno mais gratificante. Um trabalho com mandalas, por exemplo, resultou em mais de mil mensagens por e-mail."

E quanto ao Universo GalAxis? Como é trabalhar com esse material? Vagner acha surpreendente ter conhecido essa *space opera*, coisa de que ele gosta muito. "Talvez eu não tenha lido muita *space opera*, mas acompanho muito por séries de TV, *Galactica*, *Star Trek*; eu conheço a maioria das que existem hoje em dia, porque quero ver como as coisas são resolvidas. Trabalhar com o Universo GalAxis é um pouco como quando trabalhei com *Star Trek*, participar em algo tão interessante e bem construído. Eu ainda acho que vai ter muita coisa para acontecer nesse universo." Ele completa: "É muito gratificante acompanhar de perto e até participar da criação de um universo fantástico e tão criativo quanto GalAxis, repleto de possibilidades inspiradoras. Acredito que muito pode acontecer e estou empolgado com as possibilidades de outras mídias, como jogos."

Vagner combina a habilidade e o bom gosto artístico, com um trabalho de programação e *web-design*. Seu próximo passo é entrar na área de desenvolvimento de jogos. O que o interessa na área é o seu apelo visual, e como esse lado se integra com a história e a música. "Essa integração é muito bacana", diz. "Tudo tem que estar trabalhando junto, com um bom nível de qualidade. E geralmente quem se interessa por essa área está focado no mercado de trabalho. Eu, no entanto, vejo o projeto como meu objetivo e então acabo aprendendo coisas novas em função dele."

Vagner parte, portanto, de um interesse prévio, que acredita que seria positivo levar para essa área. No caso do Universo GalAxis, ele está bem animado com dois projetos, um de jogo de tabuleiro, baseado nas situações da série As Lições do Matador; outro de jogo digital, com base na série Shiroma, Matadora Ciborgue. "Acho que tem tudo pra dar certo", afirma. Fora do GalAxis, ele tem mais dois projetos, a partir de um texto de seu filho Victor Franch Vargas, *Isidora*; e o de um aplicativo focado nas suas artes de mandalas.

A ilustração editorial de ficção científica tende a enfatizar o monumental, a especulação tecnológica e o estranhamento. Vagner Vargas acrescenta a esse conjunto — de modo profundo, mas despretensioso — emoção e contemplatividade. O lado humano nunca é abandonado por ele.



SÉRIE SHIROMA, MATADORA CIBORGUE



O primeiro ciclo da série Shiroma, Matadora Ciborgue completou-se com as 11 histórias, contos e noveletas, reunidas no livro *Shiroma, Matadora Ciborgue*, narrando as aventuras da trans-humana Shiroma. Nesse ciclo, acompanhamos Shiroma – nascida Bella Nunes no Brasil do século XXV – desde o seu rapto aos cinco anos de idade por um casal de operativos secretos, seu treinamento e suas primeiras missões de espionagem e assassinato realizadas em diversas partes da Via Láctea. Também testemunhamos sua ansiedade em livrar-se do jugo dos seus captores e agenciadores, culminando com Shiroma herdando uma base secreta localizada em um planeta que vaga entre sistemas solares e tendo que se defender de um grupo de mercenários espaciais a serviço de uma organização criminosa com tentáculos em várias Zonas de Expansão Humana. Embora novos contos e noveletas de Shiroma devam aparecer nos próximos anos, o segundo ciclo das suas aventuras será desenvolvido principalmente sob a forma de romances. Neles, Shiroma, agora atuando como uma agente solitária, tem de enfrentar a organização criminosa que cobiça os seus cibersistemas únicos – e um grupo de segurança privada que tentará recrutá-la à força para empregá-la em suas ações violentas e inescrupulosas na galáxia humana.

"Rosas Brancas". Conto. Na revista *Portal Solaris*, Nelson de Oliveira, ed., julho de 2008. (Também na revista *Trasgo* Nº 3, junho de 2014, e também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*. Devir Livraria, dezembro de 2015.)
"Concha do Mar". Conto. Na revista *Portal Neuromancer*, Nelson de Oliveira, ed., dezembro de 2008. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"O Novo Protótipo". Conto. Na revista *Portal Stalker*, Nelson de Oliveira, ed., julho de 2009. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Cheiro de Predador". Conto. Na revista *Portal Fundação*, Nelson de Oliveira, ed., dezembro de 2009. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Arribação Rubra". Conto. Na revista *Portal 2001*, julho de 2010. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Tempestade Solar". Conto. Na revista *Portal Fahrenheit*, dezembro de 2010. (Também na antologia *Todos os Portais: Realidades Expandidas*, Nelson de Oliveira, ed. Terracota Editora, novembro de 2012, e também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Elocução Final". Conto. Na antologia *A Voz dos Mundos*, Paulo Soriano & Valentim Fagim, eds. Editora Através, fevereiro de 2016. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Os Fantasmas de Lemnos". Conto. Na antologia *Possessão Alienígena*, Ademir Pascale, ed. Devir Livraria, novembro 2018. (Também na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.)
"Homem de Lata". Noveleta. Na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*. Devir Livraria, dezembro de 2015.
"A Extração". Noveleta. Na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.
"Renegada". Noveleta. Na coletânea *Shiroma, Matadora Ciborgue*.
"Phoenix Terra". Noveleta. Na revista *Universo GolAxis Anual 2019*. Mojuganide, selo Jhoda, 2020.



Arte: **"Shiroma, Matadora Ciborgue"**, de **Vagner Vargas**

INTRODUÇÃO A SHIROMA, MATADORA CIBORGUE*

Do escritor e editor Nelson de Oliveira, criador do Projeto Portal de revistas e editor da multipremiada antologia Fractais Tropicais.

NELSON DE OLIVEIRA



Foto: **Tereza Yamashita**

O conto "Rosas Brancas" foi um presente maravilhoso de Roberto de Sousa Causo para o nascente *Portal Solaris* (primeiro dos seis números do Projeto Portal). Esse conto dá início à arrebatadora série protagonizada por uma órfã – Bella Nunes – obrigada a crescer e sobreviver entre assassinos profissionais. Muito mais tarde, em sua primeira missão ("O Novo Protótipo"), Bella se transforma em Shiroma. Essa narrativa ambientada no bairro da Liberdade é uma de minhas prediletas. Enfim, tive a sorte de acompanhar, em primeira mão, o nascimento e o desenvolvimento de uma protagonista bastante incomum.

Nessa época, Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, divulgava seu estudo sobre o espaço social no romance tupiniquim, denunciando o estereótipo de protagonista (homem branco, hetero, de classe média). Ficou claro que esse clichê ficcional também domina o conto brasuca. Shiroma veio combater essa tendência.

Shiroma é guerreira, mas às vezes aparece bastante fragilizada emocional e fisicamente, e esse é um ponto importante em toda a série. Isso humaniza a heroína ciborgue. E o recurso da concha do mar é genial. Suas aventuras nas Zonas de Expansão Humana são uma lufada de ar fresco no ambiente modorrento da literatura contemporânea.

Shiroma é a contraparte necessária de Jonas Peregrino, outro importante protagonista criado pelo autor. Os dois habitam um universo físico e mental ampliado pela tecnologia mais inquietante. Mas vivem em planos opostos, apesar da sobreposição gravitacional de natureza poética que aproxima realidades tão distintas. Shiroma e Peregrino são diferentes até na semelhança psicológica: ambos lidam com os conflitos morais mais complexos, quase indecidíveis.

A promessa de que um dia se encontrarão mexe com minha fantasia erótica. A matadora ciborgue e o comandante dos Jaguares: amigos, antagonistas, amantes? Mal posso esperar.

Esta é uma coletânea densa, que merece mais de uma leitura. Reunidos, os onze contos que a compõem se iluminam, oferecendo muitas camadas secretas. Eles tecem ao redor de Shiroma um casulo de violência e nostalgia, uma jaula emocional cuja única chave pode estar nas lembranças despertadas por uma concha do mar.



* Publicado no livro ***Shiroma, Matadora Ciborgue*** (**Devir Brasil**, 2015).

ROBERTO CAUSO E A GALIZA

O escritor e editor Paulo Soriano, de Salvador, Bahia, conta como foi a primeira publicação do internacional do Universo GalAxis.

PAULO SORIANO



Foto: **Sylvia Annabel Soriano**

Era o ano de 2013.

Numa bela tarde de verão – digo "tarde" porque, apesar de o meu relógio marcar 19h30, o sol declinante ainda irradiava um quê de exuberância quase tropical –, Rodrigo Vizcaíno, editor da Urco Editora, apresentou-me a um seleto público. Eram leitores que, deixando de lado a deliciosa corrida aos bares e cafés de Santiago de Compostela, de boa vontade, em plena quase noite de sexta-feira, acorreram à charmosa Livraria Ciranda para me ouvir falar um pouquinho sobre a literatura brasileira, sobretudo a de coloração fantástica. Ainda hoje agradeço a João Facal e Joseph Ganime, por tanta disposição!

Eu não tinha em mente divulgar o meu trabalho como contista, tradutor ou editor. À Europa, levei apenas um exemplar de um já empoeirado livro de contos que eu havia escrito cinco anos antes (Roberto Causo foi um dos revisores: a Editora Corifeu esqueceu de lhe dar os créditos na edição). Na verdade, eu impusera a mim mesmo uma outra missão, que reputei realmente relevante, e que cumpri com rigor: a de dar a conhecer ao público galego alguns escritores brasileiros de talento, dentre eles Tânia Souza, Renato Suttana e Roberto de Sousa Causo.

De Roberto, eu havia levado alguns exemplares do romance *Glória Sombria*, recém-saído do prelo. Como a leitura que eu fizera da *space opera* era recente, acho que me saí bem na divulgação do trabalho do brilhante escritor paulista: os exemplares de Roberto venderam num átimo.

Encarei a divulgação do romance de Roberto como um dever. Afinal, conheci-o nos anos noventa. Inicialmente, não o escritor, mas o ilustrador. Ele era um dos excelentes ilustradores da saudosa revista *pulp Isaac Asimov Magazine*, publicada no Brasil, no formato *digest*, pela Record. Esta – a de artista plástico – é uma faceta de Roberto que muitos dos leitores mais jovens desconhecem. Essa mesma revista promoveu um concurso de contos – creio que Prêmio Jerônimo Monteiro –, no qual, com um belíssimo conto, "Patrulha para o Desconhecido", Causo foi um dos vencedores. Eu não sabia que o ilustrador era, também, um ótimo escritor. Uma grata surpresa! Posteriormente, Roberto manteve coluna numa importante revista eletrônica ancorada no Portal Terra (*Terra Magazine*), para a qual colaborei com uma ou outra tradução. Durante alguns anos, pude desfrutar de contos, resenhas, críticas e notícias literárias *online* publicadas por mais um "outro" Roberto: o editor, crítico literário, resenhista e divulgador cultural. Tinha, portanto, para mim, como dever impositivo, a missão de divulgar um dos mais importantes nomes da FC brasileira na parcela lusófona do Reino de Espanha.

Algum tempo depois, Valentim Fagim – filólogo e ensaísta galego – me invitou a cooperar na organização de uma antologia de contos que veio a denominar-se *A Voz dos Mundos* (Através Editora, 2016). O nome da coletânea tinha uma séria razão de ser: a ideia era reunir textos de ficção científica, escritos por autores lusofalantes – galegos, portugueses e brasileiros –, que tivessem por nexo a *língua* – e isto bem antes do advento do filme *A Chegada*, de Denis Villeneuve. Além disto, seria importante que, se possível, o conto tivesse uma mulher por protagonista, conforme sugeriu o Conselho Editorial da Através.

Não foi fácil aos organizadores atrair escritores de três nacionalidades dispostos a enfrentar as exigências que o tema impunha. Alguns autores bem que aceitaram o mister, mas os seus trabalhos – malgrado de boa qualidade – não puderam ser aproveitados, eis que não se adequaram àquelas rigorosas balizas.

Porém, nem tudo foi dificuldade.

O primeiro autor que convidei para participar da coletânea foi Roberto Causo. Não o fiz por acaso. Não é preciso dizer que, como autor, ele é mestre num gênero difícil, que requer não apenas habilidade narrativa e prodigiosa imaginação, mas, sobretudo, o domínio de assuntos que ordinariamente transcendem a matéria-prima criativa de um escritor comum. Em minha palestra em Santiago de Compostela, chamei a atenção dos ouvintes para o profundo conhecimento do autor em temas de difícil abordagem – se se quer ser verossimilhante –, como a estratégia militar aplicada a exércitos interestelares. Também me referi à engenhosa solução encontrada por Roberto para desatar o nó górdio dos autores de FC: viajar distâncias estelares em tempo diminuto, às vezes infinitesimal. Mas não apenas: Roberto é um profundo estudioso da literatura fantástica em geral e, em especial, da FC. A leitura de sua tese de doutorado *Ondas nas Praias de um Mundo Sombrio: New Wave e Cyberpunk no Brasil* é indispensável a todos aqueles que se propõem a conhecer em profundidade a ficção pós-modernista, sobretudo a de origem popular.

Creio que poucos organizadores de antologia tiveram tanta sorte quanto a que lograram Paulo Soriano e Valentim Fagim: a contribuição de Roberto calhou como uma luva. Quando li o original de "A Locução Final", pensei comigo mesmo: "Melhor, impossível!" Havíamos acertado na mosca.

O conto de Roberto, que engrandeceu extraordinariamente a antologia, é protagonizado por Shiroma, personagem há dez anos conhecida do público brasileiro e, mais recentemente, dos leitores galegos de ficção científica.

Shiroma é, sem dúvida, um personagem fascinante: é ela uma matadora ciborgue, um protótipo dos super-humanos do futuro. Ágil, inteligente, destemida – mas, ao mesmo tempo, sensível e nostálgica –, a jovem heroína, quando criança, fora raptada e levada da Terra por um casal de mercenários para ser treinada e transformada em matadora de aluguel.

Em "A Locução Final", a adolescente convertida em assassina – fruto de experimentos secretos com uma tecnologia que permite ao corpo humano criar avançados sistemas cibernéticos – envolve-se numa trama em que o que está em jogo é a recuperação dos dados cerebrais de Demetrius Perard, um gângster recém-assassinado. Mas a chave para a aquisição dos preciosos dados mentais reside num inusitado elemento não computacional: o cérebro vivo de uma brilhante linguista, que jaz em estado cataléptico, para entrelaçamento com o do falecido Perard. Todavia, o ladino criminoso tomara, em vida, alguns cuidados para evitar a captura *post-mortem* de suas memórias comprometedoras... Não direi mais. "A Locução Final" também está no livro *Shiroma, Matadora Ciborgue* (Devir Brasil, 2015), e, portanto, acessível aos leitores brasileiros.

Segundo Roberto, a narrativa, originariamente escrita para a coletânea *A Voz dos Mundos*, "acabou sendo um conto central para o arco narrativo que dá forma ao primeiro livro de Shiroma". Algo que, para nós organizadores, é motivo de grande e justificável orgulho.

Uma curiosidade: na coletânea *A Voz dos Mundos*, para estabelecer a ordem de apresentação dos contos, os organizadores socorreram-se do "método Stephen King" de ordenação de narrativas em coletâneas, descrito na antologia *Tudo É Eventual*, mas com algumas adaptações. Utilizaram-se cartas de um baralho representando os contos, numericamente associados àquelas, conforme a ordem de encaminhamento dos textos pelos autores. Embaralhadas as cartas, estas foram retiradas. A ordem inversa em que apareceram as cartas tornou-se a das narrativas presentes em *A Voz dos Mundos*. Roberto, que foi o último a ser "tirado", veio, biblicamente, a ser o primeiro. Foi uma sorte grande para nós: foi muito bom abrir a coletânea – e, portanto, "fisgar" de cara o leitor – com o excelente conto da saga de Shiroma.





Uma aventura inédita de SHIROMA, MATADORA CIBORGUE

Atrás de recursos para atacar os criminosos que a perseguem, Shiroma vai até o estranho planeta Phoenix Terra procurando uma consulta arqueológica, mas encontra mais perigos em seu caminho.

Roberto Causo
Ilustração de Carlos Rocha
Logo por Taira Yuji

PHOENIX TERRA

Todos eles sabiam que o mundo das artes não era ambiente para escrupulosos...

–Frederick Forsyth

Torgo Borkien gabava-se de ser o maior especialista em xenoarqueologia da Zona 3 de Expansão Humana. Era o detentor da cadeira da disciplina na International Eporia University em Phoenix Terra, um importante mundo da Zona 3.

Phoenix Terra era um planeta terrestroide com um quociente gravitacional inferior ao da Terra em cerca de sete por cento. A IEU, de excelente infraestrutura, atraía muitos pesquisadores experientes – vale dizer, *idosos* em busca da sobrevida que a baixa gravidade lhes traria. Com quase setenta Terraanos, Borkien era um deles, tendo entrado numa fase da vida em que desejava capitalizar sobre o conhecimento adquirido ao longo de décadas de estudos e pesquisas de campo – e manter o caro estilo de vida que trouxera com ele, a Phoenix Terra. Com o que sabia, poderia enriquecer o suficiente para pagar pelos melhores tratamentos de rejuvenescimento e prolongamento da vida. Mas devia fazer isso nos próximos cinco ou dez anos, se quisesse realmente desfrutar dos tratamentos. *E* da riqueza.

Existia na galáxia humana um grande mercado para peças xenoarqueológicas significativas. A Zona 3 – com seus arbitrários mil anos-luz de profundidade e de comprimento a partir dos limites externos da Zona 2, a vizinhança do Sistema Solar – era a mais rica tanto em sítios já descobertos, quanto em potenciais. E na Zona 3, Borkien era o consultor a procurar. Por isso, havia montado um escritório de consultoria em sua casa em Benedict, a menos de cem quilômetros de Eporia, e instalado nele um caro dispositivo de comunicação holoansívica. Ali, pelo menos uma vez por Terramês, apreciava objetos e artefatos, e discutia valores com seus clientes em teleconferências que nada tinham a ver com as da IEU.

Contudo, a mais recente mensagem gravada solicitando os seus serviços viera pela comunicação normal. O possível cliente estava em Phoenix Terra.

O rosto de uma bela jovem caucasiana de cabelos e olhos castanhos, e traços que talvez traíssem alguma ascendência asiática, apareceu na tela do escritório de Borkien em Benedict, com o número planetário provisório para contato brilhando no canto da tela. A jovem não aparentava ter mais que 25 Terraanos.

– Professor Borkien – ela dizia, na gravação –, meu nome é Doris Shiro. Estou de passagem por Phoenix Terra e gostaria de marcar uma conversa com o senhor. Acontece de eu estar de posse de um número substancial de artefatos xenoarqueológicos singulares, e preciso de uma avaliação realmente abalizada. – Ela acrescentou, no mesmo tom profissional: – Eu me despeço agora, mas deixo-o com algumas imagens dos artefatos em questão.

As imagens eram em 3D. A primeira apresentava um conjunto de três peças. As duas seguintes apresentavam conjuntos de sete ou oito. Demorou um pouco para Borkien entender do que se tratava. Mas quando o fez, quase engasgou.

*

Peças semelhantes haviam surgido aqui e ali, nos últimos vinte Terraanos ou pouco mais. Eram todas datadas em dezessete milhões de Terraanos no passado, e apresentavam um deslumbrante esmero organicista em suas curvas e planos suaves, linhas ondulantes e entrecruzantes que sugeriam a interconexão de todas as coi-

sas – de todos os valores do artista ou artistas. Talvez da civilização mesma da qual faziam ou fizeram parte.

Essa civilização representava um grande mistério. Até o momento na aventura da humanidade pela galáxia, a pujante xenoarqueologia conduzida por humanos ainda não havia se deparado com nada mais que possuísse as características desses artefatos. Seu material era um "metal estranho", em que pares de partículas subatômicas entrelaçados se combinavam com outros pares, formando uma rede. A assinatura da rede dos objetos também era única no universo conhecido. Além disso, a sua aparência mineral e orgânica cuidadosamente cultivada nada tinha de um *look* industrial, hipertecnológico. Um paradoxo, já que a produção do metal estranho exigia alta tecnologia.

As teorias em torno de tais peças haviam se aglutinado em dois conjuntos principais. No primeiro, como o entrelaçamento nesses objetos exigia um grande dispêndio de energia para um simples efeito artístico, isso indicaria uma civilização tão autossuficiente que tinha energia para esbanjar e nenhum valor monetário atrelado a ela. Talvez fosse a sede de um grande império do passado distante; ou, no segundo conjunto de hipóteses, teria sido uma civilização técnica extremamente capaz, com uma economia centralizada e disposta a qualquer sacrifício para produzir tais peças. Uma civilização sem nada a perder com o sacrifício.

Borkien fez uma rápida pesquisa nas redes internacionais de xenoarqueologia: menos de uma vintena de peças semelhantes tinha aflorado nos últimos dezoito Terraanos, nas três zonas de expansão. E em planetas diferentes, por vendedores diferentes, homens e mulheres – desconsiderando as revendas registradas. Nunca em quantidade maior que quatro, com preços que iam do ingênuo ao extorsivo. Nenhum dos vendedores jamais revelara a procedência das peças. Mesmo assim, no todo, uma fortuna havia sido comercializada.

Instalado no seu console multiuso, Borkien tamborilou os dedos e refletiu. Certamente, havia uma demanda por esse material, atraindo várias pessoas que incidentalmente haviam tropeçado nos objetos, galáxia afora. Ou não? Parte de ser um especialista na valoração e compra e venda de artefatos arqueológicos alienígenas estava em entender os esquemas e subterfúgios comuns no ramo. Uma possibilidade, portanto, era que alguém detivesse uma quantidade apreciável dos objetos, e, com muito cuidado e discrição, viesse trabalhando o mercado, desovando uma quantidade mínima e instigando a curiosidade dos colecionadores. De fato, um burburinho abafado circulava entre *marchands* e colecionadores, em torno do misterioso "*weirdcraft*" impossível de ser falsificado. Talvez o responsável ou responsáveis acreditassem que agora a demanda estava madura o bastante para a oferta de um lote substancial. Um lote que representaria a independência financeira.

Se era esse o passo que essa pessoa ou pessoas queriam dar nesse momento, que papel Borkien teria em seus planos? Ele certamente tinha um nome na Zona 3. Mas o ideal para a obtenção dos melhores preços seria oferecê-los diretamente na Zona 1 – o Sistema Solar –, que concentrava as maiores fortunas e os colecionadores e *experts* mais famosos. O fato de o procurarem em Phoenix Terra era evidência clara de um desejo de discrição. Ou talvez quisessem trabalhar ainda mais o mercado, semeando aqui e ali rumores de que uma grande quantidade de objetos de *weirdcraft* teria vindo à superfície. Sem dúvida, a Zona 3 era muito mais exótica e misteriosa aos olhos dos colecionadores do Sistema Solar, o que ajudaria a deixá-los salivando...

Borkien acreditou mais nessa segunda hipótese. Significava que a jogada ainda estava nos seus lances iniciais. E isso, por sua vez, significava que ele poderia contrapor os seus próprios lances.

A garota era a chave. Por sua aparência, por ser tão jovem, devia ser marionete de outro alguém ou de um grupo, como ele suspeitava que acontecera das outras vezes em que o *weirdcraft* aparecera.

Borkien reclinou-se e passou a mão lentamente em seu suntuoso cavanhaque sempre bem aparado. Pediu ao seu robô doméstico que lhe preparasse chá e biscoitos, e na sequência mergulhou em mais pesquisas. Primeiro, quem seria Doris Shiro... Depois, novamente, o histórico do surgimento do *weirdcraft* na galáxia humana. Dessa vez, olharia cada detalhe, cada minúcia, em busca das pistas para compor a narrativa do que estaria de fato acontecendo.

*

Shiroma passava o tempo no hotel flutuante da rede Soroyan, acima da cidade de Eporia. Fazia parte do disfarce. Ninguém viaja a outro planeta pela primeira vez apenas para gastar um dia ou dois resolvendo uma única questão comercial, e então partia dele sem olhar para trás. Por outro lado, não podia passar muito tempo vagabundeando em Eporia, enquanto a sua nave acumulava a taxa de acoplagem em Blue Flame, a estação espacial em órbita. Quem fizesse qualquer uma das duas coisas levantaria suspeitas – especialmente se, durante a sua breve passagem, um crime fosse cometido. Não que matar Torgo Borkien fosse sua intenção. Conhecia o suficiente dos podres do homem, para conseguir cooptá-lo sem dificuldades.

Tinha chegado a Phoenix Terra há apenas dois Terradias. Usava o nome "Doris Shiro". Havia empregado esse *alias* em sua missão no planeta Argos, no sistema dominado pela gigante amarela Carinæ K, parte da constelação de Carinæ e a cerca de 223 anos-luz do Sistema Solar. Phoenix Terra também ficava na Zona 3, mas quase que no vetor oposto ao de Argos. Ela ainda se lembrava da conversa com o xenoarqueólogo Yoshio Teh, executado cruelmente por um grupo de terroristas

liderados por Cybele Stasinopoulos. Para a tarefa em Argos, Shiroma tinha lido muito sobre o campo crescente da xenoarquelogia. E ainda mais agora, em preparação para a abordagem de Torgo Borkien em Phoenix Terra. No momento, lia em um dos salões panorâmicos do hotel um livro de xenoarquelogia escrito pelo próprio Borkien, enquanto aguardava a resposta dele.

Usar um codinome já empregado antes era sempre um enorme risco, mas Doris Shiro fora a última pessoa a falar com o prestigioso Yoshio Teh, e talvez isso chamasse favoravelmente a atenção de Borkien. Ela também havia pesquisado a vida e a obra do xenoarqueólogo Neftaim Zibeon, para sua desastrada missão no planeta Reiboro, também na Zona 3. Essa experiência prévia devia emprestar a ela um pouco mais de consistência aos olhos do homem.

Tropeçara no nome dele ao examinar os arquivos do casal que a tinha raptado aos cinco anos de idade – para criá-la como uma assassina profissional e operativa secreta altamente qualificada. Shiroma era uma ciborgue dotada de cibersistemas singulares, que de algum modo havia superado uma fase inicial de rejeição, e incorporado sistemas orgânico-cibernéticos que cresciam dentro dela, acompanhando o próprio desenvolvimento a partir de uma dieta especial oferecida por Tera e Tiago, os operativos secretos cuja história pessoal e formação Shiroma ainda estava montando com as poucas peças deixadas por eles na sua base secreta.

Durante vários Terrameses, examinou os computadores da base erguida na cratera de um vulcão extinto – na superfície de um planeta gelado, ejetado da órbita de sua estrela –, além de umas poucas anotações e registros escritos, e interrogou os robôs das instalações no planeta desgarrado.

Havia muita coisa sobre xenoarqueologia nos computadores. Obviamente, muito da capacidade de Tera e Tiago de realizarem suas missões vinha dos recursos levantados com a venda dos artefatos deixados pela civilização perdida do planeta. Do casal, Tiago era o especialista. Ao longo dos anos, havia oferecido ao mercado um número de peças selecionadas. Seu método deixava clara a intenção de construir uma demanda crescente, aumentando paulatinamente o interesse pelos objetos, ao mesmo tempo em que guardaria o mistério de sua origem.

Shiroma não acreditava que Tera e Tiago fossem os descobridores do planeta. Talvez tivessem esbarrado nos dados de sua trajetória, arrancando a informação de uma de suas vítimas, em um dos muitos serviços escusos realizados nos anos anteriores ao rapto de Bella Nunes – o nome que Shiroma tivera antes, na Terra, e do qual se recusava a esquecer.

Nunca teria uma resposta sobre esse mistério. Tera e Tiago estavam mortos, e a resposta final havia desaparecido com eles. Sua mente derivou para aqueles momentos nebulosos, em que tinha eliminado os dois nas proximidades de um asteroide em ε Crucis... Muito sangue, e então o cadáver de Tiago e o corpo ainda vivo de Tera, lançados no vácuo...

Tera e Tiago não tinham sido os únicos mortos por ela naquela operação em que invadira o laboratório secreto da Sycorax para matar um homem chamado Perseu Sunne. No processo, lembrara-se de que Sunne fora o seu criador – seu *pai*. E o homem que a vendera e à sua mãe, Mara Nunes, para alguma organização interessada nos sistemas biocibernéticos criados por ele. Por alguma razão, Sunne havia desistido do experimento, acreditando, talvez, que chegara a um beco sem saída. Mas Shiroma vivera para matá-lo... Mesmo ao custo do envenenamento radioativo sofrido durante a tempestade solar que grassava durante sua invasão das instalações no asteroide. Ainda não sabia como tinha sobrevivido...

Um estranho efeito colateral da recuperação do envenenamento radioativo sofrido por Shiroma foi um estirão, em uma idade na qual já deveria ter parado de crescer. Ganhou mais dois centímetros de altura e teve problemas com três dentes do siso. As estrias de crescimento que irromperam em suas costas, por outro lado, desapareceram em algumas semanas. Estranhamente, seus pés e mãos não mudaram de tamanho, apenas os quadris ficaram um pouco mais largos...

O tempo todo, surpreendia-se ao vestir alguma coisa e notar o quanto a roupa parecia mais curta em seu corpo. Alguns ajustes ela fez sozinha, às vezes emprestou peças do guarda-roupa de Tera. Em alguns casos, precisou reprogramar os *fabrikors* moleculares das instalações – especialmente depois que se decidira por um plano e começara os preparativos.

Shiroma ainda tinha de lidar com outras novidades fisiológicas. Era estranho. Chegara a se perguntar se todos os treinamentos pelos quais passara – e os atos de violência que sofrera e infligira – não teriam de algum modo retardado, por alguma forma extrema de somatização, o seu desenvolvimento físico e neurológico. O período de convalescença e, depois, de descanso solitário no planeta desgarrado, teriam de algum modo disparado o seu incomum... desabrochar.

Ela recolheu-se ao seu quarto para terminar a leitura do livro. Faltava organizar o que aprendera com ele em face do que já sabia sobre Torgo Borkien das pesquisas anteriores. Shiroma imediatamente começou a refletir e avaliar. Pediu a próxima refeição no quarto, mas não para evitar interromper os seus pensamentos. Já sabia como utilizar o conteúdo da pesquisa de Borkien para parecer versada no assunto, quando estivesse diante dele. Também já sabia que precisava tomar cuidado com o xenoarqueólogo. Queria ficar sozinha para preparar-se.

Pouco tempo depois da refeição solitária, Borkien fez uma ligação.

2.

Cedo, na manhã seguinte, Shiroma aguardava o flutuador que a levaria do Palácio Voador Soroyan até o terminal lá embaixo em Eporia. A doca de atracagem tinha um mirante envidraçado voltado para a paisagem urbana. A maior parte das áreas de habitação e convívio da cidade era subterrânea, escavada na rocha de um platô que se erguia próximo ao mar – também visível pelo mirante. Possuía um léxico arquitetônico que parecia escrito pelo vento: a forma básica da cidade eram conjuntos regulares de construções em formato de ponta de flecha, com laterais levemente curvas e lisas, concebidas para quebrar o vento e não deixar que os esporos transportados pelo ar se fixassem em reentrâncias ou aberturas. Eram instaladas sobre plataformas circulares e giravam de acordo com a direção das correntes de vento.

O flutuador coletivo chegou e ela embarcou com uma dúzia de outros turistas.

Por algum motivo, a decolagem demorou um pouco, deixando-a momentaneamente preocupada. Não sabia que pistas havia deixado para as autoridades, em suas missões pela galáxia. Nos computadores da base solitária de Tera e Tiago, não havia nada que indicasse que ela tivesse sido identificada, de qualquer maneira possível, como suspeita nas mortes de suas muitas vítimas. Chegando a este sistema estelar, baixara todas as notícias policiais disponíveis, e programara o computador de bordo do Dasher para buscar alertas com descrição de mulheres suspeitas, procuradas por crimes de morte. Não havia nenhuma que se assemelhasse a ela. Mesmo assim, a demora da partida a fez imaginar que alguém identificara a jovem assassina a bordo e mandara segurá-la ali até a chegada das autoridades.

O táxi aéreo decolou. Shiroma respirou aliviada.

*

No pequeno terminal abarrotado de turistas e moradores de Eporia, ela procurou o serviço de locação de flutuadores, guiada por um aplicativo local instalado no seu *tablet* e parte do pacote de boas-vindas oferecido pelo Soroyan. Vestia sua ciberjaqueta de *veganleather* e tinha consigo uma bolsa de viagem. Tudo o que trouxera até o hotel estava nela. Consultou o *tablet* de modo perfunctório – já havia decorado o caminho até a locadora. No estabelecimento, perguntou pelo modelo de flutuador individual de maior autonomia e segurança.

– É o nosso Zoran Clear Wind GLX – o atendente disse, e acrescentou: – Um modelo local. – Ele sorriu. – Qual é o seu programa?

O atendente era um jovem de 28 ou 30 Terraanos, atlético, que devia fazer sucesso com as garotas. Seus olhos a mediram de cima a baixo. Shiroma sabia que ele estava falando do seu programa de exercícios. Mesmo com a jaqueta e as calças compridas folgadas, o olho clínico dele tinha registrado a sua postura reta e as coxas de quadríceps salientes.

Sendo uma ciborgue, ela, quando se exercitava, utilizava uma carga de pesos de oito a doze vezes maiores do que um atleta homem e de nível olímpico empregaria. Mas ela desejava ocultar o fato de ser uma ciberaumentada. Para responder a perguntas como essa, tinha pesquisado e formulado, ao longo dos anos, um cardápio de respostas possíveis.

– Eu trabalho normalmente com pesos durante quatro semanas, anoto os valores máximos e então faço as mesmas séries começando com dez por cento a mais de peso, mas num ambiente noventa e cinco por cento de um gravo – disse, mencionando uma técnica militar. – Com três semanas nesse regime, os resultados são incríveis numa fração do tempo normal, só em cima da resposta muscular na gravidade menor.

– Já ouvi falar desse truque – ele disse. – Mas não temos instalações com modulação da gravidade aqui, que sejam abertos aos civis. Você não é de Phoenix Terra.

– Sou uma foramundo – ela respondeu, esboçando um sorriso não tão aberto quanto o dele.

– De onde, se posso perguntar?

– Estou vindo de Zandron, no quadrante vinte e dois.

Fazia parte da narrativa de cobertura que ela havia criado, antes de embarcar para Phoenix Terra. Zandron era um planeta de colonização ecumênica, com gente da Aliança, da Ásia-Centro Oceânica e da Latinoamérica. Próspero mas pouco visitado.

– Também na Zona Três, não é? – o rapaz disse. – Mas do outro lado. Veio de longe... Primeira vez em Phoenix?

– Sim. Praticamente acabei de chegar.

– Eu conheço os melhores lugares para se desfrutar da longa noite local.

– Ouvi falar bem de uma certa casa noturna chamada Phoenix Pyre.

Ele torceu o nariz.

– É bom para quem tem dinheiro. Mas não é o melhor para se divertir de verdade. – Ele piscou para ela, e deu uma olhada no cartão de Shiroma. – Seria um prazer ser o seu guia, Doris. Meu nome é Greg.

Eles se apertaram as mãos. Longamente, pois ele demorou a soltá-la.

– Não sei se vou ficar no planeta por tempo suficiente para aproveitar a vida noturna – ela esquivou-se.

Greg lhe estendeu um cartão pessoal.

– Aí está o meu número, e também o horário do meu turno aqui. Se você tiver uma boa notícia e ficar mais tempo entre nós, me ligue. Vamos nos divertir.

– Obrigada. E quanto ao meu... Clear Wind? Quanto é o aluguel?

Era relativamente caro, mas Doris Shiro tinha dinheiro de sobra. Ela também comprou de Greg a cibermáscara ambiental mais cara que encontrou no expositor que havia ao lado do balcão de atendimento. Do estojo de sobrevivência, ela desistiu. Obrigatoriamente, havia um no flutuador – como deixava claro o folheto 3D que Greg a obrigou a assistir. Adquirir um mais sofisticado só despertaria suspeitas.

– É obrigatório você testar a máscara – Greg disse, com mais um sorriso – antes da partida. Enquanto isso, vou ativar os sistemas do Clear Wind e deixar tudo pronto.

Quando ela embarcou no flutuador, decolagem e voo estavam no modo automatizado. Digitou as coordenadas no console de pilotagem, recebeu a confirmação. Com isso, ela relaxou em um dos dois assentos localizados na parte frontal do veículo, adiante do pequeno baú de carga, onde jogou sua bolsa. Fixou rapidamente o cinto de segurança. Logo, o flutuador se unia a uma coluna de outros aparelhos que, a sessenta metros de altura, movia-se para os limites da cidade, onde cada um ganharia altitude e partiria na sua rota individual. A dela a levaria para longe dos centros habitados.

Pensou em Greg. Levar uma cantada dessas não era comum para Shiroma. Talvez as coisas fossem assim, ali. Muitas colônias, principalmente em seus momentos iniciais de fundação, adotavam uma política de liberdade sexual que você não via com tanta frequência em ocupações mais antigas. Mas não tinha lido nada parecido, sobre Phoenix Terra.

Ou a questão era ela? Apesar de tudo, em suas missões para Tera e Tiago ela pouco usara de sedução e sexo para obter alguma vantagem. Refletindo agora, era bem provável que tivesse se encolhido e evitado projetar qualquer coisa nesse sentido.

Sabia que não tinha reagido bem ao seu treinamento sexual, nas mãos dos instrutores. Mas agora entendia que viver sob o jugo do casal não podia ter sido positivo para a sua formação emocional mais íntima. De fato, ela devia ser um desastre. Talvez só fosse estável dentro desse modo cheio de disfarces e na sua funcionalidade mortal.

Mas... agora com Tera e Tiago mortos, talvez inconscientemente estivesse projetando algo diferente. Sentia-se mais livre, às vezes mais relaxada. Sorriu ao imaginar que podia estar entrando em um momento mais suave de sua vida, quem sabe mais equilibrado e humano. Isso a fez apanhar o cartão de Greg em sua jaqueta. Tirou a luva e fez o polegar correr sobre o nome dele, e a superfície do papel plastificado alterou-se.

O logotipo da locadora de flutuadores desapareceu. O torso nu de Greg surgiu em todo o seu esplendor, músculos abdominais definidos e gordura corporal quase-zero, e sobre ele, as palavras em 3D:



Shiroma riu em voz alta, solitária na cabine do Zoran Clear Wind. Quem sabe... mas *não* com Greg Shabino. Bastava desse tipo de especialista em sua vida.

*

Torgo Borkien era um xenoarqueólogo conceituado, mas não era uma boa pessoa. Por trás da fachada do erudito, havia um comerciante inescrupuloso – ou era o que dizia a ficha dele, encontrada nos computadores de Tera e Tiago. Obviamente, Tiago vinha reunindo ou havia comprado informações para usar contra o xenoarqueólogo, em algum lance futuro. Mas agora era Shiroma quem iria realizar a chantagem. Ou esse era o plano. O encontro em um local relativamente remoto, porém, não fazia parte dele.

– Estou a caminho de uma excursão de campo – Borkien lhe dissera, em sua mensagem da noite passada. – Venho me preparando para ela há algum tempo, não tenho como adiar. Mas, enquanto me instalo no acampamento, creio que você e eu poderemos achar tempo para discutir a sua questão. Veja, no anexo, as coordenadas e o horário estimado em que estarei lá.

Ela considerou rapidamente inserir as coordenadas na rede local e ver o que surgiria sobre o tal sítio arqueológico. Mas não queria deixar uma busca rastreável para trás, caso algo desse errado.

Borkien já havia armado emboscadas antes. Para seus concorrentes em uma operação de contrabando de peças xenoarqueológicas. Um deles, chamado Carlos Gilman Kurak, um especialista na Era Vuritayi da civilização dos alienígenas da Zona 3 conhecidos como mobaranie, estava desaparecido. O seu possível assassinato em Phoenix Terra constava dos arquivos de Tera e Tiago como um relato, sem evidências, relatórios oficiais ou testemunhos. Informação privilegiada, provavelmente. Oriunda do submundo do crime?... Tudo indicava que sim.

Escolheu confirmar que estaria presente no ponto e no horário indicados. Mas tinha certeza de que Borkien estava intrigado com a promessa de peças do misterioso *weirdcraft* ao alcance de sua mão. Talvez, com a conversa no acampamento, buscasse a discrição necessária para fazer uma oferta que soaria indecorosa numa situação oficial e transparente.

Sabia que arte e crime andavam de mãos dadas há um bom tempo, na história da humanidade. Ela representava capital concentrado, portável e valorizável, mais fácil de cruzar fronteiras e trocar de mãos que grandes somas de capital. Mesmo no século XXV, menos de vinte por cento das obras roubadas era recuperado e devolvido aos proprietários.

Na era da expansão galáctica, distância, exotismo, datações pré-humanas e hipóteses de tecnologias superiores à da humanidade atual e das espécies inteligentes conhecidas aumentavam absurdamente o valor comercial subjetivo ou já absorvido pelo mercado, de peças xenoarqueológicas.

Shiroma não podia acreditar que a promessa de acesso ao *weirdcraft* não apertasse todos os botões de Borkien. E isso tornava ainda mais suspeita a sua oferta de recebê-la em um lugar remoto.

*

Inclinado sobre as máquinas, Torgo Borkien ativou os dois robôs operários. Ao seu lado, os braços cruzados sob o busto avantajado, Elayne Reisbaum disse com sua voz rouca e sensual:

– Desnecessário, meu querido Torgo. Os meus contatos tanto no Soroyan quanto em Blue Flame disseram que a garota é miúda e sem nada de especial. Posso cuidar dela sozinha.

Estavam na tenda de trabalho Nº 3, a de tamanho médio, destinada a guardar os equipamentos mais sofisticados. Elayne Reisbaum era uma mulher de quase um metro de oitenta de altura, de braços e pernas musculosos e experiência em submeter mulheres mais jovens e menores do que ela. E homens também. Tinham chegado no meio da tarde, e esperavam a senhorita Doris Shiro para o começo da noite, segundo a estimativa do conhecido de Elayne na locadora de flutuadores.

– É só para fins de intimidação – Borkien disse.

Elayne descruzou os braços e meteu os punhos nos largos bolsos da sua jaqueta de campo.

– Então por que eu estou assistindo você alterar o modo de operação dos robôs de "trabalho" para "segurança"?

Borkien voltou-se para ela.

– Por *segurança* – ele disse, sorrindo.

*

O Clear Wind rumava para o interior do continente. Pelas janelas e pelo para-brisa do flutuador, Shiroma apreciava a paisagem monótona abaixo. Bosques isolados por grandes planícies de gramíneas, vastas florestas com mínima variação de biomas, e riachos estreitos atravessando tudo como cordões prateados refletindo o brilho do céu.

Phoenix Terra era um planeta bastante estável. Mas havia indícios planetológicos muito claros de que enfrentara, há cerca de três milhões de Terra-anos, uma catástrofe global transformadora. Uma chuva de cometas deslocados da nuvem de Oort por um corpo celeste extrassolar, que raspara os limites externos do sistema, teria atingido o planeta ao longo de alguns séculos. A salva cometária teria causado a violenta extinção em massa de 99,9% das formas de vida terrestres – e com ela, qualquer civilização ou civilizações locais previamente existentes.

Quando parou a chuva de cometas e as condições da superfície se estabilizaram com a passagem de milhões de anos, as terras emersas foram recolonizadas por um punhado de formas de vida sobreviventes. A grande oferta de território livre e a baixa competição privilegiaram a formação de colônias clonais de árvores, fungos, arbustos e algas – cada uma delas um único organismo, com uma única identidade genética e uma única origem e ascendência, estendendo-se sobre uma grande área. Cada uma das colônias clonais possuíam, muitas vezes, milhares de anos de idade. Como o planeta era caracterizado por dois grandes continentes de distribuição equatorial, separados por um único mar estreito, essa abundância de terras continentais contínuas também favoreceu o lançamento de esporos assexuais como a estratégia dominante de comunicação, competição e troca de material viral e bacteriano entre as poucas espécies vegetais.

A teoria dos cometas era amparada pela grande quantidade desses corpos ainda em circulação no sistema. Shiroma, no Dasher, teve de contornar um deles durante a sua aproximação do planeta. Mas a prova dos nove era a enorme variedade biológica encontrada nos oceanos, de algum modo protegidos do pior que os cometas conseguiram infligir. Mar e terra eram mundos opostos no planeta redivivo. Ela suspeitava que no longo prazo o mar venceria, depois que as espécies aquáticas tivessem tempo de recolonizar a terra. Até lá, a versão local da civilização humana teria muita área para explorar livremente, em termos agrícolas e minerais, sem medo de causar grandes prejuízos à biosfera.

A grande quantidade de esporos aerotransportados, porém, não fazia bem à saúde humana ou dos animais e plantas terranos importados. Certamente, era um dos limitadores da colonização do planeta. Havia filtros por toda parte. Nas áreas abertas das cidades, os moradores usavam filtros e máscaras faciais o tempo todo durante a extensa temporada de ventos.

Shiroma foi sacudida de suas reflexões por uma turbulência súbita. O flutuador de luxo que ela havia alugado era mais pesado do que a maioria dos outros modelos, e por isso mais estável. Mas isso não significava que fosse um aparelho imune às fortes rajadas de vento da atmosfera de Phoenix Terra. Com um sorriso nos lábios, ela agarrou-se às alças do cinto de segurança até que a turbulência passasse.

Os ventos eram mais um sinal de que se afastava de Eporia. Horas mais tarde, adiante do flutuador, divisou uma grande serra, como uma muralha verde-azulada, dominando quase todo o horizonte. As telas acesas no painel exibiam um *feed* de informações climatológicas, além de um horizonte artificial e outros dados de posicionamento do flutuador. As luzes das telas contrastavam delicadamente com a paisagem tonal lá fora.

Na base e nas encostas da cordilheira, uma floresta de árvores altas – *mais* altas que sequoias –, erguia-se entre campinas que teimavam em escalar as escarpas rochosas. O clima era temperado nessa latitude. Ao sobrevoar a floresta, ela reconheceu pelo para-brisa uma nebulosidade que parecia pairar por entre as copas e os troncos, rósea no ar do crepúsculo, tarde demais no entardecer para ser condensação de umidade. Era uma

descarga de esporos. Phoenix Terra era mesmo um planeta estranho, em que a vida lutava ferozmente com as poucas armas de que dispunha, para conquistar todo o território que pudesse.

Shiroma sabia que seria noite quando chegasse ao acampamento indicado por Torgo Borkien. Sentiu-se solitária e indefesa por antecipação. Estaria nas mãos dele.

Buscou a bolsa de viagem e retirou lentamente dela o estojo antiimpacto com a concha do mar que era o seu objeto mais íntimo e apreciado.

As vozes no interior da concha não se comunicavam ao seu bel prazer. Não era como se conversasse todos os dias, após as refeições, com sua mãe ou sua versão criança, falando de uma outra dimensão que tinha a abertura da concha como o seu estreito portal. As comunicações aconteciam, na maioria das vezes, quando ela estava tensa, ferida, desesperada... Uma forma estranha, muito particular, de manifestação de loucura. Exceto pelo fato de que vez após outra, as vozes lhe revelaram coisas que aconteciam em algum outro lugar e que a ameaçavam.

A última vez fora no seu planeta renegado. Com o alerta de que um grupo de reação da Associação T'ien-Ti-Hwey da Era Galáctica fora enviado para capturá-la e arrancar os segredos biocibernéticos do seu corpo. Depois disso, o máximo que ouvia eram os sons marinhos e o riso, às vezes gritinhos infantis da pequena Bella Nunes, com os seus eternos 5 anos de idade. E a voz da mãe, Mara Nunes, ouvida muito ao longe falando com a menina, instruindo-a com um tom severo, ou, raramente, rindo com ela. Mas pelo menos tais sons vinham com mais frequência, preenchendo seus dias na solidão das instalações secretas, trazendo os ruídos da primavera e do verão à vida invernal no seu mundo gelado.

A vinda do grupo de reação da T'ien-Ti-Hwey havia mudado tudo. Shiroma tinha determinado que a melhor alternativa que lhe restava era o ataque – confrontar diretamente o sindicato do crime que, ela acreditava, era a única estrutura a conhecer o segredo da sua existência. Mas para isso precisava de recursos para chegar ao mundo em que se instalava a organização secreta, Ulaambaatar, com dinheiro suficiente para contratar ajuda e adquirir poder de fogo. A venda das peças de *weirdcraft* era a melhor saída para obter esses créditos. Mas para vendê-las, ela precisava de um intermediário. Torgo Borkien.

O que mais a preocupava era a aquisição de dados e o planejamento da sua abordagem da Associação Céu e Terra. Tera e Tiago tinha possuído um talento incomum para o planejamento das suas missões. Shiroma nunca entendera como eles o faziam. Chegava ao nível do prodigioso. Suas explorações da base secreta, após tê-los eliminado, reuniram poucas pistas. Eram tão poucas as anotações deixadas pelo casal, que ela suspeitava que eles mesmos eram trans-humanos em algum nível, com, no mínimo, *chips* mnemônicos implantados em seus cérebros. Mas o máximo que encontrara foram velhos manuais de planejamento de operações especiais e treinamento de operativos, que Tiago podia ter mantido por razões afetivas. Ele mesmo teria sido militar ou espião, antes de sequestrá-la? Shiroma não tinha qualquer informação sobre eles...

Era de certo modo triste e embaraçoso, mas compreensível, que sentisse certo desamparo sem os dois planejando suas ações. Passara quase duas décadas vivendo com eles, mesmo que com um mínimo de contato pessoal e humano. Em vários momentos, o trabalho brilhante dos dois havia garantido a sua sobrevivência. Até que eles mesmos tentassem matá-la... De qualquer modo, sua esperança era de, uma vez em Ulaambaatar, recorrer a procedimento semelhante ao que pensava empregar com Borkien: descobrir segredos sensíveis que pudesse negociar para obter a garantia de que a deixariam em paz. Talvez precisasse promover danos estruturais ou eliminação de pessoal, para convencê-los de que era melhor desistir dela, do que enfrentá-la e sustentar ainda mais prejuízos. Eram criminosos violentos, mas gente de negócios com noção do equilíbrio entre custo e benefício, ou assim ela esperava...

Desistiu de pensar mais nisso. Às vezes, seus planos lhe soavam como fantasias, contos de fadas sem a menor chance de sucesso. Logo tinha a concha no ouvido, e um pequeno sorriso nos lábios, ao ouvir por cima do ruído da espuma quebrando na areia:

– Estéril. – Uma voz de criança.

– O que é isso? – perguntou, alargando o sorriso. – Uma palavra nova que você aprendeu?...

– *Muito* estéril – Bella disse.

– O que 'cê 'tá fazendo aí na praia, além de espiar onde estou?

– Tô vendo a Mãe desenhar na areia – veio a resposta. – Faz tempo que ela 'tá fazendo. É mais divertido do que ficar olhando pela janela do flutuador. Parece que 'tá acabando agora...

– Que desenho ela 'tá fazendo?...

– Você precisa ver isto – veio a voz de Mara, com um timbre urgente. – Feche os olhos.

Shiroma obedeceu. Aos poucos, uma imagem ensolarada se formou no fundo escuro de sua mente. Era como se ela estivesse lá na praia, e em um instante sentia a areia entre os dedos dos pés descalços. Bella estava ali perto, de costas para ela – e a Mãe mais adiante, também de costas, um galho seco na mão direita e olhando para baixo. O ponto de vista suspenso no ar que era Shiroma avançou lentamente para ver o que as duas apontavam.

Mara havia riscado a silhueta de quatro pessoas na areia alisada pela água da maré que se retirava. Shiroma os examinou atentamente. Pareciam ser três homens e uma mulher, e lembravam os riscos de giz que se

fazia em torno de cadáveres nas cenas de crimes, antes do desenvolvimento do dimensionador 3D criminal.

– O que é isso?...

A Mãe não lhe disse nada. Quatro corpos, concluiu. Com um gemido, afastou a concha do rosto e abriu os olhos. Devolveu a concha ao seu estojo, com mãos trêmulas.

Ofegante, de coração acelerado como se despertasse de um terrível pesadelo, voltou-se para a sua ciberjaqueta. Tivera de apresentar todos os itens de tecnologia vestível à aduana, em Blue Flame. Era a norma internacional em todas as zonas. Ao examinar a jaqueta, o agente de aduana apenas passara o seu *scanner* sobre o *chip* da CPU flexível costurada dentro da etiqueta holográfica na gola. Estava tudo dentro das especificações do produto, é claro. Shiroma, porém, tinha um segundo *chip* escondido em seu *tablet*, inativo até substituir aquele na CPU da jaqueta. Agora ela puxava o cabo da costura da manga esquerda e o plugava no terminal do flutuador. O *software* de diagnóstico universal conectou-se com o *tablet*.

Como suspeitava, o *transponder* do flutuador, que permitia o seu acompanhamento via satélite, havia se desligado assim que ele ultrapassou a cordilheira. Desligado era a palavra, e não apresentado defeito, embora a sua programação tentasse simular uma disfunção. Simultaneamente, o piloto-automático do Clear Wind era capaz de prosseguir no seu curso utilizando um sofisticado sistema de reconhecimento infravermelho do terreno e uma série de sub-rotinas de aproximação e pouso. Ela fez um rápido cálculo mental e concluiu que Greg "Hot Buddy" Shabino tinha sabotado o flutuador escolhido, enquanto ela testava a cibermáscara e examinava o folheto 3D.

Usando o teclado técnico do *tablet*, passou por cima de uma série de dispositivos de segurança e reprogramou o piloto-automático para realizar uma operação muito específica.

Com um suspiro, desfez a conexão, guardou o equipamento na bolsa, e reclinou-se. Phoenix Terra tinha um ciclo de rotação quase um terço mais lento do que vinte e quatro Terrahoras. Como já acontecera com Shiroma em situações semelhantes, ela vivia se surpreendendo com a luz que ainda não havia mudado significativamente, depois que terminava uma tarefa. Neste caso, os tons do crepúsculo pouco haviam se alterado. Sem dúvida, o sol aquecia por mais tempo certos pontos do globo, enquanto outros esfriavam por mais tempo. Era um dos efeitos responsáveis pelo peculiar regime de ventos do planeta. Shiroma imaginou que isso também representava um *stress* sobre a vegetação e a vida animal. Não deviam ser muitas as espécies que resistiam à alternância de calor e frio prolongados, em uma mesma latitude, dia após dia.

Compunha uma bela imagem, de qualquer modo, e ela apreciava a tranquila solidão no interior do aparelho balouçante. Lembrou-se de outros momentos parecidos, em suas missões ou durante os longos períodos de treinamento a que Tera e Tiago a submetiam enquanto ela crescia, as diversas identidades secretas que assumira em tantos lugares diferentes. Por mais que se ressentisse do que eles fizeram com ela, era um bom sentimento, um sentimento doce e humano, que essas lembranças evocavam.

Mas então uma parte antes encoberta do céu se descortinou, revelando o perfil completo do cometa velho conhecido. Incomum, tinha duas caudas luminosas – como se prenunciasse uma dupla ameaça.

*

Duas horas depois, quando o sol havia finalmente se posto atrás do horizonte de Phoenix Terra, o flutuador iniciou os procedimentos automáticos de pouso. As telas no painel do Clear Wind se alteraram, o veículo começou a perder altitude. Minutos mais tarde, luzes de pouso acenderam-se, iluminando a copa de uma nova colônia clonal do que parecia ser outra espécie de conífera, semelhante ao álamo e materializada entre uma lenta nevasca de esporos branco-azulados. A colônia clonal parecia receber Shiroma com apreensão e expectativa. Com a presença dela, talvez viessem a ocorrer no seio desse gigante antigo, territorial e egoísta de milhares de anos de idade, eventos dramáticos que ele nunca havia testemunhado antes.

O aparelho pousou na orla de uma grande clareira, onde havia um conjunto de quatro tendas montadas. Altos postes com holofotes voltados para baixo revelavam os detalhes, por entre os esporos flutuantes. Havia um poste, mais baixo, com sensores e antenas de comunicação. Mas o único sinal de que havia uma escavação ali estava em montes alongados de terra e pedras separados junto à maior das tendas. Shiroma supôs que ela cobrisse o terreno escavado.

As luzes externas do flutuador se apagaram, seguidas, segundos mais tarde, das telas no painel. Apenas uma continuou acesa, exibindo as instruções de segurança para o desembarque da passageira solitária. Shiroma já tinha a cibermáscara no colo. Colocou-a e aguardou os rápidos testes de captura externa de sons e imagens, para em seguida apertar o botão que, ao lado da tela, confirmava o procedimento. Um *ping* soou e um novo procedimento apareceu na tela. Shiroma calçou as luvas de punho longo que faziam parte do *kit* de segurança, e tornou a pressionar o botão.

Uma seção da carlinga destacou-se, um painel moveu-se para trás e o ar frio inundou o interior do aparelho. Os primeiros esporos flutuaram para dentro. Ao retornar mais tarde, ela teria de sugá-los com o aspirador embutido no painel, antes de remover a máscara. *Se* retornasse.

Com certa trepidação, deixou a bolsa de viagem no compartimento traseiro. A concha estava lá dentro.

Ao sair, notou que agora a entrada da tenda mais próxima estava iluminada. Havia um vulto feminino parado diante dela. A mulher acenou rapidamente, e tornou a enfiar a mão no bolso do casaco que vestia.

Shiroma retribuiu o cumprimento, e aproximou-se. O solo era pedregoso, mas nesse trecho tinha sido limpo e pavimentado com placas de plastimetal vazado.

– Meu nome é Elayne Reisbaum – a mulher disse em inglês. Era alta e robusta e mesmo sem ver o seu rosto, Shiroma não gostou dela. – Sou a assistente de campo do Doutor Borkien. Prazer em conhecê-la, Doris.

– O prazer é meu, Elayne.

– Por aqui.

Reisbaum ficou de lado para ela, que caminhou para dentro da tenda semirrígida, subindo uma rampa discreta. A sua primeira divisão era uma espécie de câmara de descontaminação em que caberiam com folga meia dúzia de pessoas. Reisbaum seguiu-a e fechou a entrada. Em seguida, tocou um painel suspenso e Shiroma sentiu o corpo ser sacudido por potentes ventiladores embutidos no forro. Ao mesmo tempo, aspiradores localizados no rodapé da câmara sugavam todas as partículas de esporos que estiveram presas nas roupas das duas mulheres.

A câmara se abria para o amplo espaço interior da tenda. Torgo Borkien a aguardava com as mãos atrás das costas e um sorriso no rosto. Não era um homem muito mais alto que Shiroma. Além dele, o recinto plenamente iluminado exibia prateleiras com ferramentas e estojos plásticos, bancadas, mesas e cadeiras, além de conjuntos de instrumentos eletrônicos – a maioria desligada, salvo por uma pequena estação que devia ser a das câmeras e sensores de segurança que haviam registrado a chegada do Clear Wind. Na tenda, ela também via um par de robôs operários, humanoides e não muito diferentes daqueles que existiam na base construída por Tera e Tiago.

Elayne Reisbaum se mexia ao seu lado, livrando-se da cibermáscara e das luvas. O tom pálido da pele, os cabelos arrumados e as mãos bem manicuradas, além dos óbvios incrementos cosmético-cirúrgicos, informavam que dificilmente a mulher seria uma *assistente de campo*. Shiroma imitou-a, retirando a máscara e a touca necessária para o uso do acessório. Ela não tirou as luvas.

– Prazer em conhecê-la em pessoa, senhorita Shiro – Borkien disse, sem estender a mão. Tinha uma expressão de falsa bonomia em seu rosto centro-asiático. Indicou um par de cadeiras junto a uma bancada. – Por favor.

– Preciso usar as instalações sanitárias primeiro, Doutor Borkien – ela disse. – Foi uma viagem mais longa do que eu imaginava...

– É claro.

Elayne Reisbaum acompanhou-a até o sanitário. Ficou aguardando do lado de fora. Shiroma de fato precisava urinar, mas ao fazê-lo, puxou o *tablet* da ciberjaqueta e acionou o comando que, lá fora entre o chuvisco de esporos, acionaria os sistemas do Zoran Clear Wind. O aparelho confirmou ter entrado em um silencioso *stand-by*.

*

Shiroma e Borkien sentaram-se nas cadeiras. Reisbaum ficou em pé, apoiando o quadril largo em uma das bancadas de trabalho, as mãos enfiadas nos bolsos. Os dois robôs não estavam longe e permaneciam imóveis.

Shiroma olhava em torno, memorizando tudo o que via.

– Que escavação estão conduzindo aqui, senhor Borkien?

– Uma das primeiras prospecções de possíveis civilizações de Phoenix Terra – ele disse, passando os dedos da mão esquerda no cavanhaque. – A área do continente foi escolhida por ser uma das menos afetadas pela catástrofe cósmica que resultou em uma extinção em massa no planeta, há três milhões de anos terrestres.

– Eu li sobre a barragem de cometas – ela disse. – O que encontraram?

Ainda sorrindo, Borkien deu de ombros.

– Por enquanto, apenas fósseis da fauna local, extinta pelos cometas. – Ele bateu com o pé esquerdo no piso plástico da tenda. – Não neste ponto exatamente, mas em outro sítio mais ao norte daqui. Este aqui foi escolhido porque a sondagem sísmica revelou um grande número de fragmentos mais densos nas rochas sedimentárias, e porque tudo indica que houve um grande curso d'água nas vizinhanças, na época em que os cometas caíram. Um bom lugar para um eventual povoamento. – Deu de ombros novamente. – É promissor.

– Seu olhar correu pelo rosto de Shiroma, e então ele disse: – É notável que você tenha lido sobre a teoria da chuva de cometas. Mas já terminou seus estudos, pelo que verifiquei. Por que o passado geológico de Phoenix Terra seria do seu interesse?

Foi a vez dela forçar um sorriso.

– E por que deixaria de ser? O fato de eu ter me graduado não significa que todos os meus projetos foram concluídos, que perdi a paixão pela área ou que não tenha a esperança de encontrar algum assunto que motive uma pesquisa de pós-graduação.

Torgo Borkien recuou na cadeira e abriu as duas mãos diante do corpo.

– Não quis ofendê-la – disse. – De qualquer modo, você não está aqui em busca de uma oportunidade de mestrado.

– Uma viagem de negócios, enquanto a oportunidade não chega – ela argumentou. – Acontece de eu possuir os meios para vir para cá sozinha, de maneira discreta. E discrição é um ponto importante para as pessoas que represento.

Borkien assentiu lentamente com a cabeça. Shiroma usou esse tempo para reavaliar, em frações de segundo, Elayne Reisbaum, os dois robôs – e se havia câmeras de

segurança no interior da tenda. Não localizou nenhuma em posição elevada.

– Eu soube que você esteve com o Doutor Yoshio Teh, nas escavações dahomey, em Argos? – o homem inquiriu, sondando-a por outro ângulo.

– Sim... – ela balbuciou, sem precisar fingir a dor da lembrança. – Foi horrível. Ele foi...

– As agências de notícias disseram que você foi a última pessoa a falar com ele – Borkien a interrompeu.

"...Morto diante de mim", ela completou mentalmente. Mas apenas disse:

– Estávamos discutindo a crise das antigas teleologias, o que ele chamava de "síndrome das teleologias ameaçadas". E também qual teria sido o destino final das dahomeys de Argos, quando Stasinopoulos chegou com suas terroristas armadas.

– Teh foi uma sumidade no seu campo – Borkien afirmou. – Uma perda inestimável... Imagino que foi uma grande oportunidade, falar com ele...

– Infelizmente, não foi uma conversa longa. Mas algo que ainda acalenta o meu coração, foi como ele me tratou como uma igual e discutiu suas ideias sem o menor traço de paternalismo. – Shiroma fez uma pausa. O propósito ali era saber se de fato ela estivera com Yoshio Teh, discutindo assuntos da área. Um modo de Borkien avaliar se ela falava a verdade ao procurá-lo. – Para Teh, ao contrário de Cybelle Stasinopoulos, as alienígenas dahomeys eram um grande mistério.

– A utopia monossexual feminina – Borkien disse. – Muitas teorias a respeito. Talvez Teh tivesse razão. Às vezes nos deixamos levar demais pelas teorias como narrativas coerentes, esquecendo que precisam estar lastreadas em fatos e evidências. – Ele fez uma pausa e fincou os olhos nela. – No caso do *weirdcraft* que você me mostrou, por exemplo. Que teorias podem ser elaboradas, se não sabemos *nada* sobre sua origem?

– Antes de discutir origem e proveniência – ela disse –, existe chance de uma primeira avaliação? O número inicial de peças de que disponho é de cinco unidades...

– Proveniência e história do artista ou do seu contexto social e histórico são *essenciais* neste campo – Borkien respondeu, com firmeza.

Shiroma não disse nada. Mais uma vez, fez uma rápida checagem de tudo em torno. Mais adiante na bancada, havia ferramentas e bandejas de plástico com amostras de solo e fragmentos já selecionados. Nos fundos, os instrumentos não haviam alterado as suas luzes de controle. Os robôs e Elayne Reisbaum ainda estavam no mesmo lugar, mas ela tamborilava impacientemente com os dedos da mão direita na coxa volumosa.

Borkien disse, em outro tom:

– A arte na Era das Zonas de Expansão Humana pela galáxia passa por um momento bastante complicado. Em grande parte, isso ocorre porque a arte se voltou mais uma vez para a representação figurativa. A razão disso está na infindável novidade de outros mundos, novas paisagens, contatos culturais inquietantes e a presença humana em lugares nunca antes visitados. – Ele riu brevemente. – Recupera-se a figura do artista ao ar livre com o seu cavalete, tela e estojo de pintura, ou ciberequipamento semelhante, mas sob um céu alienígena e diante de alguma paisagem impossivelmente exótica. Inclusive, mesmo na era máxima da exploração científica, vemos o retorno da arte naturalista e do artista viajante ou explorador.

– Acho que o figurativismo nunca esteve completamente fora do escopo do artista – ela disse.

– Sim, é claro – Borkien admitiu, com um sorriso de condescendência. Definitivamente, ele não se comportava com a equanimidade profissional demonstrada por Yoshio Teh. – Mas entenda que são tantos os desenvolvimentos na nossa época, que se torna quase impossível acompanhar todos eles e determinar valores como originalidade, ruptura e redirecionamento das tendências da arte.

– Isso soa um pouco como a ideia da crise das teleologias, do Professor Teh – ela observou.

Borkien assentiu lentamente com a cabeça.

– Ele tinha talvez um afeto excessivo por essa ideia – disse. – Mas podemos dizer que sim. É um cansaço humano, talvez daí um dos desdobramentos de maior interesse seja o Retratismo Alien. Retratos de membros de espécies alienígenas sencientes, nos quais o artista busca capturar emoções e estados de espírito dos alienígenas, frequentemente em conjunto ou em oposição irônica a paisagens, ambientes ou objetos alienígenas ou humanos, procurando romper fronteiras ou limites percebidos da alteridade.

Shiroma especulou consigo mesma se essa necessidade de usar o alienígena para fecundar o mundo das relações humanas também não estaria por trás do desejo de Cybele Stasinopoulos de se identificar com as dahomeys de Argos.

– Mas você deve estar se perguntando o que o mercado de arte tem a ver com a xenoarquelogia – Borkien dizia. – O figurativismo é amplamente acessível a todos os mercados de arte nas quatro Zonas de Expansão Humana, e à sensibilidade e à compreensão das pessoas, atravessando fronteiras regionais, de classe, de formação intelectual e mesmo entre espécies sencientes. Esse estado de coisas levou a uma situação em que, para afirmar o acesso exclusivo, a xenoarqueologia tornou-se a melhor resposta entre colecionadores de arte das elites abastadas, especialmente focados em objetos manufaturados de civilizações extintas ou que denotam avanços civilizatórios ou tecnológicos superiores ao humano, com peças de períodos pré-humanos alcançando os valores mais elevados.

– Imagino que o material que eu mostrei se qualifique – ela disse, com cautela. Mantinha-se dentro do papel. – A que faixa de preço o senhor acredita que ele pertença?

Borkien levantou a mão esquerda, pedindo paciência.

– Ele facilmente poderia bater novos recordes de valor – declarou. – Alguns dos meus clientes possuem acervos com nível de coleções de museu, e em alguns casos, um orçamento maior do que a maioria dos museus oficiais. Mas eles se interessariam apenas se existisse um pouco mais de contexto sobre as peças que você mostrou, Doris. Até aqui, esses objetos que têm sido chamados de *weirdcraft* são um mistério, e mistérios trazem uma certa insegurança aos investidores. O que podemos saber sobre sua procedência, sobre as intenções por trás dos procedimentos de produção dos objetos?

Shiroma reconhecia a ganância por trás da expressão profissional de Borkien.

– Com essas informações, o senhor acha que os preços seriam realmente substanciais?... – perguntou, em voz baixa e juntando as mãos enluvadas.

– Muito mais do que isso – ele exclamou. – Como eu disse, o potencial é alcançarmos valores inéditos. Especialmente se tivermos uma narrativa interessante, talvez dramática, por trás dos objetos. Uma narrativa com *evidências*, é claro. Não estamos falando de *fabricarmos* uma história nem de apresentarmos mais uma teoria.

– Talvez eu não possa fornecer evidências, Doutor Borkien.

Ela calou-se, porque o homem estava se colocando em pé. Atrás dele, Elayne Reisbaum adiantou-se. Com um gesto da mulher, os dois robôs também deram um mecânico passo adiante.

– Você *precisa* – Torgo Borkien disse. Ele então sorriu sem alegria. – As somas de que falamos estão acima de qualquer outra consideração. Não posso deixá-la sair daqui, sem tirar de você tudo o que sabe sobre a origem dos objetos.

3.

– Vou pedir que entregue o seu *tablet* para a senhorita Reisbaum – Borkien disse.

Shiroma obedeceu, em silêncio resignado. Reisbaum apanhou o aparelho também sem dizer nada, e recuou um passo para examiná-lo. Seus polegares se agitaram sobre o teclado.

– Ela não se comunicou com ninguém, desde que saiu de Eporia – sentenciou. Atirou o aparelho sobre a bancada a seu lado.

– Muito bem – Borkien disse. – Vamos ter a nossa conversa séria então, Doris.

– Deixe-me perguntar antes – e Shiroma apontou para Elayne Reisbaum –, por que você precisa de uma *dominatrix* com soqueiras de aço, para esta conversa?

Reisbaum endireitou o corpo e tirou as mãos dos bolsos. Em seus punhos, as soqueiras de tungstênio brilharam com as cores do arco-íris. Shiroma tinha percebido o volume pesado, nos bolsos da jaqueta da mulher.

– Não banque a espertinha, garota – Reisbaum disse.

Borkien adiantou-se e quase se colocou entre as duas. Fazia um gesto de conciliação com braços abertos.

– Calma, Elayne. Chegamos a um ponto em que a jovem tem direito a uma resposta. – E para Shiroma: – A senhorita Reisbaum é uma associada de longa data. Partilhamos um estilo de vida em que um habilita o outro a obter o que deseja.

– Você, pessoas que se sujeitem a certas práticas degradantes – Shiroma disse. – E ela, o dinheiro que você paga por isso.

Borkien balançou a cabeça, em seguida gesticulou em torno, para os robôs e para Reisbaum.

– Já sabemos que você fez alguma pesquisa para além da planetologia de Phoenix Terra, antes de vir para cá. Mas acha que o moralismo pode livrá-la desta situação? – inquiriu, e então citou: – "A moralidade é uma fraqueza da mente..."

– Arthur Rimbaud – ela disse.

Borkien passou por ela e desapareceu atrás do corpo avantajado de Reisbaum, para remexer algo dentro de uma das bandejas. Retornou com a mão direita fechada. Atirou o punhado de terra na bancada ao lado de Shiroma.

– Acha que é disso que se trata? – disse. – De chão? Da existência básica dos povos? Da poeira do tempo e do fracasso das ideias? Não. O campo das artes é o campo da *excepcionalidade*. Em termos de comportamento, sexualidade e adesão ao senso comum. E mesmo à autoridade. E já que você conhece Rimbaud, "o poeta se torna um visionário por uma longa, ilimitada e sistematizada desorganização de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele investiga a si mesmo, exaure em si mesmo todos os venenos e preserva sua quintessência. Indizível tormento, em que ele precisará da maior fé possível, uma força sobre-humana, em que se torna todos os homens como o grande inválido, o grande criminoso, o grande amaldiçoado... e o Supremo Cientista! Pois ele alcança o desconhecido! Por que tem cultivado a sua alma, já rica, mais do que qualquer um!" Ele também disse que "*a vida é uma farsa que todos temos de representar*". Mas não aqui. Aqui nós teremos a verdade, minha pequena Doris. Porque *aqui*, minha querida Elayne e eu não temos limites.

Borkien gesticulou em torno.

Shiroma só balançou a cabeça, sem tirar os olhos dele.

– Eu sinto uma atitude de petulância nessa garota, Torgo – Reisbaum disse, endireitando o corpo e exibindo os punhos. – E não gosto disso. Deixe-me dar uma amostra grátis a ela, e tenho certeza de que ela vai abrir bem a boca depois.

Shiroma olhou da mulher para o homem. A vida é uma farsa que todos temos de representar... A frase girava em sua mente.

– Eu vou lhe contar o que quer saber, Doutor Borkien

– disse. – Sente-se e peça para a senhorita Reisbaum guardar os seus adereços. – E depois que os dois fizeram o que ela pedia, ela de fato contou a verdade. – Todas as peças de *weirdcraft* que já vieram à tona, incluindo aquelas que tenho comigo, não apenas têm uma assinatura de entrelaçamento quântico incomparável, obtida por métodos desconhecidos e não reproduzíveis pela tecnologia humana atual. Elas também possuem no seu interior um núcleo de metal superpesado, muito bem ancorado dentro da chamada "ilha de estabilidade" na tabela periódica dos elementos.

Torgo Borkien tinha os olhos arregalados. Reisbaum olhou dele para ela, sem entender. Shiroma tinha lido o livro de Borkien sobre artefatos eletromecânicos pré-humanos, e tinha certeza de que ele possuía o conhecimento de física e química para reconhecer a importância do que ela dizia.

– Em que altura? – ele exigiu, perguntando em que ponto da ilha de estabilidade, quantos prótons havia no núcleo dos átomos do material superpesado.

Shiroma balançou a cabeça.

– Você não vai acreditar. O que posso dizer é que o processo de estabilização também é desconhecido da humanidade, formando materiais à prova de qualquer decaimento beta, talvez criados para ter uma meia-vida de *bilhões* de anos. O mais importante, porém, é o que a combinação do material e do entrelaçamento quântico poderia significar.

Ele refletiu por algum tempo, repuxando o cavanhaque.

– Você tem uma hipótese? – perguntou.

– A geometria do arranjo dos prótons no núcleo garante a estabilidade, mas estressa a força de Coulomb – ela disse. – Produz uma radiação de natureza indeterminada, com uma dinâmica que interage com os componentes entrelaçados com uma complexidade que meus instrumentos não foram capazes de arranhar. Se penetrada, e traduzida matematicamente, pode conter todo tipo de informação, atuar como um banco de dados quântico, e conter até mesmo hologramas funcionais.

– Essas coisas têm milhões de anos... – Borkien balbuciou. – Conteriam os segredos da civilização que as produziu.

– Uma civilização desaparecida quando o seu planeta foi expulso do sistema estelar a que pertencia – ela disse, dedos trêmulos tocando a sua ciberjaqueta.

Queria, quase que desesperadamente, contar o que sabia. Mesmo que desaparecesse ali em Phoenix Terra, teria contado a alguém, permitido que algo daquela civilização existisse por uma fração de tempo na consciência de três pessoas que não mereciam saber, que nada poderiam fazer para que a cultura perdida vivesse de fato por mais alguns instantes contra a força implacável do universo. Era o que os alienígenas queriam, não era? O objetivo único, por trás do extraordinário esforço tecnológico que produzira as peças de *weirdcraft*. Talvez ela se confundisse com eles, nesse momento. Buscando um desejo inquebrantável de persistir de algum modo...

Diante dela, Torgo Borkien levantava-se lentamente, de olhos arregalados. Shiroma perguntou-se se teria sido uma ganância semelhante que o teria motivado a encomendar o assassinato de um intermediário numa venda de peças xenoarqueológicas, nos seus primeiros anos em Phoenix Terra. Borkien havia, poucas semanas depois do crime, assumido a negociata do concorrente, Carlos Gilman Kurak. Isso fora há seis Terraanos, mas ela sentia agora que o caminho que ele pavimentara era o mesmo: Borkien estava disposto a matar, para ter o que queria.

– O que sabe sobre esse planeta? – o homem exigiu.

– Uma bola de gases congelados – ela disse –, viajando entre sistemas estelares, escura e incógnita no vazio do espaço.

– Mas você sabe... sabe onde...

Shiroma respirou fundo, e assentiu devagar.

– O que sei, Doutor Borkien – disse –, ainda citando Rimbaud, é que você realizou uma outra máxima do poeta: "O problema é transformar a alma em um monstro."

Elayne Reisbaum foi a primeira a reagir. Levantou os braços para proteger a cabeça.

No segundo seguinte, Shiroma estava sob a bancada, em posição fetal – ouvindo o Zoran Clear Wind GLX despencar sobre a tenda, rasgando a cobertura e atingindo com um baque metálico a dupla de robôs – e ao seu lado, Elayne Reisbaum e Torgo Borkien, arrancando breves gemidos de cada um deles.

As luzes piscaram.

Em seguida, a bancada desmoronou sobre ela, forçando o ar para fora dos seus pulmões.

*

Com esforço, conseguiu puxar-se de baixo da bancada desmoronada sob o peso do flutuador que, obedecendo ao comando pré-estabelecido e acionado a distância pelo botão na ciberjaqueta, havia se precipitado contra a tenda, guiado pelo sinal no *tablet* de Shiroma em cima da bancada. No processo, havia derrubado quase todas as luminárias e esmagado Elayne Reisbaum, Torgo Borkien e os dois robôs.

Ela sentiu dor ao libertar-se, mas a dor não retardava seus movimentos. Quando tentou se levantar, porém, a cobertura da tenda, arrastada para baixo pelo Clear Wind, a impediu. Tinha ouvido o material semirrígido rasgar-se no momento do impacto, e sabia que, em algum ponto, ela conseguiria passar para o exterior. Engatinhando, logo encontrou um rasgão largo o suficiente.

As luzes externas ainda estavam acesas, revelando a pseudoneve de esporos, caindo silenciosamente sobre tudo. Iluminavam o suficiente para que Shiroma identificasse o flutuador. Correu para junto dele, deslizando pela tenda desmoronada. A carlinga abriu-se com um comando externo. Shiroma, antes de mais nada, puxou

a touca de um dos bolsos e a vestiu, conferindo se os cabelos, que chegavam perto dos ombros, estavam bem presos. Não queria nenhum fio solto indo parar dentro do veículo. Então, enfiou o tronco na cabine e puxou sua bolsa de viagem para fora. Abriu-a e conferiu, quase com um gemido, que a concha ainda se mantinha intacta no estojo anti-impacto.

Ainda em pé junto ao flutuador, Shiroma olhou para baixo. Avaliou a extensão dos danos causados pelo choque do aparelho. Já havia decidido que não usaria mais o Clear Wind, mas sob a cobertura da tenda ainda havia muito trabalho a ser feito. Arrastando a bolsa, voltou para onde Borkien e Reisbaum deveriam estar – perto da bancada de trabalho. Ela procurou até encontrar ferramentas adequadas para o que tinha em mente. A maior parte do trabalho arqueológico exigia ferramentas delicadas, especialmente depois que o resultado das escavações já fora recolhido. Mas ela encontrou uma faca resistente o bastante, uma pá de cabo de plastimetal que serviria de alavanca, e um formão de ponta fina. Quando voltou para junto dos corpos, voltou rasgando a cobertura e deixando a luz entrar.

A primeira tarefa foi reaver o seu *tablet*. A segunda foi revistar o cadáver de Elayne Reisbaum. Não foi fácil. O corpo estava imprensado entre o flutuador e o piso rígido da tenda. Teve de usar a pá como alavanca. Quando começou a sentir que o aparelho se movia, pensou que a ferramenta iria se partir, mas ela resistiu. Shiroma tirou dos bolsos de Reisbaum uma carteira e um *tablet*, além do par de soqueiras de tungstênio.

"Borkien, agora", disse a si mesma. Mas ao se virar para ele, viu o vulto atarracado do homem endireitar-se. "Ele não morreu com o impacto."

Concluiu que, ao deslocar o flutuador, ela o tinha liberado. Provavelmente o que o prendera fora menos o peso do veículo e mais o do material retesado da cobertura da tenda. Ele segurava o braço esquerdo junto ao corpo e olhava em torno, aturdido. Sangue de algum ferimento atrás da cabeça havia escorrido para o seu rosto e pescoço, enquanto ele estivera caído, e esporos branco-amarelados começavam a se prender à pele ensopada de sangue. Mas ele não parecia ter sofrido nada mais grave.

– Socorro... – balbuciou.

Shiroma balançou a cabeça e buscou no bolso inferior direito da ciberjaqueta, uma das soqueiras de Reisbaum. Quando avançou na direção de Borkien, ele parou de olhar em torno e fixou os olhos nela.

Devagar, Shiroma se aproximou dele.

– Ajude-me... – o homem gemeu.

E então olhou para baixo, para o objeto na mão enluvada de Shiroma.

– Não me...

Nesse instante, ela o atingiu na têmpora.

Forte o bastante para empurrar lascas de ossos para dentro do cérebro, mas não o suficiente para trair-se como uma ciborgue com a força de meia-dúzia de homens. Torgo Borkien desmoronou aos seus pés.

Ela rapidamente removeu de suas roupas a carteira, o multifuncional de pulso e o cartão-chave de um flutuador.

Levantou-se e afastou os olhos dele. Respirou fundo. Ainda tinha muito o que fazer. A primeira coisa foi procurar a sua cibermáscara, que vestiu imediatamente, depois de livrar o rosto dos esporos que haviam descido sobre ela. Em seguida, colocou a soqueira suja de sangue na mão direita do cadáver de Elayne Reisbaum, apenas para confundir os examinadores forenses, que se aventurariam mais tarde em decifrar a cena do crime. "E agora, o quê?", ela questionou a si mesma. "Os robôs."

Por sorte, os robôs haviam sido atingidos em cheio e derrubados sob o peso total do Clear Wind. Do contrário, ainda poderiam ter reagido. Mas sua situação – com apenas as pernas metálicas aparecendo sob o volume do flutuador – obrigou Shiroma a mais esforços para deslocar o aparelho, apenas com a alavanca improvisada.

Não eram robôs de padrão militar, por isso as caixas cranianas estavam esmagadas. As luzes de controle, apagadas – não havia energia circulando, nem CPUs ativas. Foi fácil abrir as caixas com o formão e remover as unidades centrais de processamento. E então o console de instrumentos. Examinou-os e não detectou nenhuma função de vigilância, mas mesmo assim removeu as suas CPUs.

Só então deixou a tenda desmoronada. Uma vez do lado de fora, olhou em torno. As luzes do acampamento do sítio arqueológico haviam se apagado quando ela desligara o console, mas os olhos especiais dela registraram com nitidez absoluta os volumes das outras tendas e das torres, e mais além, a muralha de árvores da colônia clonal, tudo em contraste com o pontilhado semovente dos esporos. Em um canto à direita, notou um flutuador solitário, pousado numa plataforma de plastimetal vazado. Foi até ele e o abriu com o cartão-chave de Borkien. As luzes internas se acenderam prontamente, e procedimentos de pré-acionamento se ativaram de modo automático, no painel de pilotagem.

Era um aparelho de quatro lugares, menor e mais leve do que o Clear Wind GLX. Shiroma sentou-se na posição do piloto, colocando a sua bolsa de viagem no assento ao lado. Esvaziou nela os bolsos da ciberjaqueta. Em seguida, examinou a parte de trás do flutuador. Havia um embrulho comprido ali, no piso. Ela foi até lá, apanhou-o e examinou os rótulos impressos na embalagem. Era um saco de material maleável, biodegradável e tratado com produtos químicos que iriam alimentar bactérias locais de Phoenix Terra, acelerando o processo de biodegradação certificada do conteúdo do saco. Um método para o descarte ambientalmente correto de resíduos biológicos exógenos. O saco era grande o suficiente para que um corpo humano coubesse nele com folga.

Shiroma fechou a carlinga e acionou o comando de aspiração interno, o que livrou a cabine dos esporos soprados para o seu interior. Uma luz LED verde avisou que o procedimento estava concluído, e ela se permitiu remover a cibermáscara. Terminou os procedimentos de decolagem e conduziu o aparelho por um lento sobrevoo das instalações do sítio. Não percebeu nenhum movimento lá embaixo. No meio do denso bosque homogêneo, o lugar já parecia palco de um desastre particular, uma tragédia moderna, no coração da busca pelo entendimento da antiga tragédia cósmica sofrida pelo planeta.

O aparelho subiu mais. Shiroma o estabilizou a cento e vinte metros e o colocou na velocidade mínima. Só então pegou em sua bolsa o console portátil e acessou o conteúdo do computador de bordo. Localizou o endereço da casa de Torgo Borkien no município de Benedict, e traçou um curso para lá. Não confiava no piloto automático – alguns desses dispositivos usavam uma triangulação via satélite para navegar, e ela queria se manter incógnita por todo o tempo que conseguisse.

Enquanto voava, examinou melhor o que tinha retirado dos corpos de Borkien e de Elayne Reisbaum. Diversos cartões eletrônicos e documentos pessoais. O material do cartão de visitas de Elayne Reisbaum lembrava o de Greg Shabino.



Mas quando esfregou os dedos na superfície lisa e brilhante, a informação sobre a versão corretora de imóveis de Reisbaum foi substituída pelo holograma de uma silhueta feminina, curvilínea e de movimentos sinuosos. E numerações binárias que, para o aplicativo correto, deviam ser traduzidas como um número de contato.

Guardou tudo e recostou-se no assento. No céu lá fora, o cometa de duas caudas brilhava acima do horizonte, como uma seta apontando o caminho.

Mara tinha errado? Ela havia desenhado quatro silhuetas na areia, e Shiroma tinha deixado apenas dois corpos para trás. Ou Mara havia contado os dois robôs também? Ou ainda... haveria mais pessoas no seu caminho, que ela precisaria matar? A imagem sorridente de Greg Shabino ressurgiu diante dela. Direta ou indiretamente, ele fizera parte do complô para capturá-la, e talvez matá-la. Shiroma pensou no saco na parte de trás do flutuador... Precisaria voltar a Eporia e eliminar Shabino, para cobrir seus rastros?

"*Socorro...*" ela ouviu, mas o gemido distante não a comoveu. Ela soube, no mesmo segundo, que era uma lembrança esporádica agitando-se em sua mente. A voz de Torgo Borkien, ferido e abalado, pedindo que o ajudasse... Não. Borkien não podia ter pedido socorro a *ela*. Provavelmente estivera tão aturdido, que não fazia ideia de quem estava em pé diante dele. Ainda assim, Shiroma sentiu uma onda gelada cobrir o seu peito. Nunca antes, uma de suas vítimas havia implorado pela vida. A maioria fora morta rápida ou subitamente demais para isso... Exceto por Tera... Tera havia pedido para não ser morta de maneira sangrenta...

Enquanto rumava para a residência de Borkien, para tentar apagar seus rastros dos aparelhos dele e de qualquer anotação que o xenoarqueólogo pudesse ter feito sobre ela, voltou a ouvir a voz surda pedindo socorro, ecoando em sua mente. Mas não havia mais salvação para Borkien. O que ela pedia, em silêncio, era a graça de não ter de matar mais ninguém enquanto estivesse em Phoenix Terra.

4.

A localidade de Benedict realizava o sonho de Frank Lloyd Wright e sua "Broadacre City" – uma comunidade descentralizada, composta de moradias instaladas em amplos terrenos suburbanos autônomos. Em Benedict, claramente a autonomia dependia tanto da tecnologia dos flutuadores – pois não havia uma rede de estradas interligando os lotes e cortando, obrigatoriamente, colônias clonais de bosques ou de gramíneas – quanto das unidades multifuncionais automatizadas de reciclagem e saneamento equipando as suas "Usonian Houses". As UMARS eram uma tecnologia desenvolvida para espaçonaves e *habitats* espaciais, sancionada pelas secretarias locais de gerenciamento de biosfera, como sendo à prova de contaminação ambiental.

Quando Shiroma se aproximou de Benedict, havia um número surpreendente de flutuadores no ar. Pelo jeito, a vida festiva arrastava-se por uma boa parcela da alongada noite de Phoenix Terra, e as pessoas deviam ir e vir tanto do centro comercial da cidade, quanto de localidades vizinhas. Ninguém pareceu notar o seu flutuador em particular, mesmo depois de ela ter desligado o *transponder* com o registro de propriedade de Torgo Borkien, e ninguém a interpelou pelo comunicador. Contudo, enquanto se aproximava da propriedade de Borkien, notou a aproximação de um outro aparelho. Ela imediatamente aumentou a altitude e desligou as luzes de navegação e a iluminação interna. Incógnita, seguiu observando o veículo até vê-lo pousar no pavimento de concreto logo ao lado da casa. Já havia um outro flutuador pousado ali.

Ela mesma pilotou o aparelho para longe, até um ponto quase no limite norte da propriedade, fazendo-o pousar em silêncio entre as árvores e de luzes apagadas. Preparou com cuidado o mesmo truque utilizado no sítio de escavação. Recolocou a cibermáscara e pôs todas as

coisas que recolhera dos corpos de Borkien e Reisbaum num estojo de tecido que trazia na bolsa de viagem, e saiu com a bolsa cruzada a tiracolo em seu ombro. No bolso inferior direito da ciberjaqueta, conservara a segunda soqueira de Reisbaum.

Correndo, avançou pelo bosque integrado à propriedade. Era um trecho de um tipo de vegetação clonal que parecia uma árvore com folhas de agulha, como as coníferas que prevaleciam nessa latitude, mas sem o formato cônico característico. Mais semelhantes a cedros, do que pinheiros ou álamos. As árvores, cujos galhos se abriam sempre de três ramos retorcidos, cresciam com um espaçamento quase uniforme, o que favorecia o seu passo rápido. Ela não desejava que quem quer que tivesse chegado à casa de Borkien se instalasse ali completamente – qualquer que fosse o seu objetivo – antes que ela chegasse à construção para avaliá-la e escolher suas opções.

A frente da casa era um grande espaço limpo. Shiroma usou a orla das árvores para manter-se coberta enquanto fazia o seu reconhecimento. Se alguém tivesse um visor infravermelho no interior da casa, poderia captar os seus movimentos por entre os troncos – embora a ciberjaqueta tivesse a capacidade de ocultar parte da assinatura térmica.

A primeira coisa que determinou foi que o segundo flutuador pousado devia ter pertencido a Elayne Reisbaum. Um modelo esportivo, compacto e de um vermelho brilhante, quase rosa sob a iluminação externa da casa. A segunda coisa: pelo número de luzes acesas, quem estava no interior da construção demonstrava confiança e nenhum comportamento furtivo.

A casa de Torgo Borkien era uma variação bastante espaçosa e retrô da arquitetura orgânica de Wright: três pavimentos marcados por lajes e balcões horizontais, tudo em pedra ou cimento poroso sem acabamento, com amplos janelões separados por divisórias metálicas verticais quebrando o ritmo dos planos.

Nesse ponto, distante da grande serra onde se localizava o sítio arqueológico, a precipitação de esporos branco-amarelados era bem menos intensa. Apenas um punhado de "flocos" parecia flutuar a cada segundo, dando à paisagem um estranho ar de expectativa. Shiroma não cogitou remover a cibermáscara. O *zoom* do sistema de captação de imagem a servia bem agora, e se houvesse algum tipo de monitoramento por câmeras de segurança, ela manteria a sua identidade oculta.

Um minuto depois, havia tomado a sua decisão. Escolheu rapidamente um ponto onde deixar o *tablet* confiscado do cadáver de Borkien, e foi até lá, depositando-o no chão entre as árvores, mais uma vez na orla do bosque. Em seguida, correu até o lado oposto, para um local de onde poderia observar livremente a entrada da casa. Acocorou-se e tornou a pressionar o botão de comando na ciberjaqueta.

O flutuador de Borkien veio por entre a copa das árvores com todas as luzes de navegação e pouso acesas, cruzou o pátio e, em sua busca robótica pelo sinal emitido pelo *tablet*, chocou-se contra as árvores. O aparelho imobilizou-se meio de lado, apoiado pelos troncos que resistiram ao impacto. Uma nuvem clara de esporos sacudidos para longe dos ramos pairou no ar, espiralando em torno. Galhos caíram sobre o aparelho, mas suas luzes permaneceram acesas, tornando-o claramente visível a quem estivesse na casa.

Alguns minutos se passaram. A cibermáscara de Shiroma captou um som distante de conversa, e então dois homens altos vestindo suas próprias cibermáscaras e portando armas apareceram junto à entrada. Um deles tinha uma pistola, e o segundo, o que parecia ser uma arma longa – uma carabina de projéteis químicos, a julgar pelo perfil e pelo carregador de munições, adiante da empunhadura.

Eles trocaram algumas palavras que ela não entendeu. Então o homem que portava a carabina correu até o flutuador caído, seus passos marcados pelas luzes piscantes do aparelho. Parecia saber como usar a arma e se mover com ela. O outro ficou junto à entrada, olhos fixos no colega.

Era a chance que Shiroma esperava.

Mas ela não se mexeu.

Eram mais dois alvos... Contornos riscados na areia. Mais duas mortes possíveis, em uma longa noite. E nesse instante, ela não quis matar ninguém.

O homem que ficara junto à casa gritou para o companheiro:

– Como eles estão, Darcale?

– Não há ninguém aqui! – o outro respondeu. Olhava, de pescoço esticado, para dentro do flutuador caído.

– *O quê?*

– O flutuador está vazio, Ulias. Não há ninguém dentro.

– Veja se eles caíram para fora, do outro lado – Ulias insistiu. E então gritou: – Espere! E a garota? Está vendo se ela está aí atrás?

Darcale endireitou o corpo por um momento, várias sombras surgindo dos seus pés sobre o terreno manchado de esporos. Em seguida, olhou pelo plexiglass das janelas traseiras.

– Não. Não há nada na parte de trás nem no bagageiro.

– Acha que eles decidiram não matá-la?

– Não – Darcale disse. – Se tivessem chegado a um acordo, teriam dado o sinal e não precisariam de nós.

Shiroma cerrou os dentes. Tinha suspeitado justamente que os dois seriam uma espécie de grupo de apoio, provavelmente associados de Reisbaum recrutados por ela no submundo de Phoenix Terra, e que teriam ido para lá depois de vencido o prazo para receberem o aviso de que tinham feito um acordo com Shiroma. Então Reisbaum e Borkien a teriam trazido até ali para ser torturada ou morta.

Mesmo assim, ela hesitou. Viera até a casa de Borkien para apagar qualquer rastro de comunicações que pudesse ter deixado em seus computadores, talvez em um diário, anotação ou algo semelhante. Matar esses dois serviria ao mesmo propósito? E poupá-los, que riscos traria? Bandidos contratados iriam à polícia, contar o que sabiam, depois que os corpos de Borkien e Reisbaum fossem encontrados?

– Vá olhar do outro lado – Ulias disse a Darcale. – Enquanto isso, vou tentar ligar para eles.

Shiroma se congratulou por ter desativado a função de telefonia via satélite dos aparelhos de Borkien e Reisbaum. Quando Darcale sumiu atrás da confusão de ramos derrubados e do volume do flutuador, ela soube que não poderia hesitar. Saltou do seu esconderijo e avançou junto da parede externa da construção. Na direção de Ulias.

*

Odair Darcale era um ex-soldado das Forças de Defesa da Federação Euro-Russa, que viera a Phoenix Terra depois de dar baixa. Viera cumprindo um contrato de segurança empresarial. Mas ficara no planeta após se agregar a um grupo de contrabandistas e, pouco depois, ao estabelecimento de Elayne Reisbaum – atraído por seus serviços, é claro. Há quase uma Terradécada, era um faz-tudo bem pago tanto na operação de contrabando quanto na de prostituição, e não era difícil conciliar os dois serviços. Uma mão lavava a outra, nas duas organizações. Muitas das drogas que empregadas e clientes de Reisbaum usavam eram contrabandeadas para o planeta, e o efetivo dos contrabandistas adorava o serviço prestado pela cafetina.

Phoenix Terra era um mundo tranquilo e rico, no qual as pessoas afluentes tinham pouco o que fazer, especialmente com o confinamento relativo imposto pelas descargas de esporos. O negócio de Reisbaum ia bem. A ponto de atender aos foramundo que visitavam o planeta, a trabalho ou a passeio, e que sabiam, por indicação ou boato, que a mulher oferecia prazeres incomuns e requintados. Mas a violência não era estranha ao seu estabelecimento, apesar da clientela sensível. Reisbaum não reagia bem a mudanças de compromisso das moças e rapazes do seu estábulo, nem a clientes maus pagadores. Frequentemente, ela se metia em ramos externos à prostituição. Contrabando e receptação daquelas coisas alienígenas de Torgo Borkien não eram fatos raros, e Darcale e Ulias Venturi serviam de guarda-costas ou ficavam, como agora, de prontidão para agir como seus capangas.

O engraçado era que, a julgar pelo que Reisbaum havia dito a eles, não deviam ter problemas com a tal garota foramundo que detinha a mercadoria que fazia os olhos de Borkien brilharem. Caso ela cedesse ao achaque, ele e Ulias iriam com ela pegar as peças, enquanto Reisbaum e Borkien aguardariam com drinques nas mãos, na casa dele ou no covil dela, em Eporia. Se a garota não cedesse, seriam acionados para uma sessão de tortura até que ela desembuchasse. Como eles não queriam muitos flutuadores seguindo para o local da escavação, temendo despertar suspeitas de alguém que estivesse apontando os olhos dos satélites para lá, o ponto de encontro ficou sendo a casa de Borkien, e o OK para que Ulias e ele fossem acionados seria a falta de contato da parte da mulher, até uma certa hora da comprida noite de Phoenix Terra. O prazo havia se esgotado há uma hora, e ele e Ulias tinham corrido para lá. Bem a tempo de ver o flutuador de Borkien bater contra as árvores diante da casa.

Darcale completou uma volta em torno do aparelho acidentado. Não havia ninguém. Ele fez uma pausa, tentando varar os espaços entre as árvores do bosque com o intensificador luminoso da cibermáscara. Nada...

Era loucura. Não conseguia imaginar por que o professor universitário ou a mulher teriam programado o flutuador para realizar essa manobra... E como teriam passado por cima da sua programação de segurança. O piloto automático jamais aceitaria um mergulho kamikaze... A outra hipótese era de que a garota tivesse escapado, e *ela* tivesse reprogramado o aparelho. Mas para quê? Um aviso despeitado, de que o golpe de Borkien e Reisbaum não havia dado certo. Só alguém com conexões com o crime organizado agiria assim... Talvez a emboscada dos dois estivesse dentro de uma emboscada maior, por algum grupo rival...

Ou uma manobra, uma distração? Darcale lembrou-se do seu treinamento militar. A queda do aparelho tinha atraído a ele e Ulias para fora da casa, e os separado... Rapidamente, ele deu a volta pela traseira do flutuador, mas ao invés de se mostrar em pé ao seu lado, ajoelhou-se junto a fuselagem de plastimetal. Não viu o vulto de Ulias junto à entrada da casa.

– Ulias! – gritou.

Até ali, eles tinham evitado usar o comunicador da cibermáscara. Não eram muito eficientes e uma troca de mensagens poderia ser captada pelo aparelho de um vizinho ou de um flutuador de passagem acima deles.

Ulias não respondeu. Contrariado, Darcale acionou o aparelho de rádio e chamou o colega seguidamente. Nada. Nem estática.

Desligou o comunicador e levantou-se, empunhando a submetralhadora. Era um modelo de mais de cem anos, construído em uma impressora industrial em Eporia, assim como as munições sem estojo. Uma arma duplamente arriscada – Darcale não confiava muito no resultado da impressão, e das vezes que a testara, ela falhava uma em cada três vezes que dera rajadas com ela. Só era segura no fogo semiautomático, e mesmo assim, a precisão era pequena... Ele nunca se dera ao trabalho de fazer a colimação do aparelho de pontaria. A submetralhadora só seria eficiente a pequena distância. O outro risco era chamar a atenção dos federais. Imprimir armas de qualquer tipo era crime federal e os agentes não tinham o tipo de olhar seletivo e mãos molhadas, dos policiais municipais de Eporia ou de Benedict.

Pensar nos federais nessa situação tão estranha o fez temer ter se enfiado em uma encrenca inesperada. Pensou então em largar tudo, ir para o flutuador estacionado ao lado da casa e desaparecer. Mas o aparelho pertencia a Ulias e Darcale não tinha o cartão-chave... Sem alternativas, deu outra volta, metendo-se agora no bosque e indo por entre as árvores até os fundos da casa. Não iria utilizar a câmara da entrada. Quem tinha neutralizado Ulias devia estar lá, esperando que ele seguisse seus passos. Mas havia uma outra câmara nos fundos.

Darcale entrou nela, mas não acionou o sistema de aspiração dos esporos. Manteve a cibermáscara na cabeça, e simplesmente abriu a porta usando a combinação numérica que sabia de cor, das outras vezes que estivera ali.

Torgo Borkien era um sádico. Gostava de tortura ritual infligida a moças jovens e em rapazes já com alguma estrada, às vezes caracterizado de alienígenas, outras exigindo que os flagelados se caracterizassem como ETs – era um leque de interesses engraçado. Às vezes, ele levava suas fantasias ao extremo de ver sangue derramado. Darcale e Ulias serviam de segurança nessas sessões de S&M feitas no porão da casa, mas também empunhando chicotes e cordas, quando fosse necessário. Darcale conhecia bem a construção.

Ele saiu o vestíbulo de limpeza, fazendo uma pausa junto à porta interna, arma em riste e varrendo a cozinha e a despensa com o intensificador luminoso. Tudo vazio. Darcale correu então para a porta mais distante, da cozinha. Ali, considerou suas opções. O coração batia contra a parede do seu tórax. Não saber o que se passava com Ulias o deixava nervoso. Ele havia perdido os reflexos adquiridos durante o seu serviço militar. As festas na propriedade de Reisbaum e as fantasias de Borkien no seu porão tinham tirado dele aquela energia e instinto animais.

Talvez Ulias estivesse bem e tentasse se comunicar com ele nesse mesmo instante. Talvez Reisbaum e Borkien tivessem feito contato e ele tivesse entrado na casa para responder ao seu chamado no gabinete do professor da IEU. Era uma boa hipótese. Havia equipamento seguro de comunicação lá. O velho e a mulher explicariam como o flutuador vazio tinha ido parar lá fora, e onde eles estavam e o que tinham feito com a garota... Ele quase abriu a boca para gritar por Ulias. Mas não. Não fazia sentido. Por mais que quebrasse a cabeça, não podia explicar o que o flutuador solitário significava.

Mantendo a cautela, o máximo que fez foi ligar o receptor do rádio da cibermáscara. Nada.

Darcale respirou fundo três vezes e deixou a cozinha, a submetralhadora em riste. Chegou sem incidentes à grande sala de estar. Contornou a figura cilíndrica do robô doméstico de Borkien, que girou as lentes visuais em sua direção. Darcale ficou junto à parede dos fundos, protegendo-se atrás dos móveis exóticos colecionados por Borkien. Junto à escadaria que levava ao pavimento superior, ele parou, observou e escutou. Não havia nada, mas as batidas do coração em seu peito falavam do medo que sentia em subir os degraus. Com dedos trêmulos, moveu o seletor de tiro de SEMI para AUTO. Pr'o inferno com a cautela, ele podia precisar de uma rajada enviando uma dezena de projéteis para o alto, se alguém surgisse lá em cima para agir contra ele.

Darcale fizera parte da polícia militar, nas Forças de Defesa da Euro-Rússia. O trabalho era na maior parte bancar o carcereiro de soldados em prisão disciplinar, patrulhar espaçoportos, fazer a segurança de bases e garantir que as tropas não se excedessem em bares e bordéis. Experiência suficiente para que garantisse a sua posição tanto entre os contrabandistas, quanto com Elayne.

Sabia o que fazer, mas nesse momento, hesitava. Encolheu-se atrás da parede que limitava a base da escada. Olhou em torno. A intensificação luminosa fornecia nuances simplificados, mas Darcale não precisava deles. Deu-se conta de que conhecia o lugar bem demais. Era íntimo do que acontecia ali. Especialmente lá embaixo, nos porões. No calabouço.

O lugar todo era grotesco. As formas no enorme espaço aberto composto pela sala de estar e copa pareciam maculadas por alguma doença invisível, camadas de sujeira que irradiavam doença e maldade. Pensar nisso lhe trouxe um gosto amargo na boca. O que Borkien fazia ali era errado. A morte testemunhada no porão, apagada de sua memória por anos de esforço, voltou como uma imagem clara e áspera, à sua mente. Estranho que Darcale só se desse conta agora...

Ele havia afundado demais, ao se aproximar de Borkien e de Reisbaum. Teria sido melhor apenas ser segurança dos contrabandistas. Um serviço mais limpo.

Mas agora era tarde demais. Ulias era mais importante do que ele, na hierarquia dos negócios. Não poderia retornar sem ele.

Respirando fundo, Darcale empunhou a submetralhadora, afastou-se da parede e, com a arma em riste, começou a subir os degraus.

Não havia nada diante dele, e Darcale subiu silenciosamente quase até a metade da escadaria. Fez a mínima pausa, seus olhos indo de um canto a outro lá no alto. Faltava pouco.

A agressão do estampido, tão próximo, foi sentida por ele no mesmo instante em que um tremendo impacto o atingiu na base da garganta.

Ele só sentiu que caía quando suas costas e a cabeça protegida pela cibermáscara inteiriça atingiram os degraus. A arma não estava mais em suas mãos.

Só o que lhe importava era a dor paralisante na garganta. Roubara-lhe o fôlego – e agora ele sentia uma

ácida sensação de afogamento. Tossiu sangue para dentro da máscara.

Quando tentou removê-la, soube que não conseguia movimentar os braços. A queda ou... o projétil que ferira sua garganta talvez tivesse partido a sua espinha.

Tentou entender o que acontecera. Rebobinou os pensamentos até o instante em que fora baleado pela pistola de Ulias. Um lampejo... uma forma escura por trás dele... passando da esquerda para a direita lá em cima no topo da escada...

Darcale não sentia dor e foi grato por isso. Mas logo deixou de sentir qualquer coisa.

Ele nem chegou a ver a maldita garota.

*

Shiroma viu as últimas bolhas de ar se formarem na pequena poça de sangue acumulada no colarinho aberto do homem. Ela desceu as escadas apenas para se certificar de que ele estava morto. Tirou a submetralhadora de suas mãos e subiu com ela para o escritório de Torgo Borkien.

O primeiro homem — Ulias, como o outro o tinha chamado — fora morto perto da entrada. Um soco certeiro no peito tinha afundado o seu esterno o suficiente para impactar o coração, afortunadamente para ela, entre uma batida e outra. Bastara para levá-lo à morte por parada cardíaca. Uma morte rápida e limpa, sem sangue nem resíduos de armas de fogo. A maior dificuldade fora tirá-lo das vistas do seu camarada, levando-o escada acima ao primeiro andar. Ela ainda tinha de montar uma cena que confundisse, o pouco que fosse, os investigadores criminais.

Puxou Ulias do chão, carregou-o nas costas e o plantou, caído meio de lado, quatro ou cinco degraus acima de onde jazia o corpo espalhado do segundo homem. Não havia estojo deflagrado — as armas eram de cartuchos sem estojo.

Em seguida, procurou o robô doméstico que tinha visto ao entrar, quando carregara Ulias nas costas. A pistola ainda estava em sua cintura. Puxou-a e atirou no autômato, mirando o local em que, ela sabia, estava o seu computador central. Foi até a cozinha e voltou com algumas facas, e, com uma delas, conseguiu abri-lo e remover dele todos os seus *drives*. Devolveu as ferramentas improvisadas aos seus lugares na cozinha. Só então, ela plantou a arma vazia na mão morta de Ulias.

Rapidamente, voltou ao escritório. Passou uma hora vasculhando tudo. A senha do computador pessoal de Torgo Borkien era a mesma do seu *tablet*, rapidamente decifrada pelos sistemas da ciberjaqueta de Shiroma. A capacidade de processamento da CPU da ciberjaqueta era de padrão militar, o forro tinha quilômetros de um material artificial que imitava eficientemente os metais de transição dos circuitos impressos, dando a ela a capacidade de processamento de um supercomputador. E agora Shiroma colocava os sistemas para procurar nos dados da máquina de Borkien tudo o que pudesse se referir ao seu *alias*, mas também ao assunto *weirdcraft* e os crimes possíveis de Borkien de contrabando e evasão de divisas, lavagem de dinheiro e até achaque e assassinato.

Enquanto a busca e captura dos dados era realizada, ela, vestindo apenas a blusa colante que usava por baixo da jaqueta, fez uma varredura física na residência e nos corpos dos dois mortos. Tinham seus documentos com eles — obviamente não anteciparam, ao sair de casa, nenhuma complicação maior. Certamente não esperavam terminar mortos. Ela devolveu os documentos aos corpos, sem ler. Era contra tudo o que aprendera com Tera e Tiago, mas não queria saber mais sobre suas vítimas.

O acesso ao porão era bloqueado por uma porta blindada com fechadura eletrônica. A senha da fechadura era uma variação simples, que ela encontrou em menos de dez tentativas. Antes de entrar, Shiroma lembrou-se de mais uma medida: tirou a blusa e a sacudiu com toda a força, produzindo um estalo altíssimo e, com sorte, removendo dela os restos da substância explosiva dos cartuchos. A cada balançada, ela recuava dois metros, dando a volta na grande sala de estar. Antes de tornar a vestir a blusa, bateu com força nas próprias coxas, tentando se livrar de qualquer resto preso nas *leggings* que vestia.

A primeira coisa que notou ao entrar e acender as luzes foram as facilidades de gravação de imagens e o *home theater* muito bem instalado em um dos cantos. E então, nas paredes, os objetos de flagelação e tortura. Respirando fundo dentro da máscara, ela vasculhou o que havia nos armários próximos ao *home theater*.

As unidades de registro estavam rotuladas por data. Shiroma escolheu um certo período e instalou a primeira na porta correspondente, do painel da tela. Com os dedos enluvados, o controle remoto nas mãos, ia passando em *fast forward* pelas cenas, trocando de arquivos um atrás do outro, tentando não absorver os detalhes mas cinzelando-os de modo indelével em sua memória perfeita.

Era muito pior do que pensava. Fazia com que se sentisse exposta e vulnerável como raramente se sentira antes. Mesmo assim, forçou-se a ver todos os arquivos da primeira unidade, e então passou para a seguinte. No terceiro arquivo, reconheceu um homem com a fisionomia de Carlos Gilman Kurak, segundo as imagens públicas que havia consultado. Não havia nada de ritual, na tortura que ele sofria na tela gigante.

Obrigou-se não apenas a assistir, mas a ouvir o que Borkien e Reisbaum perguntavam a Kurak, e o que o homem respondia. Participando do interrogatório e infligindo os ferimentos — até finalmente um deles dar o golpe de misericórdia —, havia dois homens mascarados. Tinham altura correspondente à dos dois que ela havia eliminado há pouco.

Por que Borkien guardaria os registros do seu crime? Ele o colocara no nível de todas as suas outras fantasias de tortura e dominação, realizadas com chicotes de mentirinha, cordas e mordaças aplicados contra os moços e moças entregues a ele por Reisbaum. Talvez assistisse a gravação de vez em quando, ou com frequência, para reviver o prazer sentido durante a destruição daquele homem. Certamente, não esperava que a justiça chegasse a ele. E de fato, a justiça da sociedade legal não havia chegado.

Shiroma removeu o dispositivo do painel e subiu com ele até onde jazia o cadáver de Ulias. Depositou o dispositivo em sua mão livre. Em seguida, de volta ao escritório, examinou o que a CPU da ciberjaqueta havia desencavado. Salvou o que lhe pareceu interessante para examinar mais tarde, em busca de alguma vantagem que pudesse utilizar, e apagou todos os rastros de suas comunicações com Borkien. Em seguida, desativou todo o sistema de vigilância da casa e apagou todos os registros de três dias locais.

Quando deixou a casa, o vento balançava os galhos das árvores e a precipitação de esporos havia triplicado de intensidade, flutuando em sua direção como as cinzas de uma queimada distante. Parada diante do flutuador de Elayne Reisbaum, Shiroma estendeu a mão e deixou que os esporos se acumulassem em sua palma. Com o vento, eles se moviam entre os dedos como se fossem vivos.

Com sorte, a polícia veria o ocorrido na casa como uma luta entre dois homens pelos segredos arrancados dos porões do passado de Torgo Borkien. Com sorte, para as autoridades seria mais interessante anunciar o fim do mistério sobre o desaparecimento de Carlos Kurak, do que deslindar os dois pares de mortes ocorridos centenas de quilômetros um do outro. Talvez a International Eporia University, que empregava Borkien, pressionasse para que o caso não fosse levado adiante — um de seus quadros mais destacados, morto em uma possível queima de arquivo, com outra figura suspeita, parte do submundo mais degradante de Phoenix Terra.

Shiroma virou a mão, deixando os esporos flutuarem ao vento. Olhou em torno, notou o lento alvorecer de Phoenix Terra brilhando no horizonte. Tudo o mais parecia em paz e o cometa não estava visível, talvez oculto entre nuvens.

O que era esse lugar, esse planeta? O que era essa estranha infecção? A cibermáscara pesava em seu rosto, em sua cabeça, em sua nuca como um elmo importado diretamente da Idade das Trevas. Não... não era a máscara, mas todas aquelas imagens, uma nuvem escura pairando sobre ela.

Shiroma só removeu a máscara quando estava no ar, pilotando o flutuador de Reisbaum rumo a Eporia.

Suas faces estavam cobertas de lágrimas.

—Para Levy Menezes (1922–1991),
André Carneiro (1922–2014) e
Nelson de Oliveira (1966–): escritores e artistas.

SPT

PHOENIX TERRA
disponível na
amazon kindle

SHIROMA

phoenix terra

Arte: **“Shiroma em Phoenix Terra”**, de **Carlos Rocha**

RESENHAS SELECIONADAS E REPERCUSSÃO DA SÉRIE SHIROMA, MATADORA CIBORGUE

Shiroma, Matadora Ciborgue, *Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir Brasil, 2015, 242 páginas. Capa de Vagner Vargas. Introdução de Nelson de Oliveira.*

Shiroma, Matadora Ciborgue é o novo livro de Roberto de Sousa Causo, um romance *fix-up*, isto é, formado por contos e noveletas que podem ou não ter sido inicialmente interligados. Neste caso, com certeza fazem parte de uma história maior desde o começo: contam a trajetória de *alguém cuja vontade e identidade outros tentaram anular, para substituir com obrigações e objetivos que servem a conveniências alheias*. Ou seja, a história de muitas mulheres da vida real. Só que Shiroma é uma pós-humana, alguém com capacidades físicas e intelectuais aumentadas – e muito, muito perigosa.

O livro é a junção de onze histórias de ficção científica sobre a personagem título. Cinco são inéditas, e as outras já foram publicadas em coletâneas. Podem ser lidas de forma aleatória, mas, na ordem, contam a jornada linear de Shiroma, *uma garota aprimorada genética e ciberneticamente*, entregue a um destino que ela nunca quis.

Em anos anteriores eu já havia lido alguns desses contos. Lembrava-me deles justamente por serem *narrativas de ação centradas numa personagem feminina* que não estava ali nem para ser salva, nem para servir às vontades românticas ou eróticas de ninguém. Das onze histórias, só uma não é contada do ponto de vista dela.

No Brasil do século XXV, parte da Latinoamérica, nasce Bella, filha da militar Mara Nunes e do geneticista Perseu Sunne. Um dia, a menina é sequestrada por Tera e Tiago, um par de misteriosos foramundo, humanos que habitam colônias extraterrenas. Mara é chantageada e, para resgatar a filha, deve roubar do ex-namorado Perseu dados secretos sobre uma nova tecnologia de aperfeiçoamento genético.

É aí que começa o primeiro conto. No ímpeto de reaver a criança, Mara obtém os dados à base de violência, deixando um rastro de veículos destruídos e policiais mortos. Mas as dificuldades não acabam aí. Por que os foramundo terminariam o negócio tão cedo, quando ainda podem exigir muito mais da mãe e, principalmente, da promissora filha?

Bella é levada por Tera e Tiago. Sabendo que a menina é, na verdade, um ser biocibernético, com potenciais físicos e mentais inalcançáveis para pessoas comuns, os foramundo a treinam para absorver conhecimento, desenvolver múltiplos talentos, extrair informações, mentir e matar. Fazem dela uma espiã e assassina.

Bella é, assim, roubada não só da mãe e de seu mundo natal, mas de si mesma. Mudam seu nome e dão-lhe um propósito, sem jamais consultá-la. Ela agora é Shiroma; sua função é eliminar alvos e sobreviver para fazer tudo de novo; sua vontade não conta. É criatura e refém de seus captores. Tera e Tiago são a um só tempos pais e carrascos.

Mas Bella se lembra. Não esqueceu a mãe, nem a infância, nem o gosto da liberdade. Não entende a própria origem. As perguntas que lhe povoam a mente são muitas, e ela às vezes parece à beira da loucura, procurando consolo nas vozes do passado, que julga escutar dentro de uma concha marinha encontrada numa praia desconhecida. Quando decidir usar todas as habilidades que tem para obter respostas, ai de quem estiver no caminho.

Considerando que pessoalmente não sou muito afeita a histórias de ação, gostei do livro. As aventuras recheadas de colônias extraterrestres, espécies alienígenas, armamentos, nanotecnologia, conspiração, trans-humanismo e dilemas morais proporcionam uma leitura divertida.

Como pontos a aperfeiçoar, menciono a falta de uma dinâmica mais complexa entre os personagens (o que talvez se deva ao fato de que, a cada conto, a maior parte das pessoas que interage com Shiroma morre); e o incômodo com o conto "Os Fantasmas de Lemnos", por mostrar que as ideias sobre o que são as mulheres e os homens, e sobre a necessidade da mulher de lutar por seu espaço (e *como* lutar), parecem ter parado no século XX. Era de se esperar que no século XXV a humanidade já tivesse superado a separação entre os gêneros, bem como a noção de binarismo absoluto. Mas, considerando os retrocessos legais e sociais do mundo real já no século XXI, talvez eu não deva duvidar do contrário...

–Camila Fernandes

Resenha publicada originalmente em dezembro de 2017 no *site Minas Nerds*.

***Shiroma, Matadora Ciborgue*, Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir Brasil, 2015, 242 páginas. Capa de Vagner Vargas. Introdução de Nelson de Oliveira.**

Desde 2008, Roberto de Sousa Causo escreve uma série de histórias no chamado Universo GalAxis, com aventuras militares espaciais na melhor tradição da *space opera*, com aventuras, intrigas políticas e muita tecnologia. De início elas foram pensadas para serem protagonizadas pelo Capitão Jonas Peregrino, mas pouco depois foi incorporada também uma segunda personagem, Shiroma, uma ciborgue treinada para matar.

Tanto Peregrino como Shiroma lideram histórias próprias dentro deste universo ficcional, não tendo, pelo menos até o momento, interagido um com o outro de forma direta. Habitam um mesmo contexto, situado no século XXV, em que a humanidade está profundamente envolvida na expansão e colonização da Via Láctea, nas chamadas Zonas de Expansão, sendo a região da Esfera a maior e mais rica, embora contestada pelos Tadais, alienígenas misteriosos que não mostram o seu rosto.

No universo ficcional de Peregrino e Shiroma, a humanidade continua dividida politicamente, agora em blocos regionais. A Latinoamérica – ao qual pertence o militar e a assassina –, a Aliança Transatlântico-Pacífico, a Ásia Centro-Oceânica, e a Euro-Rússia. Mas é de se pensar que, para que poucas alianças na Terra tenham condições de se expandir pelo espaço de forma autônoma, o nível de afluência econômica e de produção científico-tecnológica seria mais alto do que jamais chegou perto antes o capitalismo em sua história. Se em termos políticos, de fato, pode fazer mais sentido a continuidade da competição e conflito entre diferentes povos da Terra, em termos econômicos, por outro lado, uma solução de juntar forças faria mais sentido. A convergência seria muito difícil, mas a escassez de recursos poderá, talvez, levar, senão a uma união, a parcerias estratégicas em torno de objetivos comuns.

Embora Causo tenha desenvolvido bastante as aventuras de Peregrino numa série intitulada As Lições do Matador, publicando ao menos quatro noveletas e o romance *Glória Sombria* (2009), em termos cronológicos de publicação a primeira aventura é de Shiroma, com o conto "Rosas Brancas", em 2008. Isso porque, como afirma Causo no posfácio, ele escreveu este conto para a série de revistas "Portal" de Nelson de Oliveira, embora ainda não tivesse consciência de que poderia partilhar o mesmo universo ficcional de Peregrino. Foi com a sequência dos seis contos publicados na série que ele incorporou Shiroma ao Universo GalAxis, acrescentando, assim, uma segunda protagonista e, mais interessante, com uma segunda linha narrativa – e levada à frente por uma mulher.

Shiroma, Matadora Ciborgue reúne onze histórias com a personagem, cinco delas publicadas pela primeira vez neste volume. Elas estão dispostas em ordem cronológica das aventuras e não, necessariamente, na sequência em que foram publicadas. Foi uma decisão acertada, pois o leitor pode acompanhar de forma mais coerente os diferentes momentos vividos pela personagem e seu próprio desenvolvimento, muito embora algumas situações anteriores sejam lembradas em cada uma das histórias. Pode também ser considerado um romance *fix-up*, ao reunir diversas histórias de um mesmo universo ficcional.

Shiroma, na verdade não é seu nome de batismo. Quando criança, chamava-se Bella Nunes, e foi sequestrada por um misterioso casal de criminosos,

Tera e Tiago, que passou a criá-la para torná-la uma espiã e matadora, a serviço dos seus interesses. A criança despertou atenção e cobiça pelo fato de ser o protótipo de um ciborgue com sistemas biocibernéticos supereficientes e indetectáveis. Sua primeira história, "Rosas Brancas", mostra como foi desenvolvida por seu pai e retirada de sua mãe, morta por Tera e Tiago. O que fica claro desde o início é que Bella Nunes foi uma criança que perdeu a sua liberdade, ou nunca a teve, pois cresceu para se tornar um instrumento de interesses escusos.

A cada missão, a rebatizada Shiroma mostra-se extremamente eficiente em eliminar seus alvos, fazendo uso tanto de suas habilidades de lutadora, como também de suas vantagens cibernéticas. De certo, modo conta a seu favor também o fato de ser uma garota recém-saída da adolescência, surpreendendo seus oponentes que se deixam enganar por seu sexo e aparência frágil. Pois vemos esta situação se repetir em várias histórias, embora com a sucessão das missões seus oponentes passem a ver Shiroma mais segura e consciente do que representa. Isso se torna mais claro em histórias como "Arribação Rubra", "Tempestade Solar", e, sobretudo a última, "Renegada".

O que torna Shiroma uma personagem interessante é que ela não se transformou apenas numa máquina assassina, tão sem caráter quanto os criminosos que a criaram. Mesmo sendo utilizada para atividades ilegais, ela se ressente desta condição e se questiona a todo o momento. Sabe que o que faz é errado, que o casal que a criou não presta, e imagina como poderá, em alguma oportunidade, se desvencilhar desta situação de submissão. Recuperar, de certo modo, seu futuro que foi desviado com o assassinato de sua mãe. Simbólico deste objetivo é a relação que estabelece com uma concha do mar, achada num planeta anônimo, quando ainda bem jovem. Sempre nos momentos difíceis ou de reflexão, ela imagina falar com sua mãe ou com a criança inocente que foi um dia, ao ouvir a concha junto ao ouvido. Por onde vai, em cada missão num diferente canto da galáxia, a concha é a sua referência poética e ética do que poderia ter sido. Uma esperança de que poderá se libertar das garras que a aprisionam, e expressar sua verdadeira identidade.

Estas situações ambíguas de ilegalidade e retidão, força e fragilidade, violência e sonho, é o que estrutura a sua personalidade e a torna tão complexa e interessante, mesmo que seja difícil compreender como pôde conviver por tanto tempo com atividades tão vis sem se tornar também parte desta engrenagem de criminalidade e maldade. Lendo as histórias, fiquei com a sensação de que ela poderia romper este vínculo, sendo tão forte e hábil, não precisando se submeter ao casal de criminosos. Pois assim como ela amadurece como lutadora, também mudará sua relação de dependência com o casal, deixando seu destino aberto a novas possibilidades, conforme mostra a noveleta que encerra o volume, "Renegada".

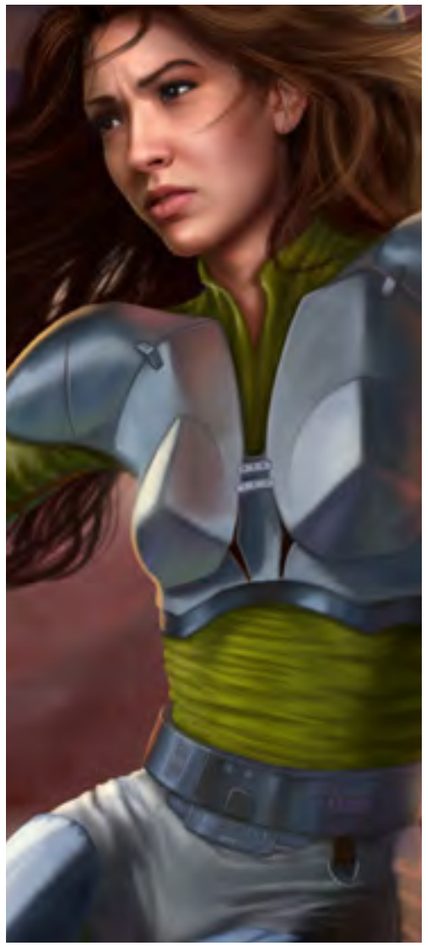
Uma história particularmente interessante é "A Extração", pois é contada do ponto de vista de uma investigação no interior de uma nave espacial, para se descobrir o assassinato de um general num planeta gelado. É como se a missão de Shiroma fosse invertida, isto é, não se mostrou sua ação em si, mas as consequências do seu ato. Ela fica incógnita no interior da nave e é descoberta pelo diplomata Silvano Vieira de Mello, que terá suas próprias razões para decidir o que fazer com ela. Ele é o personagem principal desta história, uma homenagem ao renomado diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, Alto Comissário dos Direitos Humanos da ONU, que estava cotado para se tornar Secretário-Geral quando morreu num atentado da Al-Qaeda no Iraque em 2003.

Numa comparação das duas linhas narrativas lideradas por Peregrino e Shiroma, constatamos que, nas aventuras de Jonas Peregrino, mostra-se mais o contexto macro, político, de disputa pelo poder e da ameaça representada pelos Tadais, que ameaçam a expansão humana. Neste cenário, ele se coloca, muitas vezes, como se fosse uma espécie de referência ética involuntária, por força dos acontecimentos em que é envolvido, em meio às intrigas políticas e militares. Já com Shiroma temos o contexto mais miúdo das relações em sociedade, as culturas e o cotidiano dos lugares em que parte para realizar suas missões. Pois ela se insere num contexto marginal e criminoso, ao contrário do mais institucionalizado – embora não menos perverso – de Peregrino.

Na introdução, Nelson de Oliveira disse que deseja ver Peregrino e Shiroma atuando juntos numa mesma história, e também compartilho desta possibilidade, muito embora acredite que Shiroma ainda tenha muito potencial próprio a desenvolver, talvez agora no formato de um romance, a partir do desfecho desta coletânea. Enfim, um ótimo exemplo de uma ficção científica espacial de primeira qualidade, pois, para além do cenário espacial deslumbrante, ela ganha ainda mais relevo com as discussões éticas e políticas que dizem respeito, antes de mais nada, a nós mesmos.

–Marcello Simão Branco.

Resenha publicada em julho de 2018, no *blog Almanaque de Arte Fantástica Brasileira.*



REPERCUSSÃO DE **SHIROMA, MATADORA CIBORGUE**

"Roberto de Sousa Causo acaba de lançar uma coletânea de contos de uma das suas personagens mais legais: Shiroma. São onze narrativas de aventura espacial, com ideias científicas audaciosas e ambientadas em cenários exóticos. Shiroma é uma das personagens femininas mais interessantes da literatura contemporânea brasileira. Se você não conhece a obra do autor, está perdendo; suas *space operas*, com as histórias do grande Peregrino, por exemplo, são deliciosas."
–Claudio Brites, autor de *Talvez* e coautor de *A Tríade*.

"Li o suficiente de romances de autores estrangeiros de FC para dizer que *Shiroma, Matadora Ciborgue*, é um bom livro e que poderá agradar muito aos fãs de ficção científica."
– Carlos Rocha, *Selo Multiverso Editorial*.

"Shiroma é uma pós-humana: uma garota geneticamente aperfeiçoada, com implantes biocibernéticos e inteligência incomum. É também uma das personagens femininas mais interessantes da contística atual, em tempos de igualdade de gênero e empoderamento da mulher. Ela protagoniza 11 contos de ação e reflexão, em que se entrelaçam perenes conflitos sociais e morais, tangidos por uma tecnologia 'indistinguível da magia', como diria Arthur C. Clarke."
–Nelson de Oliveira, *Folha de S. Paulo*.

"Completo domínio narrativo de Causo, que salta aos olhos na forma como a fabulação mantém um ritmo instigante e sem embaraços ..."
–Ramiro Giroldo, *blog Ficção Científica Brasileira*.

"Shiroma é uma espécie de sucessora da Brigitte Montfort, uma espiã assassina que fez sucesso nos livros de bolso da Editora Monterrey, durante as décadas de 1960 e 1970. A diferença é que a Brigitte não contava com os acessórios e as armas futuristas da personagem do Roberto. Sem falar que o texto do Causo é muito melhor."
–Jorge Luiz Calife, *Diário do Vale Online*.

"A prosa de Roberto de Sousa Causo é intimista. Ao contrário de muitos autores nacionais e até mesmo de fora, que estão mais preocupados com a ação ... Causo procura fazer uma narrativa mais voltada para os conflitos humanos, mais pro lado íntimo das pessoas. *Shiroma, Matadora Ciborgue* tem muita ação, mas ao mesmo tempo é mais preocupado com o perfil psicológico da personagem do que na ação propriamente dita."
–Silvio Cesar, *GA Drops* (no YouTube).

SHIROMA: LETHAL COUNTDOWN®

Os próximos passos de Shiroma poderão ser no seu console...

LUANN DIEGO

Shiroma: Lethal Countdown® é um projeto de *videogame* para PC concebido por Vagner Vargas e Roberto Causo, com consultoria técnica de Taira Yuji e Luann Diego Grigoletto do Desire® Studios, a ser desenvolvido pela divisão de jogos do estúdio, a YXO®.

O conceito prevê um jogo do tipo "plataforma" ou *side-scroller* em que Shiroma enfrenta uma série de desafios, enquanto encontra seu caminho no interior das instalações abandonadas de uma base clandestina de desenvolvimento e fabricação de armas ilegais, localizada em um asteroide anônimo. Ela sairá viva das entranhas do asteroide apenas se vencer toda a sequência de desafios, em um certo período de tempo.



Foto: **Arquivo Pessoal**

Uma das características mais expressivas do jogo deverá ser a sua dimensão artística e criativa, com um aspecto narrativo muito claro. A proposta é usar sempre que possível ilustrações e pintura digital na concepção de cenário e personagens, associando-as a recursos de 3D bem trabalhados e integrados ao estilo visual do Universo GalAxis. Algumas telas poderão ter como foco a atmosfera do enredo, criando cenas expressivas e artísticas.

Nas próximas páginas, veja uma primeira ilustração original criada pelo artista digital Gomes Brown a pedido do Desire® Studios – "Shiroma: First Steps", na qual temos a heroína dando os seus primeiros passos em uma nova situação de perigo e ameaça. O projeto prevê que Roberto Causo escreva um romance de Shiroma, Matadora Ciborgue atrelado ao *game*.



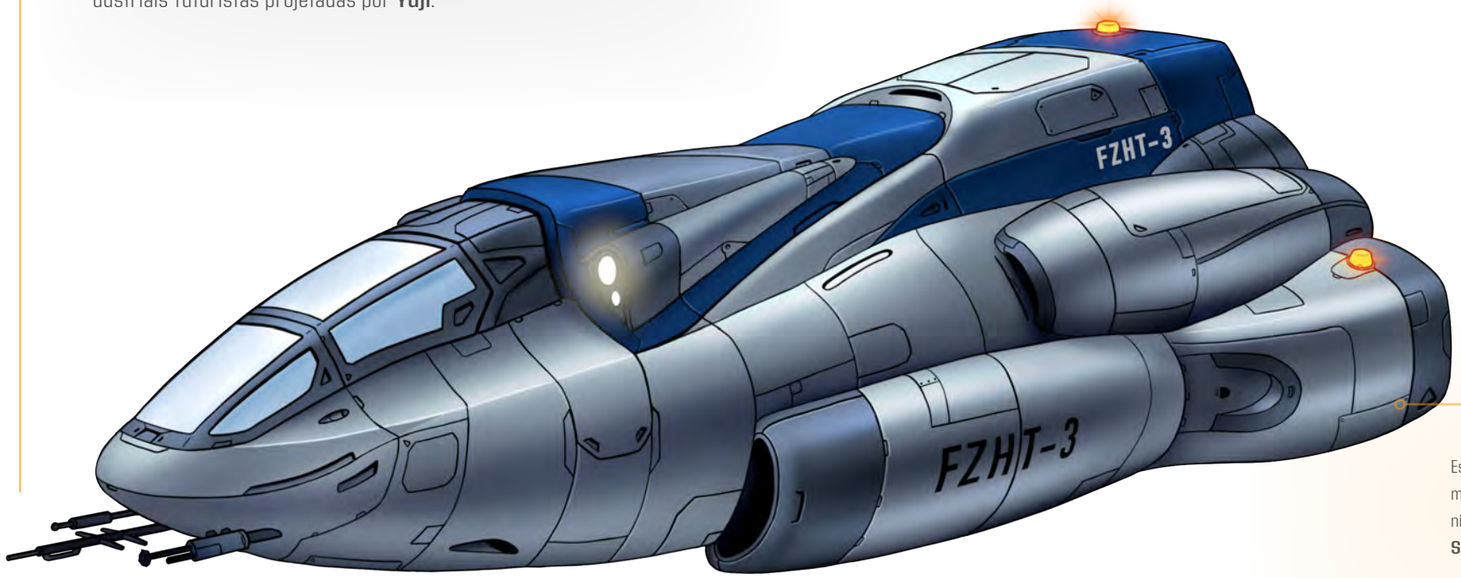
Arte: **"Shiroma: First Steps"**, de **Gomes Brown**



Detonador M8A2, de dotação das Forças Armadas Integradas da Latinoamérica.

DETONADOR M8A2

O artista **Gomes Brown** mostra algo das possibilidades visuais do **Universo GalAxis** com estas duas artes de pré-produção para o *videogame* ***Shiroma: Lethal Countdown***. O jogo, com direção de arte de **Vagner Vargas** e **Taira Yuji**, deverá contar com deslumbrantes paisagens espaciais e ambientes *high-tech* localizados em instalações industriais futuristas projetadas por **Yuji**.



ESQUIFE FZHT-3

Esquife individual com bagageiro, pilotado remotamente, no qual **Shiroma** é levada ao asteroide anônimo onde viverá a sua dramática aventura no jogo **Shiroma: Lethal Countdown.**

O USO DA IMAGEM PESSOAL APÓS A MORTE

Já pensou em rever aquele ator ou atriz de quem você gostava muito, em um filme ou comercial, mas que infelizmente já faleceu?

BRUNO G. GISSONI



Foto: **Arquivo Pessoal**

A ideia do uso da imagem de um ator falecido ou uma atriz falecida já é antiga. Ela já foi realizada em vários filmes, como, por exemplo: Em 1994, em *O Corvo*, onde devolveram a vida ao ator Brandon Lee, filho do Bruce Lee, que faleceu em meio às filmagens. E, em 2000, tivemos o papel do ator Oliver Reed estendido em *Gladiador* uma vez que ele também morreu no decorrer das filmagens.

Ocorre, no entanto, que a tecnologia da época era rudimentar, e para um olhar atento era bem perceptível o seu uso. Hoje, mostra-se de última geração, sendo difícil distinguir as cenas reais das feitas com o auxílio dos programas de computação gráfica.

Um dos caso mais marcantes foi o do filme *Velozes e Furiosos 7*, no qual, devido ao trágico falecimento do ator Paul Walker, foi necessário o uso da tecnologia para "ressuscitar" Paul e assim finalizar a produção do filme.

O mesmo fato ocorreu com o filme *Rogue One: Uma História Star Wars*, no qual, para trazer de volta à ação um importante ator da saga, Peter Cushing, conhecido pelos fãs como Governador Tarkin, foi usado esse recurso.

Além disso, a atriz Carrie Fischer, que infelizmente veio a falecer, em *Rogue One*, por meio dessa tecnologia, voltou a ser a conhecida e jovem Princesa Leia, com o uso de um programa de "rejuvenescimento".

No entanto, nem todos os atores e atrizes gostariam de continuar a tomar parte em filmes, séries e propagandas, como se vivos fossem.

O ator Robin Williams, antes do seu falecimento, deixou estipulado em testamento que, por 25 anos após a sua morte, os familiares não poderiam fazer uso da sua imagem. Tal situação é bem peculiar, e o documento deixado por Williams descreve com riqueza de detalhes como a imagem do ator poderá ser usada em publicidade e filmes até 2039. No entanto afirma que ela não poderá ser digitalmente inserida em filmes ou propagandas até essa data.

Bem se vê que, mais do que matar as saudades de grandes artistas, tal "ressuscitação" tecnológica vem causando questionamentos jurídicos.

•

Até onde esse recurso é possível pela legislação brasileira?

A imagem em vida deriva do direito personalíssimo, algo inerente e exclusivo do indivíduo, que pode somente dispor desse direito, mas nunca vendê-lo. Entretanto, trata-se de um direito em vida, que acaba com a morte do indivíduo, causando uma nova problemática jurídica: a herança. Se os herdeiros podem, portanto, dispor da imagem do falecido, até onde eles podem fazê-lo?

Acalora-se, mais e mais, a discussão quando pensamos na biometria facial: pode uma entidade pública ou uma particular continuar com os dados faciais de alguém, depois do falecimento do indivíduo? Ou ainda, quando atribuímos valor a esse patrimônio visual do *de cujus*,* no que muitos vêm chamando de "patrimônio virtual".

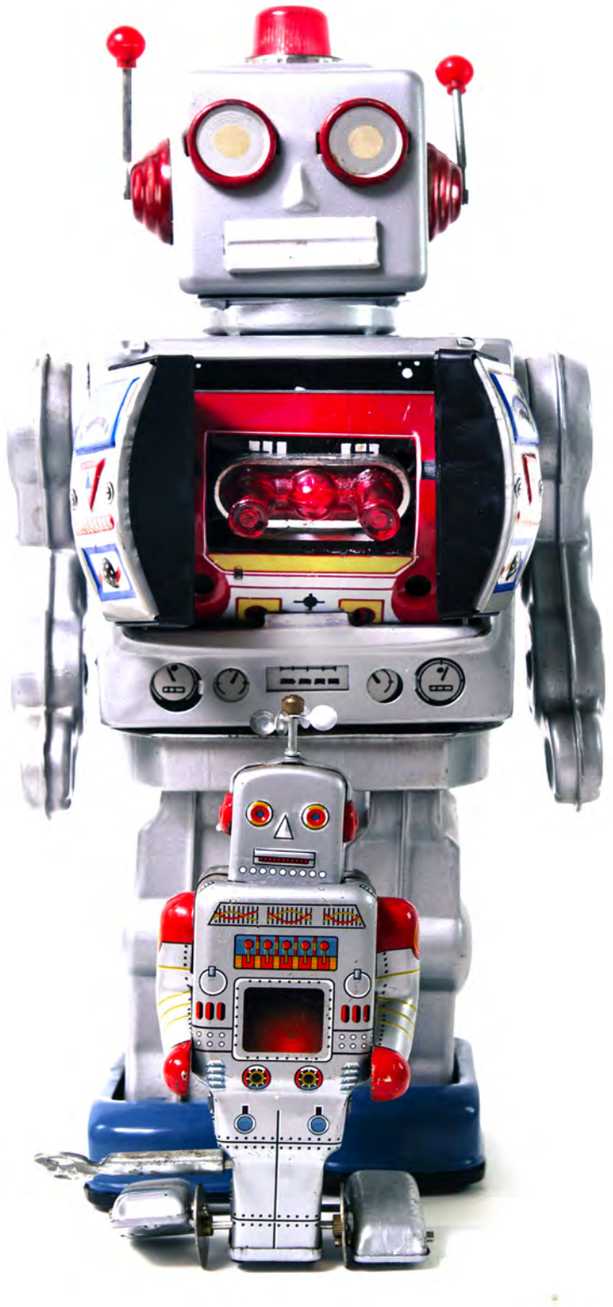
Contudo, a imagem do falecido sempre foi discutida, e esta deve ser preservada e usada de forma que não lese a imagem deixada em vida.

Assim, mesmo deixando expressa disposição em vida por meio de testamento, ou mesmo não a deixando, os herdeiros não podem usar a imagem do falecido em situações que maculem ou denigram o que este fez em vida.

* Primeiras palavras da locução ***de cujus successione agitur*** ("**de cuja sucessão se trata**").



Pôster feito por **Tom Jung** para o lançamento do filme ***Star Wars***.



USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

FABIANA ZAPAROTTI



Foto: **Viny Oliveira**

É comum hoje em dia se falar a respeito dos eventuais benefícios ou malefícios às crianças e adolescentes decorrentes do uso da Internet.

No Brasil, a preocupação justifica-se pelo crescente acesso de crianças e adolescentes às redes. Quando a Internet é utilizada para obter-se informação com vistas à pesquisa, estudos, conversas entre amigos, notadamente, concluir-se-ia que ela é um bem. Já quando é utilizada simplesmente nas redes sociais ou para difamar algum colega ou mesmo espalhar *fake news*, acaba sendo prejudicial.

Embora com relativo controle, estão presentes na Internet conteúdos dignos e indignos. A pornografia, a invasão de privacidade, *blogs* que incitam a violência e cultuam valores duvidosos, inclusive racismo, convivem com outros cujos propósitos ou são nobres, ou pelo menos se enquadram dentro dos limites da normalidade. As pessoas adultas, pais ou responsáveis, têm o dever moral de se colocarem próximas a esses jovens a fim de estabelecer limites e disciplina por meio do diálogo franco, demonstrando as razões de suas preocupações com as potencialidades da Internet.

Existem muitos casos de notícias de casos de ofensa a crianças e adolescentes. Mas, o que se vê e o que mais se ouve, são os impactos negativos pelo mau uso da rede, capaz de deturpar valores e viciar comportamentos, com prejuízos à própria pessoa quando incapaz de discernir sobre o valor das ações e dos conteúdos presentes na Internet.

Uma questão que pode estabelecer conflito com crianças e adolescentes é a proibição do uso de redes sociais. Quando a criança tem um perfil em alguma rede social, é fundamental que os pais acompanhem essa navegação, pois vale lembrar que pais são responsáveis por tudo o que uma criança ou adolescente pratica na Internet.

Uma boa maneira de estabelecer limites com a criança, sobre o que ela pode ou não fazer *online*, é definir um acordo com ela. É sempre muito importante que esse acordo seja realizado em conjunto, deixando claro as suas responsabilidades. Outra maneira é limitar o tempo de acesso das crianças e adolescentes à Internet. Dessa maneira, eles podem organizar os horários para estudos e outras atividades que também são prazerosas, como passear, estar com a família e amigos, ou a prática de uma atividade física.

Os pais devem orientá-los a não compartilhar qualquer imagem de que venham a se arrepender depois.

Orientá-los que, quando acessarem algum conteúdo que cause medo ou desconforto, conversem com os pais, buscando ajuda.

É fundamental ter em mente que as crianças ou adolescentes podem utilizar a Internet, porém de forma orientada e com a supervisão dos pais. O importante é permitir o acesso com regras e limites negociados, para não privar os filhos da tecnologia.

BRASILCANADÁ
EDUCAÇÃO BILÍNGUE



Foto: **Finisia Fideli**

EM MEMÓRIA DE

DOUGLAS QUINTA REIS

ROBERTO CAUSO

Devo ter conhecido Douglas Quinta Reis (1954–2017) em alguma reunião do Clube de Leitores de Ficção Científica em São Paulo, em fins da década de 1980. Recentemente, folheando a revista *HorrorShow* Nº 1, recordei que ele esteve no programa da I Horror-Con, uma convenção de fãs de horror que se reuniram na Gibiteca Henfil em abril de 1995, numa promoção da Sociedade Brasileira de Are Fantástica criada por Cesar Silva, Marcello Simão Branco e Renato Rosatti.

Em 2002, procurei Douglas – por intermédio do editor Silvio Alexandre, que na época trabalhava na Devir – com o objetivo de sugerir a publicação dos livros de ficção científica e fantasia de Orson Scott Card. Para minha surpresa, Douglas se mostrou tão fã de Card quanto eu. Ele me disse, inclusive, que tinha o desejo de publicar toda a sua obra pela Devir. Algumas semanas depois, eu submetia à ele o projeto de publicar a coletânea de histórias *A Sombra dos Homens*, com as primeiras histórias da Saga de Tajarê, de fantasia heroica, que eu havia iniciado anos antes nas páginas da revista de RPG *Dragão Brasil*.

Também para minha surpresa, o projeto foi aceito por Douglas sem grandes discussões. A decisão dele me trouxe um grande alento, pois na época eu vivia uma daquelas crises periódicas de dúvidas sobre a carreira e o ofício da escrita de FC e fantasia no Brasil, que costumam me acometer.

Escrevi mais duas histórias, além das duas que tinham saído na *Dragão Brasil*, e o livro apareceu em 2004 com introdução de Braulio Tavares e capa de Lourenço Mutarelli – na época um nome muito associado à Devir como artista de quadrinhos, mas que a editora, com o trabalho do Douglas, já havia revelado como romancista para o mainstream literário brasileiro. Mais tarde, Douglas também publicaria o meu primeiro romance, *A Corrida do Rinoceronte* (2008).

Essa atitude leve com respeito à publicação de livros foi uma das características notáveis da atuação editorial de Douglas. Raramente eu o vi rejeitar um projeto – e quando isso ocorreu, foi em razão de alguma rigidez do autor ou autora em relação às observações dele. Ou em momentos em que a editora se reorganizava e certas áreas de publicação estavam momentaneamente suspensas. Essa abertura vinha primeiro da sua qualidade de leitor polivalente, sem preconceitos e familiarizado com vários gêneros. Mas também pelo entendimento de que a escrita, a leitura e a publicação de livros são aventuras de descobrimento – não apenas de talentos literários, mas da receptividade do leitor. Daí ele dispensar a obsessão de muitas editoras em perseguir tendências visando otimizar vendas, publicando mais do mesmo e condicionando a criatividade ao mercado.

Em 2005, Douglas me convidou para atuar como editor *free-lancer*. Rapidamente, criamos três linhas de livros: a Pulsar (ficção científica), que acolheu os livros de Card; a Quymera (fantasia) e a Pentagrama (horror). Mais tarde, desenvolvemos um projeto favorito dele, a coleção Asas do Vento de livros de bolso dentro de um formato inédito e nunca mais repetido posteriormente: em 9 x 15,5 centímetros, com capa semirrígida. E finalmente, a linha Enciclopédia Galáctica, de estudos e referência na área da ficção especulativa.

A Pulsar e a Asas do Vento foram as coleções mais produtivas. A primeira acumulou 17 títulos, tendo publicado autores importantes para a FC internacional como Card, Bruce Sterling, Arthur C. Clarke e Ursula K.

DOUGLAS

WALDER



Foto: Dvivulgação, **Devir Brasil**

Walder Mitsiharu Yano e **Douglas Quinta Reis**.

SIMONE



Douglas Quinta Reis e **Simone Saueressig**.

Le Guin (em uma antologia). Além de completar a Saga de Ender, de Card, a coleção demonstrou muita ousadia ao publicar a maior coletânea de histórias jamais lançada de um autor brasileiro de FC, Confissões do Inexplicável, de André Carneiro; o primeiro "omnibus" da FC brasileira, reunindo os três romances da Trilogia Padrões de Contato, de Jorge Luiz Calife (que teve mais dois livros na coleção); a primeira antologia internacional de FC política montada no Brasil (por Marcello Simão Branco); a primeira coletânea do escritor fluminense Ivanir Calado; e a primeira série de antologias retrospectivas dos melhores da FC brasileira. Em 2018, fora das coleções mas parte do inventário de títulos programados por Douglas, surgiu a primeira antologia retrospectiva do melhor do horror nacional, organizada por Branco & Silva.

A Pulsar também incorporou os primeiros livros das minhas séries As Lições do Matador e Shiroma, Matadora Ciborgue. A coleção como um todo encomendou inúmeras capas ao artista brasileiro de FC Vagner Vargas, certamente impulsionando muito a sua carreira.

A Asas do Vento foi uma linha internacional que publicou Sterling, Card e o francês Jean-Pierre Laigle, além dos brasileiros Christopher Kastensmidt, Simone Saueressig, João Batista Melo e Carlos Orsi. Muitas vezes, combinava autores estrangeiros e nacionais num mesmo volume. Não foi adiante porque as questões de distribuição e exibição de livro de bolso são muito complicadas. A Enciclopédia Galáctica, por sua vez, publicou estudiosos importantes como M. Elizabeth "Libby" Ginway (a brasilianista que é a maior especialista mundial na FC do Brasil) e Alfredo Suppia (*o* especialista mundial em cinema brasileiro de FC), além de abrigar a última fase do *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica*, de Cesar Silva & Marcello Simão Branco.

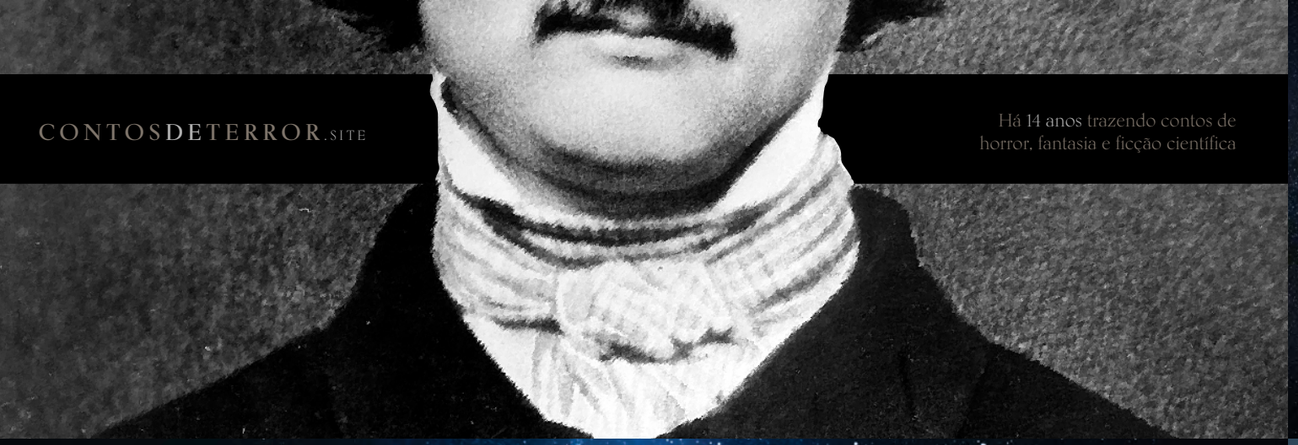
Quando Douglas, Mauro Martinez dos Prazeres, Walder Mitsiharu Yano, e Deborah Fink, esposa do Mauro, fundaram a Devir Livraria em 1987, criando uma importadora de histórias em quadrinhos e de jogos de cartas, eles provavelmente não faziam ideia do impacto que sua empresa teria. Aos poucos, a Devir cresceu e se internacionalizou, transformou-se também em editora. Com muita boa vontade e criando o próprio trajeto na sua viagem de descobertas, ela foi fundamental para o *boom* do *role-playing game* na década de 1990, para os quadrinhos nacionais e para a entrada dos livros de HQs nas livrarias, e para o mercado local moderno de jogos de tabuleiro. Poucas empresas foram tão importantes para a face brasileira da cultura *nerd*/*geek* na atualidade. As ambições de Douglas para a ficção científica e fantasia eram semelhantes — sedimentar sua presença nas livrarias e fomentar o autor brasileiro.

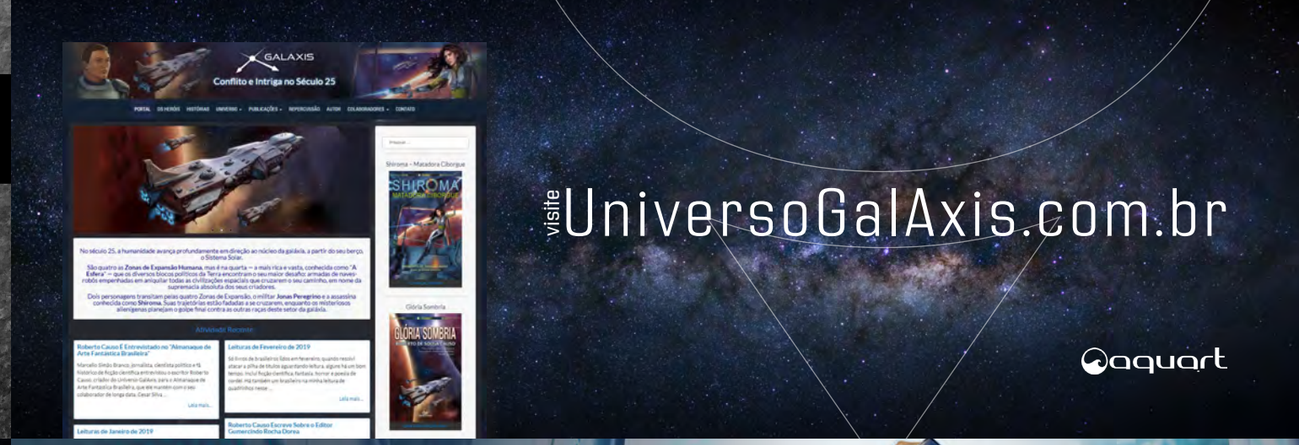
Por diversas questões comerciais, financeiras e conjunturais (as diversas crises políticas e econômicas que o país enfrentou e enfrenta), o impacto da atividade da Devir Brasil nessa área não foi tão grande quando poderia ter sido. Mas isso não diminui a importância, a originalidade e a ousadia do esforço que Douglas capitaneou. No que diz respeito ao Universo GalAxis, foi a primeira pessoa a realmente apostar nele, propondo, inclusive, que alcançasse outras plataformas — o jogo de tabuleiro, especificamente. Também chegou a examinar projetos do Desire® Studios e ofereceu conselhos.

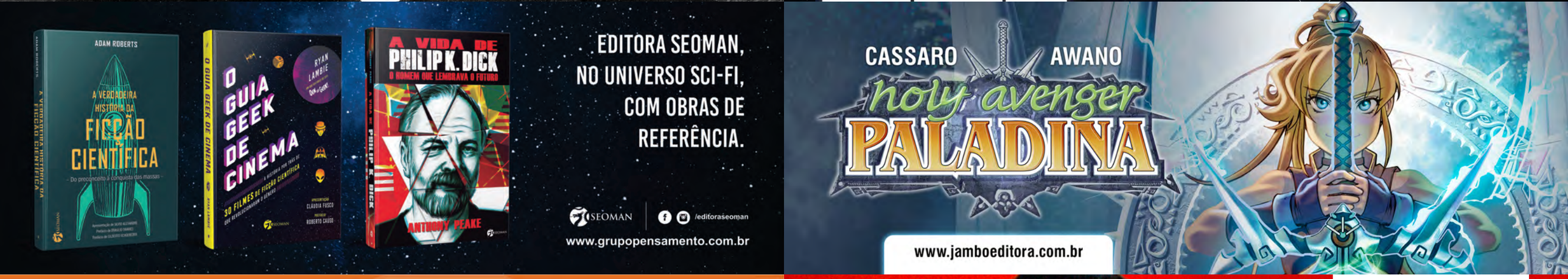
Por tudo isso e muito mais, a morte de Douglas Quinta Reis em 13 de outubro de 2017, representou uma aguda perda pessoal, mas também uma perda grave para o campo da ficção científica, fantasia e horror no Brasil. Conviver com ele sempre foi um prazer que ia além da produção de livros. Douglas era um homem vivido e de cabeça aberta, gregário e conversador, que buscava conduzir o pensamento da gente com exemplos, metáforas e casos, em direções diferentes e incomuns. Sem afetações de intelectual ou de executivo, era sempre acessível e próximo no tratamento com autores, artistas e leitores.

A saudade que sentimos dele é diária. Reconhecemos que Douglas faz muita falta em nossas vidas, como interlocutor e amigo, se não como editor. Muitas vezes, é a régua pela qual medimos o comportamento de outros profissionais da área. Provavelmente, a *Sociedade GalAxis* não existiria se Douglas ainda estivesse conosco, mas mesmo assim Vagner Vargas, Taira Yuji e eu decidimos dedicar esta primeira edição de *Universo GalAxis Anual* a ele.

DEVIR.COM.BR









mafagaforevista.com.br

Uma revista gratuita de fantasia e ficção científica

Apoie e participe do nosso
grupo de escrita em

catarse.me/mafagafo



FÃ-CLUBE BRASILEIRO DE
JORNADA NAS ESTRELAS

STAR TREKKERS

startrekkers.com.br



FÃ-CLUBE BSG BRASIL

Venham curtir conosco e vislumbrar a capacidade dos seres humanos em sobreviver, não aos cylons, mas a si próprios. Somos uma pequena frota unida pelo bem comum, pela alegria de curtimos o que gostamos e admiramos, a ficção científica.

bsgbrasil.com.br

galacticabrasil

bsgbrasil

BSGBrasil

PLUTÃO

plutaolivros.com.br

PORTAL **VIMANA**

www.vimana.com.br



Ficção científica, terror e fantasia na literatura, cinema e TV

DUDA FALCÃO
ficção fantástica

DUDA FALCÃO realiza palestras, oficinas de escrita criativa, curadoria de eventos literários, edição e leitura crítica especializada em textos de horror, fantasia, ficção científica e seus subgêneros.

dudawfalcao@gmail.com

Notícias, resenhas, artigos e outros babados sobre arte fantástica em todas as suas manifestações: literatura, cinema, quadrinhos, modelismo e muito mais. Visite:

mensagens do HIPERESPAÇO

FICÇÃO CIENTÍFICA, FANTASIA E TERROR

www.mensagensdohiperespaco.blogspot.com.br

BLOGUE DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

ficcaocientificabrasileira.wordpress.com

DESDE 1996 COM A CABEÇA NA LUA - E ALÉM

BASE ESTELAR CAMPINAS

2020 - 25 anos

BASE
25 anos

Grupo de fãs de Ficção Científica e Star Trek

Confira nossos eventos em 2020:
14 de março
13 de junho
19 de setembro
12 de dezembro

Informações: www.facebook.com/BaseEstelarCampinas



CONHEÇA O HERÓI MAIS INESPERADO DO BRASIL.
Baixe o e-book gratuito
Acompanhe os bastidores
da produção da HQ, da série e do filme

WWW.HOMEMCAFE.COM.BR
WWW.SELO-MULTIVERSOS.COM.BR

HOMEM CAFÉ



CLFC

www.**clfc**.com.br

CONTOS | ARTIGOS | RESENHAS | REVISTA SOMNIUM

O CLFC – CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA – é uma entidade sem fins lucrativos, criado por entusiastas da Ficção Científica em todo o Brasil com o objetivo de divulgar o gênero na literatura, no cinema e em outros meios de comunicação. O **CLFC** foi fundado em 1985 e desde então tem atuado em diversas cidades e Estados do Brasil e no Exterior. O clube é uma das poucas associações de fãs do gênero em todo o mundo a ser aceito como membro da **Science Fiction and Fantasy Writers of America** (SFWA).

ALMANAQUE
da Arte Fantástica Brasileira

www.almanaqueafb.blogspot.com.br

AGRADECIMENTOS AOS PARCEIROS

Almanaque de Arte Fantástica Brasileira
almanaqueafb.blogspot.com
Cesar Silva | Marcello Simão Branco

Base Estelar Campinas
www.facebook.com/BaseEstelarCampinas
Walmir Morales Martins (BECampinas, coordenador)
Equipe Base: Adriana Ruiz | Leonardo Rossetti |
Cássio Siqueira | Fátima | Cesar | João | Luiz | Marizilda |
Julia Renata | Valéria | Vitório Zago

Battlestar Galactica Brasil
bsgbrasil.com.br
Samir Seme Fabiano (presidente, administração geral e conteúdos) | Luiz Eduardo Rodrigues de Souza (vice-presidente, marketing, edição de vídeos e conteúdos) | Thiago Agnezi (administração de stands e apoio geral) | Márcia Klimiuc (relações públicas) | Manuel de Luques Arruda (artes gráficas e propaganda)

Blogue Ficção Científica Brasileira
ficcaocientificabrasileira.wordpress.com
Nelson de Oliveira

Brasil Canadá Educação Bilíngue
colegiobrasilcanada.com.br
Flávia Zaparotti (diretora)

Clube de Leitores de Ficção Científica
clfc.com.br
Luiz Felipe Vasques (presidente) | Sid Castro (secretário executivo) | Caroline Libar (tesoureira)

Contos de Terror
contosdeterror.site
Paulo Soriano

DESIRE® Studios
desire.earth
Taira Yuji (CEO) | Diego Padula (CPO)

Devir Livraria
devir.com.br
Paulo Roberto (gerente editorial) |
Sâmela Hidalgo (assistente editorial)

Duda Falcão Escritor
dudawfalcao@gmail.com
Duda Falcão

Editora Seoman (Grupo Editorial Pensamento)
www.grupopensamento.com.br
Redes sociais: @editoraseoman

Homem-Café
homemcafe.com.br
Carlos Rocha

Jambô Editora
jamboeditora.com.br
Guilherme Dei Svaldi (editor-chefe)

Mensagens do Hiperespaço
mensagensdohiperespaco.blogspot.com
Cesar Silva

MOJUGANIDE®
mojuganide.desire.earth
Pedro Santos (CCO)

NewDreams™
newdreams.xyz
Alberto Rogatto Dorazzio (presidente) |
Daniel Abrahão (diretor de criação)

Omniverse Livraria e Hobby Store
omniverse.com.br
Luis Mauro Ferreira Batista Gonçalves (proprietário) |
Oanna Selten (proprietária)

Plutão Livros
www.plutaolivros.com.br
André Caniato (editor)

Revista Mafagafo
mafagaforevista.com.br
Jana Bianchi | Fernanda Castro | João P. Lima

Selo Multiversos Editorial
www.selo-multiversos.com.br
Carlos Rocha

SSPG Editora/Publicações Perry Rhodan
www.perry-rhodan.net.br
Rodrigo de Lélis (editor e coordenador geral) |
César Maciel (divulgador oficial)

Star Trekkers
startrekkers.com.br
César Augusto Cezaroni (presidente) | Edna dos Santos (conselheira) | Fabio Mendes Engler (conselheiro) | Flavio Barros (conselheiro) | Marcilio Eduardo Silva Dias (conselheiro)

Universo GalAxis: Conflito e Intriga no Século 25
universogalaxis.com.br
Vagner Vargas (webmaster)

Vimana
vimana.com.br
Gilberto Schoereder (editor) | Jefferson Gondim (editor)

YXO®
yxo.desire.earth
Luann Diego Grigoletto (CVO)

GALAXIS™

COLABORADORES

CAMILA FERNANDES é escritora, tradutora e revisora. Como ilustradora, assina "Mila F." Natural de São Paulo, publicou contos em várias coletâneas desde 2005. É autora de *Reino dos Névoas: Contos de Fadas para Adultos* (Tarja Editorial, 2011), livro ganhador de uma bolsa do ProAC, com ilustrações da autora, e dos *e-books A Noite Não me Deixa Dormir* (2017) e *Contos Sombrios* (2018), ambos pela Editora Dandelion, finalistas do Prêmio Argos, do Clube de Leitores de Ficção Científica. Seus contos "A Outra Margem do Rio" e "A Melhor das Três" foram premiados no Concurso Hydra de Literatura Fantástica, organizado por Christopher Kastensmidt e Tiago Castro, e, em razão disso, apareceram na revista eletrônica norte-americana *Orson Scott Card's Intergalactic Medicine Show*.

CARLOS ROCHA é natural de São Paulo, graduou-se em Ciência da Computação, com especializações em Gestão de TI e Gestão Estratégica da Informação. Também cursou faculdade de Belas Artes na UFMG. Autor independente de fantasia e ficção científica com dois romances premiados na plataforma Wattpad: *Olhos Negros* (2015) e *Os Óculos Indesejados de Ilya Gregorvich* (2019). Sua série de contos do super-herói brasileiro Homem-Café está se expandindo em projetos para quadrinhos e audiovisual: www.homemcafe.com.br. Escreve longas sagas de fantasia, como a Terras das Nove Luas, composta de seis romances e mais alguns a caminho. É mestre de RPG desde 1988 e gosta de tocar piano. Como ilustrador, busca oportunidades para trabalhar com ilustração editorial. Aprecia, em especial, os visuais de obras de fantasia e FC. Tem como inspiração artistas como Keith Parkinson, Gerald Brom, Feng Zhu, Larry Elmore e Chris Achilleos. Vive em Belo Horizonte com a esposa e dois filhos.

DIOGO DE SOUZA é escritor de ficção fantástica desde 2008, quando estreou com seu primeiro livro, *Fuga de Rigel* (Isis). Também é autor de *Abascanto, a Sombra dos Caídos* (Dracaena, 2010), *Nêmesis, o Retorno de Astarot* (Dracaena, 2011) e *A Lenda do Coração de Metal* (eBook Kindle, 2017). Nascido em São Paulo, começou escrevendo peças para teatro e diversos artigos para revistas. Ávido leitor, também fez breve carreira como ator e diretor de teatro, atividades pelas quais nunca perdeu o gosto. É um incurável jogador de RPG e cartógrafo de mundos fantásticos. Atualmente, trabalha como gerente de projetos em informática.

LUANN DIEGO GRIGOLETTO estudou *game design* e as línguas japonesa e inglesa, importantes para o desenvolvimento de jogos. Em 2012, iniciou seu aprendizado em Design Gráfico na escola de artes Saga, continuado em seu estudo acadêmico na Universidade Anhembi Morumbi, no curso de Game Design. Após aprimorar-se, passou a trabalhar com jogos nas áreas de modelagem 3D e *level design*, focando-se em conceitos paramétricos de arquitetura e urbanismo. Em 2015, trabalhou como professor de *games* na escola técnica Allnet, e mais tarde na Microcamp. Como diretor da área de *games* de Desire®, Luann participa de projetos que envolvem literatura e jogos. É de São Bernardo do Campo, SP, e vive atualmente em São Caetano do Sul.

MARCELLO SIMÃO BRANCO é natural de São Paulo, onde formou-se em Jornalismo e Ciências Sociais, com mestrado e doutorado em Ciência Política pela USP. Fã histórico de ficção científica, criou em 1987, com Renato Rosatti, o importante fanzine *Megalon*. Organizou as antologias *Outras Copas, Outros Mundos* (Grupo Editorial PECAS, 1997) e *Assembleia Estelar: Histórias de Ficção Científica Política* (Devir Brasil, 2010). Com Cesar Silva, editou durante dez anos o imprescindível *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica* (com uma fase publicada profissionalmente pela Tarja Editorial e pela Devir). Também com Cesar Silva, organizou a pioneira antologia *As Melhores Histórias Brasileiras de Horror* (Devir Brasil, 2018). Atualmente, é Professor Adjunto do Departamento Multidisciplinar da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo. Um dos seus últimos livros na área é *Compreensão da Realidade Brasileira* (2018), antologia de ensaios organizada por ele para a Alameda.

MARISSEL HERNÁNDEZ ROMERO é natural de Trujillo Alto, Porto Rico. Estudou na Universidad de Puerto Rico, campus Rio Piedras em San Juan, onde veio a ministrar aulas depois de formada – inclusive tratando de ficção científica brasileira. Tem passagem pelo Graduate Center da City University of New York, e dá aulas desde 2017 na bicentenária instituição Middlebury College, em Middlebury, Vermont (Estados Unidos). Uma visita ao Brasil a fez apaixonar-se pelos aspectos afro da cultura brasileira, e o afrofuturismo na FC do Brasil está entre os seus objetos de pesquisa.

NELSON DE OLIVEIRA nasceu em Guaíra, SP. Após ganhar o Prêmio Casa de las Americas em 1995, com o livro de contos *Fábulas*, tornou-se um dos maiores nomes da Geração 90, núcleo de escritores que marcou as letras nacionais no fim do século XX. Ganhou duas vezes o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, e o Casa de las Americas de novo com o romance distópico *Poeira: Demônios e Maldições* (2010). Sua guinada para a ficção científica – escrevendo como "Luiz Bras" – surpreendeu o mundo literário brasileiro. Como Bras, causou espanto ao propor a renovação da literatura brasileira pela aproximação com a ficção científica. Iniciativas conduzidas por ele, como a antologia *Futuro Presente* (2008) e o Projeto Portal de revistas (2008-2010), buscam essa aproximação – assim como o romance de Luiz Bras, *Sozinho no Deserto Extremo* (2012). Atualmente, como Bras dirige a coleção Futuro Infinito (Editora Patuá) e em 2018 publicou a antologia multipremiada *Fractais Tropicais: O Melhor da Ficção Científica Brasileira* (SESI-SP, 2018). Mantém o *blog* de resenhas *Ficção Científica Brasileira* (ficcaocientificabrasileira.wordpress.com).

PAULO SORIANO é de Itabuna, BA, e a partir de Salvador edita há anos o *site Contos de Terror* (www.contosdeterror.com.br), voltado para o conto fantástico e o horror sobrenatural, além do *Litteratus* (www.litteratus.site). Foi um dos contistas laureados no VII Prêmio literário Asabeça (Rio de Janeiro, 2007), no certame "Brasília é uma Festa" (Brasília, 2012) e no XII Concurso Literário "Prof. Mário Clímaco", promovido pela Academia de Letras, Artes e Ciências de Ponte Nova-ALEPON (2018). Soriano reuniu uma primeira batelada dos seus contos nesse campo na coletânea *Histórias Nefastas* (Editora Corifeu, 2008), seguida de *Contos Galegos* (agBook, 2010). Tem participações como escritor ou tradutor em várias antologias. É o editor da Free Books Editora, que prepara e lança gratuitamente *e-books* com foco no conto clássico. Além de militante pela literatura fantástica no Brasil, traduz textos clássicos e é o nosso embaixador cultural na Galícia, onde organizou, com Valentim Fagim, a antologia de ficção científica *A Voz dos Mundos* (2016) para a Editora Através, com autores da Galiza, Portugal e Brasil. Soriano escreve regularmente para o Portal Galego da Língua.

RAMIRO GIROLDO é natural de Campo Grande, MS. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, é autor do livro *Ditadura do Prazer: Sobre Ficção Científica e Utopia* (Editora UFMS, 2013), escrito a partir de sua dissertação de mestrado, e assina inúmeros artigos na imprensa e em publicações acadêmicas. É um dos principais pesquisadores da ficção científica brasileira, autor da tese de doutorado *Alteridade à Margem: Estudo de As Noites Marcianas, de Fausto Cunha* (2012). É um requisitado prefaciador, emprestando o seu conhecimento e senso crítico a vários livros de ficção de autores nacionais. Além de ensaísta e pesquisador, também escreve roteiros para a produtora de filmes de horror Astaroth Produções, dirigida por sua esposa Larissa Anzoategui. Atualmente, Ramiro Giroldo é Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SYLVIO MONTEIRO DEUTSCH nasceu em São Paulo, Capital. Neto do jornalista e pioneiro da FC brasileira Jeronymo Monteiro, filho da também jornalista e tradutora Therezinha Monteiro Deutsch, faz parte da mais longeva e importante dinastia da nossa ficção científica. Ele mesmo é um tradutor prolífico, tendo vertido para o português obras importantes como *Xenocídio* e *Os Filhos da Mente*, de Orson Scott Card. Artista plástico, diagramador, artista gráfico e ilustrador e tradutor, fez Artes Plásticas na FAAP e Jornalismo na Cásper Líbero. Atualmente trabalha na maior parte do tempo com computação gráfica. É casado há 23 anos com a psiquiatra Marly. Os dois vivem atualmente em Ribeirão Preto, no interior do estado, com os seus cães, gatos e bonsais.

“Minerem com cuidado, um pedaço
disso vale mais que dez de vocês”

– GHOSKA KIRKOV, IKAA





14+

TERRA

BEYOND THE BORDERS

TERRA®: BEYOND THE BORDERS (TBTB) é um TCG tático e estratégico de domínio territorial, ambientado em planetas do multiverso de DESIRE®.

yxo.desire.earth

Imagining the Future...

